



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E
AFRICANOS**

GIMERSON ROQUE PRADO OLIVEIRA

**PERSPECTIVAS MULTISSITUADAS DE MASCULINIDADES NEGRAS EM SÃO
FÉLIX-BA**

SALVADOR-BA

2023

GIMERSON ROQUE PRADO OLIVEIRA

**PERSPECTIVAS MULTISSITUADAS DE MASCULINIDADES NEGRAS EM SÃO
FÉLIX-BA**

Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos Africanos, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Estudos Étnicos e Africanos.

Orientador: Prof. Dr. Osmundo Pinho.

Área de Concentração: Estudos Étnicos.

**SALVADOR – BA
2023**

Biblioteca CEAO – UFBA

O48 Oliveira, Gimerson Roque Prado.
Perspectivas multissituadas de masculinidades negras em São Félix-Ba / Gimerson Roque
Prado Oliveira. - 2023.
194 f.


Orientador : Prof.º Dr.º Osmundo Pinho.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas, Centro de Estudos Afro-Orientais 2023.

1. Patriarcado. 2. Antropologia urbana - São Félix (BA). 3. Corpo. I. Pinho, Osmundo.
II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Centro de Estudos Afro - Orientais III. Título.


CDD - 305




Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS (POSAFRO), realizada em 29/09/2023 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS no. 1, área de concentração Estudos Étnicos e Africanos, do(a) candidato(a) GIMERSON ROQUE PRADO OLIVEIRA, de matrícula 217123355, intitulada PERSPECTIVAS MULTISSITUADAS DE MASCULINIDADES NEGRAS: CORPORALIDADE, CONSUMO E SEXUALIDADE ENTRE JOVENS NO RECÔNCAVO DA BAHIA. Às 14:00 do citado dia, Remoto, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. OSMUNDO SANTOS DE ARAUJO PINHO que apresentou os outros membros da banca: Prof^ª. SUZANA MOURA MAIA, Prof^ª. CRISTIANE SANTOS SOUZA, Prof^ª. Dra. JOANICE CONCEIÇÃO e Prof. Dr. ALAN AUGUSTO MORAES RIBEIRO. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente
 JOANICE SANTOS CONCEICAO
Data: 07/11/2023 17:56:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. JOANICE CONCEIÇÃO, UNILAB


Documento assinado digitalmente
 ALAN AUGUSTO MORAES RIBEIRO
Data: 06/11/2023 15:18:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. ALAN AUGUSTO MORAES RIBEIRO, UFOPA

Documento assinado digitalmente
 SUZANA MOURA MAIA
Data: 02/10/2023 10:01:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

SUZANA MOURA MAIA, UFRB

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 CRISTIANE SANTOS SOUZA
Data: 07/11/2023 07:15:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

CRISTIANE SANTOS SOUZA, UNILAB

Examinadora Interna

Osmundo S. de A. Pinho

OSMUNDO SANTOS DE ARAUJO PINHO, UFBA

Presidente



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E
AFRICANOS (POSAFRO)**

GIMERSON ROQUE PRADO OLIVEIRA

Doutorando(a)



Documento assinado digitalmente

GIMERSON ROQUE PRADO OLIVEIRA

Data: 07/11/2023 20:32:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico essa tese a todos os homens pretos que se sentem vulneráveis.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família, minha mãe Dilza Braga Oliveira, meu pai Germinio Roque Oliveira e meu irmão George Roque Braga Oliveira, sem eles com toda certeza nenhuma caminhada acadêmica desde a graduação em 2009, até esse momento do Doutorado seria possível. Ressalto aqui sobretudo meu irmão, primeira referência mais próxima de alguém que ingressou em curso de nível superior numa universidade pública, algo que me fez enxergar essa mesma possibilidade, antes nunca imaginada.

Agradeço também a meu amor Clarissa Brandão pelo companheirismo nos últimos sete anos, período inclusive que coincide com início de doutoramento. Te amo meu amor!

Muito obrigado a todos que aceitaram participar da pesquisa, Vinho e todos da Barbershoper Black Power, a Luciano e os outros rapazes mototaxistas e a meu amigo Beto.

Ao meu orientador Osmundo pela paciência e por sempre elucidar o caminho metodológico e de pesquisa.

Agradeço também a todos que sempre perguntam “e o doutorado?” (risos), espero não a ouvir mais, porém obrigado pela preocupação.

À Fundação para o Desenvolvimento da Pesquisa na Bahia – FAPESB -, por ter financiado essa pesquisa através de bolsa de doutorado entre os anos de 2017 e 2021.

RESUMO

OLIVEIRA, Gimerson Roque Prado. *Perspectivas Multissituadas de Masculinidades Negras em São Félix, BA*. 188f il. 2023. **Tese (Doutorado)** – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

A pesquisa busca analisar a produção de masculinidades negras para o contexto considerado com o objetivo de compreender como essas masculinidades, desdobram-se na produção do corpo masculino negro, realizada entre os anos de 2017 e 2021. Na primeira seção é apresentado parte da cidade e atividades praticadas pelos moradores com intuito de identificar através do uso da Antropologia Urbana elementos corriqueiros na vida Sanfelixta. Já a segunda traz inicialmente uma ideia sobre a proposição de masculinidades multisituadas, entendendo multisituado como modelo etnográfico indicado por George Marcus. Em seguida é adicionado a discussão uma revisão bibliográfica que auxiliaram nessa ideia da multisituacionalidade. Por fim, na última seção o *Barbershoper Black Power* e o Ponto de Mototáxi, surgem como exemplo de estudo que possa ampliar o debate e campo acerca das masculinidades negras analisadas em unidades etnográficas diferentes. A partir do terceiro capítulo discute-se com mais ênfase o corpo do homem negro como plataforma discursiva, primeiro visto como o corpo do labor, em nichos de trabalhos para homens racializados e que historicamente ocupam esses lugares, ao passo que apresentamos nuances do campo etnografado em segundo momento. A estética é fundamental na formação de identidade dos homens negros na atualidade, essencialmente o uso do cabelo como elemento dessa afirmação, portanto, análise dos modelos de cortes mais usados foi essencial para problematização do corpo do homem negro. Na última seção propomos interrogar de forma crítica o que de fato é a Masculinidade Tóxica? padrão masculino muito propagado nos últimos cinco anos no Brasil. Tomamos como exemplos as peças publicitárias do Governo da Bahia, Égard Watches e da Gillette, ambas de 2019. Finalizamos conforme nos diz bell hooks, questionando o patriarcado branco heterossexual e propondo avanço na mitigação das violências de gênero e de outras dimensões através do campo etnografado, no *Projeto Parceiros de Escrita* em 2019.

Palavras-chave: Masculinidades Negras, Antropologia Urbana, Masculinidades Multissituadas, Corpo, Patriarcado.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Gimerson Roque Prado. *Multissituated Perspectives of Black Masculinities in São Félix, BA*. 190f il. 2023. **Thesis (Doctorate)** - Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, Salvador, 2023.

The research seeks to analyze the production of black masculinities for the context considered in order to understand how these masculinities unfold in the production of the black male body, carried out between the years 2017 and 2021. The first chapter presents a portion of the city and activities practiced by its residents with the intention of identifying everyday elements in the life of São Félix. The second chapter initially introduces the idea of proposing multisituated masculinities, understanding multisituated as an ethnographic model indicated by George Marcus. This is followed by a literature review that contributes to this idea of multisituationality. Finally, in the last section, the “Barbershop Black Power” and the “ponto de mototáxi” emerge as examples of studies that can expand the discussion and field of study regarding black masculinities analyzed in different ethnographic units. Starting from the third chapter, there is a more in-depth discussion of the black man's body as a discursive platform, first viewed as the body of labor in niches of work for racialized men who historically occupy these positions, while presenting nuances of the ethnographically studied field at a later stage. Aesthetics are essential in shaping the identity of black men today, especially the use of hair as an element of this assertion. Therefore, the analysis of the most commonly used haircut styles was essential to problematize the black man's body. In the fourth and final chapter, we propose a critical interrogation of what Toxic Masculinity actually is, a male standard that has been widely propagated in Brazil over the last five years. We take examples from advertising campaigns by the Government of Bahia, Égard Watches, and Gillette, all from 2019. We conclude, as bell hooks tells us, by questioning white heterosexual patriarchy and proposing progress in mitigating gender-based violence and other dimensions through the ethnographically studied field, in the Writing Partners Project in 2019.

Keywords: Black Masculinities, Urban Anthropology, Multisituated Masculinities, Body, Patriarchy.

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1: Emprego e Renda.</i>	38
<i>Tabela 2: Atividades Econômicas</i>	39
<i>Tabela 3: Homicídios e tentativas de homicídios noticiados em 2019-2020</i>	125
<i>Tabela 4: Defina pelo menos três palavras chaves do que entendeu sobre da temática Masculinidade Tóxica</i>	171
<i>Tabela 5: identificação dos participantes do “Parceiros de Escrita”</i>	180

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1: Recorte mapa São Félix, principais unidades etnográficas</i>	27
<i>Figura 2. Imagem de casas no Alto do Cruzeiro</i>	28
<i>Figura 3. Peça de divulgação de São Félix.</i>	36
<i>Figura 4. Imagem dos feriados Sanfelixta</i>	36
<i>Figura 5. Imagens Pontos Turísticos de São Félix, BA</i>	37
<i>Figura 6. Antiga Feira de gado</i>	40
<i>Figura 7. Antiga Feira de gado</i>	40
<i>Figura 8. Nova Feira de gado</i>	41
<i>Figura 9. Praça da Juventude</i>	41
<i>Figura 10. Pça J. Ramos antes da obra</i>	43
<i>Figura 11. Praça José Ramos durante reforma</i>	44
<i>Figura 12. Praça José Ramos em reforma</i>	44
<i>Figura 13. Praça José Ramos em reforma</i>	44
<i>Figura 14. Praça José Ramos após reforma - Registro de Adriano Rivera</i>	45
<i>Figura 15. Romeiros de Santa Barbara 2019</i>	47
<i>Figura 16. Romeiros de Santa Barbara 2019</i>	48
<i>Figura 17. Romeiros de Santa Barbara 2019</i>	48
<i>Figura 18. Romeiros de Santa Barbara 2019</i>	48
<i>Figura 19: Bonecas abayomi</i>	60
<i>Figura 20: Bonecas abayomi</i>	60
<i>Figura 21: Bonecas abayomi</i>	61
<i>Figura 22: Encenação "De Lampião a Gonzagão"</i>	61
<i>Figura 23: Encenação "De Lampião a Gonzagão"</i>	61
<i>Figura 24: Fachada do Barbershoper</i>	80
<i>Figura 25: Fotos de amigos falecidos na parede da Barbershoper</i>	81
<i>Figura 26: Poster do Botafogo campeão interbairro na parede do Barbershoper</i>	81
<i>Figura 27: Corte de cabelo degradê Barbershoper</i>	82
<i>Figura 28: Corte de cabelo estilizado Barbershoper</i>	83
<i>Figura 29: Corte de cabelo estilizado</i>	83
<i>Figura 30: Barbershoper em funcionamento</i>	84
<i>Figura 31: Troféus em uma das pilastras parede do Barbershop</i>	88
<i>Figura 32: Troféu de campeão interbairro na parede do Barbershop</i>	88
<i>Figura 33: Imagem de divulgação serviço</i>	89
<i>Figura 34: Barbershop em 2022</i>	90
<i>Figura 35: Barbershop em 2022</i>	90
<i>Figura 36: Barbershop em 2022</i>	91
<i>Figura 37: Barbershop em 2022</i>	91
<i>Figura 38: Barbershop em 2022</i>	91
<i>Figura 39: Barbershop em 2022</i>	91
<i>Figura 40: ponto de mototáxi</i>	97
<i>Figura 41: Panorâmica da entrada da Ponte e o mototáxi</i>	98
<i>Figura 42: Ipiranguinha em dia de jogo</i>	100
<i>Figura 43: Corte do jaca. BarberShop BlackPower</i>	108
<i>Figura 44: Corte do jaca - Phillippe Coutinho</i>	109
<i>Figura 45: Moicano BarberShop Black Power</i>	110
<i>Figura 46: Moicano. Imagem da internet</i>	110
<i>Figura 47: Neymar em 2011 - moicano</i>	111

<i>Figura 48: "Nevou" Barbershop Black Power</i>	112
<i>Figura 49: "Nevou". Imagem da Internet</i>	113
<i>Figura 50: Cor vermelho degradê. Barbershop Black Power</i>	113
<i>Figura 51: "americano". Barbershop Black Power</i>	114
<i>Figura 52: "americano". Barbershop Black Power</i>	114
<i>Figura 53: "americano". Barbershop Black Power</i>	115
<i>Figura 54: Símbolo da Nike. Barbershop Black Power</i>	115
<i>Figura 55: Símbolo da Nike. Imagem da Internet</i>	116
<i>Figura 56: Corte de cabelo "nudread" imagem da internet</i>	117
<i>Figura 57: Corte de cabelo "nudread" imagem da internet</i>	117
<i>Figura 58: mapa nacional dieese 2022</i>	130
<i>Figura 59: mapa nacional dieese 2022</i>	130
<i>Figura 60: "barbeiros ambulantes"</i>	133
<i>Figura 61: "barbeiro aplicando ventosa"</i>	133
<i>Figura 62: "loja de barbeiro"</i>	133
<i>Figura 63: barbeiro ambulante". Christiano Jr</i>	134
<i>Figura 64: Foto de um dos rifeiros de São Félix</i>	138
<i>Figura 65: Foto de um dos rifeiros de São Félix</i>	138
<i>Figura 66: foto de Vinho no trabalho</i>	148
<i>Figura 67: foto de Vinho no trabalho</i>	148
<i>Figura 68: foto de Vinho no futebol</i>	148
<i>Figura 69: "antes do tapa, o grito"</i>	163
<i>Figura 70: "antes do grito, o controle"</i>	163
<i>Figura 71: "antes do machismo, a masculinidade tóxica"</i>	163
<i>Figura 72: Peça Publicitária Gov – BA</i>	164
<i>Figura 73: Peça Publicitária Gov – BA</i>	165
<i>Figura 74: Peça Publicitária Gov – BA</i>	165
<i>Figura 75: "nós não podemos nos esconder disso"</i>	167
<i>Figura 76: "O que eu realmente acho que ela está tentando dizer"</i>	168
<i>Figura 77: "rapazes serão sempre rapazes"</i>	168
<i>Figura 78: "O que é um homem?"</i>	169
<i>Figura 79: "será que o homem é um protetor?"</i>	170
<i>Figura 80: "será que o homem ...é descartável?"</i>	170
<i>Figura 81: dados de feminicídio na Bahia - 2022</i>	174
<i>Figura 82: participante parceiros de escrita</i>	186
<i>Figura 83: participante parceiros de escrita</i>	186
<i>Figura 84: Foto parceiros de escrita</i>	187
<i>Figura 85: divulgação parceiros de escrita</i>	187
<i>Figura 86: divulgação parceiros de escrita</i>	187

LISTA DE SIGLAS

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CERG - Colégio Estadual Rômulo Galvão

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

HAF – Homicídio por Arma de Fogo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

MEI - Microempreendedor Individual

NEF - Núcleo de Enfrentamento e Prevenção ao Feminicídio

NFL - National Football League

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SPM - Secretaria de Políticas para as Mulheres da Bahia

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO GERAL</u>	25
1.1 “BELA CIDADE, LINDO PRESÉPIO”	32
1.2 ETNOGRAFIA DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO FÉLIX, BA	32
1.3 CONCLUSÃO	51
<u>2 ETNOGRAFIA DE PRÁTICAS CULTURAIS JUVENIS DE ESTUDANTES DO CERG</u>	53
2.1 CONCLUSÃO	64
<u>3 MASCULINIDADES MULTISSITUADAS, REVISÃO TEÓRICA E CONTEXTO DA PESQUISA</u>	66
3.1 QUAL CAMINHO ESCOLHI SEGUIR?	68
3.2 CONCLUSÃO	75
3.3 BLACK POWER BARBERSHOP, VEM COM NOIS QUE NO CAMINHO EU TE EXPLICO	77
3.4 CONCLUSÃO	89
<u>3.5 ETNOGRAFIA DO MOTOTÁXI</u>	92
3.6 CONCLUSÃO	100
<u>4 RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO, MASCULINIDADES E CORPO DO HOMEM NEGRO</u>	102
4.1 O CORPO DO HOMEM NEGRO COMO AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE	102
4.2 CONCLUSÃO	117
<u>4.3 GENOCÍDIO DE JOVENS HOMENS NEGROS</u>	118
4.4 MERCADO DE TRABALHO E IDENTIDADE DO HOMEM NEGRO	128
4.5 A FUNÇÃO ESSENCIAL DE MOTOTAXISTA	135
4.6 Conclusão	138
4.7 TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS DE TRÊS HOMENS NEGROS EM SÃO FÉLIX - BA	139
4.8 CONCLUSÃO	150
<u>5 ANÁLISE CRÍTICA AO CONCEITO DE MASCULINIDADES TOXICAS</u>	152
5.1 POR QUE FALAMOS EM MASCULINIDADES TÓXICAS?	152

5.2 CONCLUSÃO	159
5.3 <i>WHAT IS A MAN?</i> : OS CASOS DAS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DO GOVERNO DA BAHIA, GILLETTE E ÉGARD WATCHES	161
5.4 CONCLUSÃO	174
5.5 A VOZ DE JOVENS HOMENS NEGROS NO RECÔNCAVO: “PARCEIROS DE ESCRITA” E A MASCULINIDADE ANTIPATRIARCAL	177
6.6 CONCLUSÃO GERAL	190
6 REFERÊNCIAS	194

1 INTRODUÇÃO GERAL

A etnografia situa-se ativamente *entre* poderosos sistemas de significados. Coloca suas questões nas fronteiras entre civilizações, culturas, classes, raças e gêneros. A etnografia decodificada e recodificada, revelando as bases da ordem coletiva e da diversidade, da inclusão e da exclusão. Ela descreve processos de inovação e de estruturação e faz parte, ela mesma desses processos. (CLIFFORD, James. 1986 [2016]).

O estudo de cidades consideradas de pequeno porte, marcadamente com a mistura das paisagens urbano e rural, estabelecidas na oposição entre sede/centro urbano *versus* povoados rurais de base econômica agrícola e com sociabilidades baseadas na interação social são objetos de grande relevância na Antropologia¹, sobretudo dentro de pesquisas que compõem o corpo teórico da Antropologia Urbana e Antropologia da Cidade com utilização da etnografia, fazendo-se valer da observação participante e entrevistas de pessoas com as quais o pesquisador mantém contato direto ou indireto. Há também trabalhos que se ocuparam em analisar a cidade como um pano de fundo que complementa o material colhido, direcionado para o objetivo geral da pesquisa, o que acarreta o debate sobre a díade Antropologia *na* cidade/Antropologia *da* cidade, tendo em vista que a primeira premissa foi a assumida na etnografia em São Félix - BA. Teorias que abarcam a díade sobre as cidades serão aproveitadas aqui com intuito de indicar de que formas serviram para elucidação e construção do texto narrativo.

As propostas sobre Etnografia Multissituada² (George Marcus; 1995-2015) e Cena Cultural (Will Straw; 2004-2012), foram essenciais durante a pesquisa. A primeira está baseada sobre fenômenos globais, enquanto no estudo de “Cenas” aparece uma ideia que focaliza fenômenos musicais em cenário de fluxo global e nomeadamente urbano, sem desprezar a influência da cena local. Em entrevista de 2012, Will Straw afirma.

Pessoalmente, penso duas coisas. Uma é que a ideia de cena pode ser proveitosamente revitalizada por meio de um desvio que passe por outros trabalhos sobre cultura urbana em sentido mais geral. Estou pensando no artigo de Alan Blum sobre cenas em seu livro “The Imaginative Structure of the City”, no qual o autor liga a noção de cena a um sentido mais amplo da teatralidade pública e da visibilidade da cultura urbana. Em outras palavras, o sentido de “cena” como “aquilo que é cena” precisa ser mais desenvolvido. (STRAW, 2012, p. 03).

¹ Ver livro de Emilio Willems, Cunha: **Tradição e Transição em uma Cultura Rural no Brasil** (1947).

² Em espanhol multissituado é grafado com apenas um s (*multisituado*), aqui, utilizaremos o texto com dois.

O pensamento é de combinar as teorias elaboradas pelos autores a um contexto em que tecnologias globais se misturam a tradições culturais praticadas em São Félix - BA, a exemplo de culturas juvenis musicais como o rap e elementos do *hip hop*, o Reggae, dentre outros. Elementos culturais utilizados não em sentidos de comparação aos modos globais, mas sim de entender de que forma são/foram apropriados pelos homens negros e quem os organiza ou frequentam. Buscamos alinhar cenas etnográficas presenciadas durante dezesseis meses de andanças em parte da cidade, essencialmente no que se compreende como Centro Histórico, que abrange ruas consideradas principais, concentração de maioria dos estabelecimentos comerciais, escolas, banco, rodoviária, hospital, feira livre e a proximidade com a orla. Dentre as cenas destacamos: a) Dois saraus em comemoração ao dia da Consciência Negra realizados pelos estudantes e professores do (CERG) Colégio Estadual Rômulo Galvão nas dependências do Centro Cultural Dannemann e no próprio colégio; b) Notas etnográficas colhidas em espaços públicos e privados e c) Participação efetiva em oficinas do Projeto Parceiros de Escrita na Casa de Cultura Américo Simas. Também contribuíram para análise entrevistas, oficinas e depoimentos de residentes ativos no cotidiano local (sendo um radialista e uma mobilizadora cultural) no sentido em que ampliam e ajudam a compreender a noção de cidade e de que forma ela é consumida/interpretada nas arenas do lazer, sociabilidade, práticas culturais juvenis locais, raça, racismo e mercado de trabalho, e renda.

Cabe sinalizar que inicialmente a realização dessa pesquisa de doutoramento foi pensada com aplicação da metodologia direcionada para as cidades vizinhas de Cachoeira e São Félix, no Recôncavo da Bahia, onde desde 2013, pude fazer parte do Grupo de Pesquisa Brincadeira de Negão³, o qual tem na investigação das masculinidades negras seu principal foco. No Brincadeira de Negão há também a preocupação com temas ligados as masculinidades negras e aos homens negros, exemplo do genocídio, sexualidades, abandono escolar, afetividade do homem negro etc. Na aplicação da parte etnográfica iniciada no segundo semestre de 2017, após levantamento exploratório e da vivência na cidade tivemos a compreensão da importância de efetivação do percurso metodológico somente em São Félix, BA, por entender que existem poucos trabalhos como esse realizados nessa cidade de grande significado para formação social do estado da Bahia, e também levando em consideração que proporciona elementos culturais admiráveis no que diz respeito àqueles ambicionados pelos

³O Coletivo Brincadeira de Negão surge em como Projeto de Pesquisa idealizado pelo Dr. Osmundo Pinho na UFRB/CAHL em Cachoeira, BA. Nesse primeiro momento abrigou equipe multidisciplinar de estudantes de graduação e pós-graduação com produção acadêmica voltadas para os homens negros no contexto que se localiza. A partir de 2018, com ideia do próprio Osmundo Pinho o Grupo de Pesquisa se transforma em Coletivo tendo como ideia se manter por meio de editais culturais e de financiamentos.

antropólogos, aqui cito principalmente tradições culturais e religiosas locais, como o Samba de Roda, o Candomblé, A festa de Santa Bárbara, o Reggae, e uma paisagem que mistura o rural e urbano.

Outro recorte temporal de retorno e confirmações dos dados levantados em 2017, foi já no segundo semestre de 2020, durante pandemia da Covid 19, e de revitalização no Centro da cidade, causando mudanças em dinâmicas antes analisada. Por fim, em São Félix, pude (re) encontrar também homens negros de idades, sexualidades, escolaridade e funções/atividades diversas exercidas no mercado de trabalho que se tornaram parceiros para desenvolvimento da pesquisa direcionada à produção de masculinidades. Do lado Sanfelixta, é comum a referência à vizinha Cachoeira como sendo polo central mais famoso na região, tendo em vista sua notável história para desenvolvimento do estado e de onde as lutas de Independência tomaram corpo⁴. Atualmente Cachoeira, abriga um belíssimo conjunto de patrimônio entre prédios e casarões coloniais tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), campi de Universidade Federal do Recôncavo da Bahia há quase dezoito anos, e ainda uma gama de eventos acadêmicos e culturais distribuídos em efemérides⁵.

Figura 1: Recorte mapa São Félix, principais unidades etnográficas

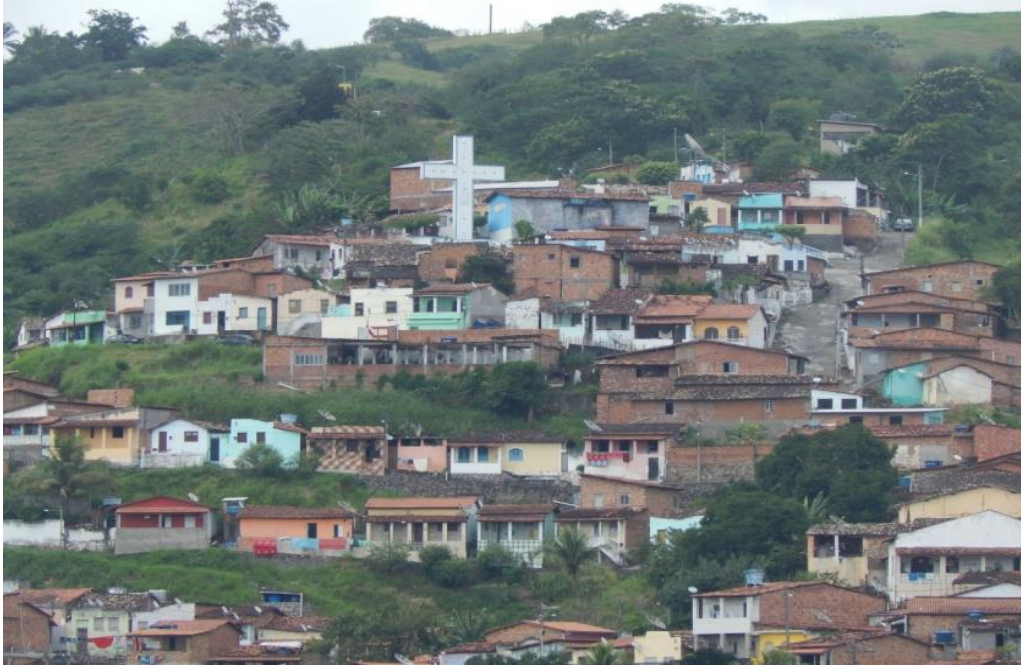


Fonte: google maps

⁴ São Félix teria participado ao lado de Cachoeira nas lutas, pois era vinculada a ela administrativamente.

⁵ Cito aqui a Festa da Irmandade da Boa Morte no mês de agosto, os festejos juninos em junho, a festa de Nossa Senhora D'ajuda, Flica (Feira Literária de Cachoeira) em outubro e a celebração do dia da Cachoeira Heróica em 25 de junho, data em que a cidade se transforma em capital do estado por um dia.

Figura 2. Imagem de casas no Alto do Cruzeiro



Fonte: Arquivo de pesquisa

Quanto ao objeto da tese, as masculinidades negras, temos na Bahia uma gama de pesquisas acadêmicas pioneiras da área. Gostaria de ressaltar alguns desses trabalhos: a dissertação de Suely Messeder (2000), Osmundo Pinho em diversos trabalhos publicados (2004; 2015 e 2019) e coordenação de grupo de pesquisa sobre a temática; Daniel dos Santos no livro e dissertação “Como fabricar um Gangsta? (2017), Joalice Conceição (2017), analisando as masculinidades presentes no culto a *Babá Egun* na Ilha de Maré, BA e entre membros da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira, BA, por fim a tese recente de Fred Aganju (2021) sobre as mortes de homens negros no Recôncavo Sul.

Os dois últimos trabalhos citados, têm as cidades vizinhas de Cachoeira e São Félix, no Recôncavo da Bahia como lócus das análises e comparações, território onde a tese buscou examinar, especificamente em São Félix, a produção de masculinidades negras junto aos participantes da pesquisa. É a esse arcabouço teórico construído pelos pesquisadores no decorrer dos anos, que a tese de doutoramento em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-afro UFBA) intitulada *Perspectivas Multissituadas de Masculinidades Negras em São Félix, BA*, busca se somar e contribuir para o campo de estudos das masculinidades negras e sobre o homem negro. Masculinidades e as masculinidades negras têm se mostrado propícias para indagação da forma com que homens pensam

suas próprias relações com o cotidiano vivenciado, no mercado de trabalho, na escola, na família, na rua e outros espaços institucionalizados.

A ideia, antes convencional de que falar de gênero é ainda falar comumente do gênero feminino ou da dominação masculina tem sido revista dentro da onda de estudos de masculinidades. A pesquisa se faz necessária também por ser o campo das masculinidades importante área para articulação das relações atuais de gênero envolvendo pessoas racializadas. Primeiro, por se tratar de temática que avançou em debates no contexto brasileiro, já existem trabalhos acadêmicos, eventos e disciplinas de cursos sobre as masculinidades e um número de materiais depositados nos sites de monografias, dissertações e teses. Por outro lado, são relevantes ao levar a discussão de temas como sexualidade, machismo, racismo e consumo para muitos homens os quais não são contemplados com políticas que visem cessar os diversos tipos de violências.

O período de desenvolvimento da pesquisa e a elaboração da escrita (2017 a 2022), aconteceram durante momento que considero importante na produção das masculinidades e da condição do homem negro na Bahia. O avanço da violência letal, que tem acometido sobretudo os jovens homens negros, praticadas tanto pelas corporações policiais, como em grande número pelo que se entende por guerras de facções. O genocídio dos homens negros, é inclusive uma das justificativas iniciais para minha proposta de estudo sobre a produção de masculinidades negras pensada como espécie de “guarda-chuva” que permite examinar outros temas subjacentes, mercado de trabalho, corpo masculino negro, raça e racismo, identidade do homem negro etc.

O objetivo geral da tese foi compreender como a produção de masculinidades, no contexto considerado, desdobra-se como a produção do corpo masculino negro, objetificado por dinâmicas de gênero, raça e mercado, produzindo masculinidades negras ao mesmo tempo, fetichizadas e pouco exploradas criticamente, foram substancialmente analisados durante os capítulos. A estrutura foi dívida em capítulos direcionados a cada um dos temas discutidos. O primeiro capítulo surge a partir de empreendimento etnográfico no que se entende por Centro da cidade de São Félix–BAA, local onde se encontram paisagens arquitetônicas históricas e prédios modernos, exemplo da Prefeitura, Biblioteca, Arquivo Público, Fórum, Correio, Linha Férrea ativa, Orla, Igrejas Católicas, Mercado Municipal, Ponte Dom Pedro II, mas também Instituição Bancária, Feira Livre, Rodoviária, Supermercados, Farmácias, Posto de Gasolina, Espaços de estética entre outras instituições e pontos de bens e serviços, tudo se avizinando concentrado em pouco espaço. Apresentam-se os conceitos Etnografia Multissituada (George Marcus) e Cena (Will Straw), ambos abordados como suportes metodológicos da pesquisa, dentro da Antropologia Urbana.

Conhecer a fundo o território, contexto socioeconômico e cultural em que se dá parte da sociabilidade dos homens negros participantes da pesquisa e qual sentido ou ideia eles têm da cidade que vivem, para isso, como estratégia acompanhei atividades realizadas no centro da cidade pelos estudantes e professores do CERG (Colégio Estadual Rômulo Galvão) em 2017 e 2018, dois Saraus do Dia da Consciência Negra. Em segunda etapa fiz duas entrevistas semiestruturadas com moradores ativos na área social e outro comunicador em São Félix, as quais serviram para levantamento de dados mais consistentes a partir das narrativas deles. Completei as falas e observação participante com números no que tange a Trabalho e Renda registrados pelos Censos do IBGE 2010 – 2022 (dados preliminares). Andanças pelo Centro Histórico foram aproveitadas ao passo que configuramos tramas entre os anos de observação e anotações feitas das dinâmicas e mudanças feitas na Orla, Praça José Ramos, na antiga Feira de Gado (localizava-se embaixo da Ponte Dom Pedro II) e no Beco do Fuxico, todas concluídas no ano de 2020, por volta do segundo semestre, ano de eleições municipal.

A elaboração do segundo capítulo procura dar conta propriamente da Etnografia Multissituada. Em primeiro instante é apresentada revisão de diversos autores e autoras as (os), que contribuíram para proposição da tese de *Perspectivas Multissituadas de Masculinidades Negras*, o que se aproxima e coisas diferentes dos demais trabalhos etnográficos e teóricos de Mara Viveros Vigoya (2002; 2018), Joanice Conceição (2017), Richard Miskolci (2012), Fátima Cecchetto (2004), R.W. Connell (2003), Miguel Vale de Almeida (1995), Osmundo Pinho (2004; 2015; 2019), dentre outros. Adiciona-se a tese de masculinidades multissituadas o que denominamos aqui de contexto, no caso *experiência etnográfica no Barbershoper Black Power* e no Mototáxi, localizados no centro e mediações de vias principais Sanfelixta empreendidos entre os anos de 2018 e 2021, com breves interrupções. Espaços interpretados como unidades etnográficas de homosocialidade de homens negros, falamos de sexualidade, raça/racismo, genocídio, dinâmica local, violência policial, mercado de trabalho e gênero, estética negra, corpo e futebol, diálogos e comportamentos foram tomados para formulação.

Mercado de trabalho e relações de gênero, corpo do homem negro e o famigerado genocídio do homem negro, são os três tópicos principais tratados no terceiro capítulo. Foram explorados nichos de trabalhos historicamente destinados para homens negros e imaginados socialmente, fiamos como exemplo os barbeiros, ofício secular e atualizado nos dias de hoje e os mototaxistas, atividade mais recente, porém nos lugares pequenos e de pouco acesso a transportes públicos, se tornou fundamental. O corpo do homem negro visto como o corpo do *labor* e objeto de diversos preconceitos é também uma chave para debate, o mesmo corpo que se reinventa a partir do uso da estética corporal e de

técnicas corporais, de plataformas discursivas na produção de masculinidades negras. Nesse sentido, o cabelo é elemento para jovens homens negros propagarem discursos pautados na estética, muitas vezes confrontando instituições racistas. Oyèwùmí Oyèrónkẹ em “*a Invenção do Corpo*” e as noções de corpo na “*Torubalândia*” foi basilar no texto para essa análise. Para análise das técnicas corporais fomos guiados pelo ensaio de Marcel Mauss publicado originalmente em 1935 e no Brasil apresentado no livro *Sociologia e Antropologia* (2017). A fim de exemplificar e complementar de forma mais condensada às problemáticas da pesquisa, essencialmente o mercado de trabalho e suas relações projetamos a trajetória de vida de três homens negros “nascidos e criados” em São Félix, BA.

No quarto e último capítulo da tese o padrão de Masculinidades Tóxicas, atribuído genericamente a muitas ações violentas masculinas nos últimos anos no Brasil, é discorrido criticamente. O padrão de masculinidades foi também diagnosticado com outras nomenclaturas casos específicos das masculinidades hegemônicas e do *ethos do guerreiro*, ambos analisados por autores denotando as dimensões da violência produzida em grupos específicos de homens. Três peças de publicidades, do Governo do Estado da Bahia (2019), da marca de produtos para homens Gillette (2019), e da marca de relógios masculinos Égard Watches (2019), chamaram a atenção pela temática narrada nas películas, masculinidades tóxicas. E dos debates gerado nas redes sociais (Twitter, Instagram e canais de Youtube) onde as peças foram publicadas, na maioria homens negando as ações apresentadas, de modo reduzido afirmam “não sou esse homem”.

Ainda realizei quatro Grupos Focais com amostragem das peças aos jovens participantes relatando partes que considere importantes. A autora norte americana bell hooks foi a principal referência utilizada tanto para afirmamos componentes das masculinidades negras, quanto na proposta de rompimento com o patriarcado branco heterossexual capitalista (palavra da autora), em todo capítulo quatro, mais necessariamente na última seção, a qual o Projeto Parceiros de Escritas: A voz de jovens homens negros no Recôncavo, é objeto de proposta de romper, mitigar dimensões da violência e do patriarcado levando em consideração as temáticas presentes na metodologia do projeto realizado pelo Coletivo Brincadeira de Negão em 2019, o qual faço parte e pude participar das atividades da primeira edição do projeto em São Félix. Como forma de maior conexão entre estruturas dos capítulos e subcapítulos, além dessa introdução geral, foi elaborada partes introdutórias para os capítulos II, III e IV.

1.1 “BELA CIDADE, LINDO PRESEPIO”

1.2 ETNOGRAFIA DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO FÉLIX, BA

O município de São Félix, está situado dentro do território conhecido como Recôncavo da Bahia foi de muita relevância na produção e escoamento de mercadorias como fumo, cana-de-açúcar e farinha de mandioca através da navegação no rio Paraguaçu e geração de emprego e renda com as instalações, sobretudo de fábricas de charuto⁶ e da barragem de Pedra do Cavalo, localizada em um dos acessos a cidade, e da antiga Estação Ferroviária Central da Bahia (1881, ano de inauguração), estação de trem gerenciada pela Viação Férrea Leste Brasileiro. Segundo o censo realizado em 2010, o município contabilizava 14.098 pessoas atualizados para 14.740⁷ em 2019, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). Dados preliminares do Censo mais recente em 2022, e fase de conclusão contabiliza 11.026 pessoas.

Em diálogos e dados etnográficos sobre atividades culturais que acontecem em São Félix, foi perceptível, e busquei interrogar isso entre moradores, a confirmação da diferença na quantidade nos espaços públicos e privados em comparação à Cachoeira e outras cidades da região como Cruz das Almas e Muritiba. Entre eles é comum se queixarem da falta de investimentos por parte da Prefeitura e governantes como relatado em fragmentos de duas entrevistas e duas notas etnográficas⁸ a seguir, considerando-a como uma *cidade morta*, ao mesmo tempo falam quais suas estratégias para lazer e diversão, tendo em vista o pouco investimento e incremento de novas formas de sociabilidade.

P- O que você melhoraria aqui na cidade de São Félix?

EI- Hoje o que melhora aqui na cidade é a cultura e o esporte. Por que eu falo isso? Porque eu vejo governo passado e atual, principalmente esse aí que administra a prefeitura de São Félix, falando dessas pessoas como políticos, investem muito pouco em nossa cultura e em nosso esporte. A cultura e o esporte é a maneira mais fácil de você tirar, o jovem, a criança e ao adolescente de livrar ele do caminho errado, do caminho tortuoso, do caminho que não vai trazer benefício sim malefício. Então eu acredito que hoje a administração pública municipal⁹ peca em não em investir na nossa cultura e principalmente em nosso esporte local.

⁶ Mais sobre a história de São Félix, BA, ver: <http://arquivomunicipaldesaofelix.blogspot.com/>.

⁷ Em comparação a vizinha Cachoeira contabiliza em 2019, 33.470 pessoas. Dados do IBGE disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cachoeira/panorama>.

⁸ Onde a letra “P” significa pesquisador e “R” resposta. O numeral junto a letra se refere à ordem de trechos das entrevistas utilizados. Ao passo que busco também diferenciar entrevistas de notas etnográficas através do uso de itálicos para as primeiras e as notas com a letra N em negrito no início seguida de numeral que identifica ordem do texto em questão.

⁹ Em 2020, o mesmo gestor (Alex Aleluia) foi reeleito para o cargo de Prefeito após eleições municipais.

P- Em outro tempo, ou administrações passadas você acha que houve um investimento maior?

E1- Não só esse grupo que está aí hoje na gestão, mas grupos passados também não fazem investimento apropriado para o nosso município em questão de cultura e esporte [...] Além de ser mal aplicado não tem uma visão voltada para isso. Se é um costume antigo e não visualizar a cultura como uma solução, o esporte como uma solução, eu acho que o círculo vicioso de não se investir no passado continua perpetuar hoje também.

E2: Uma moça me chamou uma vez pra participar de cursinho pré-vestibular à noite em Cachoeira. Eu perguntei a ela por que não fazia em São Félix, vocês da universidade (disse ela se referindo e apontando para mim) que moram aqui precisam fazer mais coisas do lado de cá. Tem uns meninos mesmo que tem vontade de fazer as coisas, mas a gente sabe que nem todos podem ir pra Cachoeira, ainda mais a noite. (2017).

N1: São Félix é uma cidade morta dizia um dos rapazes na fila do caixa do supermercado de maior movimento local. Cada ano que passa isso aqui tá morrendo, você não vê nada mudar. Você vê Cachoeira e outras cidades o povo pelo menos se preocupa em fazer uma festa, um evento aqui continua muito parado e o governo nem liga pra mudar como está aí. (2017).

N2: Indo a Cachoeira numa terça feira por volta das 11 horas da manhã com um dos rapazes que faz transporte de mototáxi em São Félix, entre diálogo de uma rápida corrida até o prédio da Fundação Hansen (meu local de chegada) ele me disse “rapaz São Félix não muda nada faz tempo. Você chega do lado de Cachoeira tem até trânsito e engarrafamento (se referindo à quantidade de carros, motos e pedestres que causava uma lentidão na boca da ponte D. Pedro II). Indaguei se sempre foi assim e ele me respondeu que em relação ao movimento sim, mas também afirmou que o fechamento de um supermercado de grande porte recentemente (pude apurar que foi fechado em meados de 2017)¹⁰ e o “comércio fraco” também fez diminuir a circulação de pessoas e teria diminuído o número de pessoas de São Félix que tem a possibilidade de trabalhar no comércio. (2017).

Faz-se necessário interpretar que o narrado acima pelos moradores entrevistados e os relatos etnográficos envolve comparações entre São Félix, e outros lugares da região procurados para sociabilidade e demais necessidades diárias a exemplo do comércio. Cachoeira aparece como comparação primeira por ser também a cidade mais próxima, acredita-se que pela existência das festas e eventos que são frequentadas por parte dos Sanfelixtas. Cabe ainda afirmar que a cidade existe

¹⁰ Por outro lado, no mês de junho de 2019 foi inaugurado novo supermercado de grande porte na cidade, basicamente no centro da cidade, próximo a saída da Ponte Dom Pedro II e ao pé da ladeira que dá acesso a Muritiba, BA. A partir disso no decorrer de um determinado tempo pode alavancar a empregabilidade no local.

dentro de dinâmicas e comportamentos que são adequados e próprios ao lugar e aqueles que a constroem. O que os moradores estão falando, na verdade, é de uma quantidade menor de eventos e atividades culturais, já que são de modos mais escassos em relação à Cachoeira. Porém, convém ressaltar que durante os dois períodos de recorte temporal da etnografia no Centro, presenciei uma série de eventos de caráter diversos produzidos tanto por moradores nascidos ou que moram na cidade há bastante tempo, quanto de pessoas que estão por tempo determinado enquanto estudantes ou profissionais de outras áreas da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) residindo em São Félix, alguns desses eventos, inclusive, são analisados nas linhas a seguir.

Outros dados de entrevista com uso de questionário semiestruturado feita com moradora de São Félix, desde os oito anos de idade, e no momento com trinta e cinco, sendo uma das fundadoras de Grupo Social em 2015, que realiza diversas ações sociais e culturais, permitiu acrescentar dentre outros assuntos e temas também o posto acima sobre cultura, lazer, esporte e comércio na atualidade. Quando falamos sobre políticas públicas de melhorias ou fomento em tradições culturais, sociabilidade e emprego e renda que possam beneficiar a população de São Félix. Ainda a respeito dos pontos turísticos locais e o que poderia melhorar ela respondeu:

“Quando eu resolvi parar o projeto anterior foi por falta de investimento, porque eu acredito que se existisse naquela época algum governante, não digo só prefeito, digo vereador, pessoas da sociedade que pudesse ver, quando eu recebia a visita de alguém ligado ao Conselho Tutelar da época no lugar que eu ensaiava e via a quantidade de crianças e jovens que eu conseguia reunir naquele espaço eles ficavam besta de me verem dominar aqueles meninos [...] Então eu acho que em questão de apoio sim tem que ser mais. Hoje com o Grupo Social a gente busca o apoio do comércio, quando apresentamos o Projeto ao prefeito Alex houve logo o apoio apesar daquela desconfiança, mesmo assim ainda não foi suficiente. Só que a gente sabe que o comércio de São Félix tá muito fraco”, [...] *“no turismo eu começaria pela Cultura, é revitalização de muitas festas que existiam aqui. Para o turismo acontecer a Cultura tem que estar ativa. Vamos ativar nossa Cultura, porque ela já existe só precisa ser ativada. Eu lembro que eu era criança e existia micareta em São Félix¹¹, eu tenho certeza que viriam turistas brasileiros. Já trariam um dinheiro pra gastar no nosso município. Eu revitalizaria todas as festas. Tem também a lavagem de Nosso Senhor São Félix que não tá ativa¹².*

¹¹ Mais sobre a tradicional Micareta de São Félix, BA, ver “Lembranças de outros carnavais e micaretas” de São Félix, BA Radiodocumentário. Trabalho de Conclusão de Curso de Valdelice da Conceição Santos (2013), e presente no canal do Youtube da TV Baía Kirimurê. <https://www.youtube.com/channel/UCcap0Bro1wguOAaq8Lemgg>.

¹² Nos anos posteriores a entrevista (2017), a festa do Nosso Senhor São Félix voltou a ser realizada, vide o ano recente de 2022.

A festa era tomada pelos visitantes, barraqueiros ganhavam seu dinheiro, às vezes era festa de durar quinze dias. Também tinha aqui a festa de São Pedro, que era uma festa muito esperada pelo público, quem não participava do São João porque tava trabalhando aproveitava o São Pedro pra curtir. São festas que podem ser trazidas de volta e através daí que vai vim o turismo. A Cultura de São Félix tá muito carente. E tem uma das coisas aqui que eu não te falei que eu não posso deixar aqui de registrar é a Paixão de Cristo. O Grupo Social que faço parte realizou esse ano de 2019 (acompanhei outra encenação da peça em 2023). Fizemos com muita luta infelizmente a prefeitura ajuda com muito a não ser nos cedendo os vestuários, os objetos que são usados pra esse evento e cedeu também a Casa de Cultura que faz parte da prefeitura. Mesmo assim fizemos e foi um trabalho belíssimo. A Paixão de Cristo já conhecido nacionalmente, as pessoas lá fora já conheciam, começou a ser realizada em 2001 na rua. É um teatro itinerante, mas já ficou uns anos parado (sem ser realizado). Uma tradição que não passa aqui, que o prefeito não deixa de apoiar é a de 2 de julho, a Independência da Bahia que São Félix tem a participação nessa luta. Tem todo um processo. A Cabocla vai pra Cachoeira, acompanha o desfile cívico de Cachoeira no dia 25 de junho e aí no dia 27 ela retorna pra São Félix (A carroça com imagem da Cabocla fica na Casa de Cultura Américo Simas, local de trabalho da entrevistada e realização da entrevista) e traz o Caboclo junto que é pra desfilar no dia 2 de julho”. (2017).

Por fim, quando dialogamos acerca de emprego e renda as respostas puderam confirmar as notas etnográficas postas acima.

“Aqui em São Félix nunca teve meio de emprego. Meu marido mesmo ele tem agora três anos desempregado, quando eu conheci ele, ele já trabalhava “fora”. Então os “pais de família” daqui tem que sair da cidade pra trazer o alimento, as mulheres ficam na cidade e eles depositam o dinheiro. Porque a área que mais emprega é a construção civil (carpinteiro, pedreiro, armador), hoje nem tanto já que meu marido tem três anos desempregado. Então hoje, com essa crise que o país vem enfrentando o índice de pobreza em São Félix está maior, desemprego. Aqui o comércio está fraquíssimo [...] não tem emprego. A prefeitura não tem como dá trabalho a esse povo todo. O comércio é fraco pra empregar pessoas, muito carente. (2017).

Apesar dos trechos de entrevistas e as notas etnográficas narrarem acontecimentos através das temáticas de cultura e esporte, podemos ampliar também o que foi dito para abordagem de lazer e sociabilidade com a percepção que são coisas interseccionadas. Nas entrevistas comprovamos o que aparece de forma genérica e pensada antes através de *senso comum* quando as pessoas citam outros locais como centro de emprego e renda, diversão, lazer e sociabilidade. Comprova a falta de

oportunidade para trabalho formal que faz, sobretudo, os homens negros “*pais de família*” (na fala da entrevistada) nascidos em São Félix saírem do seu local de origem para buscar melhoria financeira em outras cidades e até estados, como exemplo também de dois rapazes que entrevistei rodavam mototáxi e que haviam passado temporadas em Porto Alegre-RS, e o próprio marido da entrevistada que já teria ido morar por um período em São Paulo e Santa Catarina, além de trajetórias de homens negros abordado no terceiro capítulo.

Ao falar em cultura os entrevistados estão informando sobre sua visão de mundo, e sobre tradições culturais materiais e imateriais que já são históricas em São Félix, de modo contextualizado, a exemplo dos já citados Samba de Roda e festas de Santa Bárbara e de Nosso Senhor de São Félix, até a ideia da necessidade de reativá-los diz muito sobre a falta ou pouco incremento ligado a esses elementos. No ato de arrolamento de materiais que possam servir como dado etnográfico e possam ilustrar melhor o que falam os entrevistados pode se incluir peças de divulgação dos pontos turísticos e do calendário de festividades em São Félix, nas redes sociais como Facebook e Instagram.

Figura 3. Peça de divulgação de São Félix.



Figura 4. Imagem dos feriados Sanfelixta

CALENDÁRIO DE EVENTOS

Janeiro:
Dia 1º: Festa de São João do Ipirangaíña.

Fevereiro:
1ª Quilômetra: Festa de Nossa Senhora do Destino (Zona Rural: Outeiro Redonda).

Abril:
Sábado de Aleluia
Início do Campeonato de Futebol - Interbairros, São Félix Rock Festival

Maio:
Dia 1º: Cominhada do Trabalhador;
2º Domingo: Lavagem do Bêco do Tuxico
Dia 25: Festa do Patrono São Félix de Cantalício

Junho:
Dia 13: Festa de Santo Antônio na Zona Rural
Dia de 22 a 24: Fanzá da Praça
Dia 24: Lavagem da Cabóca à Cachoeira;
Dia 27: Recepção dos Caboclos na entrada da Ponte D. Pedro II.

Julho:
Dia 05: 2 de Julho - Dia em comemoração à Independência da Bahia.

Agosto:
Dia 29: Festa da Comunidade Quilombola de Subaúma

Setembro:
Dia 07: Aniversário da Hilarônica União Santelânea; Encontro das Casas Antigas

Outubro:
Festival Origens
Dia 25: Aniversário da Cidade.

Novembro:
Festival de Hilarônicas da Recôncavo;
Dia 20: Dia da Consolidação Negra

Dezembro:
Dia 04: Festa da Santa Bárbara;
Dia 25: Festa do Deus Menino.

experimente cultura e religiosidade

São Félix

Fascinante, pela sua história!

São Félix era, primitivamente, uma aldeia de índios Tupacuri. Pelo seu desenvolvimento industrial e comercial, foi elevada à categoria de cidade, em 1857. No início da década XX, a cidade atingiu o auge do desenvolvimento econômico e parte da produção e industrialização de fumo, instaladas-se em São Félix as fábricas de charutos Suerdtick, Danneberg, Costa Ferreira & Faria, Stenard & Cia, Pedro Boretto, entre outras. O tombamento do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de São Félix pelo IPHAN, ocorreu em 2010. A cidade - localizada no Recôncavo Baiano e banhada pelo Rio Paraguaçu - ainda preserva uma relação compatível entre a ocupação urbana e a geografia da região, e mantém uma herança histórica, urbanística e paisagística e um patrimônio, aliado ao outro município da região. As duas cidades estão ligadas por uma ponte de ferro construída por ingleses e inaugurada por D. Pedro II, em 1857. Além do traçado urbano original se conservar praticamente intacto, pode ser identificadas vielas de edificações destinadas aos mais diversos usos (residenciais, religiosos, administrativos, industriais e de serviços) construídas por casas mineiras, sobrados, igrejas, mercados, fábricas, armazéns, rapachins, entre outros. A arquitetura segue o estilo colonial, com prédios datados dos séculos XVII, XVIII e XIX, chamada "Cidade Industrial" por ter sido a maior exportadora de charutos da República e, em função de tal avanço, foi beneficiada com a inauguração da antiga Estação de Ferro Central da Bahia, em 1881. Também é conhecida por ter se destacado durante as lutas e mobilização social para a Independência da Bahia.

TERREIROS DE CANDOMBLÉ

ILÉ AXÉ ODE LONI FEFÉ O'JU Rua Novo Horizonte	ILÉ AXÉ DE OXOSSI Rua São João, Centro
ILÉ AXÉ OBASSÁ OMIM Rua Maria Eduarda, 97	TERREIRO DO OXOSSI Rua Maria Eduarda, 97
ILÉ AXÉ OTALACY Rua Alto do Horizonte, 52 - Centro	ILÉ AXÉ OHIM IAAN NIBÓ Rua São Vidas, 06 - Centro
ILÉ AXÉ CAPIVARI Trilha do Rio Capivari, 34	ILÉ AXÉ OYÁ EGBALÉ Rua Simone de Bismarck, 29 - Várzea Estrada
ILÉ AXÉ ALAIBI Rua Nogueira Oiticica - Bairro 135	TERREIRO MÃE MARIA NAGÔ Rua Manoel Vitorino, 88 - Centro
TERREIRO DE SÃO ROQUE Praça da Paz, 04 - Subaúma	TERREIRO DE OBOIOQUE Praça Inácio Costa - Quilombo da Várzea
ILÉ AXÉ OXUM APARÁ Rua São Vidas, 07 - Centro	ILÉ AXÉ OGUNJÁ Av. Jordana Lacerda, 171 - Várzea Estrada
TERREIRO UMBANDA SUÍTO DAS MATAS Rua 107 - Cap. João, 101 - 45 - Zona Rural	RAIZ DE ATEÁ Rua Vitorino Estrela, 970 - Bairro 135
ILÉ AXÉ ODE OKÊ Rua Novo Horizonte, 51 - Centro	OGUM BOMI Praça da Paz - Capivari
ILÉ AXÉ IORÔ MYM Alto da Aquilônia, 8 - Curva da Açucal	ILÉ AXÉ ONIM Rozalina Vidal - Quilombo Santo Antônio

COMO CHEGAR

ACESSO RODOVIÁRIO
São Félix fica a 110 km da capital. É possível vir pela BR 324, saindo de Salvador, até o entroncamento de BR 520, passando pela cidade de Santo Amaro, seguindo até a cidade de Cachoeira. Dalí é só atravessar o Ponte Dom Pedro II e você já vai estar em São Félix. Outra opção é pegar a BR 101, seguindo São Félix e Faria de Santana. Diariamente, em vários horários diferentes, partem ônibus do Terminal Rodoviário de Salvador para São Félix. A empresa que opera a linha é a Santana. Outra opção é a Empresa de Transportes Jovai, que faz o linha Salvador - Maragogipe, via Cachoeira e São Félix.

ACESSO HIDROVIÁRIO
A viagem é feita pelo Baía de Todos os Santos e o Rio Paraguaçu, que é navegável de sua foz até São Félix. O transporte é feito por meio de agências de viagens, em lanchas e escunas, via Cachoeira - Salvador. No meio do percurso ainda é possível apreciar paisagens belíssimas.

Figura 5. Imagens Pontos Turísticos de São Félix, BA

PARÓQUIA DEUS MENINO

IGREJA DE SANTA BÀRBARA

CENTRO DANNEBERG

EST. FERROVIÁRIA CENTRAL DA BAHIA

CRUZEIRO E MIRANTE DA MADRUGADA

PONTE DOM PEDRO II

PRACA INACIO COSTA

CASA DA CULTURA AMÉRICO SIMAS

TRILHA DO RIO CAPIVARI

PEDRA DA BALEIA

PONTOS TURÍSTICOS
Praça Municipal
Paróquia Deus Menino
Igreja São Félix
Estação Ferroviária Central da Bahia
Mirante da Misericórdia
Miragem de Santa Bárbara
Ponte Dom Pedro II
Mercado Municipal
Praça Inácio Costa

ESPAÇOS CULTURAIS
Casa da Cultura Américo Simas
Centro Danneberg
Museu Casa Hansen Bahia
Associação Cultural Filhos de Nagô

SUGESTÕES DE PASSEIOS
Trilha do Capivari
Passeio de caiaques pelo Rio Paraguaçu
Visita aos terreiros de Candomblé
Visita às Comunidades Quilombolas

HOSPEDAGEM
Pousada La Buena Vida
Pousada Paraguaçu
Pousada Recôncavo

RESTAURANTES
Restaurante Delicias do Recôncavo
Restaurante e Pizzeria do Lulão
Restaurante Lorena
Acesso o mapeamento online da cidade através do link: <http://bit.ly/mapamentocahsaofelix>

Área: 99.203 km²
População: 13.024 hab. - IBGE/2013
Distância da Capital: 110 km
Aniversário: 25 de outubro
Clima: seco a subúmido

Dados demográficos acerca de investimento em políticas públicas nas áreas de saúde, educação, cultura, emprego e renda em São Félix, segundo o último censo do IBGE de 2010, e revisados em 2017, colocados em tabelas são estatísticas relevantes que podem ajudar a sintetizar o pensamento nas falas dos moradores acima. Os números indicam queda na posição ocupada no ranking e dos investimentos nas áreas citadas. Somente no quesito salário médio mensal há subida nos rankings estadual e nacional passando de 1,6 para 1,8 a média por pessoa levando-se em conta

aumentos anuais do salário-mínimo e de serviços durante os anos relatados nos dados. Já quando adicionado o quesito *outras remunerações* ao próprio salário o número de pessoas beneficiadas apresenta mudança de posição nos rankings das cidades, há uma queda de São Félix passando de 159º colocado para 191º e de 2437º colocada para 2583º no ranking nacional o que demonstra déficit no quesito. Tomando novamente números do Censo 2022, do IBGE, São Félix passa a ocupar o lugar 2796º entre municípios ao nível nacional e 417º estadual, sendo a 11ª posicionada de 12ª na região geográfica imediata. O salário médio mensal dos trabalhadores em 2021, foi de 1,7. Contabilizando 1.294 pessoas ocupadas.

Tabela 1: Emprego e Renda¹³.

Número de empresas atuantes	2010 (último censo)	2017 (última atualização)
Ranking estadual	202º de 417º	319º de 417º
Ranking nacional	2798º de 5563º	3860º de 5569º
Pessoal ocupado		
Ranking estadual	151º de 417º	187º de 417º
Ranking nacional	2247º de 5565º	2573º de 5570º
Pessoal ocupado assalariado		
Ranking estadual	140º de 417º	175º de 417º
Ranking nacional	2118º de 5565º	2402º de 5570º
Salário médio mensal		
Ranking estadual	160º de 417º	146º de 416º
Ranking nacional	3661º de 5563º	2999º de 5569º
Salário e outras remunerações		
Ranking estadual	159º de 417º	191º de 417º
Ranking nacional	2437º de 5565º	2583º de 5570º

Fonte: dados do IBGE, 2010.

¹³ Ainda no censo de 2010 os dados colocam São Félix, BA, com Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo de 51,5 %.

Tabela 2: Atividades Econômicas

Agropecuária	2010 (último censo)	2017 (última atualização)
Ranking estadual	105° de 417°	147° de 417°
Ranking nacional	2000° de 5564°	2957° de 5569°
Indústria		
Ranking estadual	186° de 417°	215° de 417°
Ranking nacional	3012° de 5565°	3181° de 5570°
Serviços¹⁴		
Ranking estadual	249° de 417°	252° de 417°
Ranking nacional	2682° de 5565°	2805° de 5570°

Fonte: Dados IBGE, 2010.

Já nos finais da década de 1980, os trabalhos de Vanda Sá Barreto, Luiza Bairos e Nadya Araujo Castro chamavam a atenção para “uma distribuição desigual” nas funções e profissões no mercado de trabalho apontado no Censo Demográfico de 1980. Assim, enfatizamos que “As análises apontavam para uma distribuição desigual de trabalhadores de diferentes grupos étnicos na estrutura ocupacional, assim como davam conta de associação quase que direta entre ocupações mais desvalorizadas e maior participação do negro” (Barreto; Bairos e Castro, p. 24).

No Brasil, sobretudo a partir de 2007, momento em que se desencadeia uma recessão e crise econômica, que perdura até os dias atuais, este fator atinge de modo significativo as classes sociais de média e baixa renda, majoritariamente pessoas negras. Em 2019, o número de desempregado, segundo noticiários e matérias jornalísticas atingiu cerca de treze milhões de pessoas, o que faz aumentar a taxa de autônomos e trabalhadores informais.

Retomando a discussão etnográfica do centro, nas ruas de São Félix é notória a combinação entre conjunto arquitetônico colonial e histórico somado a paisagens que podem ser denominados como rurais. Aqui cito o exemplo da existência de linha férrea e passagem de trem de cargas diariamente, ao passo que se mistura com o cenário da Feira Livre popular central aos sábados, quartas-feiras e dias de semana que antecedem feriados¹⁵, além de espaço localizado abaixo e num dos lados da ponte Dom Pedro II, onde comerciantes de gado da região se reuniam semanalmente até

¹⁴ Dentro de serviços estão incluídos: administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social.

¹⁵ A Feira tem funcionamento também de segunda à sexta feira em números reduzidos de barracas montadas. Se há um feriado na quinta feira, por exemplo, a Feira é montada na quarta-feira com vista que em vésperas de feriados há uma procura maior de produtos e levando em consideração que o comércio local dias de feriado funciona até por volta do meio-dia.

primeiro semestre de 2020, logo após a mudança ocorreu para rodovia que dá acesso também a cidade de Maragogipe, BA e entrada de São Félix (ver fotos a seguir), e ainda do prédio do Paço Municipal reinaugurado em 2019. No local da antiga feira de gado foi construída a Praça da Juventude com aproximadamente doze quiosques e venda de produtos e serviços variados, entre alimentação e estética. A renda econômica de grande parte das pessoas é retirada do mercado informal, pequenos comércios (lanchonetes, bares, restaurantes, barbearias), feira, agricultura familiar, mototáxi, delivery em geral, rifas, vendedor de água e gás, são alguns dos serviços formados massivamente por homens negros de idades diversas que procuram “meios de ganhar dinheiro”, e garantir seu sustento próprio e de familiares. Fragmento de nota etnográfica descritiva elucida um pouco o panorama observado.

N: *Saindo de casa e passando numa das ruas que dá acesso à rua principal de São Félix, véspera de feriado encontrei no caminho, primeiro próximo ao prédio da Previdência Social, e mais abaixo em frente o antigo supermercado Isamar cenas comuns para os dias e também aos dias de sábado, comerciantes de gados tangendo bois e bezerros em direção a lugares diversos, partindo do espaço que negociam os animais. Na primeira cena próxima ao prédio da Previdência Social eram dois homens montados em cavalos, na segunda cena em frente ao supermercado três homens montados nos cavalos ordenavam pelo menos cerca de oito bezerros e bois já maiores. Já na rua principal um grupo de quatro mulheres jovens tentavam vender os números das rifas, “67 fulano nunca mais saiu, vai querer?”, vendia o número uma delas. (2017).*

Figura 6. Antiga Feira de gado



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 7. Antiga Feira de gado



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 8. Nova Feira de gado



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 9. Praça da Juventude



Fonte: Arquivo de pesquisa

N: Um enterro passando em direção ao cemitério da cidade no dia 01/06/2018, enquanto conversava com mototaxistas na “boca” da Ponte, e como de praxe em respeito aos mortos as pessoas em torno tiram seus bonés e chapéus e os comerciantes abaixam as portas a “meio pau”, moradores também fecham as portas e janelas (mesmo que fiquem do lado de fora de sua residência). É comum também a pergunta de quem morreu e qual a causa da morte. Nesse caso ouvi comentários de que seria uma moça que morava em um dos bairros, “umas duas irmãs que andavam sempre juntas [...] me mostre à foto aí [...] peguei do zap.” foram frases que ouvi.

É comum em São Félix, Cachoeira e me recordo de ter presenciado na cidade baiana de Amélia Rodrigues, onde morei durante adolescência e costumava passar períodos de férias escolar, o anúncio da morte de pessoas da cidade. Normalmente um “carro de som” que percorre as ruas com

uma voz gravada noticiando a morte. No caso do enterro da moça citada no dia anterior ouvi de casa o “carro de som” da funerária passar informando nome, parentes próximos, horários do velório e de enterro. No contexto territorial o parentesco é importante na identificação da proximidade ou não de quem morreu fator também que permite anunciar a influência da pessoa no meio social desses lugares e ainda do convite dos familiares para que possam ser confortados pela morte de alguém próximo durante velório e enterro. Por exemplo, “João pai de Pedro, filho de Jorge e Maria, irmãos de Ricardo e Paulo”. No feriado de finados, dia 2 de dezembro, o mesmo “carro de som” da funerária transita levando mensagens de paz, conforto e esperança (segundo dito na própria mensagem) às pessoas que tenham perdido entes queridos e próximos.

No artigo, *Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna* (2007), Ana Paula Pereira e Marcos Antonio Mattedi consideram cinco “atores sociais” relevantes para o *processamento* da morte na modernidade, a partir de literatura referente ao tema e de observações atuais: “a família, a religião, o estado, o mercado, e a ciência” (Pereira e Mattedi, 2007, p. 326). Dentre essas chamamos atenção para dois *atores*, sobretudo para as premissas que compõem a família e o mercado, ambos aparecem como conceitos possíveis de apoio para os exemplos citados sobre *a morte* e comportamento de parte da população em São Felix, BA, ainda segundo os autores.

O *ator-família* é composto pela rede de parentes e amigos próximos, que é mediada pela afetividade. Para os membros dessa rede, a morte é processada como uma perda, e é por isso que se espera que um parente ou um amigo se comova na mediação da morte (...). Para o *ator-mercado*, que é constituído por uma rede formada por funerárias, floriculturas, cemitérios etc., a morte significa uma possibilidade de ganho, e o morrer é processado mercantilisticamente, segundo as expectativas de lucro (idem, pp. 325-26).

Leva-se em conta também o fato de numa cidade considerada de pequeno porte como São Félix as relações entre as pessoas se dão de maneira em que o contato e interações pareçam mais próximos e comum, o morto pode ser um conhecido, colega, amigo etc. Em pesquisa realizada no Arquivo Público de São Félix, pude encontrar em jornais do século XIX, anúncio da morte de cidadãos Sanfelixtas (Ver fotos abaixo), algo que demonstra o valor histórico da morte socialmente. Diferente de uma metrópole ou cidade de grande porte onde as interações se dão por meio de dinâmicas mais complexas e aceleradas do cotidiano vivido. Desse modo a morte se torna pública e tem papel significativo ao passo que muitos moradores ficam sabendo do falecimento através do anúncio, e assim a família do morto divide com possíveis amigos sentimentos normalmente de dor e pêsames.

São Félix foi desmembrada de Cachoeira em 1890, com a criação da Comarca. As primeiras eleições para prefeito aconteceram em dezembro de 1892, tendo como eleito para o cargo Geraldo Dannemann¹⁶. Pode-se chegar ao Centro histórico de São Félix, título reconhecido pelo IPHAN em 2010, através de quatro rotas principais sendo duas Rodovias (BR) e uma BA. Vindo de Cachoeira o acesso se dá atravessando a Ponte Dom Pedro II. Da serra, descendo por Muritiba, de Maragogipe e região, pela BR 420 e ainda pela BR 101, nas proximidades da barragem de Pedra do Cavalo. No Centro Histórico se concentra de tudo, praticamente todos os pontos comerciais, escolas, banco, hospital, prefeitura¹⁷, supermercados, biblioteca e arquivo público, os três últimos situados em locais vizinhos uns aos outros.

Nas imediações da Ponte e defronte à rodoviária encontra-se a Praça José Ramos, um dos principais espaços públicos que comumente é frequentada pelos moradores para jogos (dominó, sinuca), consumo de bebidas e comida, tendo em vista a presença de barracas desses tipos. No atual momento de escrita do texto de qualificação em 2019-2020, a praça passava por reforma e esteve fechada com tapumes. Em conversa informal com proprietários de barracas que foram retiradas temporariamente, há a promessa da volta deles após requalificação terminada (construção de Quiosques e Box), durante a reforma as barracas e trailers estão alocados no início da orla da cidade¹⁸. Havia também outra obra em andamento no mesmo local, no Beco do Fuxico, que se inicia na direção da Praça José Ramos e próximo a Feira, ambas concluídas conjuntamente em 2020.

Figura 10. Pça J. Ramos antes da obra



Fonte: Retirada do Diário da Notícia

¹⁶ Durante gestão do Intendente Cel. Gabino Ribeiro (1904 - 1907) São Félix volta a fazer parte da Comarca de Cachoeira.

¹⁷ O prédio da prefeitura foi reinaugurado em 2019, após alguns anos fechado para reforma. Durante suas atividades funcionaram no mesmo espaço ocupado pela Câmara de vereadores.

¹⁸ Até a data final de escrita do capítulo para qualificação da tese de doutoramento, a obra na Praça ainda continuava. Em vídeo divulgado na página da Prefeitura no Facebook, acessado em dezembro de 2020, o prefeito Alex afirma que havia acontecido um problema na troca do piso da Praça e por isso, gerou um atraso na obra, mas que segundo o mesmo o problema já teria sido resolvido.

Figura 11. Praça José Ramos durante reforma



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 12. Praça José Ramos em reforma



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 13. Praça José Ramos em reforma



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 14. Praça José Ramos após reforma - Registro de Adriano Rivera



Fonte: Arquivo de pesquisa

A movimentação e trânsito de pessoas no Centro Sanfelixta difere em horários e dias da semana, o que é de praxe nas cidades. Os dias de sábado até por volta das 14:00 horas é o momento de maior movimento, sobretudo no comércio, que mediante o funcionamento parcial no domingo faz com que os moradores procurem executar suas tarefas e compras praticamente no que seria o último dia útil da semana. Os horários de saída e entrada das escolas (turnos matutino e vespertino) e de abertura e fechamento dos pontos comerciais são os de maiores movimentos. Na Ponte Dom Pedro II o trajeto de pedestres e veículos se torna mais incessante. À noite, essencialmente entre 19h00min. e 19h30min o deslocamento de pessoas diminui bastante restando somente alguns bares, barracas e trailers de lanches abertos até um determinado horário (por volta das 22:00h, o trânsito de veículos é mais constante que os de pedestres).

A calçada da orla (do Rio Paraguaçu, que separa São Felix de Cachoeira) é apropriada pelos moradores de diversas formas, sobretudo para práticas de caminhadas, corrida e esportes diversos nas quadras poliesportivas e de areia, campo de futebol e canoagem no Rio Paraguaçu, assim como acontece boa parte das festas e eventos públicos. Na visão de Cláudia Marisa Oliveira (2015), “(...) o espaço público pode ser entendido como uma estrutura narrativa aberta, constituída por dramaturgias individuais que, por sua vez, irão contextualizar momentos sociais concretos”. (Oliveira, 2015, p. 229), ou então “(...) o espaço público revela-se, por excelência, a cena de quem vive, faz e habita a cidade”. (idem, p. 232). Os trabalhos de Rogério Proença Leite, sobre espaço público e esfera pública no Centro de Recife, são relevantes aqui para discorrer sobre suas proposições de espaço híbrido ou

espaço fragmentário, entendendo que a primeira é a que mais se assemelha ao campo etnografado. Pois a configuração atual, de negociações de quem gere a prefeitura de São Félix e secretárias com comerciantes, motoristas de táxi, moto táxi, feirantes, e população como toda demonstra um campo tenso de disputas em andamento sobre o futuro dos espaços, mesmo com a promessa de condições melhores para todos os envolvidos. Já entre os diversos grupos que frequentam esses espaços não conseguimos perceber o mesmo campo de disputa híbrido e mais um modo fragmentário.

Se híbrido, um *lugar* é sempre um campo tenso de disputas e negociações. Se fragmentário, a afirmação da diferença se dispersa em distintas configurações espaciais. Em ambos os casos, a demarcação espacial de um *lugar* implica em zonas de fronteiras, escalas sobrepostas, áreas liminares, interstícios. (PROENÇA LEITE, 2008, pp. 42-43).

Diante disso, pude etnografar alguns desses espaços públicos e privados, eventos e atividades realizadas ali com intuito de entender de que forma se dá o uso da *rua* e a produção do espaço urbano, como exemplo do dia 25 de outubro de 2019, aniversário de emancipação de São Félix, mais especificamente o desfile de rei/rainha príncipe/princesa organizado pelo Grupo Social Transforma e que contou com presença maciça de moradores de várias gerações. A estrutura montada, para um pequeno show e a passarela do desfile ficou em frente ao Centro Cultural Dannemann que se encontrava fechado naquele dia. Ainda no mesmo dia na parte da noite por volta das 22h00 horas (vinte e duas horas), em palco montado ao lado da Ponte Dom Pedro II aconteceu show com grupos de arrocha locais e de Cachoeira. No final do mês de setembro também ocorreu à exposição de carros antigos durante fim de semana, além de shows musicais em determinado momento do evento que tomou quase toda rua a frente do Rio Paraguaçu e que fora realizado pelo segundo ano consecutivo. Abaixo relato dos dias em que pude estar presente no campo e etnografá-lo:

N: No dia 25 de outubro de 2019, transcorreu na orla da cidade o quarto desfile de príncipe/princesa, rei/rainha. Cheguei no local por volta das 14h50min min., o evento estava marcado para começar as 15:00. Já havia muita gente no aguardo sentada em cadeiras de plásticos colocadas em frente ao Dannemann e do lado da passarela montada. Deu-se início as 15h40min. com shows musicais em palco pequeno e que comportava somente os cantores (um de cada vez) e a bateria. Pouco mais tarde as 17:30 min. começou o desfile e o público que até então se encontrava disperso se ajuntou em uma multidão aglomerados ao redor da passarela para ver o desfile. Quem ficou atrás pouco viu e teve que ficar na ponta do pé para tentar ver. As crianças e adolescentes que participaram do concurso são todos moradores da cidade, e por isso, uma multidão de mães, pais,

tios, tias, irmãos, vizinhos torcendo e fazendo barulho a cada concorrente que desfilava, inclusive pelo menos duas famílias com cartazes apoiando os filhos. O corpo de jurado foi formado por cinco homens e mulheres do ramo da moda e da arte. O evento premiou os três primeiros lugares de cada categoria. (2019).

Os espaços públicos citados, sobretudo os equipamentos que se situam na Orla da cidade se configuram naquilo que José Guilherme Magnani (1996) chama de *manchas*, funcionam como ponto de encontro de referência, *manchas de lazer* que formam rede de sociabilidade.

Existe uma outra forma de apropriação do espaço quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências. São as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades. (MAGNANI, 1996, p. 19).

A paisagem de São Félix é formada por uma estrutura de casas construídas em morros e terreno íngreme, e que por parecerem planejadas conjuntamente para quem avista, entre moradores é comparada ao presépio exibido durante período natalino, assim recebe apelido de *cidade presépio*. Dentre um desses morros, na ladeira se encontra um Cruzeiro no alto que pode ser visto de diversas partes da cidade e de Cachoeira. Em outra ladeira, a do Milagre está posto o altar em homenagem a Santa Bárbara, cultuada também como *Iansã* dentro das religiões de matrizes africanas e a Fonte de Milagre. A festa de Santa Bárbara (Fotos de Romeiros em procissão abaixo) acontece todos os anos no mês de dezembro, desde início da década de setenta do século passado, cortejo em procissão e homenagem religiosa. Assim como muitas efemérides religiosas, o que se entende popularmente como profano aparece nos festejos de Santa Bárbara. Em 2018, acompanhei um bloco de homens travestidos¹⁹ de mulher que se concentraram durante algum tempo perto da Casa de Cultura Américo Simas, logo após saíram dançando e se divertindo em sentido a orla passando na rua em frente à Prefeitura. No carro de som que os guiavam tocava a música do estilo pagode baiano, enquanto os participantes coreografavam.

Figura 15. Romeiros de Santa Barbara 2019

¹⁹ Embora o bloco seja para homens travestidos, havia também mulheres e crianças participando da festividade.



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 16. Romeiros de Santa Barbara 2019



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 17. Romeiros de Santa Barbara 2019



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 18. Romeiros de Santa Barbara 2019



Fonte: Arquivo de pesquisa

Outra coisa expressiva na São Félix atual é o *baba* como é chamada a “pelada” ou “futebol de várzea” em alguns lugares da Bahia, ou futebol, sobretudo os de finais de semana e os campeonatos interbairros. No campo de futebol localizado no campo da Manga, entrada do bairro Salva Vidas acontece provavelmente o campeonato mais conhecido ou o que mais chama a atenção dos moradores da Sede e de comunidades consideradas de zona rural. Boa quantidade de torcedores lota os domingos pela manhã se fixando ao redor do campo protegido por alambrados. Quase que a totalidade dos homens com quem dialoguei até aqui, no desenvolvimento da pesquisa, *jogam bola*, é o lazer e diversão deles e alguns até levam mais a sério, exemplo de dois, um que é dono de um dos times que disputa o campeonato e o outro dono de escolinha de futebol no mesmo campo onde acontecem os jogos. Lembro de situação análoga que aparece no trabalho do Antropólogo Osmundo Pinho (2007) sobre a comunidade de Jardim Catarina, localizada em São Gonçalo – RJ, “O futebol, os amigos, o grupo da esquina, tudo parece ser mais importante, e os homens não parecem dispostos a alterar seu modo de vida, consolidado entre os pares na adolescência, em função da paternidade” (Pinho, 2007, p. 137).

Além disso, quando perguntei durante entrevistas o que faziam para se divertir e lazer muitos citaram o *baba* como principal atividade, em determinados casos alguns vão jogar até em vários campos e quadras da cidade e também em Cachoeira. O Futebol é, nesse sentido, elemento de forte sociabilidade dos envolvidos tanto os que efetivamente participam, quanto para quem organiza, como amigos e familiares. A pesquisa de Daniel Veloso Hirata (2005), que resulta no artigo “No meio de campo: “o que está em jogo no futebol de várzea?” realizado nas periferias de São Paulo. Através da narrativa inicial de Miranda, feirante e organizador de times que disputava campeonatos em comunidades da cidade, inserido no contexto a partir da década de 1970, Hirata procura demonstrar

que estão em *jogo* funções sociais e identificação para além do futebol em si, como exemplos da formação de cidadania dos jogadores e de garantia de direitos e deveres, violência, sonho de profissionalização dos times e jogadores, especulação imobiliária que diminuiu drasticamente o número de campos na cidade de São Paulo, etc.,

Talvez o maior evento festivo em São Félix na atualidade acontece no dia 23 de junho, véspera do dia comemorado o São João, embora normalmente não exista festa de forró, ritmo comum nas festas da época, em São Félix, já se tornou tradicional o arrastão de bandas de reggae²⁰, *Gomes & Family*. O circuito acompanhado de trio elétrico se inicia no bairro de Salva Vidas até o Centro, mais especificamente na direção da rodoviária onde fica parado com os músicos se revezando na hora de tocar. O arrastão do reggae é basicamente formado pela família de Edson Gomes²¹, seus filhos Jeremias e Isac e seu irmão Tintim Gomes, além de bandas convidadas de fora (Cachoeira e Santo Amaro), as camisetas da festa são vendidas antecipadamente em várias lojas da cidade. O evento conta também com a presença de público natural de outras cidades que aproveitam para curtir o reggae durante parte da tarde até por voltas das 23 horas. A respeito da forte presença do estilo de vida social e musical em Cachoeira, São Félix e cidades do Recôncavo, a dissertação de Barbara Falcon (2008), “O Reggae de Cachoeira, Produção Musical em Um Porto Atlântico”, revela parte da história de alguns músicos famosos e da importância do ritmo jamaicano na cena local e regional.

No final dos anos 70 o ritmo jamaicano começa a circular na Bahia, e no final da década surgem os primeiros trabalhos que tomam o Reggae como referência. Em Cachoeira, músicos como Nengo Vieira, Edson Gomes, Eddie Brown, Tintim Gomes e Geraldo Cristal passam a adotar o Reggae e a estética rasta como referenciais. As composições destes artistas trazem uma novidade em relação ao que se estava sendo produzido na Bahia até então, visto que passam a incorporar em suas letras um discurso político social. Já em 1988 a gravadora EMI lança o primeiro disco de Edson Gomes, intitulado “Reggae Resistência”, considerado um trabalho pioneiro no gênero em todo o Brasil. (FALCON, 2008, p.27).

Com o recurso da citação, e do vivenciado nos arrastões do reggae nos últimos anos fica evidente a forte influência do estilo para o local, dos músicos e letras que refletem o cotidiano daqueles que escuta. Constata ainda que a cultura reggae no recôncavo segue sólida mesmo após ter atravessado gerações, são pelo menos trinta anos desde a gravação do primeiro disco de um artista da região.

²⁰ São Félix e Cachoeira são cidades também conhecidas por conta da produção da música reggae desde a década de 1980.

²¹ Edson Gomes é nascido em Cachoeira, considerado por muitos como o maior representante do Reggae no Brasil e que tem muitas músicas tidas como clássicas a exemplo de “Camelô”. A dissertação de Ricardo Reina é relevante.

1.3 CONCLUSÃO

Na Antropologia Urbana se tornou comum a cidade ou parte da cidade como objeto de pesquisa central, diferente dessa ideia, o Centro Sanfelixta, local etnografado, é inserido no sentido de situar os homens negros dentro do contexto que vivem suas experiências. Leva-se em conta a ajuda da metodologia para entender de que forma masculinidades negras produzem o corpo masculino negro através de cenas observadas na cidade. Tendo o campo etnográfico como local de sociabilidade e lazer dos homens abordados. Como indica Michel Agier (2011), “[...] não é a partir da própria cidade que emergem os conhecimentos da antropologia urbana, mas a partir de uma montagem de sequências da vida urbana retiradas de uma ínfima parte do curso real do mundo. (2011, p.59)”. E Graça Índia (2010), os papéis da etnografia urbana não podem ser confundidos somente com o estudo da cidade em si, pois, consiste em “Debruça-se sobre um problema central na investigação etnográfica em contexto urbano: o da selecção das unidades de observação, ou, por outras palavras, o da escolha de um terreno que acaba por ser, em larga medida, o da definição do próprio objecto de estudo”. (Índia, 2010, p.111).

Embora o foco principal seja espaços onde foram realizadas as etnografias multissituadas acredito que em pesquisa desse tipo não se deve desprezar dinâmicas que acontecem na cidade como um todo. Entendendo que uma Antropologia urbana da/na cidade perpassa por uma análise da cidade ou de parte do território partindo do todo para as partes e fazendo também o caminho inverso. Não com intuito de reconstruir o pensamento total de moradores ou compreender todos os processos, mas sim na observação de espaços frequentados em parte pelos homens em contato para essa tese, contexto considerado como recorte e que aparecem dinâmicas de gênero, raça e mercado. As citações abaixo, a primeira de José Guilherme Magnani (2009) em artigo *Etnografia como prática e experiência* e na sequência trecho de texto de Filipe Reis (2015) servem como aporte para o discutido.

[...] é possível concluir, de uma maneira mais sintética, que a etnografia é uma forma especial de operar, em que pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para segui-los até onde seja possível e, numa relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, p. 73).

E em seguida Filipe Reis (2015) declara que:

Mais do que situar pessoas localizadas em territórios ou locais específicos, o terreno surge aqui como uma *démarche* que intenta mapear ideias e interesses, que procura rastrear redes de relações e mobilização de recursos. O evento público, na rua, seja uma festa, ensaio ou manifestação política, torna-se inteligível do ponto de vista antropológico através desse trabalho etnográfico de rastreamento e mapeamento. (REIS, 2015, p. 22).

Outro fator a ser colocado sobre a etnografia urbana e pela Antropologia da Cidade normalmente é que são/foram realizadas em grandes centros urbanizados e, ou que narrem a passagem dos períodos entre tradição e modernidade, o que não é o caso aqui. Trata-se, portanto, de etnografia em cidade de pequeno porte. Embora ouvisse de moradores o clamor a respeito da “falta de cultura”, São Félix atualmente mostra uma diversidade de elementos culturais já citados durante esse texto (Festas Populares e Religiosas, Samba de Roda, Reggae, Candomblé, Filarmônica, dentre outros), parte ligados a cultura negra. Assim como atividades de estudantes do Cerg, desenvolvida em 2017 demonstra a existência da diversidade próprias da cidade.

2 ETNOGRAFIA DE PRÁTICAS CULTURAIS JUVENIS DE ESTUDANTES DO CERG

A humanidade já chorou demais
 Tá pedindo paz
 Tá pedindo amor
 Eu não aguento mais toda essa miséria
 Que foi a Sociedade mesma que criou
 É pai matando filho, filho matando pai
 É a triste realidade parece não mudar mais
 É conviver com isto e pedir ao pai que é
 Só que nos tira o inferno que a gente faz

Refrão:

Fé no pai, fé no pai é só ele que tira o
 Inferno que a gente faz.

(**Redentor**/ Igor Santos/2017).

De princípio cabe lembrar que estudantes e alguns professores do Colégio Estadual Rômulo Galvão vem sendo colaboradores de atividades (exibição de filmes, rodas de conversa, grupo focal, etnografia, oficinas, entrevista etc.) do Grupo de Pesquisa Brincadeira de Negão desde 2013. A escola sempre foi parceira dos membros do grupo servindo como suporte para nossas análises (TCC, dissertação e teses) e foi/é *locus* de pesquisa proposto desde o desenho do projeto de doutoramento. Com isso, desde o momento de confirmação de moradia em São Félix (retorno para cidade em 2017), pude estar em contato com integrantes do CERG a procura de colher dados e informações das atividades feitas por eles no âmbito escolar.

Fundamental fazer mais uma sinalização sobre o que pensamos ser etnografia e situar autores já citados na parte que antecedente a essa, além de outros apresentados agora para acréscimo ao debate, (José Guilherme Cantor Magnani, James Clifford, George Marcus, Ruben George Oliven, Lígia Ferro, Johan Pujadas, Graça Índias Cordeiro), dentre outros que são peças-chaves para amadurecimento do trabalho de campo realizado (ou) desempenhado nesses dezessete meses. Embora nem todos utilizem o termo *etnografia multissituada*, ainda assim recorrem às técnicas desta, “este tipo de etnografia exploraria dois ou mais lugares e mostraria suas interconexões ao longo do tempo e concomitantemente” (MARCUS, 2016, p. 245). Perante as definições do que é esse fazer etnográfico e trabalho de campo pegamos de empréstimo para a confrontação da prática com a teoria a seguinte afirmação de Pujadas que cita a etnografia multissituada como execução possível, [...] *Por otra parte, a diferencia del modelo clásico de estudio detallado de una sola comunidad, hoy en día se tiende a hacer estudios de campo multisituados, es decir, que implican el estudio de diferentes*

unidades de observación dentro del área que constituye la unidad de análisis”. (Pujadas, 2010, p. 69).

A etnografia de eventos realizados no CERG (Colégio Estadual Rômulo Galvão) e em espaços “extramuros”, em sua maioria protagonizada pelos próprios estudantes ajuda a compreender a ampliação da noção de cidade e de que forma entendem e se preocupam com o território que residem. De modo que os dados etnográficos colhidos nas atividades são complementados com outros dados empíricos obtidos na relação de convivência em parte de São Félix-BA e das entrevistas. Para isso, são utilizados relatos de campo durante: eventos em celebração ao dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), 2017-2018, ambos encenados no Centro Cultural Dannemman na Orla; exibições de filmes e documentários proposto pelo Grupo de Pesquisa Brincadeira de Negão na escola, além de notas *avulsas* colhidas em dias reservados para etnografia na escola. Em último momento a exposição de fotografias feitas pelo próprio pesquisador contribui e tem finalidade de ilustração.

Em tese recente e inédita sobre o abandono escolar de jovens homens negros em que o Colégio Estadual Rômulo Galvão aparece como *lócus* de pesquisa interdisciplinar, Beatriz Giugliani²² (2019), descreve acerca do ambiente e comportamento dos estudantes:

No Colégio Rômulo Galvão, o espaço social, a meu ver, está constituído por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos. Seja na sala de aula, na hora do intervalo, no fluxo constante de estudantes nos corredores – nesse vai e vem de alunos e alunas com seus celulares, dividindo seus fones de ouvido com o (a) colega, nas incessantes falas súbitas tanto do vice-diretor como da diretora para que retornem às salas de aula. Seja ainda no que divide o tempo entre o antes e o depois do som estridente da campainha cortando o ar. O sinal da campainha que define o término de um período e outro, o início e o começo do intervalo. Todavia, em sua maioria, os estudantes não se movimentam a partir dele, muito menos se ele sinalizar o retorno para a sala de aula após o intervalo da merenda/recreio. (GIUGLIANI, 2019, p. 75)

A respeito do que denominamos aqui de práticas culturais juvenis, tema que aparece nas encenações dos estudantes na escola, a Antropóloga portuguesa, Lúcia Ferro (2016), no livro: “Da Rua Para o Mundo, Etnografia Urbana Comparada do *Graffiti* e do *Parkour*” pesquisa realizada, especialmente em Lisboa e Barcelona, assegura a seguinte informação sobre os jovens. “Os jovens mantêm práticas e interesses culturais diferenciados, tendo em conta as articulações que se estabelecem com as culturas dominantes e os universos de significado construídos na interação com os grupos de pares em determinados contextos”. (Ferro, 2016).

²² Beatriz é membro e ex-coordenadora de campo do Grupo Brincadeira de Negão desde sua fundação em 2013 e desde 2019 é doutora em Estudo Étnicos e Africanos pelo Pós-afro UFBA.

Ainda segundo a mesma autora, “Mais do que definir estas práticas subculturais e contraculturais, impunha-se compreender os tipos de configurações diferenciadas, envolvendo distintas práticas, discursos e projetos.” No decorrer do Sarau de 20 de novembro, em 2017, os estudantes do CERG apontaram pelos menos duas práticas artístico-cultural que consideramos significativas, sobretudo a respeito de apresentarem dois elementos do Movimento Cultural *Hip Hop* (*breakdance* e *graffiti*) e uma terceira, o *pagode baiano*, ambos de forte recorrência como produtor de identidades entre jovens negros, sobretudo nas comunidades periféricas da Bahia. Nesse sentido sobre processos criativos “caracterizados pela descontinuidade e fluidez”, Filipe Reis (2015) acentua da seguinte forma.

[...] fazer etnografia sobre processos criativos e dinâmicas sociais, caracterizados pela descontinuidade e pela fluidez exige do pesquisador um grande domínio das ferramentas “clássicas” do método e, simultaneamente, uma grande criatividade para contextualizar o que parece surgir como descontextualizado e situar o que parece como desterritorializado ou deslocalizado [...]. (REIS, 2015, p. 21).

O primeiro momento trata do Sarau realizado em 2017. Cheguei ao Dannemann por volta das 09h30min. o Sarau estava marcado para começar as 09h00min. o primeiro grupo já se apresentava. Todos se concentravam na área verde do espaço que estava lotado com pessoas em cima no mezanino, na parte de baixo e ao redor do que seria o palco das apresentações. Boa parte eram estudantes do CERG e uma minoria de outras escolas de São Félix, a exemplo do Balão Mágico. O próximo grupo de estudantes se organizava para tocar [...] parecia ser uma banda de pagode, instrumentos percussivos (congas, bacurinha e surdo), mais guitarra e um teclado todos comuns numa banda do estilo musical. Uma das estudantes da turma distribuiu entre o público presente folha de papel onde constava impresso a letra que eles iriam usar. Redentor era o nome da música. Tocaram pelo menos mais quatro músicas, em frente ao palco uma das professoras fazia sinal direcionado para o vocalista apontando para o relógio no pulso, “Eles têm que obedecer ao horário”, dizia ela. Segundo ela falou no microfone logo após que os meninos teriam excedido o limite de tempo acordado para cada turma. A banda era formada por estudantes do primeiro ano do ensino médio, turma 12 M1. Em determinado momento imaginei que aquilo seria um material e tanto. E que, de fato, são atividades as quais devem ser etnografadas com o uso da câmera para obtenção de imagens como recurso técnico, algo que ainda não possuía e adquiri logo depois. A diretora da escola ficou de disponibilizar algumas imagens feitas com a câmera da escola. Interessante o alvoroço que a musicalidade do pagode baiano causou nos expectadores, durante passagem de som da banda ouvir gritos e aplausos

a todo instante, muitos estudantes que participavam vieram mais para perto do espaço montado como palco.

Logo em seguida a turma do segundo ano, 12 M2 fizeram uma performance de grupo de dança, comum na atualidade misturando estilos musicais diversos, no caso aqui apresentaram coreografias em *pout-pourri* que contava com músicas de Beyoncé e do cantor colombiano Maluma, dos ritmos R&B e Reggaeton. Em parte da apresentação que uma moça e um dos rapazes encostavam os seus rostos fazendo insinuação a se beijarem de modo sensual as pessoas ao redor gritavam e faziam sons variados. Outro período marcante que aconteceu no Sarau de 2017 foi à exposição de alunos do primeiro ano do ensino médio encenando a música título desse capítulo e composição do cantor local de reggae Edson Gomes “Bela Cidade”, que imagina uma cidade “presépio” e como São Félix é denominada ao modo “nativo”, além disso, a utilização do ritmo para celebração da Consciência Negra demonstra que os jovens elegem elementos culturais e musicais diaspóricos, e torna a data contemporânea, pensando o reggae do recôncavo inscrito a partir de uma modernidade e territorialidade, para suas próprias representações. Em alusão ao reggae nascido na cidade da Cachoeira, BA, Falcon (2009), “As letras desses artistas também podem se constituir como uma barreira nesse sentido, pois tratam de componentes sociais (etnicidade, política e religiosidade) que se constituem como “tabu” para investidores e consumidores nesse mercado” (Falcon, 2009, pp. 123-24).

Ainda tendo em vista que existem estereótipos ligados a quase tudo que diz respeito à musicalidade reggae e admiradores. A escolha da narrativa presente na letra demonstra também o desejo dos estudantes do CERG por uma cidade melhor para se viver, sem genocídio e mortes banais, distante de tudo que seja diferente da São Félix atual, com políticas públicas emergenciais e que possam ser efetivas e constantes:

Bela cidade
Lindo presépio
Bela cidade
Lindo presépio
Filho de Deus, Menino
Ponha sua mão nessa represa
Que o homem infalível
É sempre falível
E a gente que nunca tem nada a ver,
Vive pagando sem merecer,

(Bela Cidade/Edson Gomes)²³.

Finalizando o Sarau no turno matutino, houve a atuação dos estudantes da turma de segundo ano do ensino médio 14m2. Trouxeram uma apresentação com elementos do Hip Hop. Cerca de doze jovens, meninos e meninas, fizeram algumas rimas criadas por eles mesmos e dançaram *breakdance*. Além disso, pixaram em um tecido branco a frase “Hip Hop 14m2 e um símbolo do coração”. Aqui me chamou a atenção à frase dita por um deles no microfone “Hip Hop não é só um ritmo musical”. Acrescentaria que é um elemento cultural e produz identidades. Seu conteúdo educativo pedagógico não formal já tem eficácia comprovada entre jovens. As celebrações de 20 de novembro, no Brasil, comungam já há algum tempo com uma África não mais “mítica” que se remete somente a ancestralidade pautada na tradição e religiosidade dentro do que se convencionou a ser chamado de Cultura Negra ou afro-brasileira e sim baseada em uma contemporaneidade. Atualizado através de elaboração do contexto local baseada muitas vezes no que vem de “fora” e, portanto, global. Podemos ampliar o formulado pela antropóloga portuguesa Ligia Ferro direcionado para o graffiti e o parkour, em consonância as atividades do Sarau, embora ela esteja narrando práticas na *rua*:

As práticas culturais urbanas, nas quais se incluem o *graffiti* também o *parkour*, são protagonizadas por atores que constroem formas de cultura urbana. Estas formas abrigam no seu seio diversos modos de mediação à escala local e global. Assim, o estudo destas práticas constitui um bom recorte teórico-empírico para pensar os processos dos quais se estabelecem projetos e identidades urbanos na contemporaneidade. (FERRO, 2016).

A letra da música utilizada como epígrafe que inicia a seção, *Redentor* composta pelo estudante do primeiro ano da escola, executada pela banda de *pagode baiano* expõe parte do que já se tornou hábito quase que diário na vida de muitos, condição que também me afeta no campo etnografado, o anúncio do genocídio de jovens homens negros. A redenção aqui viria com a ajuda e fé no *pai*, o senhor Jesus Cristo, que nos livraria de toda miséria e do “inferno que a gente faz”. Pensamento de um jovem estudante e vocalista cansado de presenciar violências dos diversos tipos e que busca através da arte e da música conscientização própria e de outras pessoas. A entrevista que fiz com moradora que coordena um Grupo Social (utilizada em partes no subcapítulo anterior) e trazida agora em trechos diferentes, serve, pois em determinado instante perguntei para ela sobre o assassinato por arma de fogo de jovens na cidade de São Félix. O que foi angustiante para ela rememorar sobre, já que tivera contato com alguns assassinados recentemente através do Grupo

²³ Acesso disponível em: <https://www.letras.mus.br/edson-gomes/396063/>

Social e pelo fato de ser moradora, por quase cerca de dois minutos tivemos que parar a entrevista, pois durante a resposta ela chorou. Um pouco sem saber como agir tentei desconversar e mudar de assunto, logo após seguiu.

Os negros das periferias são vítimas. Vítimas de polícia. Quando o jovem não acha oportunidade escolhe esse caminho de ser traficante. Com certeza também as melhores oportunidades não bateram à porta deles e acaba que eles são vítimas e fazem outras pessoas vítimas. Eu não saberia contar quantos jovens eu perdi durante nosso projeto, mas eu perdi muitos. Eu perdi parceiros que começaram comigo desde meu primeiro trabalho, ali pequenininho. Perdi primos, familiares e que estavam comigo desde o começo. Quando eu voltei de Salvador já comecei a fazer esses trabalhos aqui e esses meninos já encostavam. Tem meninos que tão lá já no cemitério, são mais de cinco meninos. (2017).

O episódio descrito na letra de *pagode* de um jovem estudante de escola pública e o trecho de cunho similar narrado por uma moradora de São Félix retrata algo que se tornou comum, e por ser uma cidade pequena, parece estar mais perto. Durante os anos de pesquisa várias vezes recebi mensagens de WhatsApp, e visualizei em grupos que participo, imagens de corpos tombados ou ouvi comentários nas ruas falando do assassinato de algum homem negro, supostamente envolvido com a criminalidade. Duas dessas mensagens chamaram a atenção pela quantidade de jovens negros mortos (seis) em curto espaço de tempo (menos de um ano), todos com idade entre dezessete e vinte e cinco anos segundo moradores, mortos pela Polícia Militar. Fato também que acontece corriqueiramente em Cachoeira, há poucos metros de São Félix.

Sobre o *pagode baiano*, citado acima, desde meado da década de noventa do século passado este tem sido o estilo musical de grande êxito na formação da identidade daqueles que aderem aos discursos e performances. Há uma diversidade de temas possíveis de problematizar manifestados pela musicalidade do *pagode*: raça/racismos; classe; sexualidade; consumo; gênero; genocídio da população negra, dentre outros. Com recurso a literatura existente sobre o tema, entre os anos de 2014 e 2016, realizei pesquisa de mestrado denominada *Pegada de Patrão*, na qual pude indicar uma gama de temáticas suscitados pelo estilo e de identificação de adeptos. Ainda em linha parecida Osmundo Pinho (2014) em conexão com Palombini (2014) indica:

O chamado “pagode baiano”, que mobiliza multidões em eventos públicos populares; que preenche massivamente as paisagens sonoras da Bahia contemporânea; que conta milhares de acessos nos vídeos disponíveis na internet; é, como o “funk carioca”, presença constante, no registro policial da violência, da degradação na esfera pública, e nos meios de comunicação. (PINHO, 2014, p. 01).

É inegável a condição periférica e sua formulação baseada a partir da negritude, tanto presente fisicamente nos membros dos grupos de fãs, mas ainda se faz atualizado no emprego de instrumentos musicais e culturalmente ligados a musicalidade afro-brasileiras a exemplos dos percussivos. Assim como não se pode negar o racismo institucional e cultural direcionado para o *pagode*:

Gêneros musicais associados com a cultura popular, negra, africana ou “favelada”, e seus praticantes, apresentam um longo histórico de presença nas páginas policiais, ou no registro jornalístico do crime, da desordem, da violência, da imoralidade, do “aviltamento” dos valores ocidentais – que poderíamos ler, brancos - no Brasil. (idem, p. 01).

O Sarau do Dia da Consciência Negra em 2018, transcorreu de forma parecida ao realizado no ano anterior. Notei que de forma diferente o Sarau de 2018, foi componente inicial de atividade maior, a Feira da Consciência Negra. A celebração da data se iniciou com a caminhada entre os estudantes, professores e outros profissionais do CERG, saindo da porta da escola, no bairro do Salva Vidas, passando pela rua principal de São Félix e em direção ao Instituto Cultural Dannemann, onde novamente (a respeito de 2017) aconteceu a atividade programada. A caminhada contou com cerca de cinquenta pessoas vestidas com as camisetas da farda (branca ou azul), e ao som de uma banda de Samba Reggae²⁴, formada em parte pelos próprios estudantes. Ainda nas práticas artístico-cultural foram encenado um musical, peça teatral elaborada em conjunto com a professora de artes, que recontou componentes das histórias de vidas de Luiz Gonzaga e de Lampião, contextualizando principalmente com a regionalidade de ambos, nascidos no Nordeste do país. Todos os meninos vestiam roupas características do sexo masculino no sertão (chapéu de couro, colete e bota). Foi interpretado massivamente o fato de nordestinos se tornarem retirantes em busca de melhorias na sua condição social e de seus familiares. A performance contou com traje adequado, enquanto as meninas faziam menção a realizar tarefas segurando peneiras e os meninos com enxadas e outros instrumentos.

Incluso na *Feira* montada nos espaços da escola, oficina de bonecas *abayomis* e que levou muitos estudantes, homens e mulheres a produzirem nas salas de aulas sob orientação de um dos professores e em seguida expostas em mesas colocadas defronte sala da coordenação. Procurei ilustrar por meio de nota (escrita em itálico) e fotografias esse cenário mencionado. Adiantamos que no último período da nota, sobre alguns estudantes se referirem aos bonecos feitos pelos outros colegas, apelidando de *boneco de vodu*, e o comparando fisicamente à pessoa que o teria feito depreciando as

²⁴ Samba Reggae é um ritmo musical genuinamente baiano e tem como principal inventor o maestro Neguinho do Samba na década de 1970, junto a Banda Olodum. O Samba Reggae é referência para criação de bandas do tipo em Salvador e em outros lugares.

estéticas de ambos é uma amostra de que eventos e reflexões como o realizado, a Feira e o Sarau, no dia da Consciência Negra devem ter suas atividades intensificadas para além dessa data, pois um debate racial mais presente diariamente nas escolas, ajudaria a diminuir e conscientizar de forma mais ampla jovens a respeito desse tipo de conotação racista entre.

No dia 20 de novembro, 2018 cheguei ao CERG por volta das 08h30min. O professor Israel, parceiro no Brincadeira de Negão e dessa pesquisa de doutoramento havia me falado que a montagem da exposição de bonecas pretas abayomis começaria uma hora antes da minha chegada, mas ainda alguns estudantes arrumavam a mesa e enfeitavam a parede com os dizeres “Brincando de Coisa Séria (dia) de Consciência Negra”. Encontrei com Israel e conversamos um pouco. Logo após falei com a diretora da escola sobre fotografar o ambiente da escola, ela permitiu, porém não sem antes perguntar o porquê. Tirei de cinco a oito fotos de alguns desenhos na parede da área externa e de algumas salas de aula. Passados alguns minutos, enquanto aguardava sentado em um dos bancos de concreto, vários estudantes vieram da direção de uma das salas com material para arrumar a exposição, basicamente três mesas pequenas juntas e cobertas com tecidos do tipo Tnt (“tecido não tecido”) das cores verde, vermelho, amarelo e branco. A arrumação da mesa durou cerca de 01h00min. Enquanto aguardava fotografei algumas bonecas e bonecos nas mãos dos estudantes. A conversa entre eles era dizer que o boneco ou boneca do outro parecia aqueles conhecido como boneco de vodu. (2018).

Figura 19: Bonecas abayomi



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 20: Bonecas abayomi



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 21: Bonecas abayomi



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 22: Encenação "De Lampião a Gonzagão"



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 23: Encenação "De Lampião a Gonzagão"



Fonte: Arquivo de pesquisa

Algumas observações complementares do comportamento dos estudantes, e ainda diversas idas ao Colégio Estadual Rômulo Galvão para aplicação de cronograma do Grupo de Pesquisa Brincadeira de Negão serviram de aparato metodológico para acréscimo de dados ao campo de pesquisa etnografado. Denomino de complementares dados colhidos em períodos que não havia tarefas programadas, porém são importantes pelo fato de se somar aos outros efetivados perante as atividades pré-agendadas. Os dados qualitativos apontados na sequência não estão colocados em ordem cronológica, mas levando em sim consideração o grau de inquietação que causa no pesquisador e relevância para a tese.

Chegamos à escola por volta das 9h: 00min. eu e Joaci²⁵(nos encontramos no portão de entrada). Partimos até a sala da coordenação onde encontramos o professor Israel. A intenção de ida ao CERG no dia foi de tentar agendar duas atividades do BN, palestra com o professor Edmar e rodar um documentário em outra data. A palestra ficou confirmada para daqui a oito dias (uma quarta feira). Nos corredores da escola percebi muitos estudantes nos corredores conversando, embora tenha nos afirmado um dos professores, “hoje todos os professores estão na casa”. Permaneci parte do tempo na sala da coordenação. A todo instante chegavam estudantes com dúvidas, sobre as apresentações no Sarau da Consciência Negra que iria acontecer no dia 21/11/2017. “Professor podemos dançar de short”? Interrogou um dos rapazes junto ao grupo de pelo menos mais cinco. (2017).

Já no dia 29 do mesmo mês, programado a palestra do professor Edmar, na escola o coordenador pedagógico nos comunicou que a diretora pediu que realizássemos após o intervalo, antes aconteceria a partir das 09h00min. Os equipamentos utilizados para palestra

²⁵ Joaci é graduado no curso de História da UFRB em Cachoeira, BA e a época era membro bolsista pibic no Grupo de Pesquisa Brincadeira de Negão.

já estavam montados no pátio (caixa de som, projetor e notebook). Então tivemos que aguardar mais um pouco. Edmar pediu para que pudéssemos migrar para uma sala de aula por conta da claridade que atrapalharia a exibição dos slides. Quando instalados na sala o coordenador da escola nos comunicou que os professores haviam liberado as turmas de terceiro ano, justamente as que participariam palestra os alunos. Ainda segundo o coordenador os professores sabiam da palestra. O público então foi esvaziado e somente duas meninas esperavam na sala. Pedimos desculpa a ela e falamos que a atividade seria agendada novamente. (2017).

Sobre o significado das passagens descritas é necessário acrescentar que ao falar de dificuldades encontradas durante a fase de campo me remeteu a célebre tribulação citada por Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978), vivida por etnógrafos em lugares considerados inóspitos e que indicaria segundo ele a etapa embrionária na vida etnográfica e pesquisa de campo:

Imagine-se o leitor, sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Tendo encontrado um lugar para morar no alojamento de algum homem branco – negociante ou missionário – você nada tem para fazer a não ser iniciar imediatamente seu trabalho etnográfico. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que possa auxiliar – pois o homem branco está temporariamente ausente ou, então, não se dispõe a perder tempo com você. (MALINOWSKI, 1978, p. 19).

Ao contrário do dito pelo autor, em trabalhos etnográficos do tipo que propomos cumprir, realizado na cidade e, em que o pesquisador reside nas imediações das instituições e espaços públicos e privados, os quais compõe o horizonte do campo a serem observados as tribulações se dão de maneira diferentes já que não necessita o pesquisador se isolar em locais inóspitos sem nada para fazer, ou morar em alojamento, embora a figura do informante na antropologia seja de extremo valor em determinado momento. Sucodem-se, por exemplo, em idas a campo e não efetivação de atividade previamente marcada como no caso da palestra do professor convidado Edmar e de outro dia que tentamos rodar um documentário na escola, ou de não realização de entrevistas por conta de não comparecimento da pessoa entrevistada. As coisas se fazem mais *próximas* nos modelos de Antropologia Urbana e Antropologia da Cidade. Os etnógrafos dessas duas correntes quando estão em fase de trabalho de campo residem na maioria das vezes no *próprio* lugar de pesquisa, e/ou proximidades, cada vez menos em locais considerados afastados e inóspitos. O momento etnográfico não é algo acordado entre pesquisador e um dado objeto, ele não se torna evidente no tempo exigido pelo pesquisador, por isso se fazer presente de modo firme no campo é providencial. Magnani assegura que.

Também o *insight* na pesquisa etnográfica, quando ocorre — em virtude de algum acontecimento, trivial ou não — só se produz porque precedido e preparado por uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva. Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. (MAGNANI, 2009, p. 74).

Já o artigo publicado por Osmundo Pinho (2016), no qual aponta desafios e emancipação da prática antropológica em São Félix e Cachoeira, BA, campo etnográfico que o Colégio Estadual Rômulo Galvão está inserido declara que.

Os fatos da vida social sobre os quais se debruça o antropólogo tem sua mesma objetividade, definida socialmente como obviamente significativa, pela ideologia e pela construção em perspectiva do ponto de vista – valor e categorias - dos sujeitos investigados, decalcados pela matriz interpretativa do etnógrafo. Ora, ele próprio é um sujeito de sua própria imaginação política e social, definida por um contexto histórico. (PINHO, 2016, pp. 04-05).

Morar nas imediações das instituições e espaço que aparecem descritos nas linhas acima e a seguir contribuíram também no processo de anotações do diário de campo dos *insights* que não escrevi no devido ato pelo fato de “não ser percebido” e das pessoas acharem estranho, embora nos locais me apresente como antropólogo e diga qual meu intuito ali, porém pode ser imprudente alguém praticamente desconhecido ficar fazendo anotações dentro dos espaços “Realizar trabalho de campo em cidades exige dos pesquisadores um esforço, talvez intenso, de circunscrição e delimitação do terreno e do objeto de estudo, e tal exigência implica da sua parte pôr em marcha um conjunto de estratégias para aceder e movimentar-se nelas”. (Reis, 2015, p. 14).

Nesse sentido, a memória teve que ser exercitada em períodos variados para composição do diário de campo e das notas. Outra estratégia foi de frequentar algum comércio local, restaurante, lanchonete e bar para aproveitar a estrutura com ideia de fazer anotações de algo que destaquei como imponderável. Essas anotações fazem parte do corpo de dados qualitativos, junto aos demais que na medida de sua eficácia ou semelhança daquilo que está sendo dito.

2.1 CONCLUSÃO

O capítulo teve como escopo descrever cenas da cidade de São Félix, BA, sobretudo pelo viés do *olhar* de moradores, estudantes do CERG, participantes das oficinas do Projeto Parceiros de escrita e outros interlocutores entrevistados com quem tive/tenho contato direto. De modo mais direto perceber de que forma essas pessoas e suas ações ampliam o conceito de cidade. As cenas ou cenas

etnográficas, sendo a primeira alegada a partir do texto de Will Straw (2004), “As cenas são uma das infra-estruturas da cidade para a interação, troca e instrução” (Straw, p. 413), temos nos referido a respeito dela para designar o conjunto de práticas e dados que reforçam o argumento inicial.

Tratando-se dessa seção, no qual a procura foi de estabelecer como *lócus* considerável da pesquisa etnografias em momentos que aconteceram no Rômulo Galvão ou entre estudantes da escola referida em outros espaços físicos, a discussão de práticas culturais juvenis que no seu bojo levantou também discussões a cerca de: raça e racismo, identidade, violência, gênero, classe, genocídio, pertencimento, dentre outros teve seu objetivo alcançado na medida em que serviram como ambiente para apontar problemáticas existentes tanto na escola, quanto na cidade de São Félix e sociedade como um todo. Como resultado desse contato pôde-se cumprir toda uma agenda pensada ainda no pré-projeto e que culminou numa aproximação junto a participantes predominantes nas atividades relacionadas à pesquisa de doutoramento.

Parte dessa exposição será retomada no capítulo seguinte, especialmente o que envolve questões ligadas a masculinidades negras do modo como pretendo destrinchá-las melhor enquanto produção de gênero nos locais etnografado na cidade de São Félix (Barbershoper Black Power, Mototáxi). A seção reunirá revisão de diversos trabalhos sobre masculinidades produzidas em inúmeros contextos, que considero uma multisituacionalidade construída de vários modos e configurações. Mara Viveros Vigoya (2018); Miguel Vale de Almeida (1995); Fátima Regina Cecchetto (2004); Richard, Miskolci (2012); Rolf Malungo de Souza (2012); Osmundo Pinho (2004 e 2018) e outros autores que ajudaram a confirmar a proposta de masculinidades multisituadas ou multifacetadas.

3 MASCULINIDADES MULTISSITUADAS, REVISÃO TEÓRICA E CONTEXTO DA PESQUISA

[...] precisamos reconhecer os intensos investimentos sociais e políticos que afetam as posições e identidades dos sujeitos masculinos na invenção da vida social, com todas suas contradições e ambiguidades. (PINHO, 2019, p. 105).

Nesse capítulo parte-se da afirmação de que as masculinidades e a masculinidade negra como identidade de gênero podem ser reproduzidas ou representadas de diversas formas. Daí foi levantada a hipótese de uma masculinidade multissituada - que deve concentrar toda a atenção etnográfica e teórica - e que pudesse dar conta das reproduções masculinas exercidas pelos homens em vários momentos de suas vidas, com a suposição de que são distintas. Ao passo que o corpo negro masculino é inserido na sociedade de formas diferentes e através de interesses apropriados para cada situação decorrente, tanto negativamente no reforço de estereótipos a hipersexualidade, virilidade e raça, quanto tomando esses mesmos estereótipos como positivados. Assim fazendo uso dos elementos que compõem o conjunto da masculinidade hegemônica, nenhum homem parece obter os mesmos níveis de privilégio masculino (ou não possuem privilégios) e respeitabilidade, no local de trabalho; em casa (meio familiar) e entre amigos (no lazer), os graus tendem a variar.

A seção foi subdividida em duas partes. Na primeira apresenta-se em particular estudos etnográficos sobre masculinidades que estão enquadrados dentro do referencial aqui denominado como “multissituadas”, pesquisas realizadas por autoras e autores em unidades de análises e instituições múltiplas. Já na segunda parte, atraído pelo interesse em contribuir para acréscimo de sugestões empíricas a modalidade de masculinidades multissituadas propomos como campo etnográficos a *BarberShoper Black Power* e um Mototáxi, ambos em São Félix-BA. Interação com agentes masculinos importantes que contribuem para configuração do espaço físico, além de histórias narrativas ali construídas tomadas como destaque. As idas a campo para observação e realização de entrevistas nas duas unidades etnográficas passaram por períodos diferentes, dois entre os mototaxistas (2018 – 2020) sendo na *barbershoper* adicionado um período a mais (2018, 2020, 2022), no abrandamento da pandemia da Covid 19 e do isolamento social, levando em consideração a reforma estrutural no espaço, o que modificou parte da dinâmica e interação deles. Na definição do cronograma de pesquisa, segundo semestre de 2017, defini dias opostos para os dois espaços, embora a etnografia só tenha sido efetivada, de fato, a partir de janeiro de 2018.

Exemplos de análises sem perder de vista o objetivo geral da tese de compreender como a produção de masculinidades, no contexto considerado, desdobra-se para como ocorre a produção do corpo masculino negro, objetificado por dinâmicas de gênero, raça e mercado, produzindo

masculinidades negras ao mesmo tempo fetichizadas e pouco exploradas criticamente. As duas etnografias e demais técnicas de levantamento de dados que direcionaram as linhas seguintes foram pensadas com a finalidade de buscar coisas semelhantes entre barbeiros, clientes frequentadores e pessoas que passam pela frente dos espaços, na *BarberShoper* e em ponto fixo de Mototáxi que fica localizado “na boca da Ponte”²⁶. Assim como comparações e ausências puderam ser caracterizadas diante de aspectos apresentados nas dinâmicas, diálogos e entrevistas referente a: mercado de trabalho como afirmação da identidade do homem negro; dimensões da violência; futebol; masculinidades; sexualidades; raça/racismo; corpo negro masculino, estética; técnicas do corpo, homosocialidade e outros.

Os textos de pesquisadoras e pesquisadores mencionados na primeira parte buscam dialogar entre si, na medida em que os temas abordados são correspondentes, ou seja, se completam e auxiliam no entendimento de dar sentido a nossa proposição de masculinidades produzidas em diversos locais da vida social dos homens negros. Passa-se também por ocasiões de concordâncias e discordâncias observadas em sentido a pesquisa que realizamos. Violência, Gênero e Sexualidades; Consumo e Socialidade; Masculinidades, Raça e Classe; Masculinidades Negras e Genocídio; Masculinidade e Religiosidade; Masculinidade Hegemônica são alguns dos temas e conceitos essenciais que enriqueceram todo o processo para entendimento de uma masculinidade multissituada. O que cada um (a) dos (as) autores (as) propõe sobre masculinidades que podem ser agregados a tese de masculinidades multissituadas? É basicamente a pergunta que atravessará todo o subcapítulo de revisão. Como dito, e acrescento outros(as), as principais autoras e autores utilizados são: Mara Viveros Vigoya (2002; 2018), Joanice Conceição (2017), Cássio Bruno de Araújo Rocha (2016), Richard Miskolci (2012), Fátima Cecchetto (2004), R.W. Connell (2003), Miguel Vale de Almeida (1995), Rolf Malungo de Souza (2019), Leonardo Fabián García (2015), Osmundo Pinho (2004; 2015; 2019), e outros (as) avaliados não menos importantes para desenho da pesquisa e elaboração da escrita.

Retomando a reflexão sobre a etnografia realizada na *BarberShoper Black Power*, e no ponto de Mototáxi na “boca da Ponte” acredito que antes de desenvolvê-la de forma total com ênfase maior aos personagens masculinos que acompanhei durante cerca de dezesseis meses na somatória dos períodos, em subcapítulos ou capítulos a seguir, faz-se indispensável indicar quais linhas metodológicas e técnicas de pesquisa foram utilizadas para que pudéssemos chegar às conclusões

²⁶ Modo como os moradores da cidade chamam a saída ou entrada da Ponte Dom Pedro II, que liga principalmente os municípios de Cachoeira, e São Félix, BA

possíveis. Foram feitas cerca de trinta e cinco idas a campo para estabelecimento do trabalho etnográfico (entre 2018 e 2020, depois retorno em 2022), contato quase que permanente com membros proprietários e clientes/frequentadores dos espaços e clientes/passageiros dos mototaxistas, tendo em vista a rotatividade desses para realização de entrevistas (contato por redes sociais), além de outras dezenas de vezes que fui como cliente desde 2018. O aproveitamento de fotografias tiradas do ambiente físico, sobretudo da *Black Power*, dos cortes de cabelos e clientes é outro meio de levar ao leitor que nunca foi a São Félix, BA, e na barbershoper, memórias e ações próprias do local, o modo como os agentes imaginam e praticam suas atividades diárias.

Diferentes modelos de obras sobre masculinidades e aquelas que aproximamos a essa temática foram acessadas para construção da tese de doutoramento. Referências bibliográficas, fílmicas, musicais, dentre outras expressões artísticas, estruturam a escrita da revisão nos subcapítulos dessa seção, ambos buscam discutir de modo entrelaçado o material em questão, pois entendemos dialogar entre si e no campo das masculinidades ainda em desenvolvimento no Brasil, que teve amplo crescimento na última década, haja vista o número de eventos acadêmicos, livros publicados, documentários e filmes sobre o tema. De início faz-se necessário sistematizar referencial comum nos estudos a respeito da masculinidade negra, o genocídio do homem negro, já sinalizado no capítulo anterior quando descrevemos parte da cidade de São Félix, BA, e que em trabalhos dessa natureza devem ser a mola propulsora, pois tem sido um dos obstáculos contra a preservação do corpo negro masculino. Aqui a ideia é de avançar nas referências sobre a temática em solo brasileiro, com citações recorrentes a cidade e região nas quais a pesquisa tem sido desenvolvida.

3.1 QUAL CAMINHO ESCOLHI SEGUIR?

Após elencado parte das referências bibliográficas que nos levaram a pensar as masculinidades multissituadas, ressaltamos mais detalhadamente essas elaborações de estudos de identidades masculinas e masculinizadas em múltiplas unidades de análise e instituições diferentes, essencialmente alguns trabalhos feitos a partir da aplicação de base etnográfica e com análises socioantropológica como as pesquisas de Joalice Conceição (2017) parte em Cachoeira, BA, junto ao afamado grupo religioso da Irmandade da Boa Morte e no Culto de Babá Egum em Ponta de Areia na Ilha de Itaparica, também na Bahia. Victor Hugo Barreto (2017) em etnografia realizada em casas/boates de festas para homens na capital do Rio de Janeiro. Ainda o trabalho empírico de Rolf Malungo de Souza (2019) com homens no subúrbio carioca ou a pesquisa

densa de Mara Viveros Vigoya (2002) entre homens *Quibdosenos* na Colômbia, do qual pude retirar uma das mais elucidativas definições de masculinidades negras. E por fim, o trabalho de campo de Miguel Valle de Almeida no clássico *Senhores de Si*, outra obra sobre masculinidades que orientou o caminho teórico-metodológico do pesquisador e dessa tese como um todo. A pergunta indicada no título versa especialmente sobre esse caminho que foi embasado por trabalhos tanto etnográficos, mas que pressupõe metodologias para pesquisas na grande área das Ciências Sociais.

No campo da metodologia e do uso da etnografia como método praticado pelos autores acima, início com “Violência e estilos de masculinidades” de Fátima Regina Cecchetto (2004), temática que aparece na revisão teórica, no que tange aos materiais que se aproximam em alguns momentos e se diferem em outros com o estudo de masculinidades feito em São Félix. Tipo de discussão recorrente dentro do debate de masculinidades, pois são os homens os principais provedores de inúmeros tipos de violência, no caso relacionado ao livro da autora, violência urbana em favelas e comunidades periféricas no Rio de Janeiro, através das rixas com grupos rivais e inimigos denominados de “alemão”, além de jovens mais abastados economicamente moradores de bairros nobres. Cecchetto trabalha basicamente com o que denomina (e também aparece de modo êmico) de galeras *funk*, charmeiros (nome dado a frequentadores de espaços para dançar o charme) que é na maioria das vezes associadas a grupos formados por homens jovens frequentadores de bailes. Eles assumem o que Alba Zaluar denominou de *etos guerreiro* conforme citado no livro “Neste trabalho, estou lidando com a masculinidade como uma categoria social e histórica, ainda que o enfoque recaia sobre o mundo masculino atual. O que procuro apresentar são situações ou grupos sociais em que se encontram significações diversas para a violência e a masculinidade”. (Cecchetto, 2004, p.40).

Homens de classe média, moradores da Zona Sul carioca, lutadores de jiu-jitsu e que se envolvem em violência urbana, conhecidos na época como *pit boys*, ganham lugar como mais um objeto de análise para essa junção entre brigas de galeras ou entre grupos de jovens homens e masculinidades. O leitor mais inteirado com o conteúdo poderá rapidamente se referir ao conceito de masculinidade tóxica atual nas discussões sobre masculinidades. Algo que pretendemos realizar mais a fundo em um único capítulo, tamanho as inquietações emergidas no campo das identidades de gênero masculinas. Segundo Fátima Cecchetto.

No período da pesquisa, dois tipos de baile *funk* predominavam no circuito: os bailes de “clube” e os bailes de “comunidade”. Nos primeiros, foi estabelecida uma linha divisória (imaginária) que separava as galeras amigas – lado A – das inimigas – lado B. essa linha,

denominada “corredor”, era uma espécie de arena de combate onde turmas de rapazes dançavam, ao mesmo tempo em que se enfrentavam a socos e pontapés [...]. (*idem*: p.117).

A autora traz juntamente o que interpretou dentro da construção de masculinidades apresentadas por membros das galeras através da linguagem e seus comportamentos perante os demais no baile *funk*. Apelidos que fazem insinuação direta com a sexualidade, sexo ou fragilidade masculina, um pouco do que demonstrarei entre os frequentadores do BarberShoper na seção posterior a essa, “[...] os apelidos remetem a ambiguidades como PM (Pica-Murcha), Negueba (diminutivo de negão), Leleco (menino novo)”, (*idem*: p.125). A respeito das masculinidades que não cumprem o desempenho viril desejado para os homens a pesquisadora levantou que.

“Pilhas fracas” e “buchas”, por exemplo, são atribuições hostis dadas aos que no enfrentamento “tomam prejuízos”, ou seja, os que só apanham, pondo, portanto, em causa o dispositivo central no modelo hegemônico, que é o da primazia da participação ativa no confronto. Os “peidões” e “bundões” são tidos como os que fogem dos confrontos por medo ou covardia. (*ibidem*: p.123-24).

Os lutadores de jiu-jitsu que praticam agressões nas ruas apelidados de *pit boy* do mesmo jeito produzem um tipo de masculinidade viril e (auto) destrutiva, a qual cometia violência de forma gratuita entre outros homens, mulheres e homossexuais, “O panorama sobre a violência e agressividade dos *pit boys* indica que estaria ocorrendo um desvirtuamento da finalidade saudável e de liberação controlada das emoções pelo esporte” (*ibidem*, p.166). A produção de masculinidades para esse grupo social é associada à ideia de força e ser bombado. Cecchetto afirma que.

Resta afirmar que tenho como hipótese que a busca do corpo forte é tentativa de obter um desempenho adequado a uma nova ordem social contemporânea na cidade do Rio de Janeiro, como um território marcado pela violência urbana. Por isso, busquei verificar como a noção de corpo forte de lutador se vinculava uma idéia de masculinidade, a partir de critérios que diferenciam homens mais ou menos engajados na aquisição de técnicas de luta visando construir seu capital cultural. (*ibidem*: p.171).

Outra referência de *masculinidades multissituadas* são dois trabalhos da antropóloga e feminista negra Mara Viveros Vigoya (2002; 2018), nascida na Colômbia, ao revisar o debate de masculinidades na “Nossa América”, termo empregado para se referir a América Latina faz levantamento de dezenas de materiais sobre as masculinidades na região, passos que pontua com sua pesquisa realizada entre homens na Colômbia e divulgada desde 2002, no documento *De Quebradores e Cumplidores*. Da investigação pode ser extraída episódios que fazem link com a exploração que temos feito em São Félix, BA, contudo colocações no que concerne a produção de

masculinidades e tipos de violência nortearam a ideia de unidades masculinas multisituadas, embora não descartemos os demais argumentos postos no decorrer do livro. Incide em trazer posições e conclusões próprias da autora resultante da sua vasta leitura do referencial teórico revisado e do contato direto no campo etnografado. As masculinidades produzidas na nossa região são alicerçadas por atmosferas de diversos tipos de violências “históricas, estrutural e cotidiana” (Viveros Vigoya, 2018). Ela se mantém reiterando.

“Se o senso comum tende a associar o termo violência aos homens e às masculinidades em uma perspectiva causalista e fixa, diferentes trabalhos coincidem em mostrar que violência não pode ser considerada como o efeito de uma só causa, seja esta a pobreza, o racismo, o sexismo, o desemprego, o alcoolismo, ou a influência dos meios de comunicação. (VIVEROS VIGOYA, 2018, pp.162-63).

Em parte, seguinte do seu livro, Viveros Vigoya insere preocupação com a violência dos homens e de gênero de projetos de intervenção com homens, sobretudo situados na Colômbia, intenção que demonstra desejo de mudança dos homens que participam dessas intervenções e principalmente da sociedade como um todo. A Violência aparece em alguns projetos como exercício de poder e fragilização dos direitos humanos, ou como efeito do patriarcado e do machismo (Viveros Vigoya, 2018). No texto a autora faz seis recomendações após avaliar as atividades dos projetos, entre as quais reproduzimos duas em citações abaixo. Organizações – ou intervenções - que se equiparam as feitas pelo Coletivo Brincadeira de Negão em atividades diversas acerca das masculinidades e que possam discutir entre jovens homens negros em São Félix-BA e Cachoeira-BA, para além da produção de masculinidades, mas sexismo, machismo e violências de gênero. Algo que apresentamos no capítulo final com a etnografia junto ao projeto *Parceiros de Escrita*, e utilização da música *rap* como interface para as discussões. É nessa interação, e outras aplicabilidades que a pesquisa da autora colombiana tem se aproximado das masculinidades multisituadas.

Promover trabalhos para todos os homens e, não apenas para os agressores ou veteranos, com o entendimento de que o gênero enquanto estrutura torna todo homem cúmplice da violência de gênero, de uma forma ou de outra – por ação, omissão, cumplicidade, indiferença ou recusa. Ao mesmo tempo, continuar a desenvolver intervenções específicas de acordo com o tipo de homem implicado em atos violentos, com projetos concretos levando em conta as diferenças de idade, de orientação sexual e de identidade de gênero, de origem étnica/racial e de origem rural ou urbana. (*idem*: p.170).

Ou ainda na proposição de. “Identificar os mecanismos utilizados para gerar imagens da masculinidade que reforcem suas expressões hegemônicas não apenas nas mensagens publicitárias, mas também nas campanhas e nos discursos políticos” (ibidem, p.170).

Já a etnografia de Rolf Malungo, feita durante encontros etnográficos de sociabilidade masculina entre homens em *churrascos* realizados no subúrbio carioca, fenômeno periférico que é encontrado em boa parte do país, foi outro trabalho de campo crucial para entendimento das masculinidades multissituadas. Principalmente por tratar de assuntos idênticos ao que definimos nos objetivos da pesquisa, a saber: sexualidade; sexo; lazer e sociabilidade; classe; construção social do gênero masculino, rivalidade entre homens etc.

Sobre o que falam e como se expressam os homens em *A Confraria da Esquina*, quando estão reunidos somente entre eles, longe das suas esposas e namoradas, propósito que ventilamos no subcapítulo posterior no qual apresenta-se unidade do campo etnografado. O autor expõe diálogos semelhantes aos encontrados entre os frequentadores da *BarberShoper Black Power*, um dos locais do trabalho de campo em São Félix. Essas noções dão a entender a existência do que podemos chamar de *solidariedade masculina* entre os grupos sociais. Fala-se de tudo aquilo que fez ou desejaria fazer em relação à masculinidade viril, sexualidade e sexo praticado com alguma mulher. Acerca da observação ensejada revela a etnografia de Rolf em bairro do subúrbio carioca.

Inicialmente as conversas giram em torno da partida de futebol: quem jogou bem ou mal, e são feitas comparações com outras partidas. A conversa é sempre em tom de brincadeira, o jeito aparentemente agressivo nada mais é que galhofa: fala-se alto, gesticula-se muito, os membros são brandidos, mas ninguém sai ofendido. (MALUNGO, pp.68-69).

Aqui na Bahia, mais especificamente em São Félix, é comum o evento *churrasco* servir como uma roda de sociabilidade masculina, pois junta pessoas de determinados grupos sociais durante os finais de semana ou feriado para “assar uma carne” e consumir bebidas alcoólicas, especialmente no dia de aniversário de alguém e depois do *baba* ou do jogo no campeonato interbairro de futebol, servem como pretexto para farra durante horas. Isso sempre acompanhado de músicas tocadas de modo mecânico (caixa de som, porta-malas de carros e outros) – As bebidas alcoólicas variam de cervejas a uísque e vodkas acompanhados de energético. Em respeito ao falado pelos homens nesses espaços novamente Rolf Malungo (2018), estabelece um fator que deve ser notado, pois pode gerar dubiedade.

[...] Apesar de as conversas girarem em torno de mulheres, ou carros, o tema central são os próprios homens. Pode parecer estranha, e contraditória, tal afirmação, mas ao analisar as histórias que são contadas, percebemos que o personagem central não é a mulher, seja ela

real ou não, ou um outro homem com quem se disputa prestígio. O centro da história é o homem. (MALUNGO, *idem*: pp.69-70).

Para discussão da masculinidade enquanto identidade de gênero, a etnografia de Miguel Valle de Almeida (1995), entre os moradores da Aldeia de Pardais, no Alentejo, Portugal, é crucial por buscar fazê-la, como ele mesmo afirma, “Partindo da teoria crítica feminista, pretende suprir a ausência dos homens nos estudos do gênero e fornecer uma interpretação dos discursos e práticas da masculinidade, enquanto construção social e objecto de disputa pelo seu significado cultural” (Valle de Almeida, 1995, p.01).

Tipo de discussão que normalmente aparecem em alguns trabalhos detalhado em revisão teórica separados em capítulos ou na introdução, que intercala a discussão de gênero presente em obras clássicas do feminismo e estudos de masculinidades, a exemplos de (Cecchetto 2004; Viveros Vigoya 2002:2018; Joalice Conceição 2017; Gimerson Oliveira 2017; Cássio Bruno de Araujo Rocha). O autor português parte para o campo etnográfico com duas perguntas principais, embora admite que elas foram diluídas durante a pesquisa. As outras questões são norteadas pelo conceito de masculinidade hegemônica, “Parece-me central o uso da noção de «masculinidade hegemônica», ou seja, não o «papel» masculino, mas sim uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades” (Valle de Almeida, *idem*: p.97). Modelo que boa parte dos homens exerce em determinadas etapas da vida.

Será que em contextos da cultura oral a masculinidade hegemônica é mais resistente à mudança, por oposição a contextos letrados, urbanos e modernos? Até que ponto se pode falar de dominação masculina e até que ponto os agentes dessa dominação não são eles também vítimas dela? (VALLE DE ALMEIDA, *ibidem*: p.05).

Senhores de Si se torna um documento precursor, pois se trata de época a que tipos de análises da masculinidade na prática quase não existiam ou eram raras, através da etnografia e técnicas de coleta de dados, o que trouxe para Miguel Valle de Almeida a ingerência de criar seu estilo próprio para entendimento do objeto. Importante mencionar aqui a definição ou definições de masculinidades, além das hegemônicas ou subordinadas, tomados de empréstimo principalmente de R.W. Connell e nas quais o autor se apoia como caminho teórico a ser adotado, algo que deve ajudar no entendimento melhor do objeto de pesquisa, pode servir conforme um espelho. A definição de Pierre Bourdieu (1990), em *A dominação masculina* oferece a Miguel Valle de Almeida um complemento da masculinidade hegemônica, “A dominação masculina não necessita de justificação, estando à visão dominante expressa nos discursos como os provérbios e poemas” (*ibidem*, p. 97). O antropólogo

português extrai dos escritos de Bourdieu a seguinte citação que auxilia na assimilação daquilo que pretende analisar “[...] O *habitus* masculino constrói-se e cumpre-se em relação como espaço reservado onde se jogam, entre homens, os jogos da competição, estabelecendo uma dissimetria entre homem e mulher nas trocas simbólicas, uma dissimetria de sujeito e objecto, de agente e instrumento (ibidem: p.98).

No que concerne ao conceito de hegemonia o autor retoma o estruturado por Gramsci — e compara ao estudo de gênero e as masculinidades analisadas em Pardais, idealizando assim sua própria concepção do que seria a hegemonia aplicada na prática. No Brasil, temos os comentários de Carlos Nelson Coutinho e da filósofa Marilena Chauí como pioneiros nessa discussão de hegemonia pautada no elaborado na teoria de Gramsci, esta última ao assimilar nas suas pesquisas o nacional e o popular através do estudo da Cultura. Para Valle de Almeida:

O conceito permite uma concepção mais dinâmica de masculinidade, entendida assim como estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não hegemónicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemónico, sustentado pelos significados simbólicos «incorporados» (ibidem: p.100).

Finalizando a revisão de *Senhores de Si*, exposta com alvo de traçar elementos que possam ajudar na proposição de masculinidades situadas. Cito a descrição empreendida pelo autor em um Café (taberna) na Aldeia de Pardais, como uma unidade ou local genuinamente masculino, ponto de encontro entre os homens de lá, com a questão, “O que é que se passa no café, para ter tanto interesse para a compreensão da masculinidade?” (ibidem: p.122), e segue dizendo que, “Tal como a taberna, são frequentados quase só por homens”. (ibidem: p.121). Algo comum que enxerguei nos frequentadores/clientes, na *BarberShoper Black Power* na cidade de São Félix, BA, território do recôncavo, em outras proporções e contexto. Sobre os tipos e classes dos homens que frequentam as antigas tabernas, transformadas em Café, historicamente. “Neste sentido, os cafés continuam a cumprir a função da taberna: locais para a interacção de um grupo social específico, o dos homens da camada operária, aqui correspondente ao anterior grupo dos trabalhadores rurais” (ibidem: p.121).

O modelo da masculinidade é competitivo e hierarquizante, incluindo por isso o espectro da feminilidade nas disputas pela masculinidade. Tenta-se, na competição, feminilizar os outros: pelos gestos de convite sexual que transformam a vítima em «mulher simbólica», pelas brincadeiras que envolvem o apalpar dos traseiros, ou mesmo pela competição monetária, já que a capacidade económica se associa ao lugar na hierarquia social e esta socorre-se da metáfora da dicotomia masculino/feminino e activo/passivo. [...] o recurso ao tropo da homossexualidade é recorrente. Esta é sempre entendida como desempenho de um papel passivo, penetrado, numa relação sexual fantasiosa, em que o «activo» e penetrador não perde, pelo facto, masculinidade (ibidem: p.125).

A pesquisa da antropóloga baiana Joalice Conceição (2017), é notada nessa revisão, não somente pelo fato se tratar de etnografia que dá margem a uma masculinidade multissituada, mas, sobretudo por se estabelecer, em parte, próxima do cenário analisado na tese de doutoramento, no caso dessa segunda em São Félix, BA, enquanto a autora analisa as masculinidades em uma unidade etnográfica *do outro lado da ponte*, em Cachoeira, entre integrantes da Irmandade da Boa Morte. Duas perspectivas são emblemáticas para desenvolvimento do trabalho dela em Cachoeira e em Ponta de Areia, os rituais mortuários e as performances negras. Para isso, recorre a autores que ocupam o papel teórico-metodológico, a exemplo de Victor Turner, Richard Shechner, Erving Goffman, Marcel Mauss. Dentre esses autores pude revisitar principalmente Mauss e Goffman. Aqui gostaria de trazer sobretudo explanação acerca do que aparece em Marcel Mauss, sugestões de noções de técnicas do corpo que servem como um fio condutor para argumentar sobre a produção das masculinidades através do uso que esses homens fazem do seu próprio corpo, “Entendo por essa expressão as maneiras como os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. Em todo caso, convém proceder do concreto ao abstrato, não inversamente” (Mauss, 2017, p. 421). Já Conceição (2017) traduz da seguinte forma:

É através do corpo que o homem põe em prática suas ações, para se firmar enquanto agente de transformação ou como manutenção de uma tradição. Nesse sentido, os atos performativos, os atos culturais elaborados e restaurados dentro dos grupos afro-brasileiros recriam referências para a construção de identidades múltiplas que delineiam em linguagem expressiva distinta capaz de revelar a vitalidade de cada participante no jogo ritual; cada indivíduo entrega-se na tentativa de apreender as técnicas que melhor lhe convém. (CONCEIÇÃO, 2017, p.131).

Já algum tempo diante das pesquisas sobre masculinidades que tenho realizado esse uso feito especificamente pelos homens como *performance* ou produção de masculinidades aparecem como perspectiva de análise. É possível pensar por exemplo, numa estética corporal, tanto através das vestimentas e adereços utilizados, como na corporeidade exibida pelos homens durante gestos nos modos como se sentam, andam e nos modos de fala e se expressar com o outros.

3.2 CONCLUSÃO

Essas são algumas formas de como esses trabalhos têm contribuído para elucidar dúvidas em relação a masculinidades como objeto de pesquisa. Cito ainda os modos como percebi o comportamento dos homens durante etnografia realizada no Barbershoper Black Power e postas no

subcapítulo posterior, justamente as brincadeiras com conotações sexuais, as falas e gestos corporais ali produzidos cabem na descrição feita.

Pode-se pensar na contribuição das autoras e autores para definições de masculinidades, exemplos de Joalice Conceição (2017), semelhante a Miguel Valle de Almeida (1995), retoma o conceito de masculinidades hegemônicas em R.W. Connell e as percebe diante dos cultos religiosos, “a masculinidade hegemônica se faz no espelho da suposta feminilidade subalterna, sendo que todas as estratégias são produzidas tendo como alvo o domínio das mulheres” (CONCEIÇÃO, *idem*: p.141). O conceito foi brevemente discutido no quarto capítulo desse trabalho na análise crítica ao padrão de Masculinidade Tóxica, muito usual no momento.

Em síntese cabe ressaltar a funcionalidade dos trabalhos citados para com o alargamento das masculinidades multisituadas. Um breve resumo, indicando como cada autor contribui para a construção do objeto, e/ou também os pontos de divergência e concordância com eles. Primeiramente *Senhores de si* de Miguel Valle de Almeida (2005), foi crucial na elaboração de uma etnografia a respeito das masculinidades, levando em conta seu pioneirismo em pensar trabalho de campo, no qual o objeto é identidade de gênero masculina. Rolf Malungo de Souza em *A Confraria da Esquina* se aproxima nesse trabalho por tratar de componentes semelhante ao que tange os tipos de atividades realizadas pelos homens durante momentos de lazer, em território genuinamente masculino formado por eles.

Fátima Ceccheto (2004), oferece um universo que favorece a pensar diversos tipos de violências cometidas pelos homens em espaços urbanos, além da sexualidade e práticas de lazer de onde a autora faz reflexão sobre a produção masculina, ambos trabalhos não utilizam de conceitos de raça nas discussões, algo que busquei complementar nas autoras Mara Viveros Vigoya (2018) e Joalice Conceição (2017), que ajuda a pensar masculinidades racializadas. Narro abaixo através da *experiências etnográficas* nos já citados *Barbershoper Black Power* e *Mototáxi na “boca” da Ponte Dom Pedro II, São Félix*, discussão adicional para a multisituacionalidade das masculinidades negras. Descrevi isso, em dois instantes na primeira apresentada (2018 – 2019), antes e pós-reforma estrutural (2021), colocada na conclusão. E mais dois entre os mototaxistas (2018, 2021), os segundos instantes etnográficos serviram de confirmação e aprofundamento de temáticas pouco abordadas nas primeiras idas.

3.3 BLACK POWER BARBERSHOP, VEM COM NOIS QUE NO CAMINHO EU TE EXPLICO



Logotipo do Barbershop.

A frase em itálico que aparece no título do subcapítulo é dita repetidamente em peça de divulgação *do barbershoper* nas redes sociais da mesma (Instagram e Facebook), além dos perfis de dois dos rapazes que lá trabalhavam. Na propaganda o apresentador enumera vários serviços e indica para os seguidores, de São Félix e região, que frequentam o local. Em *insight* imaginei que aquilo poderia ser um chamativo para abertura da etnografia do espaço em si. O *vem com nois (sic) que no caminho eu te explico*, dito também em diálogos se transforma neste ponto num convite a conhecer parte da dinâmica do *BarberShoper Black Power*, situada desde 2018, no Centro de São Félix, BA. Nesse sentido inseri notas etnográficas com o pensamento de ampliar ou indicar a proposta de masculinidades multissituadas de modo prático, somente com o que tange aos discursos e comportamentos masculinos/masculinizados interpretado a partir da presença no campo, além de fragmentos de entrevistas feitas com interlocutores dessa tese.

A profissão de barbeiro é genuinamente masculina²⁷, embora exista um número ínfimo, é também exercida por mulheres. Historicamente são os homens negros que ocupam essa função nos estabelecimentos. Normalmente ela é passada dos pais para os filhos, o aprendizado se dá muitas vezes com a observação de pessoa mais experiente cortando cabelo, até que o jovem se sinta capaz suficiente para iniciar a profissão, mesmo que já existam cursos de barbeiro ou cabeleireiro hoje em dia. São comuns principalmente entre alguns homens negros a recordação de frequentar desde criança

²⁷ Explorei no terceiro capítulo a história do ofício de barbeiro tomando como recorte meados do século XIX, e atuação na atualidade.

espaços destinados a essa finalidade, sobretudo levado pelo seu pai, mãe ou uma figura masculina mais próxima, quando não, teve contato com barbeiro ambulante, aquele que iam até o cliente em sua residência. A atividade é em muitos casos subalternizada ou secundária, mas é um alicerce econômico para diversas famílias, é dela que os “chefes de família” conseguem garantir acesso seu e de seus filhos a instituições sociais fundamentais como na área de educação formal e de saúde. Embora na atualidade barbearias tenham recebido diferentes configurações e parece ter ganhado papel mais importante dentro do mercado trabalhista com o surgimento dos *Barbershoppers*, ambientes físicos mais estilizados e que pode envolver para além de cortes de cabelo ou barba, outras atividades de venda e compra de produtos de estética e beleza do corpo, masculino e feminino. Mesmo com essa inovação vemos locais massivamente ocupados por homens de gerações, raça, classe e sexualidade diversas.

Pude entrevistar Neto em 2022, rapaz que trabalha na administração do espaço e se descreveu como gerente durante diálogo quando interroguei sobre coisas corriqueiras no ambiente de trabalho dele. Em uma das falas ele narrou parte da rotina e funcionamento da loja e das atividades ali exercidas.

“Nós trabalhamos com horário marcado, se porventura não tiver o horário, eles dão oportunidade aos outros barbeiros. Isso é algo que é leal, porque ele não foge daqui ele não vai pra outro lugar e permanece na Black Power. É nisso aí que a gente tem que tá sempre buscando, sempre mandando mensagem. Porque a gente se torna uma família”. Queira ou não toda semana a gente tá se vendo, a gente tá se “batendo” na rua. Então tem que ter um vínculo amigável pra que tudo fique bem”. Chamou a atenção também para o cartão fidelidade (foto ilustrativa a seguir). Após dez cortes, o décimo primeiro é de graça “têm clientes aqui que já tiveram três cartões fidelidade fechados”. “(...) Em relação ao comércio é em todo lugar. Existe o movimento bom, existe o movimento fraco, existe a época de festa que é mais cliente que o cliente em aqui duas vezes na mesma semana. Então a gente aqui, pra que o nosso comércio não caia a gente abrange com diversão, como temos a mesa de sinuca, a gente abrange com a bebida, que chama o cliente. Então assim, a gente também tem o marketing que é o nosso jogo de cintura, que nem todas as barbearias hoje têm. Então o marketing, queira ou não também salva o nosso comércio²⁸”.

“[...]na verdade, aqui a gente tá na correria, hoje, a gente abrange diversos tipos de trabalho aqui. A gente tá treinando as pessoas que vem pra cá, pra que elas saibam fazer tudo que eu faço entendeu?”

²⁸ A pergunta inicial para esse tópico procurava falar mais sobre o mercado de barbearia na atualidade na cidade de São Félix, BA e região: “Como que você, tanto a profissão de barbeiro quanto as barbearias aqui em São Félix e região?”

Pra que eu também não fique sobrecarregado. Então vamos supor, tem hora que eu tô no computador como você sabe, tem hora que eu tô lá dentro tirando foto (parte interna da Barbershoper). Então assim, a gente tem que ter um pouquinho da malandragem pra que a gente possa se sobressair de tudo um pouco e fique tudo ok”.

Em seguida perguntei “como assim treinando as pessoas”? E ele seguiu dizendo “[...] assim, não sei se você reparou que aqui tem dois garotos que ficam aqui né? Então assim, eles estão aqui no intuito de aprender também a profissão que é realmente ser barbeiro e estão aqui também pra que possam me ajudar. Como também eu fico na parte do restaurante, saio pra fazer o delivery, então eles ficam aqui pra me cobrir na minha de trabalho.”

Procurei saber na continuação da entrevista quem eram esses garotos, se eles eram conhecidos ou se eram indicados por alguém da cidade, por exemplo. A resposta foi que: “Hoje graças a Deus o povo olha pra instituição Black Power com bons olhos. Normalmente tem a galera do Conselho Tutelar que entra em contato com a gente, pra que possa tirar os meninos da rua, pra que a gente possa abrir portas, porque na verdade aqui a gente não trabalha pra formar praticamente so profissional. Aqui a gente trabalha em cima da pessoa aprender o que é uma equipe, a gente trabalha nesse sentido, porque você não entra aqui só pra ser barbeiro, você entra aqui pra se tornar homem”.

Então vocês pensam muito no social também né (indaguei)? Ele foi enfático ao dizer: “É claro tem que existir o social porque sem o social nem o mundo iria pra frente, porque Jesus Cristo foi assim né? Ele olhou o social em todo, é assim que começa.” E seguiu contando que: “Quem entra aqui, a ideia da gente também é entregar uma profissão, porque a gente dá uma máquina nas mãos deles. E hoje, queira ou não, barbeiro tá crescendo no mundo. Quem aprende aqui, lá na frente já tem seu futuro garantido. Tem o seu ganha pão certo. Só que não adianta você ter seu ganha pão certo e você não ter responsabilidade, você não aprender a ter seu compromisso. A ideia da gente aqui é todo um conjunto. De você se tornar homem e se tornar profissional”.

Dito isso, trago dois relatos de primeiras idas ao local para início da pesquisa etnográfica (2018), sobretudo de como encontrava o ambiente no momento da minha chegada, sendo que em turnos diferentes (matutino e vespertino). E que serve também como manifestação de *fotografia* do espaço e de como o pesquisador se comportava entre pessoas diretamente ligadas ao desenvolvimento do projeto. Para caracterizar as notas empregamos o uso das letras em itálico.

Cheguei à BarberShoper por voltadas 08h30min de uma segunda feira. No momento havia só dois dos quatro rapazes que trabalham no local. Um cortava o cabelo do cliente, quanto o outro fazia serviços administrativos e de limpeza. Dias da semana como os de segunda feira o movimento é mais

“fraco”, algo que um dos rapazes já tinha chamado minha atenção sobre e eu mesmo pude perceber, poucos clientes frequentam. Aproveitei para tirar algumas fotos do espaço com o uso de máquina fotográfica. No turno foram apenas seis clientes, sendo entre eles um menino de cerca de sete anos de idade levado pela mãe.

Cheguei na Black Power por volta das 14:30min de um sábado, provavelmente e pude confirmar com os rapazes que trabalham lá, o dia de maior movimento no local, seguido pela sexta feira, ambos os dias que procedimentos de estéticas são mais comuns, “todo mundo quer ficar bonito pro fim de semana”, ouvi de um dos clientes enquanto aguardava sua vez de ser atendido. A fila de espera e as anotações dos nomes agendados na pequena lousa são muitos disputados, são cerca de quarenta a sessenta clientes, sua maioria homens na fase adulta, mas também muitas crianças e um número bastante reduzidos de mulheres. Essas últimas procuram a Barbershoper mais para desenharem a sobrancelhas, recordo-me desse período de ver apenas quatro mulheres que fizeram cortes no cabelo, “carro chefe” das atividades realizadas no local. Durante boa parte do tempo permanecia sentado em um dos bancos junto à mesa que o rapaz da administração utiliza para diversas funções. Já aos sábados e sextas feiras nos momentos de lotação procurava ficar de pé para que não pudesse atrapalhar a dinâmica dos clientes e dos trabalhadores, já que comumente o banquinho no qual me sentava era posto para os clientes em espera.

Sobre a presença de mulheres cito o episódio de uma mãe que ficou por cerca de quarenta minutos de pé na porta da Barbershoper enquanto esperava seu filho cortar o cabelo. Embora ela conhecesse, e vi conversar com todos os rapazes que trabalham no espaço. Adentrou o estabelecimento somente na hora de pagar o corte feito pelo barbeiro. Parece que o ambiente masculinizado comum de barbearias ou Barbershoper, não só pela massiva frequência dos homens, mas dos assuntos lá tratados, inibe algumas mulheres de frequentar o local.

Figura 24: Fachada do Barbershoper



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 25: Fotos de amigos falecidos na parede da Barbershoper



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 26: Poster do Botafogo campeão interbairro na parede do Barbershoper



Fonte: arquivo de pesquisa

A opção escolhida foi de narrar através de um texto mais solto e desprendido do arcabouço teórico, que já aparecem no decorrer da tese, isso permite a amostra do campo etnográfico como ele se configura e como o pesquisador interpretou as práticas ali observadas. Demonstrar o que foi realmente compreendido através dos diversos diálogos presenciados, como funciona a produção de masculinidades negras no contexto considerado. É óbvio que de modo implícito as teorias, e nesse caso restrito, teorias que possam versar sobre a etnografia e a técnica de escrita de diário de campo como metodologias de pesquisa serviram como suporte, tanto para adentrar o *lôcus* da pesquisa, quanto para a própria redação que toma essas linhas. Em síntese, os capítulos da tese final devem mostrar uma conexão entre esse entrelaçamento de teoria e prática.

Logo de cara o que me intrigou foi o nome escolhido para a *BarberShoper*. O porquê dessa escolha? Sabendo-se da importância desse Movimento Social surgido nos Estados Unidos e propagado para diversos lugares do mundo, inclusive aqui no Brasil. Qual a importância desse

termo/nome para o contexto local? No caso São Félix, Território do Recôncavo da Bahia. No que você acha que ele pode agregar em termos de mercado? Se as pessoas procuram a *BarberShoper* por conta do nome utilizado, se isso serve como uma estratégia mercadológica. Perguntas que fiz diretamente para o criador da marca, popularmente conhecido na cidade como *Vinho*, diminutivo de primeiro nome. Lembrando que o termo *Black Power* passou a ser referido também a um determinado corte de cabelo, o qual denota a identificação de muitos com a negritude e sua raça.

Ele me contou que o termo já era algo comum na trajetória de vida dele desde adolescente. Quando praticava a dança break e música Black (como se convencionou a ser chamada aqui no Brasil), que também já teria sido sugerido por um amigo quando. “Peguei o termo por achar que agregaria ao contexto de São Félix mesmo. Hoje em dia muitas pessoas procuram a BarberShoper por causa do nome. Muitas pessoas ficam conhecendo meu trabalho por causa do nome. Eles vêm e gostam do meu trabalho e acabam virando cliente nosso”, contou *Vinho*. Inclusive foi o nome sugestivo colocado na BarberShoper que levou esse pesquisador que vos escreve a procurar o local como cliente, antes mesmo de iniciar a pesquisa, até então frequentava outras barbearias da cidade.

Ainda dentro dessa temática, que envolve raça/racismo e questões mercadológicas ligadas ao nome/termo *Black Power*, indaguei a *Vinho* se ele conseguia identificar a cor/raça de parte dos clientes dele. Me respondeu que consegue identificar sim e foi mais além me dando como exemplo os cortes de cabelos atuais que são mais próximos para pessoas brancas supostamente com cabelo liso do que pessoas negras de cabelos crespos ou *black*. “Hoje vem sim, principalmente porque tem esse corte que tá na moda que é o degradê”, então vem muitas pessoas brancas, quanto pretas”. Acredito que conforme minha percepção na observação participante posso declarar a raça de alguns dos frequentadores com tais características presente nesse fenômeno indicado na fala de *Vinho*.

Como consequência disso perguntei a ele se eu poderia fotografar os dois tipos de cortes de cabelo e ter a possibilidade de demonstrá-los nessa etnografia. Antes o tipo de cabelo referido era mais comum em salões de beleza. Usei a estratégia de pedir a um dos rapazes que trabalha na *Barbershoper* que fotografasse os clientes e os possíveis cortes de cabelo com tais descrições. Algo que ele já fazia com uso do celular para pôr nas redes sociais, principalmente no Instagram. E acredito que para um pesquisador nos primeiros encontros no campo, essa atitude poderia fazer com que houvesse uma confiança maior entre ambas as partes.

Figura 27: Corte de cabelo degradê Barbershoper



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 28: Corte de cabelo estilizado Barbershoper



Figura 29: Corte de cabelo estilizado



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 30: Barbershoper em funcionamento



Fonte: Arquivo de pesquisa

Dentre as pessoas na *BarberShoper* se fala de tudo, tanto entre os barbeiros e clientes, quanto entre os próprios clientes, pois muitos se conhecem e acabam se encontrando enquanto aguardam sua vez na fila de atendimento. Pertinente advertir que para cliente, conhecido ou não, os barbeiros têm um assunto diferente para tratar, não somente sobre o possível corte ou se vai fazer a barba. Isso demonstra certa *intimidade* e tratamento cortês, “Eu tava todo *rasta* outro dia [...] a pessoa fica visada demais”, “Já tem quantos dias que você tá nas áreas”? “Já tem quase dois meses que peguei esse trabalho fora”, foram alguns dos diálogos breves.

Sobretudo três temas ou assuntos são mais repetidos no que pude apreender Futebol, Sexo/Sexualidade e as Violências dos diversos tipos, nas quais a relacionada com a polícia aparece de forma mais comum. Coisas corriqueiras nas “rodas de conversa” masculina que narro a seguir, inclusive nas quais fiz/faço parte e acredito que muitos outros homens já presenciaram em algum momento da sua vida na mesma medida ou intensidades diferentes. A maioria das coisas lá é falada em voz alta. Uma conversa que pode começar entre duas pessoas de modo privado pode, a depender do que se trata, a qualquer instante envolver mais pessoas ou grupo de pessoas que estão presentes. Segredos devem ser tratados em privado, tentando chamar a outra pessoa no canto para falar, o que é quase impossível devido à distribuição do espaço físico, então era comum a frase: *vou te mandar no zap*. Óbvio que eles dizem coisas restritas ao espaço e com quem dialoga, mesmo que sejam ainda acontecimentos públicos na cidade. Até mesmo o comportamento de alguns deles está restrito somente aquela ocasião. Por isso, o exercício de escuta do que falam se dá de maneira mais espontânea e livre, não com a necessidade de exercer uma função beirando a espionagem.

De natureza igual ao enunciado no subcapítulo anterior a respeito do genocídio dos homens negros, momento em que surge a experiência do entrevistado que tinha em seu irmão mais velho o exemplo, ou um dos exemplos de homem a ser seguido, na *Black Power*, ouvi coisas correlatas propagadas por pais que normalmente levavam seus filhos para cortar o cabelo e de outros clientes enquanto conversavam. Gostaria de compartilhar, sem nenhum sentimento de julgar a atitude desse pai, creio que não é o papel da pesquisa e dos Antropólogos em campo, mas sim de adicionar elementos etnográficos que possam constatar como homens costumam agir junto a seus filhos homens, ao que me parece num sentido de exercer o poder que deve ser cumprido nessa relação. Ainda nesse diálogo que trazemos abaixo chamou à atenção a explanação feita por outros dois pais que estavam presentes, mas relataram coisas opostas ao pensamento do primeiro pai.

Em uma das tardes, um sábado do mês de setembro, 2019, a BarberShoper como de costume para o dia estava lotada. Sentado a esperar de cortar o cabelo, um dos rapazes começou a reclamar sobre a mãe de seu filho ter reclamado a ele sobre o corte de cabelo que o menino teria feito, de um jeito que eles não teriam aprovado. Disse ele (sobre a conversa com o filho): “mandei uma mensagem de zap pra ele. Não quero nem saber onde você cortou, e nem como cortou, vá lá na barbearia de fulano de tal e passe a máquina zero. Só apareça na minha frente com o cabelo já cortado” contou a um dos barbeiros que na hora só olhou em direção a ele. Continuou dizendo: “Filho meu tem que andar e se vestir igual a mim, mas ele quer ficar parecendo igual o primo dele que toda hora a viatura para pra dar baculejo e da tapa. E disse a ele, olhe quando você tiver comigo na rua e passar uma viatura vou parar a viatura e mandar eles pra dar um monte de broca em você”.

Foi após essa fala que outro homem que se disse ser pai, com aparência de idade da mesma desse que citei acima, aproximadamente na fase dos quarenta, sentado próximo em outra cadeira bradou se metendo na conversa: “licença bróder isso ai que você falou tem a ver com racismo. Se seu filho for preto ele pode colocar qualquer corte de cabelo que a polícia vai parar ele. É igual roupa de marca que a polícia diz que é de vagabundo, ciclone, kenner, mas não tem nada a ver. Eu mesmo dou liberdade a meu filho a ser o que ele quiser. Tem que deixar ele livre”. Algo parecido acrescentado pelo barbeiro que ao mesmo tempo em que cortava o cabelo do cliente, proseava com os outros sentados na fila de espera.

Fiquei refletindo sobre o que levaria qualquer pai a concordar ou chegar cogitar se valer desse tipo de violência policial pautada no racismo institucional praticado pelo braço armado do estado. Tomei como exemplo minha própria vivência de quem sempre morou em comunidades periféricas, e por ser homem negro sofreu diversas abordagens truculentas da polícia. E o quanto isso mexe com a

subjetividade, pois gera nas vítimas medo de morrer e isso leva a evitar andar em determinados locais sozinho.

Durante boa parte das minhas idas a BarberShoper para etnografar (e como cliente) ouvia sempre o zunzunzum entre diversos frequentadores sobre um policial militar de prenome Messias²⁹. Os diálogos que presenciei tratavam justamente da violência policial em São Félix, de como alguns agentes da corporação agiam nas abordagens policiais (na Bahia chamadas popularmente de baculejo). Messias era o mais temido dentre eles. Mas me chamava à atenção as formas a denotar o terror que eles sentiam do tal policial muitos também tratavam de forma jocosa, sem levar a sério. Diziam “Messias é o terror”, “cuidado que Messias vai tá no plantão esses dias” (se referindo aos dias de trabalho do policial, algo que me pareceu já calculado por eles). “Vê se não fica na praça de bobeira”. “Um dia ele (o policial) pegou fulano pelos cabelos [...] deu até pena”. Falavam também sobre o tal policial já ter levado (matado na gíria deles) pelo menos uns quatro em São Félix, BA.

O segundo assunto, não em ordem de interesse, mas cronológica que queremos tratar aqui como já indicado é acerca da sexualidade/sexo, talvez o mais recorrente entre os homens na *Barbershoper*. Considero aqui o binômio escrito dessa maneira, pois em vários casos o primeiro aciona o segundo, ou ainda o seu contrário como pretendo explicar em brincadeiras desse cunho precisada em notas. Nesse caso falar de um não exclui o outro. São falas e frases, brincadeiras jocosas e comportamentos masculinizados que quase a todo tempo menciona coisas do tipo. Sexualidade/sexo são eventos que estão imbricados, quando, por exemplo, um dos rapazes fica muito próximo as costas do outro e esse primeiro pede para que ele saia enquanto põe as duas mãos a protegerem sua nádega. Ou ainda quando exercitam coreografias de algum tipo de música da moda que convoca a movimentos performáticos como se estivessem praticando sexo. Esse tipo de brincadeira, que ao mesmo tempo discursa sexo como a sexualidade dos indivíduos, parece aferir a masculinidade dos homens. Funciona como espécie de balança ou instrumento que sopesa, examina a produção do que é ser homem para alguns. Algo que mexe intrinsecamente com o homem heteronormativo na nossa sociedade.

Há, por último, as falas direcionadas as relações amorosas entre eles e suas namoradas, esposas ou ficantes durante fins de semanas e festas. Relatos de como fez sexo ou de como agiu com determinada mulher, e de citar a estética de uma mulher sempre aparecia nas conversas. Sem deixar de lado os “conselhos” dados pelos homens mais velhos, em tom de brincadeira, aos mais novos.

²⁹ Aqui achamos mais conveniente utilizar um nome fictício para a figura do policial.

Tudo isso, oferta espaço para pensar o corpo negro masculino e a produção de masculinidades negras em unidade etnográfica observada em São Félix, BA. Abaixo trago anotações do diário de campo que podem indicar o postulado. Ações individuais e coletivas, as quais não fogem das que temos visto de atividades de homens e das produções de masculinidades em um longo período. Toda uma conduta direcionada pelo machismo, sexismo e LGBTfobias, tipos presentes em sociedades pautadas no patriarcado que precisam ser revistas pelos homens que as praticam.

Desarmar bomba é uma coisa [...] Dinamite é outra (disse o rapaz sentado na poltrona já para ser atendido). E continuou: “Eu tava na época com umas 14 mulheres, tanto de Cachoeira como daqui de São Félix. Teve uma mesmo que eu “trocava óleo” (fazer sexo) direto [...] me viu com outra e quebrou o para-brisa do meu carro todo [...]quebrou meu relógio de 800 reais que comprei na Cometa e ainda tava pagando.”

Em outra passagem esse mesmo rapaz em conversa com um dos barbeiros, mais novo do que ele, dizia estar dando conselhos com o seguinte conteúdo: “[...] Rapaz ouça a voz da experiência. *Meta* (do verbo meter, se refere também a prática sexual na qual o homem está penetrando. Algo desempenhado também em coreografias de diversas músicas de funk e pagode baiano por exemplo) e saia [...] não fique de amorzinho não”. “Antes uma feinha que te deixe em paz do que uma bonita que enche seu saco”. Enquanto um terceiro rapaz se intrometeu na conversa, “*aproveite que esses cabelos brancos aí não são à toa não, é muita experiência já. Não é mesmo fulano?*” Que concordou com uma frase simples, “*é sim*”. E todos deram risada.

“Isso é uma bichona, olha pra lá como vai!” Falou um rapaz de dentro da BarberShoper para outro (que não vi quem foi) que passava na calçada da frente. O jovem que trabalha na administração do local perguntou quem foi. Quando soube quem era exclamou: “ah é um bichona mesmo” e cáíram na gargalhada. Esses tipos de brincadeiras jocosas servem como um cumprimento a outra pessoa, aparecem até mesmo antes de um simples bom dia ou boa tarde. Alguns mostravam vídeos pornográficos ou enviam via WhatsApp. Em turno etnografado captei o bate-papo entre três homens. Em determinado ponto surge o burburinho [...] os dois primeiros conversavam e mostravam o celular um para o outro, que pelas falas compreendi sendo algo relacionado a sexo, quando de repente o terceiro rapaz envolvido levanta e faz menção de olhar o que aparecia ali na tela do celular, nesse instante o que mostrava o aparelho indagou sobre o ímpeto daquele e disse, “*hummm você gosta né descarado vem logo doido pra ver o pau do cara*”.

A respeito do assunto futebol, tratam sempre dos *babas* em vários dias da semana e dos campeonatos interbairros de São Félix, como o do campo da manga, mais famoso na cidade. Parte da

ornamentação da *BarberShoper* é com fotos em banners dos times campeões em diversos anos e troféus já conquistados pelo Botafogo (ver fotografias mais abaixo), time que *Vinho* faz parte e ajuda na organização. *Vinho* também organiza alguns *babas* por diversas vezes vi chegarem frequentadores do *baba* na procura de um caderno, no qual ficava as anotações (quem teria pagado a quantia de na época cinco reais que ajuda na organização comprando materiais como bola, colete etc.). Falam também sobre os times que torcem (Bahia, Vitória, Flamengo), se ganhou ou perdeu tal jogo no dia anterior, se tal jogador é bom ou ruim, até cortes de cabelos são identificados com os de jogadores como do português Cristiano Ronaldo e o brasileiro Neymar. “Vou meter o moicano do menino Neymar”, ou “Esse corte aqui é o de CR7” (sigla utilizada pelo próprio futebolista com iniciais de seus nomes, o número 7 é o utilizado na camisa que veste).

O futebol é o esporte mais identificado com o sexo masculino no Brasil, o que torna uma modalidade machista e sexista, embora nos últimos anos tenha crescido o número de mulheres envolvidas nos espaços, são torcedoras, profissionais da mídia esportiva e jogadoras profissionais em grande desenvolvimento no país. E até recentemente (2020), CBF (Confederação Brasileira de Futebol) tenha igualado os pagamentos de diárias, salários e prêmios entre mulheres e homens convocados para disputas de competições (exceto Copa do Mundo), além de, pela primeira vez, duas mulheres coordenarem as ações da seleção feminina de futebol.

Figura 31: Troféus em uma das pilastras parede do Barbershop



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 32: Troféu de campeão interbairro na parede do Barbershop



3.4 Conclusão

Uma das coisas que refiz o caminho na pesquisa foi sobre os clientes, principalmente na descrição etnográfica onde aponte a frequência de mulheres de modo reduzido, ou quando narrei que elas frequentavam mais para levar os filhos menores e/ou para desenhar a sobrancelha. Em primeiro momento porque cresceu muito o número de clientes mulheres para corte e pigmentação de cabelo (como narrado na fala de Neto e abaixo), (comprovação através das postagens de *story* no Instagram) e porque durante cerca de seis meses funcionou na parte externa da *barbershoper* espaço de unhas em gel e sobrancelha onde as principais clientes eram mulheres (fotos e chamada para manicure, tabela de preços).

“Graças a Deus hoje a gente consegue atender os dois gêneros. (...) Temos clientes da faculdade de Cachoeira a UFRB, nós temos os taxistas, nós temos os mototaxistas, donos de supermercado, donos de loja, empresários, vêm cortar com a gente. Então tem muita gente de lugar de fora, não é nem de fora, mas vamos dizer, Muritiba, tem gente que vem cortar. Tem gente lá da Faculdade Adventista da Bahia, que deixa de cortar lá Capoeiruçu, para vim cortar aqui em São Félix, na nossa barbearia. É sinal de que nosso trabalho tá sendo bem-feito”. (Neto).

Figura 33: Imagem de divulgação serviço



O Barbershoper passou por uma grande mudança estrutural em 2021. A parte dedicada para os cortes de cabelos e outros tratamentos estéticos passou a ser realizado em espaço com ar-condicionado que fica mais recuado envolto de uma porta de vidro temperado onde se enxerga uma grande marca da empresa (ver foto abaixo), além de conter toda estrutura para a prática com três cadeiras de barbeiro, espelho, prateleiras e balcão nesses últimos são guardados os equipamentos (máquinas de cortar, pentes, tesoura, dentre outros) e produtos utilizados nos cabelos (gel para cabelo, touca para luzes, tintura para pigmentação). Todo o local é adornado com troféus de futebol e quadros de premiações e qualificações de Vinho o proprietário e fundador da Black Power Barber Shop e um dos homens negros que pude acompanhar durante a pesquisa de campo para reprodução de sua trajetória de vida desenvolvida em capítulo posterior.

Figura 34: Barbershop em 2022



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 35: Barbershop em 2022



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 36: Barbershop em 2022



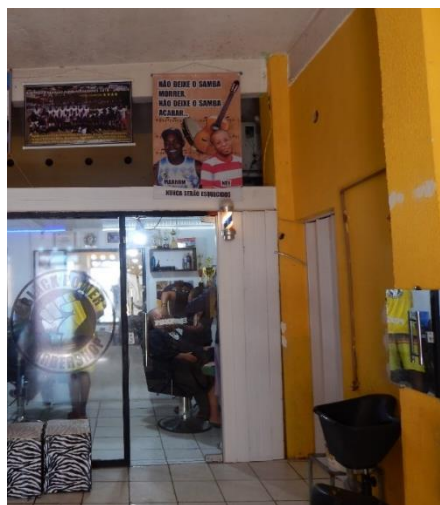
Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 37: Barbershop em 2022



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 38: Barbershop em 2022



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 39: Barbershop em 2022



Fonte: Arquivo de pesquisa

Além da BarberShop, a empresa compõe também uma pousada (localizada nas proximidades da quadra poliesportiva e da orla), e ainda restaurante funcionando no Clube dos Velinhos, local bem conhecido na cidade, situado em rua transversal que liga a orla. No clube dos velinhos funcionou também, durante curto período, extensão da BarberShop, segundo o próprio Neto, um dos nossos entrevistados a ideia de cortar cabelo foi repensada por conta de estar dentro de um restaurante, “cabelo não pode se misturar com relação a comida a gente aí cancelou e trouxe pra cá” contou-me ele apontando para as três cadeiras de barbeiros postas na parte externa ou de recepção do espaço. Cabe ainda apontar que durante cerca de oito meses foi alojado na parte externa do atual espaço, já repaginado, uma profissional de unhas em gel e design de sobrancelha (ver fotos abaixo). “*Tivemos que desativar por conta da pandemia, o movimento caiu muito*” (Neto). Nesse mesmo momento perguntei se ele gerenciava o restaurante e a pousada, mas ele me contou que no momento só trabalha na Barbershoper. Portanto, devemos pensar na Black Power para além de uma simples barbershoper e sim como uma empresa que tem buscado ampliar seus modos de atuação inclusive fora da área de estética.

Finalizo esse capítulo trazendo no tópico 3.5 a etnografia de transporte. Embora com difusão recente, o mototáxi, se tornou essencial nas cidades de pequeno porte, do tipo São Félix-Ba e cidades circunvizinhas. A existência e uso massivo mostra a escassez de transportes públicos adequados para a população e a necessidade de ampliação de sistemas de transportes. Cabe ainda afirmar a ocupação dos mototaxista atualmente como meio de inserção de, sobretudo homens, no mercado de trabalho, mesmo que informalizado, com poucos municípios onde os profissionais são regulamentados.

3.5 Etnografia do mototáxi

As idas a campo para etnografia no ponto fixo do Mototáxi na “boca da Ponte” em São Félix, BA, se passaram por dois períodos curtos, um período a menos do que as idas a campo para etnografia na Barbershoper Black Power. O primeiro no ano de 2018, quando dei o “pontapé” inicial da pesquisa

empírica e mais tarde em 2022, após o fim das restrições decorrentes da Covid-19, quando já era percebida toda uma revitalização no centro da cidade, como citado no capítulo de abertura. Numa localização rápida para o leitor, o mototáxi fica situado nas margens direita da entrada da Ponte Dom Pedro II, para quem sai de São Félix atravessando pela mesma Ponte até a cidade vizinha Cachoeira. Considerado, pelos mototaxistas, local estratégico por se tratar de vias públicas com grande fluxo de veículos, e ainda pela centralidade, região onde existe além do espaço etnografado mais dois pontos fixos bem próximos.

O ponto fixo de mototaxistas através da relação de trabalho e interação com clientes e demais comunidade serviu de unidade etnográfica multissituada valorosa das masculinidades negras, levando em consideração a cor/raça desses trabalhadores. Funciona, portanto, como espaço de homossocialidade mais rotativo, pois há fluxo contínuo por conta da função exercida. Na comparação com a unidade de masculinidade negra multissituada, o BarberShoper, aqui entre os mototaxistas as brincadeiras de cunho sexual aparecem em número menor. Há mais nos diálogos, entre eles e demais pessoas com quem interagem, a respeito das gírias, as quais tendem a evitar o duplo sentido ou as rimas, seguidas do famoso “lá ele”. Embora aparentem liberdade para conversarem sobre diversas temáticas, interpretei como homens mais velhos, mais maduros. Outro fator preponderante é do espaço ser aberto, mais visível para quem passa, protegido apenas por um toldo, talvez isso possa inibir algumas situações comuns ou encontrado em grupos de homens diferentes, que não esses mototaxistas. Podemos afirmar de modo reduzido ser o veículo de trabalho as “pernas”, “parte do corpo” da maioria deles, pois dificilmente os vi na rua sem estarem acompanhados da moto. O mesmo instrumento de trabalho serve para ida a espaços de lazer ou qualquer outro tipo de necessidade demandada nas cidades vizinhas onde buscam acessar bens não existente no local de origem.

Diferente do barbeiro que tem suas funções basicamente restrita as técnicas manuais, de manuseio constante das mãos, o mototáxi exige técnicas do corpo como todo e que os profissionais saibam lidar com movimentações sobre duas rodas no trânsito. As técnicas não são aprimoradas igual entre os rapazes do Barbershoper (unidade etnográfica analisada na pesquisa), local que pude desenvolver melhor essa ideia. Reciclagens e outros cursos são feitos somente no momento de tirar a CNH (Carteira Nacional de Habilitação) ou de renovação dela. Isso no caso de profissionais que possuem a habilitação, tendo em vista não ser exigência para trabalhar na área em São Félix, BA, e nenhum tipo de abordagens ou fiscalização de órgãos da prefeitura e demais públicos. Embora seja nítida a exigência de técnica mínima para carregar passageiros enfrentando o trânsito. A maioria deles já possuem prática com a motocicleta antes de ingressarem no ponto fixo e vão se aprimorando

durante tempo de condução dos clientes. A regularização da profissão pela prefeitura e órgãos de trânsito poderia gerar capacitação para condução de pessoas ou treinamentos de direção no trânsito e ainda conscientização para o uso de equipamentos, visto que nenhum deles usam os denominados EPIs exigidos na RESOLUÇÃO CONTRAN Nº 943, DE 28 DE MARÇO DE 2022³⁰, equipamentos que poderiam ajudar no impacto: capacete; luvas; calçado adequado; cotoveleiras; capa chuva; viseira; antena aparadora de linha de pipa; colete de segurança retro refletivos e no caso dos passageiros o uso de alças metálicas nas laterais do veículo e capacete.

No ponto de mototáxi em questão todos os atuantes são homens negros, identificados e auto identificados por mim, com idade média entre vinte e cinco e cinquenta anos. Parte deles com baixa escolarização, sem terem concluídos séries iniciais, ensino fundamental e ensino médio, muito embora encontrei um mototaxista que chegou a fazer faculdade, mas me disse ter trancado o curso por não conseguir continuar pagando. Nas minhas idas quando etnógrafo e andanças por São Félix, contabilizei cerca de dez rapazes, os quais quase todos transitavam entre mototáxi e outros serviços, até fora da cidade e estado (caso específico de Luciano, personagem discutido mais a fundo nas trajetórias individuais no capítulo 5). Assim, alguns deles desapareciam do ponto na “boca da Ponte”, durante meses seguidos e depois os reencontrei de novo na mesma atividade. Tipo de acontecimento constatado em vários homens que conheci na cidade. E episódio das breves narrativas a seguir de dois desses rapazes com quem dialoguei na pesquisa e nesse período avistava eles atuando na limpeza geral da cidade e na entrega de garrafão de água/delivery.

Um dos mototaxistas fazia também *bico* na área de panificação. Segundo ele trabalhou durante mais de trinta anos como padeiro, numa padaria conhecida de Cachoeira e depois saiu pra trabalhar em outras cidades. Me contou também que atuava dando cursos de pães e confeitaria de bolos na cidade de São Félix, dentro de um Programa do Governo do estado da Bahia. Atualmente possui cadastro ativo de MEI (Microempreendedor Individual) o que lhe favorece na assinatura de contratos ou serviços de curto tempo de prazo, e em alguns momentos consegue conciliar com as corridas³¹. Condição que permite em determinados períodos do ano a complementação de renda básica mensal. Por fim, falava também sobre a importância de pagar o MEI, pois na afirmação dele, “*antes eu nem me ligava, mas já pago tem cinco anos por conta do recolhimento do INSS, um cara que trabalha com contabilidade que ajeita tudo pra mim, só faço mesmo pagar o valor mensal*”. (**mototaxista 1**)³².

³⁰ Link para acesso da resolução disponível em: [Resolucao9432022.pdf \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/resolucao9432022.pdf). Acessado em 10/08/2022

³¹ Corrida é o termo comum usados por profissionais mototaxistas, taxistas etc. que pode se referir a viagem.

³² Enumerei os mototaxistas para identificá-los a medida que utilizei suas falas e surgem no texto.

Quadro idêntico de outro interlocutor, mototaxista que certa vez, em conversa informal, me confessou sonhar ser grande empresário. Direciona seus esforços diariamente para o ponto na “boca da Ponte” e para pronta-entrega de garrafão de água com investimento próprio, além de periodicamente montar um delivery de alimentação com sua companheira, aqui ele fica com a parte das entregas nas duas cidades vizinhas, portanto, seria espécie de *motoboy*. Esses negócios validam ao mesmo tempo a autonomia da atividade/profissão e a informalidade o que acarreta falta de garantias trabalhistas e de renda.

No que concerne à dimensão interpessoal do ofício, ficar isento de responder a ordens e ter independência em suas ações, pela ausência de chefias, parecia ser outra característica da autonomia vivenciada pelos mototaxistas. Essa condição recebia uma avaliação positiva por facilitar que o expediente fosse ajustado de acordo com interesses pessoais. (Pontes et al., 2023, p. 04)

O artigo *Correr atrás do vento* com diversos autores Pontes, Pinheiro, Silva, Júlio, Aquino, & Carvalho (2023), mesmo da citação anterior, aponta que de modo geral, os estudos sobre o trabalho dos mototaxistas adotam principalmente dois enfoques³³. A esses enfoques adicionamos, igualmente proposta dos autores, a etnografia entre os mototaxistas através de entender parte da dinâmica encontrada no espaço, e qual noção eles têm da atividade exercida. Desse modo, descrevi mais abaixo quatro notas de dias diferentes destacados do contato direto com eles na observação de campo. E de como ali serviu estrategicamente para anotações de vários acontecimentos, inclusive nota avulsa de dezembro de 2020, quando ocorreu assassinato de jovem e julguei necessário está na rua naquele momento descrito “[...] Além disso, percebe-se uma carência de investigações que ampliem o enfoque meramente descritivo e, ao mesmo tempo, analisem o trabalho a partir de como é desenvolvida a atividade, considerando a perspectiva dos próprios mototaxistas” (*idem*, pp. 09-10).

Cheguei no ponto por volta das 10:00h, no momento apenas um dos rapazes se encontravam no local. Era algo muito comum o “esvaziamento” visto a demanda e clientes a depender do dia e horário. Em alguns momentos cheguei a presenciar o ponto sem nenhuma motocicleta, isso acontecia na maioria das vezes no horário das 12:00h às 14:00, quando muito deles saiam para almoçar, era quase consensual entre eles a pausa nesse horário, mesmo que não seja algo acordado. Dias de sexta-feira, sábado e dias que antecede feriados eram os mais movimentados no ponto. A delimitação

³³ Um primeiro grupo de pesquisas aborda, de forma descritiva, o histórico de constituição da categoria, as características ocupacionais, os riscos implicados e as medidas de proteção contra possíveis agravos. O segundo conjunto de investigações analisa a atividade laboral, com ênfase em características adversas, como as exigências subjetivas ou a precarização, com o intuito de evidenciar as consequências para a saúde ou para a capacidade no trabalho. (Pontes et al., 2023, p. 04).

do expediente, horários de chegadas e saídas e dias de trabalho, é feito de forma individual. Normalmente o horário mais tarde de encontrar motocicleta parada no ponto não passa das 19:00h às 19:30h. Não existe fila com propósito de organizar quem pega o primeiro o passageiro a aparecer, é comum os próprios clientes escolherem ou cada mototaxistas se prontificar, levantando a mão, apontando pra moto ou simplesmente perguntando se a pessoa vai fazer a corrida. Muitos deles têm os passageiros certos, aqueles com horários marcados semanalmente, idas a escolas, faculdades, local de trabalho, dentre outros. A depender para onde íamos os valores custavam a partir de R\$ 5,00 (cinco reais) no início da pesquisa, e cerca de R\$ 6, 00 (seis reais) pouco mais tarde, a partir do segundo semestre de 2022, o preço acompanha o aumento de combustíveis e de transportes público. **(janeiro de 2018).**

Dia posterior aos manifestos contra a morte de Davi, a segunda feira, dezembro de 2020 foi de muita agitação ao redor do ponto do mototáxi, “boca da Ponte”, do lado de São Félix, pelo ocorrido no fim de semana anterior, o assassinato de Davi, jovem negro executado, segundo familiares e população, numa emboscada policial nas mediações do Centro, enquanto se dirigia para sua residência após turno de trabalho. Davi trabalhava como barbeiro no centro da cidade, barbearia que fica no Beco do Fuxico. Ainda se encontrava resquícios das manifestações e nesse dia os rapazes do mototáxi chegaram a aparecer no ponto, mas pouco trabalharam, pelo menos no turno matutino, em solidariedade ao jovem morto, todos eles conheceram Davi. Havia um clima de comoção visível nos rostos de quem conheceu Davi. No domingo pela manhã, a “Ponte” tinha sido fechada com trancamento do portão por manifestantes e em frente a ela atearam fogo em pneus e madeira, um pouco mais a frente, cerca de trinta pessoas faziam manifestação com cartazes com dizeres: “parem de nos matar”; “queremos justiça”; “justiça por Davi” e “vidas negras importam”. No primeiro momento ocuparam a entrada da “Ponte” logo após a porta da delegacia. Alguns dos mototaxistas participavam da manifestação em prol dele. **(dezembro de 2020).**

Na primeira ida a campo para observação participante no ponto de mototáxi na boca da ponte Dom Pedro II, em São Félix, procurei me situar no espaço enquanto pesquisador, uma tentativa de me desvelar do lugar de cliente/passageiro, pois é lugar comum já que costumo pegar o mototáxi nesse ponto. Cheguei por volta das 7:30h, num dia de terça feira, janeiro de 2018, tinha acordado dias antes com dois deles sobre a pesquisa e expliquei como era aplicado a metodologia e técnicas. Cumprimentei quatro rapazes que estavam no ponto naquele instante e me sentei no canteiro da arvore atrás do toldo que protege as motocicletas, atrás do canteiro funciona uma lanchonete e outro espaço que passou bom tempo fechado, ao lado do canteiro ponto de táxi que leva até a cidade

vizinha de Maragogipe, BA e distritos mais na esquina, uma barraca que faz jogos, quem para de veículo pra acessar a ponte, saindo de São Félix a Cachoeira carros aguardam a parada, ou quando passa o trem. Nesse momento sentado organizava as ideias de como chegar até os outros mototaxistas e contar o que eu iria fazer ali. Em seguida me levantei e fui falar sobre, pois embora os conhecia, ainda não tinha informado a eles a respeito da etnografia. Tudo ocorreu de forma tranquila e voltei a me sentar no canteiro enquanto fiz anotações de fatos e comportamentos que ocorriam ali e ao redor, considerando o ponto estratégico do mototáxi, centro da cidade. Durante cerca de 3:00h, que fiquei no local serviu como espécie de estreia para pensar numa forma de estranhamento que me fizesse enxergar a unidade etnográfica conforme eu havia pressuposto ser espaço de homossocialidade, interação majoritariamente entre homens, sendo atendido pessoas diversas, diferente da outra unidade multissituada analisada, na qual os clientes são sobretudo homens. Ainda nesse dia aproveitei o momento para entrevistar pelo menos um dos que estavam no dia. Os diálogos eram interrompidos a todo tempo devido a agitação na rua central, dos fluxos e demandas dos passageiros, ora o barulho do trem de carga, ora alguém passando e cumprimentando algum deles. De início classifiquei como dificuldade a ideia de entrevistá-los no próprio ponto fixo de mototáxi acompanhado as chegadas e saídas no local por causa das pausas contínuas feitas durante a gravação ou anotações de respostas. As perguntas foram feitas no intuito de entender a formação do ponto, quando surgiu, e quais suas dinâmicas, como transporte essencial na cidade conforme me debrucei na parte de apresentação do ofício de mototaxista (ver seção 3.3). Logo após, resolvi tomar isso como dado importante dos roteiros e rotina, chegando ao entendimento de determinadas ruas nas duas cidades onde muitos não costumam levar mais os passageiros, pois a violência em diversos níveis gera a presença do medo. (janeiro de 2018).

Figura 40: ponto de mototáxi



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 41: Panorâmica da entrada da Ponte e o mototáxi



Fonte: arquivo de pesquisa

O medo da violência é corriqueiro em cidades do Recôncavo da Bahia, exemplo de São Félix. O comportamento dos mototaxistas tem sido de receio ir a lugares considerados violentos, algo que vai na contramão daquilo ponderado sobre homens em algumas atividades laborais acerca da virilidade, confronto como atributos normalmente masculinizados. Alguns dos trabalhadores na função relataram que temem tanto pela perda de suas vidas, caso de tiroteios e assassinatos ocorridos ou de serem assaltados “[...] O tradicional modelo do gênero masculino - cujos atributos são autoconfiança, coragem, força física, ausência de medo, espírito aventureiro, controle das emoções e virilidade, entre outros - é incorporado pelo caminhoneiro como condição para a realização do trabalho” (Dos Santos, 2000, p.09).

Por questões de segurança, de ser o ponto do mototáxi etnografado de fácil localização e acesso, e até de possível desvelamento dos interlocutores, mesmo embora não os identificando individualmente por seus nomes verdadeiros resolvi não relatar quais locais os rapazes não têm ido mais. Sabendo que há entre moradores das duas cidades a impossibilidade de trânsito iguais aos apresentados e se tratar de bairros e ruas de notório conhecimento público na atualidade, onde supostamente possui instalado ponto de comércio de entorpecentes e incursões policiais. Dois deles me falaram as seguintes narrativas.

“Ali é “campo minado” pra mim hoje em dia, já faz muito tempo que não vou pra esse lado daí “tem alguns lugares aqui em São Félix, que até evito de ir tá ligado? Que nem vou mais porque a gente já tá ligado que os caras ficam do outro lado de binoculo vendo quem vai levar os passageiros, passageiro com as compra da feira e do mercado”. E olha que sou nascido e criado aqui, a gente andava em tudo que era lugar em Cachoeira e São Félix, mas agora tá barril”.
(mototaxista 2).

“Rapaz já deixei de ir em várias corridas por causa dessa onda (se refere as ações de violência) isso acontece praticamente todos os dias fico até com vergonha quando rola isso. A cliente chega com pressa querendo adiantar o lado dela e acaba que na hora tenho que negar ir em tal lugar, mas é melhor negar, deixar de ir e perder a corrida do que acontecer algo comigo, ou perder minha moto que é meu “ganha pão” no momento. A gente não tá na cabeça de ninguém pra saber o que tá se passando e outra que essa onda não tá considerando ninguém”. (**mototaxista 3**).

Novamente comparo a etnografia multissituada no ponto do mototáxi á da barbershoper Black Power pelos *insights* que surgiram a partir de falas e comportamentos recorrentes dos homens no espaço. Na unidade em específico me chamou a atenção, dois momentos eminentes anotados no diário de campo e trago notas etnográficas abaixo. Momento direcionado ao futebol, que ressurge na maioria dos diálogos masculinos presenciado por mim, tanto campeonatos televisivos, mas sobretudo o campeonato interbairro que acontece anualmente na cidade entre os meses de abril e junho/julho. Pelo menos no período que acompanho desde, 2018, o campeonato é organizado pela Prefeitura Municipal de São Félix, através de patrocínio e doação de materiais esportivos para os times participantes. É disputado em diversos bairros da cidade com jogos sempre aos domingos e/ou feriados e a grande final jogada no *Ipiranguinha* (*ver foto ilustrativa abaixo*), espaço mais central da cidade que fica na entrada do bairro Salva Vidas. Exceto em 2020, quando a final aconteceu na Arena Bariri, localizada no Bairro Varre Estrada.

O futebol amador de bairros é então, grande meio de sociabilidade dos Sanfelixtas nas manhãs de domingo e feriados nessa época em que ocorre, já sua discussão perdura durante todo o ano, até o próximo campeonato. A final reúne anualmente centenas de pessoas acompanhando o jogo em pé ao redor do alambrado que separa o campo de futebol dos torcedores, cada grupo organizado na torcida pela equipe de onde moram. Era o tipo de debate comum, sempre na defesa do time de seu bairro/rua. Se você é torcedor do Vila e morador do Salva Vidas time campeão no ano de 2022, normalmente rivaliza com o time da Caixa D’água. Ou se torce e mora nas ruas citadas costumam rivalizar com o Travessos, time do Varre Estrada e campeão no ano de 2018, tudo levado na brincadeira e na intenção de resenhar. Até de propor apostas um para o outro, descrito na conversa presenciada em nota, entre mototaxista parado no ponto e morador transeunte em dias antecedentes a final de 2019, enquanto terceira pessoa também se insere na conversa.

- **Morador:** “Domingo meu time broca o seu lá”!!
- **Mototaxista 4:** “Bora ver, qualquer coisa tamo aí pra apostar”. “Quer apostar?”
- **Morador:** “Rapa pra quer apostar? “Você sabe que vai perder dinheiro!!”

- **Morador:** “Esse ano meu time tá a máquina”, “pode vir quem quiser aí”, “mas domingo tamo lá (se refere ao campo *Ipiranguinha*) !!”
- **Mototaxista 4:** “Só se for a máquina de tomar gol”
- **Mototaxista 5:** “Ele ta falando de que time”. “Ele torce pro Vila é?”
- **Mototaxista 4:** “Isso!”
- **Mototaxista 5:** “Vá rapa sai daí”. “Esse ano é Caixa D’água na cabeça”, “pode esquecer meu filho, venha que eu aposto com você então!”
- **Morador:** “Acenava com as mãos fazendo o sinal do numeral 2”. A Denotar o placar do jogo no próximo domingo.

Figura 42: Ipiranguinha em dia de jogo



Fonte: arquivo de pesquisa

Em um dos momentos no ponto do mototáxi a resenha era sobre algum jogo que tinha acontecido na noite anterior, quarta feira. Participavam quatro mototaxista e outro rapaz que costumava vender rifa pelo centro da cidade. Os comentários eram sobre lances e sobre o resultado de alguma(s) partida(s) televisionada(s), sei disso porque falaram o nome de jogadores famosos e de times midiáticos do Palmeiras, Flamengo, Corinthians, entre outros. Confesso que não tomei anotação de qual jogo seria ou conversavam sobre vários jogos. Me intrigou a forma como estavam todos entretidos no papo e falavam com expressões de felicidade e tristezas, em tom alto e julguei que estavam se exaltando, característica própria de torcedores apaixonados de times de futebol, sempre demonstrando conhecimento, a respeito de algum jogador e do próprio time. Pelo que pude perceber mais de perto dois deles torciam, falavam a favor de determinado time e os demais defendiam time diferente, ambos tinham se enfrentaram na noite anterior, por isso, a discussão estava acalorada e ainda fresca na memória de cada um dos presentes na resenha. (outubro de 2020).

3.6 Conclusão

A dinâmica dos mototaxistas é importante ser explorada pela necessidade do transporte de passageiros em cidades de pequeno porte, pois hoje se tornaram essenciais, única opção dos

moradores e tem sentido dado a atividade na frase dita por um interlocutor, *“aqui tem gente que levo direto na zona rural aqui, porque pra lá não tem transporte, a pessoa so pega o ônibus escolar, ai quando não tem me pede pra levar lá”, não só zona rural, mas até aqui dentro da cidade mesmo. Se não tiver carro próprio a gente é que leva”*. (**mototaxista 6**). Acrescento a essa consideração o fato do mercado de trabalho informalizado do mototaxista ter se tornado única “saída” para diversos homens, os quais enxergam como meio de se manterem minimamente trabalhando e conseguindo seu sustento. Por último, as movimentações presentes na lógica do da unidade etnográfica pelo meio das interações, devem levar em conta o território no qual estão estabelecidos e a cor/raça, haja visto o tamanho de pontos fixos existente.

A coincidência da data de episódio que afetou moradores e o pesquisador em campo, a morte de Davi, homem negro iguais aos que conheci e dialoguei durante a fase etnográfica nas ruas Sanfelixta, apesar de não ser na época o objetivo principal, entendi que poderia ser usado na tese. O genocídio dos homens negros, é transversal na produção das masculinidades negras. A morte do corpo masculino negro tem sido sintoma real nas nossas vidas, algo com que flertamos diariamente na rua, sobretudo em bairros e comunidades consideradas periféricas. Os modos como esses acontecimentos afetam essas pessoas, o medo de que aconteça com eles, os traumas causados pela violência, o costume de “saltar corpos” e ter que seguir a vida, tudo isso, é elemento constitutivo da identidade de gênero masculina produzida pelos homens negros.

Essa seção do mototáxi se soma a intenção de reforçar e ampliar a proposta da construção do campo multisituado de masculinidades negras. Adicionei informações a estrutura da identidade de gênero, particularidades do grupo em destaque ou distintas a pesquisa na barbershoper. Em outras oportunidades as comparei ou complementei com exemplo da repetição de conversas relacionada ao futebol e da violência em São Félix, BA e região, nos dois *sítios*. Como ausência de descrições em ambos trazidas aqui na etnografia do mototáxi, cito exemplo da sexualidade e novamente as brincadeiras feitas entre eles no ambiente privado. O próximo capítulo foi direcionado para interrogar as relações sociais do trabalho envolvendo masculinidades e corpo do homem negro no uso massivo do labor como algo natural deles. E reiterar a criação de nichos de trabalhos historicamente considerados e ocupados pela população negra no Brasil. As trajetórias de homens auto identificados negros e moradores locais auxiliaram como personagens centrais no desenvolvimento de narrativa biográfica de ajuda significativa na compreensão do ponto de vista colocado.

4 RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO, MASCULINIDADES E CORPO DO HOMEM NEGRO

A desigualdade social no Brasil afeta majoritariamente pessoas negras oriundas de conjuntura periférica. Ocupamos o primeiro lugar entre aqueles com menor rendimento médio salarial e taxa de desocupação, restando, em determinados casos, atividades informais. Nichos de trabalhadores negros são fragmentos comuns na nossa sociedade, exercem serviços braçais e tidos como subalternos, dados do PNAD/IBGE contabilizam a taxa de informalidade em 39,2%, no segundo semestre de 2023. Ao falar em relações de trabalho e gênero estamos falando principalmente a respeito do homem racializado, objeto dessa pesquisa, a produção das masculinidades negras está também interseccionada com o mercado de trabalho capitalista e com as classes pertencentes. Dois nichos atuais ocupados por homens negros são o de barbeiro e mototáxi, funções exploradas no texto desde os ofícios dos barbeiros em meados do Séc. XIX, e da vitalidade que se tornou os mototaxistas no cotidiano, emergida mais fortemente no início da primeira década de 2000.

Em seguida a trajetória individual de três homens negros, acompanhados durante a pesquisa para entrevistas e demais contatos, acentuando que um deles trabalha no mototáxi e outro no barbershoper, ambas unidades etnografadas. Foi de suma importância para estruturação da escrita e daquilo considerado no objetivo geral e específicos. Na trama produzida as atividades laborais já realizadas por eles e o mercado de trabalho é parte da narrativa. A migração para centros urbanos maiores (cidades, estados, país) são complementares a falas de outra entrevistada no primeiro capítulo. Embora as técnicas corporais desempenhada pelos barbeiros e estética dos corpos negros através dos modelos e cortes de cabelo aparecerem devidamente caracterizadas na primeira seção do capítulo, porém a noção de corpo atravessa todos os subcapítulos, mesmo que de modo escamoteado, e de discussão ausente, quando se expressa temáticas citadas ele é acionado. Entendendo que é o corpo do homem negro: o corpo do labor, corpo *matável*, corpo que discursa.

4.1 O CORPO DO HOMEM NEGRO COMO AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE

O corpo é usado como chave para situar as pessoas no sistema social ocidental, na medida em que a posse ou a ausência de certas partes do corpo inscreve diferentes privilégios e desvantagens sociais. (OYÈRÓNKÉ, 2021, p. 153).

Oportuno ampliar o debate de como o corpo negro masculino é depositório e plataforma discursiva dos atravessamentos experienciados numa sociedade racializada como a brasileira.

Socialmente são atribuídas e autoatribuídas características corporais ligadas aos homens negros produzindo dinâmicas de mercado como relatada no primeiro subcapítulo entre mototaxistas e barbeiros, o corpo negro é visto comumente apropriado para esses espaços como “corpo labor”. E como afirmamos no objetivo geral, dinâmicas de gênero e raça também atuam na produção das masculinidades negras, dando sentidos hipersexualizados, e de virilidade.

Para a noção de corpo negro, dentro do que já assinalamos na epígrafe do subcapítulo, tomamos de empréstimo a crítica desenvolvida pela nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2021), ao conceito ocidental de gênero em contraste ao *gênero* na “iorubalândia” no brilhante livro *A invenção das mulheres*. Seguindo essa afirmação inicial, a cor da pele parece ser a principal desvantagem que os corpos negros carregam no *ocidente*. É ela em muito dos casos a identificação primeira ou mais rápida que fazemos/fazem de nós negros num mundo racializado, no qual os sujeitos brancos e não negros desfrutam de privilégios e *status* hierarquicamente superiores. Acredito que o célebre registro feito por Frantz Fanon (2008), e largamente utilizado como exemplo diverso de *esquema corporal* (conforme dito), do diálogo entre criança branca que avistara um negro, e sua mãe também diz muito sobre essa identificação social através da racialização ou da cor da pele que faz parte do imaginário criado para negros e negras. Diz Fanon em um dos trechos:

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! (FANON, 2008, pp. 106-07).

Segundo Oyèrónké (2021), na sociedade iorubá pré-colonial, as relações sociais não se davam a partir da biologia, mas da senioridade, “a “fiscalidade” da masculinidade ou feminilidade não possuía antecedentes sociais e, portanto, não constituía categorias sociais. A hierarquia social era determinada pelas relações sociais.” (Oyèrónké, 2021, p. 48). A autora nos oferece abordagem transcultural do gênero e de como as hierarquias e diferenças sociais tem sido pensada a partir de uma teoria e percepção do corpo nas sociedades ocidentais, o que foi imposto pela situação colonial a sociedade iorubá no século XIX. Pondera a priori sobre o pensamento universal envolvendo conceitos ligados a biologia e o próprio corpo, exemplos de sexo/sexualidade, e produção de feminilidade e masculinidade.

No Ocidente, desde que a questão seja a diferença e a hierarquia social, o corpo é constantemente colocado, posicionado, exposto e reexposto como sua causa. A sociedade,

então, é vista como um reflexo preciso do legado genético – aqueles com uma biologia superior são inevitavelmente aqueles em posições sociais superiores. Nenhuma diferença é elaborada sem corpos posicionados hierarquicamente.” (idem, p. 39).

Voltando a produção de masculinidades negras, como qualquer outra identidade de gênero, deve-se atentar para as experiências individuais e coletivas de cada análise. Nas linhas que se seguem apresentamos duas observações de campo que consideramos indispensáveis para indagar na direção de aprofundar o debate sobre o corpo e o corpo do homem negro produzindo masculinidades. Uma é a técnica corporal que percebi entre eles, alguns me contaram sobre como melhoraria no exercício da função e a outra é um mapeamento do corpo determinado pelos cortes de cabelos, o porquê de tal escolha do modelo, assumindo o uso do corpo através de experiência estética no corte ou pigmentação, dentre outros apetrechos na moda. Assim, insistimos na hipótese de que o ideal é partir de conceitos interseccionados da mesma forma estabelecida por Mara Viveros Vigoya (2018), com citação de R.W. Connell e de Osmundo Pinho (2018), mais uma vez no artigo *Orfeu negro* em sequência, contextualizando a Bahia no século XX.

Dessa maneira, “[...]Em resumo, estudar as masculinidades concebe Connell, é investigar teórica e empiricamente a lógica e as complexidades internas das masculinidades, no interior da estrutura de gênero e na sua relação com outras estruturas sociais como a origem étnica, a raça e a classe” (Viveros, 2018, p. 43).

Nesse sentido, definimos um quadro hermenêutico para considerar as conexões estruturadas para a produção da masculinidade negra no contexto da Bahia do século XX, em conexão a outras estruturas, como as formações de classe, as representações estereotípicas, a necropolítica do Estado e uma economia política da sexualidade racializada, como o sacrifício carnal de um estereótipo negativamente idealizado. (PINHO, 2018, p. 151).

O lugar observado, a saber a *Barbershoper Black Power*, volta a ser espaço de análise a partir do momento em que técnicas corporais coincidem em linha reta com operações técnicas realizadas pelos profissionais barbeiros. Obviamente não faremos comparações sobre atividades desempenhadas pelo barbeiro e o mototaxista, o que um faz ou o que o outro deixa de fazer, pois são funções muito distintas embora o corpo do homem negro seja o sujeito nas duas. Igualmente interessa questionar nesse nicho para trabalhadores negros (a barbearia) de que modo o corpo é preparado para determinada função ou não há nenhum tipo de preparo? E de que modo o corpo negro é enxergado em cada seguimento, constituindo plataforma discursiva?

A “ausência do corpo” tem sido uma precondição do pensamento racional. Mulheres, povos primitivos, judeus, africanos, pobres, (homens negros³⁴), e todas aquelas pessoas que foram qualificadas com o rótulo de “diferente”, em épocas históricas variadas, foram consideradas como corporalizadas, dominadas, portanto, pelo instinto e pelo afeto, estando a razão longe delas. Elas são o Outro, e o Outro é um corpo. (OYÈRÓNKÉ, 2021, p. 32).

A leitura de Loïc Wackant (2002), *Corpo e Alma* foi fundamental por trazer a oportunidade de extrair na etnografia do boxe do autor coisas semelhantes ao uso do corpo e de aprendizado de técnicas às que pude perceber junto aos profissionais dos lugares pesquisado, na interpretação de que contribuiria para conceituação das habilidades corporais. Ele se posiciona no campo de pesquisa fazendo parte do próprio objeto ao se tornar *aprendiz* de boxe o que parece permitir a acompanhar mais de perto e entendimento maior da vida dos personagens, “(...) que me levou a tematizar a necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto (o inglês fala *of the body*), mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento (*from the body*)” (Wackant, 2002, p. 12).

Dito isso, antes de chegar na reflexão sobre os modelos e cortes de cabelos, avalio que dois momentos na Barbershoper contemplem em parte o esforço dos profissionais para aprimoramento de técnicas empregadas no dia-dia dos barbeiros. O primeiro é a existência de curso para formar jovens homens negros moradores de São Félix-BA, com aulas práticas e teóricas, segundo os responsáveis pelo curso, com toda uma pedagogia apropriada. O outro emerge de *insight* na observação de campo em algo que me intrigou enquanto etnógrafo, mas que logo em seguida foi celeremente corrigida na entrevista com um dos rapazes. O curso para barbeiros jovens tem um prazo de no mínimo cinco meses, a depender do desenvolvimento de quem está aprendendo. No diálogo com Neto, o gerente do espaço me explicou como surgiu essa ideia de curso para formar novos profissionais na área.

“Na verdade, assim, o povo já tinha intenção pelo nome que ele já tem né? Eu não falo o nome da BarberShop Black Power, eu falo o nome do profissional que aqui habita, que é Flávio da Silva Moreira, popular Vinho. Ele tem um nome muito grande graças a Deus. Desde novo ele sempre trabalhou com essa profissão e hoje, ele é reconhecido, pelo menos na nossa região. Ai a galera começou a cobrar e começou a pedir e ele aderiu né? Ele aderiu, só que hoje a sobrecarga é muita, então tem que ter um planejamento pra que ocorra 100%”. (Neto).

“Trabalhava na parte teórica e na parte prática. A teórica a gente vem com o estudo, porque tipo assim, a gente consegue alguns digamos assim “cobaiais”³⁵. A gente oferece o corte gratuito,

³⁴ grifo nosso.

³⁵ Prefiro a palavra voluntário ao invés de “cobaia”, porém o entrevistado em outro momento que citou o termo tomou muito cuidado com o uso do mesmo “vamos falar popularmente, o “cobaia””.

para essa pessoa que é carente. Então pra você vê aí vai o social de novo. A gente vai ali na comunidade tal. Vamos trazer duas, três pessoas, quem faz o acabamento é o profissional, mas durante o trabalho ali, pra que o aluno que se inscreveu no curso, ele possa tá aprendendo, ele que vai fazendo, o aluno”. (Neto).

Técnicas adquiridas através do curso e da prática da função como a exemplo do aprendizado do uso manual da navalha com lâmina de barbear. Um dos barbeiros me explicou sobre o profissional “ter confiança” para não cortar o cliente, pois alguns tremem as mãos ou se sentem inseguros com o objeto cortante. Ele me falou sobre a técnica feita com “bola de assoprar” cheia, nela é colocado o creme de barbear e assim os mais novos treinam. Se estourar a bola o processo é refeito e demonstra que ainda não estão preparados para lidar com esse objeto. Essa narrativa me trouxe a memória uma afirmação de Marcel Mauss (2017), em seu ensaio sobre noção de técnicas do corpo ao tomar como exemplo as crianças que são habituadas com a água, perante a natação.

Assim, antes mesmo que nadem, as crianças são treinadas sobretudo a controlar reflexos perigosos mais instintivos dos olhos, são antes de tudo familiarizadas com a água, para inibir seus medos, criar uma certa segurança, selecionar paradas movimentos. Há, portanto, uma técnica do mergulho e uma técnica da educação do mergulho que foram descobertas em meu tempo. (MAUSS, 2017, p. 422).

Ainda para Mauss (2017), a técnica não exige o uso de instrumento específico na sua aplicação. Erro que o autor diz ter cometido a respeito da noção de técnica e procura recompor admitindo no ensaio. Nos diz ele: “Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (...) ele precisa ser *tradicional e eficaz*” (idem, p. 427). Certificando que as Redes Sociais e Sites de pesquisas na internet (páginas de barbeiros famosos, Instagram, canais de Youtube, Facebook, TikTok) são também grande inspiração e procura para desenvolvimento e aprendizado, algo mais recente que profissionais de gerações anteriores não tiveram acesso como caso de Vinho, barbeiro que exerce a função há dezoito anos e aprendeu a cortar cabelo sozinho, pois no início não contou com esse tipo de tecnologias.

A impressão deduzida no início da observação participante no primeiro semestre de 2018, procura afastar qualquer dúvida que tive sobre a prática na realização dos cortes de cabelo. O detalhe que me chamou a atenção foi como os barbeiros fazem tudo que tinham que fazer em um lado do cabelo (passavam todos os pentes necessários e já deixava no modelo do corte) para só depois fazer o mesmo do outro lado do cabelo ainda sem cortar. Avistando isso nas primeiras vezes dei minha própria versão daquele exercício sincronizado, que seria alguma técnica utilizada para melhorar o desenho do corte ou coisa do tipo. Porém, ledô engano, quando conversei com os barbeiros eles me

disseram somente ser um modo para evitar “ficar virando o cliente de um lado para outro várias vezes durante o procedimento” convenhamos faz muito mais sentido do que a minha ideia de aprimoramento do corte ou da técnica. Muito bom. Tomei nota que:

Dia de sábado a tarde de grande movimento na Black Power, cheguei no local por volta das 15:00h e todos os barbeiros estavam cortando. Como de costume cumprimentei alguns deles e me sentei em um dos bancos de espera percebi quase que uma sincronia entre os três barbeiros que atuavam na época. Todos os clientes estavam com cadeira voltadas para o mesmo sentido (no caso de costa para os espelhos) enquanto dois deles cortavam cabelo e outro fazia a barba. Naquele momento sincrônico o corte estava sendo feito do lado esquerdo. No primeiro momento não perguntei a nenhum deles, pois achei coisa corriqueira e só a partir do terceiro ou quarto dia de observação me veio o insight de que não seria algo comum, mas como já dito acima minha percepção estava totalmente errada. (Nota, março de 2018).

Os cortes de cabelos, são fundamentais nesse ambiente pois produzem um processo de estético-corporalidade dos homens negros, maioria entre frequentadores, que aos seus modos desafiam o racismo institucional assumindo cortes, texturas e tipos de cabelos socialmente malvistas ou considerados esteticamente feios e passível de abordagem policial, se passando como o suspeito na linguagem normalmente usada no nosso cotidiano.

Um dos fenótipos frequentemente focado nas construções negativas do corpo negro é o cabelo, talvez, por essa razão, o cabelo crespo vem sendo instrumento de intervenção nos mais variados contextos e culturas e por motivos similares, ocupa um lugar central nas construções e discursos sobre a identidade negra no Brasil e sendo assim, o seu modo de uso tornou-se um símbolo, um sinal diacrítico na afirmação da identidade. (FIGUEIREDO, 2016, p. 01).

Sobre a estética corporal negra, e em singular os cabelos, temos em nosso país uma grande contribuição das mulheres negras através do uso das tranças e penteados afros que remetem a uma ancestralidade, uma política de reparação histórica que nas últimas décadas ganhou espaço no mercado consumidor, inclusive com produtos específicos para cabelos crespos. Pessoas negras têm produzido em grandes corporações da área de beleza ou a partir de criações e tratamentos capilares por mulheres e empresárias (os) negras (os). Essa mesma estética, estética afro foi elemento de luta antirracista dos Movimentos Sociais Negros desde a década de 70, do século XX. E de afirmação da negritude desde os anos 1960. Portanto, o corpo como aparece em Oyèrónkẹ (2021, p. 31): “Como tal, invoca um olhar, um olhar de diferença, um olhar de diferenciação – o mais historicamente

constante é o olhar generificado. Há um sentido em que expressões como “o corpo social” e “o corpo político” não sejam apenas metáforas, mas possam ser lidas literalmente”.

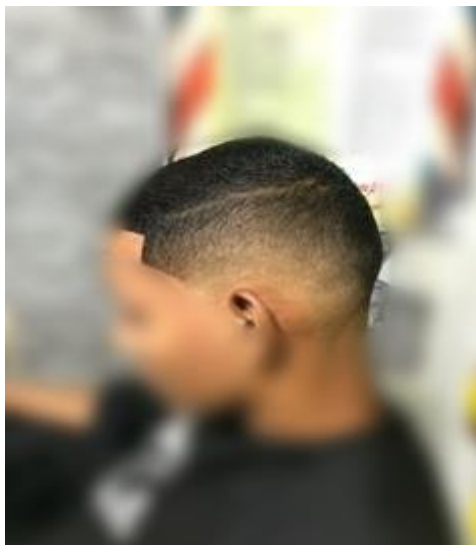
Em particular, o termo *Black Power* aplicado a *BarberShoper* não é por acaso, apreciado a resposta de Vinho, proprietário da loja, quando interroguei o porquê do nome: “*Esse nome daí já quer dizer muita coisa, quem se identifica pelo nome já para logo pra conhecer a barbearia e o nosso trabalho de qualidade*”. Mais uma vez Ângela Figueiredo (2002; 2016), em consideração sobre a classificação de cor no Brasil, tomando o cabelo como dado importante da definição de quem é negro no país e em outro artigo mais recente baseado na exposição fotográfica *Global African Hair*, onde apresenta série de penteados com conexões diaspóricas.

Mas é principalmente a cor da pele e a textura dos cabelos que vão definir o lugar a ser ocupado no interior dessa escala classificatória. Assim, por exemplo, morena é a pessoa mestiça e de cabelos lisos, o mulato é também mestiço, mas de cabelo crespo; o denominado sarará são as pessoas mestiças, de pele muito clara, mas de cabelo crespo. E os cabo-verdes são as pessoas de pele escura e cabelo lisos, considerados como muito bonitos no Brasil. O que leva a pensar que mais importante do que a cor da pele é a textura do cabelo. (FIGUEIREDO, 2002, p. 06).

Dos mais simples aos mais estilizados com desenhos e pigmentação, os modelos e cortes de cabelos são elementos constitutivos dos corpos negros e da afirmação de identidade advindo da busca pela estética masculina cada vez mais potente, vide a procura massiva nos espaços apropriados e o mercado com a criação de diversos produtos direcionados para homens. Desenvolver atividades e produtos estético-corporais têm sido uma das principais fontes de renda em São Félix, pois a área tem sido enxergada como processo de “ganhar dinheiro rápido”. Barbearias da cidade e cidades vizinhas são bastante procuradas com mais frequentadores aos fins de semanas, dias que antecedem feriados e durante períodos festivos (Carnaval, São João, Natal e Ano Novo).

Expus uma série de modelos de cortes mais realizados na observação dos próprios barbeiros que me enviaram algumas das fotos e afirmaram também quando perguntados quais seriam os cortes mais pedidos atualmente. Complementei as fotos da *Barbershoper* com outras retiradas de pesquisa secundária em sites que envolve temáticas de barbeiros e estéticas diversa, permitindo explorar mais os cortes.

Figura 43: Corte do jaca. BarberShop BlackPower



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 44: Corte do jaca - Phillippe Coutinho



Fonte: arquivo de pesquisa

Os dois cortes de cabelo iniciais da exposição fotográfica, “corte do jaca” (figuras 43 e 44) e o “moicano” (figuras 45, 46 e 47) eram no momento os mais usuais entre homens frequentadores da *Barbershoper Black Power*. A nomenclatura do primeiro ganhou bastante relevância recentemente, e o modelo foi criado na favela do Jacarezinho³⁶, Rio de Janeiro, sendo massificado por jogadores de futebol brasileiros famosos, como caso de Philippe Coutinho (figura 44). Igualmente o “moicano”, esse tem sido recorrente já há alguns anos e parece ser inspirado no movimento *Punk*, surgido entre

³⁶ Matéria a respeito do modelo de corte. Disponível em: [Corte do Jaca: conheça estilo que conquistou os homens | All Things Hair BR. Acesso em 11 de dezembro de 2022.](#)

as décadas de 1960 -70. A moda do corte no Brasil, data mais recente, com propagação maior a partir da década de 2010, especificamente inspirados no modelo ostentado pelo jogador de futebol Neymar (figura 47). O “moicano” a partir dessa época passou a ser altamente imitado, porém com suas variações locais e de designs diferenciados com dicas do cliente ou dos próprios profissionais. Percebi, que entre os mais jovens, há uma aderência maior ao cabelo “moicano”, e o “corte do jaca” visto comumente entre pessoas mais velhas, mais maduras. As nomenclaturas podem variar a depender da região e no decorrer de um período, me recordo que hoje o que é o “corte do jaca”, já foi nomeado de “disfarce” ou “disfarçado” e um pouco mais atrás de “militar” e aqui na Bahia, recebeu o nome também de v.o, a depender do tamanho do cabelo raspado nas laterais.

Figura 45: Moicano Barbershop Black Power



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 46: Moicano. Imagem da internet



Fonte: arquivo de pesquisa

Figura 47: Neymar em 2011 - moicano

Fonte: Arquivo de pesquisa

Os modelos de cabelo “nevou”, exposto em fotografias que seguem os próximos parágrafos, também conhecido como “platinado” e de forma estereotipada como “loiro pivete”³⁷ virou moda nos últimos quatro anos, embora sempre foi comum o tingimento do cabelo entre jovens negros periféricos durante período do verão. O que temos visto é o deslocamento passando de uma sazonalidade, restrita somente há estação do ano, para períodos intermitentes particularmente festivos. Hoje aderido em praticamente todas as classes sociais e pessoas de cor/raça diversas. A primeira foto foi tirada de um cliente na *Black Power* e mostra o início do processo com a tintura, são usados pelos menos duas texturas, cores diferentes para se chegar ao resultado esperado, além disso diversas cores, rosa, verde, vermelho, azul são usados na cor do cabelo. Todo processo de tintura é demorado e leva cerca de 1h30min a 2h00min, sem contar no corte de cabelo que é feito anterior ao “nevou” com cerca de 1h00min. Contabilizando, portanto, cerca de 3h30min para “ficar bonito”, frase comum entre clientes e barbeiros.

O projeto fotográfico dirigido por Ana Lee (2021), *Loiro Pivete: da Margem ao Centro*³⁸ publicado como fotolivro digital pela Lei Aldir Blanc, procura dar visibilidade a criatividade de homens e mulheres jovens da periferia através da imagem e de relatos do cotidiano dos moradores a respeito de racismos e identidade ressignificando a ideia por trás do termo “loiro pivete”. Encontrei no trabalho relatos parecidos aos que colhi durante o campo de pesquisa com meninos que encontrei até mais de uma vez “nevando” na *Barbershoper*, ou os encontrava pelas ruas de São Félix e

³⁷ Matéria de 2021, sobre o denominado “loiro pivete”. Disponível em: [‘Loiro pivete’: Tendência do verão nas periferias, jovens procuram barbearias para deixar cabelo platinado | Bahia | G1 \(globo.com\)](#). Acessado em 12 de dezembro de 2022.

³⁸ Acesso do fotolivro disponível em: [Loiro Pivete- Fotolivro.pdf](#).

Cachoeira com cabelos pintado, um dos relatos do fotolivro que reproduzo abaixo, e logo após duas breves passagens do campo empírico atestam o discurso deles. Quis saber qual era a inspiração para tintura do cabelo e como eles percebiam os olhares nas ruas e com familiares.

“Todo mundo meio que cria o loiro dourado com o ouro, e ai eu pensei, tem essa percepção de que os meninos negros costumam fazer isso nos momentos de festa que é o réveillon, é o carnaval então, sinto que apesar de toda repressão, apesar de todos os olhares atravessados, de todo olhar da polícia, da violência policial que pode ocasionar, tipo é um momento de festejar e a gente vai botar essa coroa, a gente vai botar esse ouro e a gente vai sair, a gente vai sair para brilhar, sabe? E a galera vai ser os pivetes na rua mesmo, é isso”. **(Vinícius Cantuária, estudante universitário ao fotolivro “loiro pivete”).**

*“Véi já tem bastante tempo que pinto cabelo eu e meus primos, desde pivete isso daí. Hoje em dia sou músico tá ligado? E isso até que ajuda um pouco na minha área, vejo que as pessoas se identificam. O problema mesmo é nas rua ta ligado? Na família. Sempre tem alguém dizendo que ta feio. Que é coisa de vagabundo, de ladrão. Até mesmo de pessoas que conheço que a polícia abordou e o policial desfez do cabelo mandando ele cortar. Mas hoje ta mais sossegado eu acho, porque tá geral pintando o cabelo durante as festas daqui”. **(Cliente da Barbershoper, dezembro de 2018).***

*“Antes mais novo eu tinha medo de botar o cabelo dessa cor porque aqui nas áreas o pessoal sempre olha como se fosse pessoa errada. Até dentro de casa mesmo minha mãe e meu pai nunca deixava eu e meu irmão pintar por causa dessas ondas aí que tem. Ai depois a gente foi mudando essa ideia, já grande já, mas ainda é barril na rua, só que hoje nem ligo mais mesmo assim ainda dá pra ver, você passa e a pessoa fica apontando a depender do lugar. Aí pra você né? Uma cidade pequena como São Félix e sempre teve isso das pessoas olharem feio pra nós (se referindo a quem pinta o cabelo), isso já é até normal, mesmo que a pessoa te conheça desde pequeno ali, mas quando tiver diferente, com o cabelo de outra forma já muda o jeito que olha pra você. **(Cliente da Barbershoper, junho de 2021).***

Figura 48: "Nevou" Barbershop Black Power



Figura 49: "Nevou". Imagem da Internet

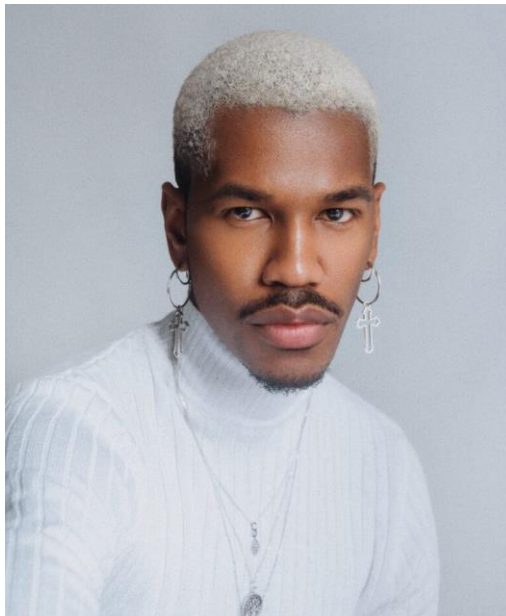


Figura 50: Cor vermelho degradê. Barbershop Black Power



Fonte: Arquivo de pesquisa

Há ainda os cortes conhecidos como “americanos”. Desenhos tribais estilizados, traços e listas, flores, marcas de grande circulação internacional como a norte-americana Nike fazem parte das molduras que se assemelham, em parte, ou tem como inspiração a disseminação de tatuagens, aqui no Brasil conhecidas como *tribais* ou *maori*. Em estudo da cabeça como parte do corpo onde se

fabrica e se sustenta uma estético-corporalidade negra em mulheres da cidade de Maputo, Moçambique, Denise Ferreira da Costa Cruz (2015), conjectura narrativa que remete restritamente as mulheres com as quais teve contato, porém no levantamento da abordagem dada ao corpo no local, assimilamos recorrência na produção dos barbeiros e dos cortes e texturas dos cabelos de homens nas fotografias expostas no subcapítulo. Podemos afirmar uma ressignificação da estética afro masculina, e porque não dizer também feminina, na medida que há em curso uma modernização nos cortes de cabelos como inscrições corporais e de afirmação da identidade, para além do famigerado cabelo Black Power. Assim, Cruz nos convida a pensar que “A cabeça é o suporte no qual investem-se elaborações visuais e desenham-se tramas; é para ela que o primeiro olhar das outras pessoas é direcionado. Pode-se pensar o corpo como um suporte para a arte sendo os cabelos a parte do corpo manipulável e material para esses investimentos”. (Cruz, 2015, p. 140).

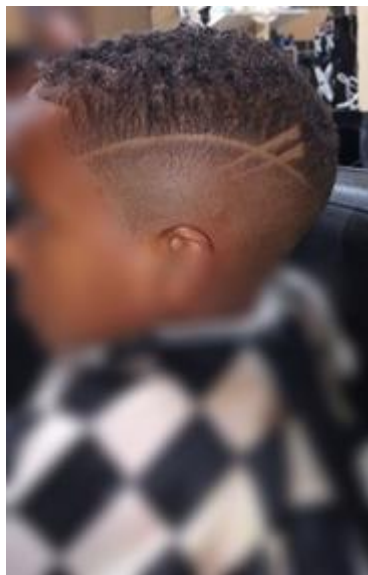
Figura 51: "americano". Barbershop Black Power



Figura 52: "americano". Barbershop Black Power



Figura 53: "americano". Barbershop Black Power



Fonte: arquivo de pesquisa

“Corte o jaca” ou “moicano” curtinho com o desenho do logotipo da Nike feito com pigmentação ou feito com a navalha é recorrente principalmente entre os mais jovens (figuras 54 e 55). Certo dia indaguei a um desses jovens, aparentemente com cerca de quinze anos, acompanhado na *barbershoper* do pai, o porquê do símbolo da marca e ele me respondeu que: *“já fiz várias vezes aqui, um vizinho meu sempre fazia aí gostei e pedi pra fazer. Da outra vez mesmo o pivete desenhou com a navalha, fica melhor do que assim (se referindo ao desenho no seu cabelo ser feito com pigmentação)”*. Também tenho umas camisetas e um tênis da Nike que uso sempre é uma marca que eu gosto também” (*Cliente da Black Power, janeiro de 2022*).

O acesso popular ao consumo da marca Nike é definidor para identificação desses jovens na periferia a ponto de marcarem seus próprios cabelos com o símbolo, carregá-la inscrita ou desenhada no corpo. Acredito que seja dissidência da moda há cerca de uma década da tatuagem do logotipo da Air Jordan (linha de calçados da Nike) no pescoço, algo que se espalhou rapidamente entre jogadores brasileiros de futebol, principalmente os mais jovens.

Figura 54: Símbolo da Nike. Barbershop Black Power



Figura 55: Símbolo da Nike. Imagem da Internet



Fonte: Arquivo de pesquisa

Para encerrar a exposição das fotos dos cortes de cabelo, outro modelo que se enquadra dentro dos “cortes” americanos, é o denominado de “nudread”. Faz emulação com o *dreadlocks* e é apropriado para cabelos crespos ou afro curtos. É Basicamente um modelo de corte idêntico ao Black Power e seu design é finalizado com a “esponja mágica”, material de tamanho similar a escova de lavar roupa, feito de espuma e com furos para dar aderência ao cabelo, durante movimentos circulares para pentear (ver fotos abaixo), e fixado com gel ou qualquer outro tipo de fixador de cabelo. No primeiro instante desembaraça-se o cabelo com auxílio do *pente garfo* ou *ouricador*, para logo após

enrolar com a esponja. Surge como corte masculino, mas atualmente também aderido pelo público feminino.

Figura 56: Corte de cabelo “nudread” imagem da internet



Figura 57: Corte de cabelo “nudread” imagem da internet



4.2 conclusão

Sugerir análises para pensar o corpo do homem negro em nossa sociedade é trazer à tona todo esse debate posto, do corpo *labor*, do corpo da ausência, do racismo, do genocídio, da hipersexualidade e do emprego do corpo como plataforma discursiva para afirmação de sua identidade em conformidade com o que observamos até aqui e problematizado em todo capítulo. Os cortes e modelos de cabelos como demonstramos tem sido elemento de estético-corporalidade e de encorajamento desses homens negros frente aos preconceitos imaginados por parte das pessoas. “O

cabelo crespo sempre fez parte da imagética das representações raciais, sendo imprescindível na construção dos estereótipos” (Figueiredo, 2016, p. 01). Muito embora conheçam quem já sofreu e disseram saber da existência dos racimos e de suas dimensões, os barbeiros que se auto identificaram como negro ou pardo durante questionamento em entrevista ou quando dialogávamos afirmaram não lembrar ter sofrido racismo no ambiente de trabalho.

As técnicas corporais apresentadas seguem sendo aprimoradas pelos profissionais barbeiros, tendo em vista que a área e o mercado voltado para estética masculina continuam a criar produtos de beleza e no mundo moderno os cortes, desenhos e novas texturas de cabelos surgem regularmente. Desde 2018, quando dei os primeiros passos na pesquisa de campo na *Barbershoper Black Power* no Centro Sanfelixta, para os meses iniciais de 2023, quando se concluiu definitivamente a escrita da tese a procura pelos serviços de estética no local aumentou, algo que parece ser uma constante nesses espaços. A própria moda de pintura ou pigmentação capilar deu um *boom* e se tornou visível nas ruas e em personagens famosos nos meios de comunicação, jogadores de futebol, músicos e artistas de diversas áreas texturas de cores.

O curso de barbeiro para aprendizado e aprimoramento das técnicas de barbeiro é totalmente gratuito e no instante da entrevista com Neto encontrava-se sem data para nova edição, pois segundo ele, o curso exigia muito esforço de Vinho, o principal instrutor do curso. Normalmente acontece aos dias de domingo, dia da semana que a *Barbershoper* costuma não funcionar. Os membros da equipe da *Black Power* estavam pensando nova edição do curso para junho, tendo em vista que essa entrevista aconteceu no mês de maio de 2022.

Compatível com o dito a respeito das reflexões acerca do corpo do homem negro, especificamente no próximo subcapítulo, buscamos discutir uma das principais justificativas para realização de pesquisas sobre a produção de masculinidades negras e o homem negro, a saber o genocídio de jovens homens negros que nos acomete em grande número no país e pormenorizando no nosso estado e cidades do interior do tipo de São Félix.

4.3 GENOCÍDIO DE JOVENS HOMENS NEGROS

O título acima tem a intenção de enfatizar quem tem sido a principal vítima do genocídio da população negra no Brasil, os jovens homens negros. Sendo essa uma das principais justificativas enumeradas ao pensar a pesquisa ainda no seu embrião, no anteprojeto nas fases de seleção do doutoramento. Realizar pesquisa acadêmica que possa problematizar as masculinidades negras e temas correspondentes diz respeito diretamente ao alto índice de letalidade envolvendo pessoas do

sexo masculino, inclusive anteprojetado esse que nasce justamente em 2017, ano que tem como marco histórico negativo a maior taxa de homicídio no Brasil, que segundo dados oficiais do Ministério da Saúde, presente no Atlas da Violência (2019), notificou 65.602 mortes que acomete majoritariamente jovens homens negros com idade entre 15 e 29 anos. Cabe reforçar que o pensador negro e ativista do Movimento Social Negro, Abdias Nascimento na década de setenta do século passado, de forma mais abrangente já denunciava o genocídio da população negra brasileira, chamando a atenção, sobretudo para o embranquecimento cultural e *epistemicídio* que emana do Estado e das instituições.

Existem muitos outros elementos disponíveis para reforçar, se preciso fosse, a moldura e o conteúdo racista da “democracia racial”; porém, acredito na suficiência irreversível dos testemunhos reunidos na sequência deste ensaio. Esta é a nossa contribuição na denúncia que, através dos anos e de várias formas e maneiras, tem confrontado a arrogância e a pretensiosidade racial da sociedade brasileira. O silêncio equivaleria ao endosso e aprovação desse criminoso genocídio perpetrado com iniquidade e patológico sadismo contra a população afro-brasileira. E nosso repúdio, nossa repulsa profunda e definitiva, engloba o inteiro complexo da sociedade brasileira estruturada pelos interesses racistas e capitalistas do colonialismo, até hoje vigentes, os quais vêm mantendo a raça negra em séculos de martírio e inexorável destruição. (NASCIMENTO, 2016, p. 170).

Ainda segundo o Atlas da Violência (2019), um dos principais fatores para o aumento no número de homicídios por arma de fogo tem sido o surgimento da guerra entre duas das maiores facções criminosas do país a partir de 2016, desencadeada após morte de um dos líderes. Em cidades como São Félix, na vizinha Cachoeira e no Recôncavo da Bahia como um todo, vemos mais de perto relatos sobre essa suposta guerra de facções com inúmeros casos de assassinatos e outras ações, embora não seja do nosso interesse buscar averiguar o porquê do confronto. Isso indica o aceleração e interiorização dos grupos, já que se trata de cidades de pequeno porte e com população de moradores que não chega a quarenta mil pessoas e ainda levando em consideração que os conflitos se iniciam em grandes capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

O Mapa da Violência de 2016, com subtítulo de *Homicídios por Armas de Fogo no Brasil*, traz análises de dados que comparam números anteriores ao período, o que demonstra crescimento dessa modalidade de assassinato. O texto dissertativo do *Mapa* afirma que entre os anos de 2003 e 2014, há um aumento na taxa de homicídios cometidos contra pessoas negras, na contramão o número de homicídios que atingem pessoas brancas decai, considerando-se o mesmo recorte temporal. O primeiro com aumento de 9,9%, enquanto o segundo um decréscimo de 27,1%, “[...] para o país como um todo, queda nas taxas de HAF brancas de 14,5 por 100 mil, em 2003, para 10,6, em 2014. Concomitante crescimento de 24,9 HAF por 100 mil negros, em 2003, para 27,4 em 2014.” (Mapa da Violência, 2016, p. 54).

Outros números preocupantes para a população negra inventariado no Mapa da Violência (2016), dizem respeito à tríade sexo, idade e raça/cor das vítimas de homicídio por arma de fogo. De modo crucial a maioria que tem tido suas vidas fulminantemente ceifadas, como já apresentado através de dados do Atlas da Violência (2019), em linhas acima, são jovens homens negros, gostaríamos de acrescentar aqui, morador da periferia, área geográfica de onde são em maioria oriundos, naquilo que Jaime Amparo-Alves (2010) brilhantemente nomeou de “geografia da morte”. Segundo o *Mapa* duas questões devem ser ressaltadas, a primeira foi a que mais chamou a atenção levando em consideração nossa temática abordada, “A primeira é a quase exclusiva masculinidade das vítimas dos HAF: 94,4% na média nacional. (2016, p. 46). Na Bahia, por exemplo a taxa de participação masculina em 2016, era de 95,3% ou 4.228 homens e 209 mulheres.

O racismo institucional praticado pela polícia no Brasil, é uma das causas contínua do assassinato de jovens homens negros na periferia. Comumente ouvimos falar da violência policial, quando não, somos atingidos diretamente por políticas raciais repressoras que são implantadas pelo braço armado do estado. A frase “fomos recebidos a bala”, se tornou desculpa corriqueira nas ações desastrosas de policiais diariamente noticiada nos jornais, obsessão que se esconde por detrás do chamado excludente de ilicitude, o que muitos juristas e ativistas dos direitos humanos consideram como “uma licença para matar”.

Mais recentemente uma “nova” narrativa tem sido empregada pela Polícia Militar baiana em notas divulgadas e tende a afirmar que os policiais teriam recebido chamado para tal localidade a respeito de homens armados ou tiroteios. A Rede de Observatórios da Segurança, por meio de publicação do relatório, *Racismo, motor da violência* entre junho de 2019 e maio de 2020, monitorou eventos de Segurança Pública em cinco estados (Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, e São Paulo). Especificamente na Bahia, foram monitoradas 1.015 ações policiais. O total de mortos foi de 260 pessoas e 70 feridos, se tornando o segundo estado em relação a mais mortes durante ações da polícia, atrás do Rio de Janeiro. Quando se trata a respeito de Homicídios por Arma de Fogo (HAF), o documento levantou que.

a arma de fogo, de modo geral, é o principal instrumento utilizado nos assassinatos. não à toa, os homicídios lideram o ranking do monitoramento diário que a rede realiza em cinco estados de eventos envolvendo arma de fogo, com 786 registros. em seguida, vêm os conflitos interpessoais (237), roubo e outros crimes (219), balas perdidas (188), e as tentativas de homicídio (113). os dados coletados no período revelam que salvador foi a cidade com maior número de registros de eventos com armas de fogo (135), seguida por fortaleza (122), rio de janeiro (99) e são paulo (75). (racismo, motor da violência, 2020, p. 33).

Além disso, duas cidades baianas, Salvador e Feira de Santana figuravam entre as dez cidades com mais casos de homicídios de crianças e adolescentes durante o período abordado. A primeira com dezesseis, sendo a segunda colocada do ranking e Feira de Santana com dez ocorrências, na sexta posição. Os dados assinalados corroboram o pensamento que aparece no *sensu comum* de ser a polícia um dos principais agentes de assassinatos e violência cotidiana nas comunidades periféricas.

Com atualizações dos números levantados em 2022, e divulgado em julho de 2023, pelo Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública³⁹, listou quatro cidades da Bahia, ocupando o topo inclusive cidade do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus (88,3%) e mais duas na Região Metropolitana de Salvador, Simões Filho (87,4%) e Camaçari (82,1%), além de Jequié (88,8%) no interior do estado, primeira colocada no ranking. Considerando cidades com população acima de cem mil habitantes, Feira de Santana (68,5%) ocupa a 9ª posição e Salvador a 12ª (66,0%). O anuário teve como um dos resultados a publicação das cinquenta cidades mais violentas do país e a taxa de mortes violentas intencionais. Dados da publicação e metodologias foram prontamente negadas pelo Governo do Estado através de Notas a imprensa se apegando a redução de mortes violentas. Em 2020, a Rede de Observatórios da Segurança tinha divulgado dados colocando Santo Antônio de Jesus-BA como a cidade que “mais matou pessoas negras no Brasil, e todas as pessoas assassinadas pelo braço armado do estado em Salvador-BA eram negras e 98% delas em todo estado.

Artigo de Osmundo Pinho (2019) pondera sobre a violência estatal e o genocídio da juventude negra e periférica. Partindo da afirmação da Lei Antibaixaria, promulgada na Bahia em 2013, como instrumento de proibição para um determinado tipo de música. Na visão do autor a partir da ideia de Duggan (2006), “*Uma guerra racializada sobre o sexo*” (Pinho, 2019; Duggan, 2006), a qual tem pulverizado principalmente a subjetividade de homens negros periféricos, que são maioria nos espaços onde circula músicas do estilo pagode baiano. Pinho esmiúça o assassinato desses homens, através dos dados de edições do *Mapa da Violência*, sobretudo os de (2010 e 2011), “Os dados confirmam um viés racial e de gênero muito poderoso em termos de exposição à violência, que atinge um nível desproporcional no caso de jovens negros” (Pinho, 2019, p.119), ações de policiais (polícia militar e civil) também aparecem no artigo destacadas como acontecimentos corriqueiros nos bairros da periferia, interessante notar que há uma preocupação em assegurar o quanto isso tem sido danoso para todo o ciclo que cercam as vítimas, algo que podemos demonstrar no capítulo anterior quando uma das entrevistadas se comove ao lembrar-se de assassinatos de jovens negros próximos dela em

³⁹ Para mais sobre os dados ver anuário com acesso disponível em: [anuario-2023.pdf \(forumseguranca.org.br\)](https://forumseguranca.org.br/anuario-2023.pdf). Acesso em 01/08/2023.

São Félix, e que procuramos complementar através de outra entrevista, trazida em trechos, feita com irmão de um jovem morto pela polícia, em chacina onde quatro jovens foram vitimados na mesma cidade no ano de 2019. Ele fala justamente da afetividade com o irmão mais velho, em quem se espelhava como referência masculina, tendo em vista que teve pouco contato com o pai, figura que comumente é esse exemplo de homem a ser seguida pelos filhos, comum em sociedade que carregam na base o patriarcado como a nossa e como a perda do irmão comprometeu todo o entendimento de mundo que ele tinha até então.

Ora, tal violência prevalecente nos bairros pobres, seja motivada por confronto pessoal, por disputas entre grupos de jovens armados, ou pela ação dos agentes do Estado (as múltiplas forças policiais brasileiras), é material do cotidiano. O assassinato de vizinhos, familiares e amigos forma um ambiente social e afetivo que consolida a subjetividade da juventude afrodescendente. Violência policial e a constante possibilidade de sua ocorrência [...], constitui o persistente *background* para a produção de subjetividades masculinas negras jovens (PINHO, *ibidem*, p.118).

O entrevistado na época da entrevista com vinte anos de idade, e na época da morte de seu irmão ainda adolescente com dezoito é *nascido e criado* em São Félix-BA. No momento sem profissão/função fixa, ele me disse que estava estudando para fazer a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). O contato foi intermediado pela entrevistada no capítulo inicial, após pedir indicação de possíveis entrevistados e homens negros com os quais pudesse manter contato e dialogar diretamente, embora nesse caso se tratasse de alguém que eu já *conhecia* das redes sociais, considerando que ele faz parte de um grupo de rap local. Por questões que são emblemáticas e que podem chamar a atenção da sociedade pelo fato de abranger violência letal com uma pessoa do seu meio familiar resolvemos deixá-lo no anonimato e designar uma letra escolhida aleatoriamente para sua identificação. Nas primeiras perguntas pedi para que ele pudesse situar em que o contexto de onde vem a ajuda na escrita das letras de músicas compostas.

Véi eu sempre escrevo muito sobre o meu cotidiano. Por que querendo ou não a gente é preto e a gente sabe o que a gente passa na sociedade tá ligado? E, é muita injúria. Muito racismo querendo ou não. A gente entra no supermercado é sempre aquela parada que a gente sabe que é real. Que o segurança segue. Violência policial na rua tá ligado. Eu já tomei três baculejo em um dia só aqui em São Félix, voltando da rua comprando pão, eles me vendo com o pão na mão, perguntando pra onde é que eu tava indo. Por sempre tá ligado? Eu sempre deixo o meu Black, trançava, sempre rolou disso. Nessa fase agora que eu to, de uns dezenove pra uns vinte foi que foi crescendo mais. Eu tinha um irmão tá ligado. Meu irmão tinha vinte e quatro anos. Ele é negro. Ele

era negro. Só que andava com pessoas erradas. Meio que ele era do movimento tá ligado? Só que ele acabou falecendo. A polícia pegou ele e tal, eu lembro que ele ainda pediu pra parar, pediu perdão que ele entregava e tal, só que como é a polícia tá ligado? Eles acabaram alvejando, mas é uma parada que hoje em dia me influencia muito. Me ajuda muito a escrever. Me fortalece pra caralho, que tanto por agora eu lancei um Ep. Nome do meu Ep é o sobrenome do meu irmão tá ligado? É o que tá me ajudando mais a correr atrás disso. E é o que mais me motiva hoje em dia. [...] cresci vendo os passos do meu irmão que faleceu. Vendo tudo que ele fazia, mas sabendo que aquilo não era certo. Não era pra eu seguir, era pra eu optar pro outro lado. Mesmo assim admirando ele, tudo que ele era.

Na fala anterior, embora no diálogo local a expressão “a gente” seja um vício linguístico que pode ou não indicar coletividade ou supor mais de uma pessoa, enquanto dizia, por exemplo, a frase, “*Por que querendo ou não, a gente sabe o que é ser preto e a gente sabe o que a gente passa na sociedade*”, **F** fazia com os dedos indicadores sinais que deixavam entender reconhecer no seu interlocutor um homem negro que teria passado por processos parecidos com os que ele passa.

Em outro momento da entrevista **F** quando se lembrou da infância e adolescência contou que tem depressão e com a morte do familiar teve o quadro piorado e voltou a fazer terapia. No que tange a referência do irmão mais velho como exemplo masculino a ser seguido, em dissertação de minha autoria defendida em 2014, pude investigar um pouco a propósito dessa questão, buscando interrogar nos participantes homens as seguintes perguntas: *Com quem você aprendeu a ser homem? Quais foram os valores que você aprendeu com ele(a)?* Num horizonte de quinze homens negros que responderam esse questionamento, exceto um deles, todos os outros afirmaram procurar na figura masculina do pai o exemplo de homem. Replicamos abaixo três desses comentários retiradas da dissertação, as quais cooperam para entendimento daquilo declarado por **F**.

G- Com quem você aprendeu a ser homem?

D- *Meu avô e meu tio.*

G- Com quem você aprendeu a ser homem?

R- *a ser homem eu aprendi a ser com meu pai que eu não sabia nada e meu pai sempre me disse der no que der você tem que ser homem e nunca correr de sua responsabilidade, der no que der. Se você brigar, se você for preso e a porra, chegar diga por que brigou que eu vou lá te soltar, seja homem nunca minta pra seus pais, nem pra ninguém, seja homem.*

G- Com quem você aprendeu a ser homem?

S- *Com quem? Com meu pai.*

Baseado nessa mesma questão, uma ideia que se somou a essa foi de levantar quais valores eram passados para esses jovens através do exemplo masculino, enquanto aprendizado. Nas respostas

coletamos algo comum na formação da identidade de gênero masculina, sempre pautada para elevação da *respeitabilidade* e dignidade do que é *ser homem*. Códigos e condutas assumidos na sociedade e perante os demais homens em contato direto, mais tarde os mesmos aprendizados devem ser apresentados consecutivamente para os seus futuros filhos. Portanto, a seguir extraímos novamente da dissertação “Pegada de Patrão” observações relevantes acerca do comentário.

G- Quais foram os valores que você aprendeu com eles?

D- *Ser sempre, sempre, sempre, forever obediente e verdadeiro. E ser transparente como a água, não deixar nada escondido. E que tem algumas coisas que não temos que ficar compartilhando com qualquer um.*

G- O que é ser homem pra você?

D- *Ser homem é ter responsabilidade. Saber a hora de dizer sim e dizer não, ser responsável com seus relacionamentos. Ter compromisso sério e buscar ser pontual.*

G- O que é ser homem pra você?

J- *Ser homem é ser um cara que se respeita, é respeitar o próximo, é ter respeito a si mesmo. É que nem eu falei anteriormente é a questão também da atitude que o homem vai ser aquele o bambambam, todo mal. Se você quer respeito, você tem de dar respeito. Então é uma questão do respeito mesmo. Se respeitar e respeitar os outros.*

G- O que é ser homem pra você?

R- *ser homem é aquele cara que da uma ideia e não faz curva, é reta até o fim, até a morte. Se disser isso é isso ai mesmo, se disser que esse celular é preto e branco, esse celular é preto e branco e acabou.*

As perguntas acima levam em conta elementos do patriarcado presente na nossa sociedade. Poderíamos considerar as respostas já estipuladas, pois percebemos no *senso comum* e nas nossas vivências com quem os homens *aprendem* códigos e condutas masculinas na maioria dos casos. Os argumentos se mostram no momento oportuno para sistematização das masculinidades performadas pelos agentes com os quais interagi durante pesquisa etnográfica.

Fred Aganju (2020), em tese pioneira defendida recentemente e realizada no território do Recôncavo da Bahia, aborda no Sul da região (Cachoeira e São Félix) a necropolítica impetrada pelo governo com o uso de artefatos e veículos tripulados e não tripulados recorte entre os anos de 2015 a 2018 e tomando ainda a criação do programa de Segurança Pública Pacto Pela Vida iniciado em 2011, em território baiano. A partir de verificação de noticiário comum em jornais online da região, e de comprovação com os dados do SIM/MS, no capítulo “Banho de Sangue no Recôncavo Sul”, ele cria seu próprio banco de dados dos homicídios decorrentes de ação policial entre os anos supracitados. Essas vítimas de homicídios se enquadram para determinados jornais, ou páginas policiais, naquilo que Suzana Varjão (2008), em estudos de mídia e aparato policial chama de “vítimas preferenciais” ao analisar jornais de circulação em Salvador-BA e estado, ocupado por sua

cor/raça, território de origem (normalmente periférico ou empobrecido), escolaridade, dentre outros (Varjão, p.58). A metodologia precursora representada na iniciativa de Aganju me fez avançar nesse ponto de buscar relatos de notícias sobre homicídios e tentativas de homicídios direcionados a homens negros em São Félix, BA, que coincidissem com o período previsto para realização da pesquisa empírica que durou entre 2017-2020 e seguir a trilha indicada por ele, não em sentido de contabilizar ou criar banco de dados conforme feito pelo pesquisador, mas de demonstrar a continuidade dessas mortes de jovens homens negros (Ver tabela abaixo).

Tabela 3: Homicídios e tentativas de homicídios noticiados em 2019-2020

2019/2020	Homicídio/Tentativa de homicídio/chacina	Link para acesso da notícia
2019	Homicídio	https://tribunadoreconcavo.com/sao-felix-homem-e-morto-a-tiros/
2019	Chacina	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quatro-homens-sao-mortos-pela-policia-em-sao-felix/
2020	Tentativa de homicídio	https://portalcruzasalmasnews.com.br/2020/05/17/homem-e-vitima-de-tentativa-de-homicidio-em-sao-felix/
2020	Chacina	https://www.bahianoticias.com.br/municipios/noticia/19685-suspeitos-de-trafficos-de-drogas-morrem-durante-acao-da-pm-em-sao-felix.html

Fonte: notícias da internet

Como já inventariado por Aganju, esforço o qual não necessitou ser refeito, no ano de 2017, em São Félix foram noticiadas sete mortes pelos jornais de mídia eletrônica. No ano posterior o número de homicídios levantado para mesma localidade é de dois. O número aumenta para cinco em 2019, sendo que entre as mortes uma chacina com quatro jovens alvejados por uma guarnição da Polícia Militar. Para 2020 (ano ainda não terminado) encontrei notícias de uma tentativa de homicídio e três mortes, assassinados em chacina na zona rural do município.

Para os dados de homicídios nos anos posteriores a 2020, não tomei nota para tabulação, muito embora soube de várias notícias da morte de outros homens negros na cidade. Um dos casos que gerou comoção pública foi o assassinato do jovem negro, 22 anos de idade, Davi (como trazido em nota no capítulo 2) em dezembro de 2020, em emboscada policial quando pilotava moto em direção a sua residência⁴⁰. Esses assassinatos ficam no imaginário dos moradores da cidade, familiares e

⁴⁰ Matéria sobre o assassinato de Davi. Disponível em: [Jovem é baleado e morto durante ação da PM em São Félix: 'Era trabalhador', diz mãe | Bahia | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/bahia/noticia/2021/02/05/jovem-e-baleado-e-morto-durante-acao-da-pm-em-sao-felix-era-trabalhador-diz-mae-1.7111111). Acessado em 05/02/2021.

vizinhos tanto pelo chamativo da mídia, quanto pelo fato de se tratar de chacinas brutais como no caso de quatro jovens negros mortos pela polícia militar em 2019. Manifestações da violência racista presente no território e exercida, sobretudo com a anuência do Estado e que analisamos sociologicamente durante esses anos radicados nas cidades históricas do Recôncavo da Bahia. Por violência racista, termo que pegamos emprestado de Michel Wieviorka (2007), dentre as duas distinções que ele recomenda *violência infrapolítica e violência política*, sendo a primeira a que mais remete as afirmações feitas acima, embora o autor as coloque a partir da presença de uma subjetividade política que procede da sociedade e não necessariamente partidária ou ligada ao Estado, “Infrapolítica, a violência racista é indissociável de tensões sociais e culturais e pode ser, senão causada, pelo menos exacerbada por forças políticas ou militares que a deixam operar” (Wieviorka, p. 74).

A recomendada dissertação *Corpo Negro Caído no Chão* de autoria de Ana Flauzino (2006), defendida há quase quinze anos, dentro do campo da análise criminológica, se tornou texto fundamental no debate do genocídio da população negra e da condição de encarceramento em massa do homem negro no Brasil, corroborando que na época da pesquisa (e nos tempos atuais), tem sido um dos principais mecanismos para essa sentença. A autora toma raça como elemento estruturante para pensar o genocídio da população negra como um projeto racista do Estado, “o racismo é o fiel da balança que determina a continuidade da vida ou da morte dessas pessoas” (Flauzino, 2006, p. 12). Ainda de acordo com Flauzino.

A partir desse tipo de perspectiva, acreditamos, é possível visualizar o braço armado do Estado como um instrumento a serviço do controle e extermínio da população negra no país, o que necessariamente, aponta para a existência de uma plataforma genocida de Estado, quebrando, em definitivo, a espinha dorsal do mito da harmonia entre raças no país (*idem*, p.14).

Outro clássico do genocídio da população negra, que gostaria de somar a dissertação de Ana Flauzino é o ensaio *Necropolítica* recentemente traduzido aqui no Brasil. Nele, o autor Achille Mbembe procura responder uma série de perguntas ligadas diretamente com o que Michel Foucault concebe como biopoder, “este ensaio baseia-se no conceito de biopoder e explora sua relação com noções de soberania (*imperium*) e estado de exceção” (Mbembe, 2018, p.07). Dentre as quatro perguntas elencadas pelo autor ao menos três delas devem ser consideradas pelo grau de nexos com a redação e ideias postas nesse subcapítulo e com a pesquisa programada para a tese. São elas: [...], mas sob quais condições práticas se exerce o poder de matar, deixar viver ou

expor a morrer? Quem é o sujeito dessa lei? O que a implementação de tal direito nos diz sobre a pessoa que é, portanto, condenada à morte e sobre a relação que opõe essa pessoa a seu assassinato?

Também recentemente, em 2018, mesmo ano de lançamento da tradução de *Necropolitics*, o dossiê, *Devir-Negro: A Leitura de Achille Mbembe no Brasil*, que saiu na revista *Cult*, de circulação em solo brasileiro. Os ensaios que constam no documento são de autoria de Peter Pál Pelbart; Renato Nogueira; Edson Teles; Suely Aires e Carla Rodrigues. Nesses textos pude retirar três definições do que se trata o conceito de necropolítica e do extermínio da população negra no Brasil, “Necropolítica, pois, é a política de morte” (Pelbart, 2018, p. 21). Já para Edson Teles, “O conceito de necropolítica lança um olhar mais aguçado para a racialização das relações e práticas sociais, que implicariam a produção de inimigos”. (Teles, 2018, p. 26). Por fim, Trícia Calmon no ensaio *Corpos marcados para morrer*.

No Brasil, o extermínio de pessoas mostra a sua face no discurso corrente da guerra às drogas, justificativa, por excelência, para o exercício do necropoder. A ideia da política como guerra articula necropolítica, estado de exceção e ficcionalização do inimigo, construindo as bases normativas para o direito de matar (CALMON, 2018, p.29).

4.3 Conclusão

Todos esses dados, entrevistas e referências favorecem para alargamento do que intitulamos de genocídio da população negra e dos jovens homens negros no Brasil, que se alastrou para boa parte do país, visto sua presença não só nas grandes metrópoles e capitais, mas ainda em cidades do interior e consideradas de pequeno porte. O fator vital que deve ser tirado como lição é a persistência de dinâmicas racistas através de estrutura estatal, a qual tem idealizado o corpo negro masculino de maneiras estereotipadas, por questões de raça, classe e de estética corporal (modos como se vestem ou se comportam). Segundo Pinho.

A violência policial no Brasil fornece um dramático exemplo para um modo de presença estatal morbidamente espectral. Os agentes da lei, amparados e investidos de poder e a salvaguardas legais para garantir a reprodução do estado de direito, operam dentro da lei e contra a lei, em contradição flagrante, e como um *modus operandi* (i)legítimo espalhando o medo e o terror. (PINHO, 2016, p. 05).

Fator também notável é perceber maneiras de comportamentos nas comunidades que sofrem violações de seus direitos por parte do Estado através das atrocidades constantes das ações policiais racistas, na busca de denunciar as ocorrências nas mídias, sobretudo internet. Muitos conseguem reconhecer o racismo institucional e estrutural praticado nas abordagens e assassinatos em massa de

pessoas negras. Aspectos que podem ser capturados nas falas de F, da entrevistada no primeiro capítulo e nos jovens negros que em São Félix, BA, pensam uma agenda antirracista e contra o genocídio negro através de atividades realizadas intramuro da escola como aparece nos dados etnográficos entre alunos do Colégio Estadual Rômulo Galvão.

As mortes dos homens em São Félix e região é recorrente nas conversas diárias, pois estamos falando de genocídio que se aproxima de muitos deles pelo fato de conhecerem os assassinados e de serem acontecimentos pertos, tendo em vista o tamanho da cidade e dos bairros. Acredito que essa seção poderia ser móvel e aparecer mais desenvolvida nos outros capítulos na estruturação da tese por conta da transversalidade apontada pelos participantes da pesquisa e da forma que a violência causa temor na população em geral. Essa é também como dito em outras linhas, justificativa importante e urgente para averiguação da produção de masculinidades negras da condição do homem negro, condição que tem por finalidade a morte.

4.4 MERCADO DE TRABALHO E IDENTIDADE DO HOMEM NEGRO

No Brasil, escravizados, africanos, e negros foram historicamente renegados a sua própria sorte, desde sequestro de África, nos pós-abolição e atualmente. Enquanto descendentes dessa população, pouco gozamos de direitos e bens essenciais como saúde de qualidade, educação formal apropriada e saneamento básico adequado. São causas que podem indicar o perfil socioeconômico de boa parte da população desse país e que certamente tem afetado mais o grupo racial de negros e pobres desse país. Sintomas decorrentes já documentado por autoras e autores, essencialmente estudos feitos em solo baiano, relatos de viajantes e outros, são análises das condições e inserção dos negros através de funções ou atividades exercidas no comércio ou para os seus senhores, como os escravos de ganho. *Branços e prêtos na Bahia* de Donald Pierson (1965) é considerado pioneiro pela maneira como tabela dados da distribuição racial em ocupações que os pretos mais apareciam na cidade de Salvador, BA, em 1936, comprovando as barreiras e desigualdades nas primeiras décadas do século XX.

Não era, portanto, surpreendente que os prêtos se concentrassem ainda nos empregos de baixo *status* e de pequeno salário e que seu número diminuísse gradualmente à medida que subia na escala ocupacional até os níveis superiores, onde raramente se encontravam. O período de tempo desde a escravidão ainda era relativamente curto: e a falta de recursos de financeiros e de instrução com que começara, a competir no sistema de classes, bem como a falta de empregos numa economia pré-industrial tinham constituído obstáculos demais. (PIERSON, 1965, p. 226).

Novamente o século XX, é o período que o antropólogo Osmundo Pinho (2018), procura refazer tramas da representação do negro e principalmente dos homens negros na estrutura das relações sociais da Bahia em seu artigo *Orfeu negro*, para pensar o modelo de produção das masculinidades negras predominante em personagens famosos masculinizados da literatura baiana vigente. O que segundo o autor implica na forma de inserção desses homens negros nas atividades econômicas e de geração de renda na capital baiana, não obstante acarreta a desigualdade que enfrentam em suas trajetórias. Assim, “O que nos competiria agora considerar seria como, no processo de formação das classes, elementos integrantes da formação social/racial e as inflexões de gênero se apresentam com concretude determinada, estruturada e estruturante das relações sociais e dos padrões de desigualdade” (Pinho, 2018, p. 155).

Os mapas (imagens em seguida) *inserção da população negra no mercado de trabalho* do Dieese de 2022, destaca que ao nível de Brasil, os negros são minoria em cargos de direção e gerência somando 4,4%, frente a 10,3% dos considerados não negros. Em contrapartida são maioria em cargos de trabalho desprotegido (47,1%) entre os não negros a taxa é de 34,7%. Quando o quesito é desocupação pessoas negras somaram 10,9%, os não negros 7,9%. Por fim, o rendimento médio mensal de homens e mulheres negras são de menores quantias quando comparados com os não negros isso, atenuando que para o homem não negro o valor é mais que o dobro do valor médio mensal recebido por uma mulher negra. Levando em consideração dados do Pnad (2022), que 55,8% da população corresponde aos negros, sendo a Bahia junto com o Maranhão, com as maiores taxas de proporção de negros por amostragem 80,9%.

Os dados da Região Nordeste, e acima de tudo olhando para os números pertinentes a Bahia e comparando com o mapa nacional, frisa que as desigualdades continuam a existir, porém com porcentagens diferentes entre os grupos raciais contrastados homens e mulheres negras continuam como maioria entre pessoas que se encontram ocupando trabalhos desprotegidos, 55,5% mulheres e 57,2% homens, no nosso estado. O rendimento médio mensal é outra consideração que compara ao percentual nacional para as mulheres negras o valor médio no Nordeste, passa de R\$ 1.715,00 para R\$ 1.384,00 mensais, já para os homens negros cai de R\$ 2.142,00 para R\$ 1.623,00. Informação considerável que aparece no resultado do levantamento dos dados do Nordeste, diferente dos nacionais é a taxa de subutilização (pessoas que trabalham menos do que poderia, desempregados, que não procuram emprego), tanto os homens, quanto as mulheres negras prevalecem como maioria. Os primeiro com 28,6% e as mulheres ostentando 41,8%.

Figura 58: mapa nacional dieese 2022

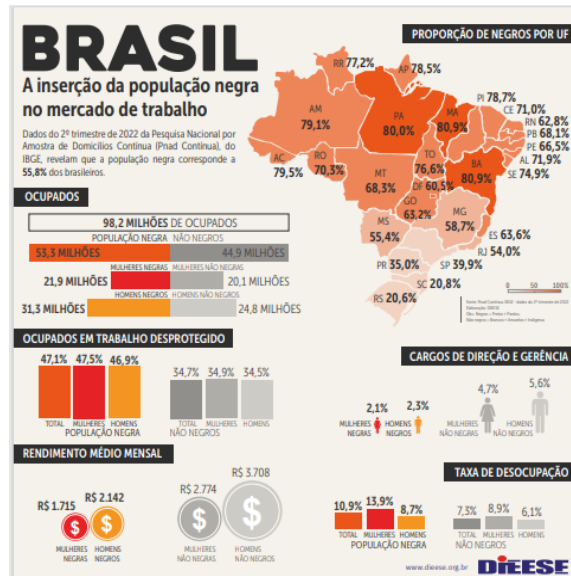
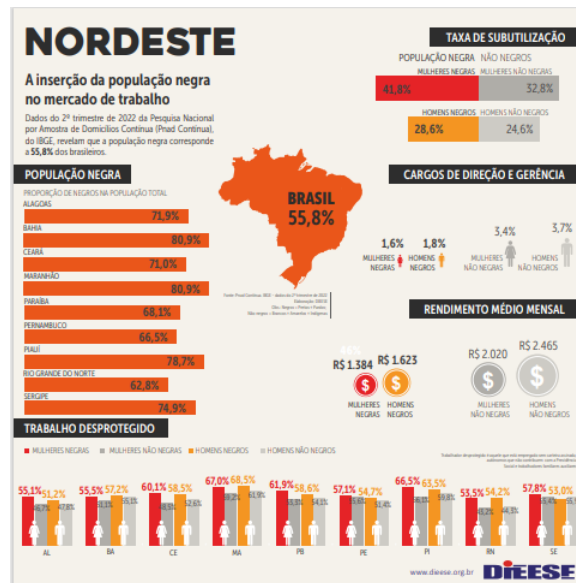


Figura 59: mapa nacional dieese 2022



Um forte nicho de mão de obra escrava e de ocupação para negros libertos aconteceu no território do Recôncavo da Bahia, local de forte colonização portuguesa e de larga utilização da mão de obra como nos grandes engenhos produtores e exportadores de açúcar e seus derivados. Em um de seus artigos sobre a produção e comercialização desses produtos B. J. Barickman (1998-99) expõe que a Bahia junto com Pernambuco foram os centros mais importantes da produção de açúcar a partir do empreendimento colonial português, e com declínio da produção na segunda metade do século XIX. “[...] a Bahia e Pernambuco destacavam-se como os centros mais importantes da produção de

açúcar no Brasil. Entre 1796 e 1807, a Bahia por si só contribuiu com cerca de 40% de todas as exportações brasileiras de açúcar; Pernambuco foi, por sua vez, responsável por mais ou menos 25%”. (Barickman, 1998-99, p. 185).

Análise histórica e sociológica do Recôncavo, e na contemporaneidade aqui em São Félix, podemos enxergar semelhanças ou resquícios desse período nos perfis de quem exerce funções/atividades profissionais tidas como subalternas com menores rendimentos mensais ou que não abrange cargos de direção e gerência. Uma série de profissões ou funções que são em sua maioria realizada por pessoas pardas ou pretas, como classifica o IBGE para o grupo de negros. São os mototaxistas, os feirantes, trabalhadores da limpeza urbana, os rifeiros, empacotadores de supermercado, os barbeiros, dentre outros serviços essenciais.

Após a breve introdução da representação do homem negro no mercado de trabalho em ocupações posta de modo mais geral, as próximas linhas têm por escopo aproveitar as etnografias dos espaços *Barbershoper Black Power* e do Mototáxi localizado no centro da cidade, mas precisamente na “boca da Ponte”. Na escolha que aconteceu ao longo da execução da pesquisa de campo, em aprofundar quais características de cada uma delas e quais características para essa identificação profissional. Esmiuçar o barbeiro e o mototaxista, sem perder de vista o que as identificam como masculina objetivando aquilo apontado enquanto campo multisituado de homosocialidade genuinamente masculina. Mencionados por Mara Viveros (2018), em duas breves passagens, “Espaços de homosocialidade masculina como lugares identitários nos quais transcorre uma parte da vida de muitos homens e nos quais se exhibe o capital produtivo, social e simbólico masculino” (Viveros, 2018, p. 96). Ou então, “(...) interação entre homens nesses espaços, cujo uso lhes é quase exclusivamente reservado”. (idem, p. 96), e que precisamos analisar o gênero, identidade masculina de quem exerce determinada função.

5.3 O OFÍCIO DE BARBEIRO E SUA REPOSIÇÃO NA ATUALIDADE

O ofício ou função de barbeiro é considerada secular. Como recorte temporal, igualmente parte das referências que serviram de suporte para escrita, tomamos meados do século XIX, para entender quais sujeitos exerciam o ofício na época e quais eram realmente as atividades feitas por eles. O historiador Rodrigo Dantas (2016) descreve que uma delas era a sangria.

(...) amarrava-se com ataduras o sangradouro para que a veia se levantasse e assim o barbeiro tivesse uma melhor visão. Depois, friccionava a veia com os dedos, dava-se um corte rápido

e raso para que não atingisse nenhum nervo ou artéria. Após a saída da quantidade de sangue desejada, o barbeiro estancava a ferida com pano, envolvendo o corte com uma atadura”. (DANTAS, 2016, p. 248).

Já Tânia Salgado Pimenta (2016), reafirma sobre quem seria os barbeiros sangradores naquele momento, considerado pela sociedade como ofício para forros e escravizados (ver grupo de imagens de J.B. Debret, Rio de Janeiro, 1821 e fotografia de Christiano Jr abaixo)⁴¹. Percebia-se nas lojas dos centros comerciais e entre os ambulantes (esse sendo maioria) o uso da navalha, lâmina de aço e da tesoura para fins também estéticos, algo que hoje são meramente as atividades que eles realizam, onde a estética masculina tem sido cada vez mais procurada e com apelo entre os homens. O próprio Dantas (2016), propõe que “As modificações ocorridas no ofício de barbeiro-sangrador significaram uma reinterpretação da importância da cura dentro das suas atividades, reposicionando o ofício de barbeiro para outros campos de atuação, como a estética”. Pimenta (2016, p.231) defende que “No Brasil do século XIX, essa hierarquia das artes de curar se mantinha. Assim, naquele contexto, não havia ninguém mais apropriado para desempenhar as atividades de “sarjar, sangrar e aplicar sanguessugas e ventosas” do que os escravos e os forros”.

Novamente Rodrigo Dantas (2016), relata que o ofício de barbeiro em meados do século XIX, foi mudando seu perfil também pela colocação dos portugueses com lojas de barbearia nas grandes regiões centrais de comércio, “O que chamamos a atenção é para a introdução, de forma paulatina, desse novo tipo de barbeiro. Um barbeiro português que não possuía escravos e tinha no trabalho com a estética sua forma de ofício”. (Dantas, 2016, p. 270).

Em sua dissertação de mestrado “Ekabó”, Ana de Lourdes Ribeiro da Costa (1989), os barbeiros são classificados na subdivisão como ofício de escravos de ganho, dentro de três tipos⁴², embora a autora afirme que são posições maleáveis, “Um escravo doméstico poderia trabalhar no ganho ou ser alugado e vice-versa, a depender das condições do mercado de trabalho, pois o que importava para o senhor era a rentabilidade de sua mão-de-obra “(Ribeiro da Costa, 1989, p. 43). Na pesquisa, a autora reproduz dados do censo de 1855, e ainda coloca dentro das ordens das relações de trabalho os escravos de ganho com a característica de que tanto o senhor, quanto o escravo se apropriavam de parcela do trabalho. Serviços que anteriormente em Pimenta (2016), aparece como ambulante me parece ser o agrupamento feito por Ribeiro da Costa mais condizente com as condições de quem realizava o ofício na época, metade do século XIX. Ainda no âmbito baiano sobre

⁴¹ O mesmo conjunto de imagens foi analisado por Silvana Jeha (2017) no artigo: Ganhar a vida. Uma história do barbeiro africano Antônio José Dutra e sua família. Rio de Janeiro, século XIX. Pp. 05-06.

⁴² Os outros dois tipos que ela propõe são escravos de aluguel e escravos domésticos.

funções/ofícios exercidos massivamente por negras e negros em Salvador, BA, Donald Pierson, em período que data praticamente um século após o tratado na dissertação “Ekabó”, com números de 1936, encontra predominância maior de 74,0% mulatos, e 20% pretos atuando como barbeiros (as) em amostra de cento e cinquenta apenas 6,0% eram brancos.

Figura 60: "barbeiros ambulantes"



Figura 61: "barbeiro aplicando ventosa"



Figura 62: "loja de barbeiro"



Figura 63: barbeiro ambulante". Christiano Jr



O documentário *Deixa na Régua* (2016), com duração de 1h 13min, dirigido pelo cineasta Emílio Domingos⁴³ foi referência para pesquisa, pois traz relatos e imagens desse tipo de estética experimentado pelos homens em três barbearias da cidade do Rio de Janeiro, as quais servem como ponto de encontro para sociabilidade da juventude e espaço de implementações estéticas para homens de diversas idades. Em enredo que coloca diálogos dos clientes e dos barbeiros a respeito de temas diversos, contudo a estética num tempo considerado moderno dita a narrativa descrita. Trechos subsequentes de entrevistas com um dos barbeiros da *Black Power* e com outro rapaz que trabalha na administração e se descreveu como “gerente” expõe coisas que os profissionais dessa área costumam fazer atualmente.

“O nosso critério é trabalhar na atualidade. Então a gente vai atrás dos cortes que estão na moda, para que a gente atraia clientes. Cliente como? São os clientes que estão buscando tá sempre na moda. Porque se a moda atualiza, o mercado tem que atualizar. Então a gente trabalha em cima da moda”. Perguntei como eles buscavam a atualização no caso de cortes novos? *O entrevistado falou que: “Todos os dias queira ou não, aparece novidades no mercado. Então tem jogadores que puxam um novo estilo de corte, tem um ator que puxa um estilo de corte. Tudo hoje tá mais fácil da gente visualizar. Então através disso, e através do pedido da demanda que o cliente chega aqui*

⁴³ O cineasta é diretor de outros filmes a exemplos de *A Batalha do Passinho* (2012) e *Favela é Moda* (2020).

atraindo a gente consegue estudar e visualizar novidades para a nossa barbearia”. **(Neto, Gerente da BarberShop).**

“Primeiro o tratamento do cliente de início que o cliente entra na porta até sair. O ambiente ajuda bastante e um excelente corte também, pra deixar o cliente totalmente satisfeito. A gente da pigmentação. A gente pinta, trabalha com pintura. A gente faz desenho. Se o cliente chegar e mostrar uma foto a gente faz da melhor maneira possível pra deixar o cliente satisfeito. São homens, mulheres, idosos, crianças a gente tem inúmeros clientes. A maioria são homens, mas tá chegando uma quantidade aqui de mulheres também. Um grande público feminino pra corte de cabelo”. **(barbeiro do BarberShop).**

Abaixo listei todos os produtos e aparelhos que encontrei no espaço de trabalho dos barbeiros para uso estético dos clientes (cortes de cabelos, barba, pigmentação, design de sobrancelhas etc.).

LISTA DE PRODUTOS E EQUIPAMENTOS DE USO ESTÉTICOS

1. Gel para cabelo
2. Produtos para pigmentação
3. Esponja mágica
4. Tesoura de corte
5. Tesoura de desfiar
6. Máquina de cortar cabelo
7. Escova de cabelo
8. Avental
9. Navalha
10. Borrifador de água
11. Espanador
12. Toalha
13. 2 lavatórios
14. Lâmina de barbear
15. Touca para pigmentação
16. Espelhos fixos
17. Espelhos manuais

4.5 A FUNÇÃO ESSENCIAL DE MOTOTAXISTA

A segunda função a ser explorada é a do mototaxista, que embora recente, em cidades como São Félix, Cachoeira, dentre outras, se tornou rapidamente meio de transporte essencial e na maioria das vezes única maneira de deslocamento de um determinado lugar a outro. Isso torna patente a

escassez de transportes públicos ou privados para lugares como as denominadas zonas rural, bairros e distritos mais afastados das sedes dos municípios.

Esta atividade profissional representa uma opção importante de sobrevivência pela autonomia na realização do trabalho e pela possibilidade razoável de produção de renda. Os mototaxistas são profissionais responsáveis pela condução do veículo para o transporte de passageiros. (et al, 2012, p. 27).

Me recordo que o *boom* da popularização das motocicletas no país se dá a partir de meados da década de 2000, no primeiro governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006). É quando começa a emergir pontos fixos de mototaxistas e ainda com movimento mais forte através do sancionamento da Lei 12.009, De 29 de Julho de 2009⁴⁴, essa durante o segundo mandato do mesmo presidente, que regulamenta as profissões de mototaxistas e “motoboys”, de acordo com trecho do decreto abaixo:

“Regulamenta o exercício das atividades dos profissionais em transporte de passageiros, “mototaxista”, em entrega de mercadorias e em serviço comunitário de rua, e “motoboy”, com o uso de motocicleta (...)”.

A etnografia feita entre os mototaxistas podem servir para completar dados do surgimento da profissão no país. Data também de mesma época justamente o possível ano de fundação dos primeiros pontos de mototáxi em São Félix, pelo que pude colher nas entrevistas junto a alguns profissionais onde fiz a etnografia, um deles me contou, “*Eu lembro que foi Herisson (não tenho certeza se a grafia está correta) aqui de São Félix que ele trabalha no Hospital, que tinha umas motos que ele alugava. Ai depois começou a se formar o mototáxi.*” O mototáxi segundo esse entrevistado teria se formado antes do ingresso dele na função no ano de 2007. Em conversa com os outros que trabalham no mesmo ponto chegamos aos possíveis anos de 2005-2006, mas sem nenhuma confirmação cabal para além da memória individual de cada um. Esse teria sido o primeiro ou segundo ponto de mototáxi a se formar na cidade, junto com um ponto que fica na atual farmácia, ao lado do Material de Construções Dom Pedro, muito próximo a entrada da Ponte para quem está saindo de São Félix, BA.

O artigo, *Acidentes de trabalho com mototaxistas* (2012), com diversos autores: Camila Rego Amorim, Edna Maria de Araújo, Tânia Maria de Araújo, Nelson Fernandes de Oliveira, traz dados de profissionais da área na cidade de Feira de Santana, BA, ao analisar as condições dos mototaxistas cadastrados na cidade e relação com casos de acidente durante atividade. Os acidentes são um dos grandes obstáculos da profissão, pois enfrentam o perigo constate nos trânsitos e a não

⁴⁴ Link para acesso do decreto disponível em: [L12009 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br/L12009).

regulamentação em boa parte do país o que gera a falta de fiscalização de órgãos dos tipos Detran, Polícia Rodoviária Federal. A ausência de equipamentos de segurança também não é supervisionada, fator que poderia abrandar os acidentes com vítimas fatais. Tipo de conscientização encontrada na fala de um dos profissionais entrevistado.

Os mototaxistas são trabalhadores autônomos, que exercem sua profissão na informalidade, sendo que a maioria desses profissionais não contribui para a Previdência Social. Assim, estes trabalhadores, quando vítimas de acidentes de trabalho, não possuem os benefícios da proteção concedida pela legislação trabalhista. (Amorim et al, 2012, p. 34).

Em determinado momento de conversa que participava com outros dois mototáxis durante pesquisa, surgiu a ideia da regulamentação da categoria. Todos os rapazes do mototáxi com quem tive contato no ponto da “boca da Ponte” se mostraram a favor de possível regulamentação, pois para eles seria algo que acarretaria melhorias da categoria na cidade e uma segurança maior para os passageiros e retiraria eles da informalidade. O exemplo citados por dois deles foi o da Cidade próxima de Cruz das Almas-BA, onde a Superintendência Municipal de Trânsito e Transporte é quem regulariza os chamados transportes alternativos, no qual o mototáxi está encaixado. É o órgão que concede os alvarás de licença para associações e demais profissionais. *“Regularizar! De todo mototáxi andar no padrão. Eles não andam no padrão. Têm uns que são habilitados, outros não é! Outro anda com a moto em dias, outros não andam! E quer fazer a mesma função que você faz? Como é que um cara que não é habilitado quer fazer a mesma função que eu faço? É irregular, acho que isso daí poderia melhorar a nossa função.”*, (mototaxista na “boca da Ponte”). Sem falar da necessidade de muitos trabalhadores nessa área ao enxergarem na função de mototaxista forma “rápida”, de garantir renda nem que ainda não seja o essencial com o aumento e continuidade do desemprego que perfaz suas trajetórias. Por isso, em muitos casos estão ali sazonalmente, enquanto não aparece um trabalho com mais garantias na CLT ou contrato temporário de trabalho *“exerço essa função aqui desde 2007, mas não com frequência, quando eu consigo algum trabalho com carteira assinada sempre eu viajo”*, contou me outro rapaz.

Acerca do mercado de trabalho informalizado, outro exemplo são as rifas á dinheiro, muito comum em regiões periféricas, particularmente em localidades com defasagem na criação de empregos na iniciativa privada e entre poder público. São homens e mulheres de todas as idades que *correm* rifas diariamente, segundo um dos rifeiros (foto abaixo) São Félix, teria cerca de 186 pessoas tirando seus sustentos das apostas e ainda uma dezena que vendem os números somente pelo WhatsApp, sem sair de casa. As fotos que trouxe me interessaram pelos dizeres da camisa do rifeiro,

da criação de Associação dos Rifeiros. Ele me disse que a ideia é ter mais segurança para quem ganha o prêmio, de ter espaço físico registrado com CPNJ, onde os clientes poderiam retirar o dinheiro, além de saber com quem realmente está jogando, pois o rifeiro seria um associado. Não há, nesses casos, comparações a serem feitas em termos de essencialidade entre mototáxi, barbeiro e rifeiro contudo são funções/atividades apontadas como oportunidades de inserção no mercado de trabalho.

Figura 64: Foto de um dos rifeiros de São Félix

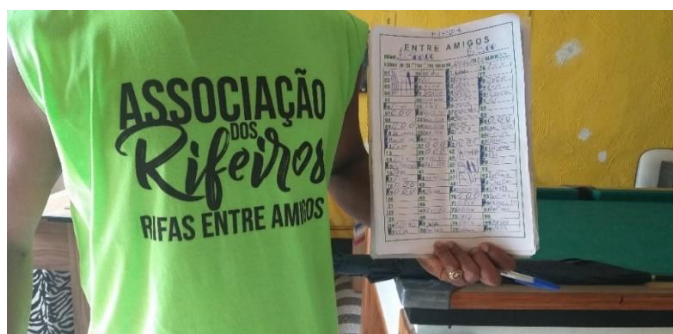


Figura 65: Foto de um dos rifeiros de São Félix



4.6 Conclusão

As três áreas tratadas, barbeiro e a estética, mototaxistas e o transporte essencial e os rifeiros e rifeiras, são algumas principais funções/atividades/profissões exercidas pelos trabalhadores informais na cidade de São Félix e adjacências, onde são formados nichos com tipos de corpos específicos, majoritariamente o corpo negro. Soma-se a essa a área de alimentação. Reforçamos ser tanto a cidade, e parte da região territorial do Recôncavo, local de pouca oferta de mão de obra, emprego e renda, onde a quantidade de pessoas sem ocupação ou subutilizadas é visível nas andanças e diálogos, para além dos números, restando como saída os subempregos e a informalidade. Há também grande parcela de moradores que migram, como afirmamos no primeiro capítulo, para outro centro normalmente a capital Salvador-BA ou cidades de maiores ofertas de colocação no mercado de trabalho formal.

Somente nas ruas centrais, que vai da travessa direta do bairro Salva Vidas, até a subida que dá acesso ao Hospital Santa Casa existe seis pontos de mototaxistas com cerca de cinquenta profissionais ao todo. Boa parte dele rotativo na profissão, pois exercem ainda outras atividades. O número de barbearias centrais na época da pesquisa era de sete, cada uma delas com pelo menos dois barbeiros e outros cargos de administração dos espaços, cito a *Barbearia Black Raça* na localizada na Vila Residencial – Salva Vidas; a *Barber Shop 3 irmão* – No Beco do Fuxico e a *Barber Shop Dom Barbeiro* – situada na Praça da Juventude.

Profissões de mototáxi e de barbeiro são desempenhadas basicamente por homens negros. No campo de pesquisa não foram encontradas mulheres atuando como mototaxistas ou barbeiras, apesar de que serviços de estéticas são realizados pelos salões de beleza, pouco procurado pelos homens o que comprova a *Barbershoper* ou barbearias no lugar de seus espaços escolhidos para sociabilidade e homosocialidade durante grande fase da vida. A intenção a seguir é sintetizar parte do objeto e objetivos da tese entrelaçado com as trajetórias de três homens auto identificados como negros na cidade de São Félix, buscamos assim falar de infância, sonhos, mercado de trabalho, família, futuro, tudo isso, com intenção de trazer conexão com seus momentos atuais. Portanto, refletir o passado, presente e conjecturando possibilidades futuras.

4.7 Trajetórias individuais de três homens negros em São Félix - BA

Destacaremos em característico, a partir do método de história de vida dos sujeitos, parte da biografia de três personagens⁴⁵, ambos homens negros e moradores de São Félix, desde seus nascimentos, com pequenas interrupções, saídas temporárias para trabalhar em outras cidades e até estados (algo que também aparece na fala de **E**, no primeiro capítulo, a respeito de seu companheiro sair da cidade em busca de emprego e renda). A ideia é pensar o recorte dado as falas dos entrevistados dentro dos principais aspectos argumentados na pesquisa. Assim, a trama produzida nas linhas que segue são centrais naquilo pretendido como análise, a saber, a produção de masculinidades negras e do homem negro no contexto considerado e perpassaram por comparações e distinções de suas trajetórias, suas experiências, sobretudo o mercado de trabalho, mas também falamos de sonhos, filhos, família, visão sobre a cidade, enfim temáticas correlatas ao objeto. As referências dos artigos de Pierre Bourdieu (1986), em ensaio sobre a *ilusão biográfica e trajetórias de vida* (2011), autorias

⁴⁵ Optei por usar os nomes verdadeiros dos personagens centrais, à medida que o recorte no subcapítulo não os coloque em situações polêmicas ou de dubiedade de suas trajetórias, condutas e afirmações dada ao pesquisador.

de Frederico Ramos e Dirce Koga (2011), basearam parte dos sentidos teóricos e das interpretações feitas a respeito dos relatos dos rapazes.

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tomar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (BOURDIEU, 1986, p. 184).

Um dos principais aspectos a serem considerados para a compreensão do uso que se faz em análises baseadas em histórias de vida é que, em última instância, não estamos interessados na história de um indivíduo. Por mais paradoxal que isto possa parecer, estamos interessados no que as experiências de vida desse indivíduo podem revelar a respeito de determinado objeto de pesquisa sobre o qual temos interesse. Buscamos com essa técnica revelar como operam sobre esse indivíduo os processos sociais nos quais ele está inserido, quais são suas redes sociais e o potencial significado na conformação da identidade de determinado grupo social. Neste sentido, há poucas alternativas ao uso deste método. A profundidade exigida para uma investigação dessa natureza acaba por definir uma estratégia de aproximação gradual de reconstituição de trajetórias de vários indivíduos. (RAMOS e KOGA, 2011, p. 341-42).

Embora o esforço maior seja para construção de trama envolvendo os dois homens negros citados, uma terceira trajetória de outro homem também auto identificado negro, morador de São Félix, e com faixa etária parecidas serviu de base para fortalecimento dos componentes, da profundidade na investigação em trajetórias de vidas, propriamente dita por Ramos e Koga (2011), na citação anterior. Vejamos abaixo de início quem são esses personagens de interlocução e que muito contribuíram para pesquisa. Os trechos de entrevistas e as interpretações do autor são cruzados, ora de forma retrospectiva, conforme seus próprios locais onde nasceram, coisas sobre a infância, sonhos durante essa fase da vida, ora prospectiva avançando no tempo entre fases de adolescentes e adultos.

Como os conheci? E como tive *insight* de usar suas trajetórias na pesquisa? Como foi esse processo? Tive contato pela primeira vez, tanto com Luciano, quanto com Vinho nos seus ambientes de trabalho, o primeiro no ponto do Mototáxi, na “boca da Ponte”, Vinho na *Barbershoper Black Power*, da qual ele é proprietário, portanto, os conheci exercendo suas funções/atividades, sendo esses serviços essenciais os quais faço uso na cidade de São Félix, e Beto conheci através de outro amigo.

A ideia de narrativas e tramas de homens negros através das trajetórias de vida é algo que já me acompanha enquanto pesquisador há algum tempo e na dissertação de mestrado (2016), e agora na tese de doutoramento busquei dar mais ênfase, porém com objetivos e finalidades diferentes. Mas ao longo do trabalho de campo acreditei que suas trajetórias pudessem sintetizar melhor as

funções/atividades eleitas como unidades etnográficas. Acredito que nesse processo, cabe ao pesquisador não tomar o fato de conhecê-los fora do seu ambiente de trabalho, em /contato quase diário como dados definitivos das interpretações, e sim prescrutar junto aos mesmos se determinadas anotações etnográficas, aquilo que o antropólogo considera relevante realmente fazem sentido na vida das pessoas.

Luciano sempre foi morador da rua do Hospital, localidade central na cidade e disse ter sido *criado* pela mãe e avós, na época dessa entrevista para esboço de sua trajetória, em 2019⁴⁶, estava com quarenta e um anos de idade. Sempre que o encontrava costuma me cumprimentar chamando de *show*, modo comum pelo qual ele cumprimenta outros homens na rua. As primeiras perguntas feitas tinham o interesse de reconstituir aspectos fundamentais de fragmentos da infância. Inicia com o que eles sonhavam em ser quando adultos e se eles se lembravam disso, passou também por um pedido que relembassem sua infância e adolescência. A resposta de Luciano para “qual sonho” ele tinha nessa época da infância e adolescência foi talvez a mais direta dentre as outras feitas. Não titubeou ou pensou muito para contar: *“Eu não tinha muito sonho não viu! Por que desde cedo eu comecei a trabalhar né (entre 12 e 15 anos de idade)? Então você sabe que os sonhos são cortados né? A gente de família baixa (classe popular) tem que correr atrás né? Então foi o que aconteceu. Eu saí muito pra trabalhar fora. Aí tinha esse problema”*. Ainda seguiu dizendo que: *“Eu falava que eu queria ser alguém na vida. Não que eu não seja, porque eu sou. Não sou aquele cara grande né? Não precisa ser rico pra ser alguém. Depende de você pra ser a pessoa como eu sou hoje. Sou um cara independente corro atrás dos meus esforços”* (**Luciano**).

O outro personagem, Flávio, ou Vinho *Black Power* como disse ser conhecido na região, tem 33 anos de idade e sempre foi morador do Varre Estrada, bairro um pouco mais afastado do centro Sanfelixta. Fiz as mesmas indagações sobre fases da vida e sonhos que ele tinha na época. Disse-me ele: *“Eu lembro muito bem, sonhava em ser jogador de futebol. Fiz história, uma história aqui no futebol amador né? Campeão do intermunicipal sub 19 pela seleção de São Félix, em 2008. Tive a oportunidade jogar pelo Fluminense de Feira, Real Salvador. Fiz história aqui, campeão pelo interbairro de São Félix quatro vezes. Foi uma carreira curta por que do meu joelho né? Rompi os ligamentos cruzado então foi uma carreira curta, mas era meu grande sonho”*. (**Vinho**) A respeito da infância ele lembrou que foi: *“Uma infância assim meio que não trazia muita alegria, é aonde eu vinha de família da periferia do bairro lá, muito humilde, meu pai era carroceiro é onde trazia o*

⁴⁶ Especificamente foram gravadas três entrevistas com o mesmo interlocutor, sendo a primeira em maio de 2019. As outras duas serviram para tirar dúvidas e aprofundar algumas falas.

sustento de nossa família e a gente desde pequeno vem ajudando a família né? Minha mãe era empregada doméstica e aí a gente sempre teve orgulho disso, a gente tinha tempo pra jogar brincar de bola, jogar gude, os nossos pais sempre deram educação pra gente e sempre fui feliz na minha infância com todas dificuldades”. (Vinho).

O terceiro interlocutor é Adalberto com 37 anos, solteiro e morador da ladeira do cruzeiro, onde reside com sua mãe e uma das irmãs, conhecido pelos amigos e mais próximos como Beto. Concluiu o ensino médio aos vinte e um anos de idade e trabalha na área de serviços gerais/limpeza no hospital da cidade vizinha de Conceição da Feira, onde faz dezesseis anos como servidor municipal concursado, *“me preparei sozinho. Eu tinha visto o concurso que um bróder me falou, aí bateu que eu tava terminando o ensino médio e aproveitei pra me preparar e passei. Foi o único concurso que eu fiz na época”*. (Beto). Quando fiz os mesmos questionamentos sobre o que ele imaginava ser e coisas a que ele lembrava disse-me, *“Não tinha tempo a gente trabalhava com um monte de coisa. Tinha uns dez, doze anos a gente trabalhava com coisa de serraria, a gente lavava um carro, carregava uma terra pra ganhar dinheiro, fazia um monte de coisas. Eu e meus irmãos mais velhos. Sempre tava junto com eles”*. Pensando nos tempos atuais, Beto falou que gostaria de ter feito faculdade de Tecnologia da Informação, *“eu sonhava com isso, mas tive que trabalhar e isso ficou um pouco de lado”*. E me explicou que o trabalho atual é estressante e difícil, porém cumpre com seus deveres exigidos para a função, *“rapaz tem dia que é chato, tem dia que é estressante, mas pelo menos eu folgo. Trabalho 24 horas e folgo 72h. Mas não é pra qualquer um ali não viu. Você tem que ter muito jogo de cintura, vê as coisas ali que tem que fazer e ser uma pessoa muito [...] muito cabeça. Porque você vai lidar também com um monte de pessoas que trabalham com você, tem gente boa, mas também tem pessoas falsas que querem te derrubar. Então você tem que ficar ligado nisso daí”*. (Beto). Essa última fala denota um pouco do sentido dado pelo personagem a atividade que exerce. Outra explanação dentro do mesmo conteúdo foi quando me disse o porquê fez o concurso e precisava começar a trabalhar e na continuação sendo um trabalho estressante e difícil, que segundo ele ninguém quer exercer. *“Que sai daí rapaz, quem quer!? Eu tive que trabalhar por que meu pai saiu de casa, meu irmão também que já trabalhava saiu de casa, aí eu tive que sair pra trabalhar também, porque eu era o homem dentro de casa, tinha já meus 21 anos. Aí foi nesse tempo que eu fiz o concurso. Eu tava terminando o terceiro ano”*.

As falas acima trazem pensamentos parecidos no sentido que os três dão para a infância, à medida que deixam transparecer a classe econômica ao citarem suas condições sociais e de seus pais e outros familiares na época. Algo recorrente em parte da população Sanfelixta desde suas infâncias

nas décadas de oitenta e noventa com realidades semelhantes nos dias de hoje. Há na cidade e adjacências, grande número de famílias, as quais possuem rendas mensais inferiores ao salário-mínimo base do país e são beneficiárias de programas de transferência de renda dos governos estadual e federal. Complementado os valores dos benefícios com serviços e atividades consideradas subempregos ou sub trabalhos, ainda fazem investimentos como empreendedores de produtos variados, e venda de rifas e área de estética. São situações, como disse, similares ao vivido por Luciano, Vinho e Beto, diferentes atividades e de onde tirar seus sustentos, com poucos avanços e melhorias nas condições de vida das pessoas. Nesse sentido, mais uma afirmação de Bourdieu (1986), reitera ponto de vista ao qual também nos baseamos.

(...) O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado pelo menos em certo número de estados pertinentes ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 1986, p. 190).

A ausência de sonhos ou de sentido palpável do que se imagina ser na fase adulta, dita por Luciano, faz parte da trajetória de muitos jovens, são poucas as expectativas de coisas que possam de fato se realizarem, mas que na frase *“Eu falava que eu queria ser alguém na vida”* é carregada de aprendizados passados aos homens, pelo seio familiar e sociedade patriarcal, no que tange as condutas respeitáveis e de honra perante os outros e ações cotidianas. Espelha também limites e barreiras que podem inibir imaginações menos modestas, mais robusta, para além de aquisições econômicas. Mas implica de fato “ser alguém” dentro daquilo entendido por ele próprio como necessário para tal, aquilo que lhe é oferecido materialmente no seu entorno. *“Não que eu não seja, porque eu sou. Não sou aquele cara grande né? Não precisa ser rico pra ser alguém”*. (Luciano).

Ser jogador de futebol é trivial entre jovens homens negros moradores da periferia, enxergam no futebol meios de saídas em busca de melhorias econômicas e sociais, para si e seus familiares. Era o que Vinho imaginava ser e até me disse ter conseguido realizar esse desejo em parte. Hoje quando indaguei qual seu grande sonho ele também recorreu ao futebol, agora citando seus dois filhos, *“Hoje meu grande sonho é ver meu filho lá nos gramados, ver os meus filhos lá no gramado. Foi uma coisa que eu não tive apoio dos meus pais porque eles não tinham tempo e nunca gostaram de futebol e meu grande sonho hoje é ver meus filhos na televisão. Sempre empurrando aí, vendo qualquer teste aí, porque é o sonho dele também e é meu sonho também”*. (Vinho).

Os locais de sociabilidade e lazer são idênticos desde crianças já que como afirmado são moradores da cidade desde a fase de infância. Então o Rio Paraguaçu, o baba, as festas, frequência em outras cidades, exemplo mais forte da vizinha Cachoeira, eram e são ainda um pouco dos espaços e atividades de lazer oferecidas na região. *“Rapaz esse rio aí meu irmão, tenho muita história dentro desse rio aí viu vei! Quase morri afogado duas vezes. E não tive medo algum. Aí foi que me deu vontade de frequentar ele muito mais viu. Fazia travessia aí dentro desse rio de São Félix pra Cachoeira. Era o espaço de lazer viu. Hoje em dia ainda se usa, mas não como a gente usava antigamente. As vezes quando tá soltando água (da barragem) a gente vai toma banho, pesca (...).”* **(Luciano)**.

Podemos afirmar que as fases da vida da infância e pré-adolescência se confundem com a de adulto quando adicionamos a necessidade de trabalhar cedo, pois ambos tiveram início ainda crianças no mundo do trabalho. Há um corte do que se imagina ser criança com dez anos de idade na trajetória de vida deles, mesmo quando afirmado ainda assim terem infância igual a de outros garotos de mesma faixa etária que não tem a necessidade de contribuir com a renda familiar. As falas a seguir de Luciano e Vinho, respectivamente, se equiparam a de Beto acima (*“Tinha uns dez, doze anos a gente trabalhava com coisa de serralha, a gente lavava um carro, carregava uma terra pra ganhar dinheiro.”* **Beto**) e podem ser confirmadas na experiência de tantos outros garotos parecidos. *“Eu tenho a minha profissão de pedreiro. Desde os 12 e 15 anos. Eu frequentava essa área de “ajudante” (de pedreiro) depois passei a profissional. Trabalha sempre com meu pai”. Meu pai era pedreiro. Me levava como ajudante e deixava eu sempre na frente pra eu ir fazendo os serviços. Me ensinando e eu Graças a Deus aprendi né?”*. **(Luciano)**. Espécie de comportamento que Luciano procura ensinar para seu filho mais velho (com 16 anos na época), o colocando no ponto do mototáxi com intenção de introduzi-lo na função/atividade *“ele já faz uma corrida aqui outra ali”* disse me Luciano em dia que estava com o jovem na “garupa” da moto e eu perguntei se era seu filho. Várias vezes ao passar vi o garoto no local do mototáxi, ora com o pai, ora sem a presença do pai.

Já Vinho diz, *“Comecei a trabalhar com uns dez anos de idade. Já carregava feira né? Em cachoeira e aqui em São Félix, depois troquei o carro de mão pelo isopor vendendo geladinho na rua. Aprendi a profissão de barbeiro e com quinze anos de idade já tava cortando cabelo. Foi um dom. um dom de Deus mesmo. Fui pegando os moleques, pegando a tesoura de minha mãe de fazer unha, fui cortando, cortando [...]. Não tinha celular, negócio de internet e Youtube, e aí cada dia mais aprimorando uma profissão. E aí me aperfeiçoei com um barbeiro de cachoeira chamado bad boy. O nome começou a expandir, ele veio e me procurou fui trabalhar com ele e aí me aperfeiçoei.*

Sou muito grato a esse barbeiro ai, bad boy, foi onde aprendi muita coisa [...] hoje com 18 anos de profissão tenho clientes que me acompanham desde quando eu comecei. Tem alguns meninos do meu bairro que me acompanha né? Depois que eu vim pro centro adquirir outros clientes também [...] A galera dessa época meninos que eu comecei a cortar com meses hoje tem 15 anos de idade”. (Vinho).

As atividades exercidas por Luciano e Vinho se assemelham tanto na construção civil como na função de barbeiro, a qual Vinho exerce no atual momento e Luciano disse ter sido seu início no mercado de trabalho de forma “profissional”. Em ordem cronológica, na fase transitória entre adolescência e fase adulta, Luciano me informou ter trabalhado primeiro como barbeiro na loja de “Seu Didico”, que fica no centro da cidade de São Félix, BA, no beco do fuxico. Função que segundo ele aprendeu olhando os outros barbeiros e trabalhou na área entre cinco e seis anos, “*tem o ditado que diz se cachorro de tanto olhar ia ser açougueiro, mas eu olhando eu aprendi a profissão de barbeiro*”. (Luciano). E depois como pedreiro em obras da construção civil em outras cidades (Barreiras, Salvador) estado do da região nordeste como Pernambuco, e até outro país tendo ido três vezes trabalhar em Angola (2001 e depois 2008). Até chegar à função de mototaxista e taxista⁴⁷ no centro, desempenhada desde 2011. Essas últimas ocupadas transitoriamente.

Aprender algo como ser barbeiro, tanto como aprendiz em uma barbearia ou se aprimorando “*pegando os moleques e cortando com a tesoura de unha da mãe*” (Vinho), ou passar em concurso público ainda jovem, com 21 anos de idade, demonstram que a necessidade de aprender/ter uma profissão foi crucial em suas vidas mesmo não sendo exercida na atualidade (caso de Luciano), mas serviu como início e ajudou como emprego e renda. Beto cita ainda que exerceu várias atividades antes de virar servidor municipal em Conceição da Feira, BA, “*Já trabalhei em serraria, já trabalhei em estofaria, vende na feira também. Já trabalhei em lava rápido de carro, de ajudante de pedreiro, essas coisas assim [...], até passar no concurso eu tava trabalhando no supermercado Pereira de repositor de estoque*”. (Beto). Na interpretação de Luciano, quando ainda na juventude, entre infância e adolescência, não supunha ser profissão o que fazia, pois se dizia “ajudante” de pedreiro, por exemplo. Só mais tarde de fato como barbeiro passa a considerar e dar sentido real a posição ocupada na barbearia e logo em seguida na construção civil. Para ele, seria a confirmação de atribuição maior e não mais de mero “ajudante”.

⁴⁷ Podemos dizer que Luciano exerce uma dupla função/atividade. Tendo a base do mototáxi como ponto de partida, ele faz também viagens de carro como taxista. O veículo normalmente fica estacionado no largo próximo a Praça José Ramos e Feira Livre, ou na lateral da Ponte Dom Pedro II.

Concerne abrir espaço para falar mais nas idas de Luciano a trabalho para Angola. Sobretudo no início dos anos 2000⁴⁸, grande número de brasileiros migrava para trabalhar na construção civil, embora desde a década de 1980, a construtora brasileira Odebrecht já havia chegado no país de África. Esses trabalhadores eram recrutados por alguém que trabalhava ou trabalhou na construtora habitualmente um parente próximo⁴⁹ (primo, irmão, tio), amigos ou vizinhos, no caso dele foi levado pelo primo, *“rapaz tinha meu primo que tava reciclando as pessoas pra ir na época de 2001, pela Odebrecht”*. (Luciano). Na entrevista procurei saber como foi a estadia numa das passagens por lá vejamos abaixo fatos narrados por ele da primeira ida em 2001, em comparação com a outra ida de 2008.

“Na época da guerra né? Justamente na época da Guerra que eu trabalhei lá. Tinha que andar com o passaporte no bolso. Levei dois meses lá, que era uma obra de seis meses. Ai com o que a gente concluiu a obra com dois meses, teve uma quebra de contrato e a gente não sabia depois um cara que tava trabalhando no escritório que ligou pro rapaz que tinha havido essa quebra de contrato. E ele não tinha passado pra gente. Depois que ele foi demitido que ele informou. [...] Na época da guerra foi lá atrás em 2001, em 2008 já não tinha mais a guerra. A gente andava com o passaporte no bolso porque da guerra se rolasse algum confronto e a guerra iniciasse forte a gente tinha que vazar pro aeroporto”.

A guerra a qual Luciano se refere foi a Guerra Civil Angolana que durou vinte e sete anos, entre os anos de 1975-2002, tendo iniciado logo após declaração do fim da Guerra Angolana pela Independência de Portugal (abril de 1974). Zoraide Portela Silva (2016), presume sobre os movimentos de libertação em África, *“Para entendermos certos traços da história recente angolana, é preciso situar o processo de independência de Angola nos quadros da crise do colonialismo europeu, que ganha força no período do imediato pós-Segunda Guerra Mundial”*. (SILVA, 2016, p. 155). Segundo Carlos M. Lopes (2018), somente a partir do fim dos conflitos.

A economia angolana registou elevadas taxas de crescimento ao longo dos últimos 16 anos, em resultado, fundamentalmente, do estabelecimento de um clima de paz no país, do desempenho do sector petrolífero - que representou, entre 2013 e 2016, 95% das exportações totais e 70% das receitas fiscais do Governo (CEIC, 2017) - e ainda da eficácia da estratégia

⁴⁸ A respeito da Odebrecht em Angola, Mathias Alencastro (2020) aprecia que: *“Com a assinatura dos acordos de paz de Bicesse, em 2002, envolveu-se em todos os domínios do projeto de reconstrução nacional lançado pelo Estado angolano. Em 2015, pouco antes do colapso da economia angolana, a Odebrecht era a maior empregadora privada nacional, a principal beneficiária de créditos do Ministério das Obras Públicas e receptora de financiamento público brasileiro. A empresa estava envolvida em um número incontável de setores, da gestão de uma cadeia de supermercados até a exploração de diamantes”* (p. 125).

⁴⁹ Em São Félix, BA tive contato com outro rapaz que também morou a trabalho em Angola, no ano de 2016, ficando no país por cerca de quatro meses, segundo o mesmo e que havia sido recrutado por um primo.

de estabilização económica posta em prática pelas autoridades angolanas. (LOPES, 2018, p. 63).

Nesse aspecto da migração dos interlocutores tanto para outras cidades, estados e país, a dissertação de Marluce Neri Gonzaga (2020), é cabal ao situar quem são as pessoas que se mudam do interior para centro maior em busca de trabalho. No caso da pesquisa dela o destino analisado dos trabalhadores é Salvador, capital do estado, também indica o nível de escolaridade como fator da construção civil aparecer entre as principais atividades desempenhadas pelos homens com os quais dialoga. A educação formal é deixada de lado desde fase da infância em decorrência da necessidade de contribuir com a renda mensal da família, de exercer e aprender alguma profissão, exemplos de Luciano e Vinho.

Via de regra, esses trabalhadores que vão para a capital seguem os caminhos já percorridos por pessoas muito próximas do seu convívio, como um pai, tio, primo, amigo, que foram tentar a vida na capital. Como a construção civil é um setor produtivo que não exige um alto nível de escolaridade para os trabalhadores braçais, ele atua como um campo que abre as portas do emprego para boa parte das pessoas que se deslocam do interior para trabalhar. (GONZAGA, 2020, p. 18).

Retrospectivamente, embora não seja algo de relevância para trama de trajetória individual, tendo em vista que essas funções e atividades exercidas por eles não são intermitentes e podem exercerem em outras fases de suas vidas novamente, Vinho começou como barbeiro, passou uma fase trabalhando na construção civil, para depois retornar à barbearia como atualmente, desde 2018, momento que funda a *barbershoper*. “Viajei muito por esse Brasil a fora ai trabalhando de armador na construção civil. Comecei a trabalhar na construção civil em 2009, quando eu completei dezoito anos. E ai fui, rodei o Brasil todo ai. Comecei trabalho na Ilha de Itaparica, depois fui pra Salvador em 2010, 2011 Rondônia. Já Pra Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, rodei tudo aí.” Trabalhou em São Roque em 2014, no Estaleiro da Enseada do Paraguaçu⁵⁰, foi onde tive uma grande experiencia. Trabalhei seis meses. Eu e Vinho falávamos sempre de São Roque, pois tínhamos em comum conhecer a localidade, ele em 2014 como dito, eu mais recente a partir de 2022, quando passei a exercer a função de assistente de projetos de uma empresa, portanto, se tornou algo comum nas nossas conversas e várias vezes que cheguei na *Barbershoper*, Vinho me perguntava sobre minhas idas a São Roque e Enseada.

⁵⁰ O Estaleiro Enseada do Paraguaçu ficava na Bahia de Todos os Santos, mais especificamente na comunidade Quilombola de Enseada do Paraguaçu gerenciado pela Enseada Indústria Naval e teve seu *boom* de trabalhadores da região do Recôncavo, entre os anos de 2014-2015, sendo suas obras paralisadas durante Operação Lava-jato no segundo semestre de 2015.

Figura 66: foto de Vinho no trabalho



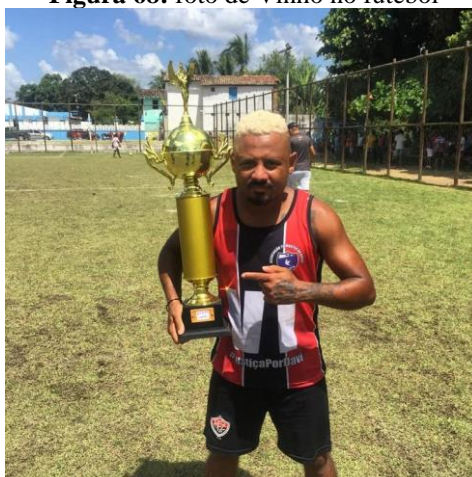
Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 67: foto de Vinho no trabalho



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 68: foto de Vinho no futebol



Fonte: arquivo de pesquisa

A jornada de trabalho de Vinho funciona da seguinte maneira, a depender do dia da semana: de segunda a quinta feira a partir das 8:00h até as 18:00h, dias de sexta e sábado ou dia que antecede feriados, considerados com mais demandas, ele costuma chegar na loja às 7:00h, e trabalhar até o último cliente em espera. Presenciei dia em que a Barbershoper fechou por volta das 21:00h, tendo já ficado até depois disso, segundo os próprios funcionários. Nesses dias mais corridos Vinho me confidenciou que chega a fazer entre dez e doze corte, barba, pigmentação, cada um dos clientes com duração entre cerca de sessenta e oitenta minutos. *“É uma área que dá pra gente se sustentar né? Não é aquela grana que dá pra chegar e fazer aquela viagem, não. A cidade não favorece a gente fazer muito investimento porque o custo de vida aqui é muito baixo né? E a área da estética hoje tá muito cara, produtos muito caro, material. Então você tem que trabalhar de acordo com a renda da cidade, não o valor do material”*. (Vinho).

Perguntei a Luciano como é definida a jornada de trabalho dele. Narrou que costuma trabalhar entre seis e sete horas por dia. Não tem horários fixos, porém costuma chegar no ponto do mototáxi as 6:00h da manhã, para na hora do almoço e costuma descansar cerca de sessenta a noventa minutos retornando a partir das 14:00h para o trabalho e finalizar entre 17:00h e 17:30h, no máximo as 18:00h. Ainda assumiu que quando na hora do almoço um cliente fiel liga ou manda mensagem pelo WhatsApp ele já parou o descanso para fazer a “corrida”, *“o meu horário quem faz sou eu”*, (Luciano) apesar desse contrassenso apontado no relato de quando o cliente chama. Aos sábados, domingos e feriados os horários são reduzidos, sendo domingo e feriado dias raros de trabalho, quando acontece dele ir para o ponto de mototáxi, costuma ficar até no máximo 12:00h. Aos sábados a jornada varia, entre 12:00h e 14:00h

Alguns episódios notáveis que demonstram a conscientização de Vinho enquanto homem negro, solidário e que identifica as adversidades enfrentadas pelos jovens no local onde vive, decorre da contribuição dada através de passar conhecimentos adquiridos em cursos e prática de barbeiro há quinze anos. A criação do curso para jovens aprendiz, abordada com mais ênfase no subcapítulo etnográfico da barbershoper, e todo legado que ele diz querer deixar e tem deixado na profissão entre os mais jovens são narrados consecutivamente.

“Eu venho com esse curso aí dando oportunidade a molecada da região passando um pouco que eu aprendi em alguns cursos que eu tomei. E aí eu trago essa molecada pra cá pra barbearia. Dou esse curso de durabilidade de seis meses e aqueles que se destacarem e quiserem a profissão já fica na barbearia já. Surgiu de acordo os pais me procurando “Vinho bote meu menino lá pra aprender”. Aí tirei um dia da semana pra dar essas aulas aos meninos, passar um pouco do que eu

aprendi. Tenho algumas “crias” minha já espalhada por ai, fora do país. Algumas “crias” aqui que participou do curso com a gente. E ai tem muito aí que ganham seu dinheiro, que tem sua caminhada própria e eu fico feliz né? Em a galera levar o nome da barbearia Black Power por onde passa. Hoje eu presto serviço pra secretaria de educação da cidade de São Félix, também. Um trabalho que eu venho fazendo há muitos anos, fazendo corte de cabelo social pelos bairros gratuito então o trabalho foi reconhecido e hoje eu tenho uma parceria com a secretária de educação. Esse trabalho aonde a gente vai nos colégios, nas escolas do município e zona rural mostrando nosso serviço, alguns bairros carentes também, onde a gente faz nosso trabalho. A secretaria de educação e as escolas é que ficam a cargo de selecionar quem vai participar do dia de beleza e mandam uma carta para os pais ou responsáveis autorizarem as crianças e jovens a participar das ações sociais”. (Vinho).

4.8 Conclusão

Quando falamos de sonhos buscamos capturar imaginações e visões de mundo do passado e atuais desses personagens, são coisas subjetivas que embora sejam parecidas, ainda assim, são conjecturadas de formas diferentes por cada um deles. Nos três personagens me parece somente Vinho ter certeza do que imaginava para a fase adulta, ser jogador de futebol, embora ele mesmo assuma ter realizado “em partes”. Muitos vão se adaptando as situações, sem a certeza dos rumos de suas trajetórias, que lhes aparecem no decorrer de determinados períodos. Fases da vida que se confundem a depender da necessidade de cada família e de como é perpetuado a sociedade patriarcal com exigências de que os meninos têm em algum momento o dever de contribuir com seu trabalho, mão de obra. Daí vem a necessidade de se aprender uma profissão/função/atividade, normalmente braçais e subalternas, exemplo da construção civil, sendo elas sazonais em muitas vezes o primeiro emprego (Gonzaga, 2020). Além disso, há também a noção de hereditariedade, herança do pai, irmão mais velho, avô ou outro membro masculino da família, passam/iniciam os homens mais jovens nas atividades realizadas. Tipo de acontecimentos paralelo ao encontrado na pesquisa participante entre caminhoneiros de Luciane dos Santos (2000).

A migração para outras cidades continua sendo recorrente entre os moradores de São Félix, sobretudo entre os mais jovens. Destaco mais uma vez dados preliminares recentes do IBGE, acena para diminuição do crescimento populacional na cidade entre o último censo populacional em 2010, e o censo ainda em fase de conclusão, 2022. Em números de população dos municípios, São Félix ocupa 308ª colocação no estado com 11.026 pessoas. Essas observações feitas no campo social dos

homens participantes da trama, as quais acredito contribuam naquilo afirmado por Ramos e Koga (2011), quando retomam o pressuposto de Pierre Bourdieu (1996) “[...] Fugir do risco das ilusões biográficas requer, portanto, a delimitação dos indivíduos em relação ao seu campo social, aproximando a abordagem mais de uma perspectiva das trajetórias de grupos de indivíduos através dos diferentes campos sociais” (Ramos e Koga, 2011, p. 349).

A comparação entre os três personagens, todos autodeclarados pretos ou pardos demonstra como modelos de identidades de gênero masculinas podem se apresentar de modo diferente a depender de *status* ou grupo social encontrado, embora entre eles aparentemente postos hierárquicos sejam os mesmos. A masculinidade produzida é também multissituada pois os homens não experimentam o resultado do desempenho pela identidade de gênero da mesma forma em variados espaços “[...] *Es importante reconocer las diferencias en los contextos de classe y raciales, pero no es la única distinción que se ha manifestado. También se ha hecho evidente que el mismo contexto cultural o institucional produce diferentes masculinidades*” (Connell, 2003, p. 61).

Atentar para produção dessas identidades interseccionadas com as questões de classe social e mercado de trabalho permite aprofundar as experiências dos personagens. Além de servir como influências e estímulos para a continuação e desenvolvimento da pesquisa, “Perspectivas Multissituadas”, por terem certificado que análises acerca das problemáticas dos homens racializados podem ser apontadas em suas múltiplas faces. Para o último capítulo da tese propomos discutir em três seções que segue de modo crítico o padrão de masculinidades muito generalizado na atualidade, a saber a Masculinidade Tóxica.

5 ANÁLISE CRÍTICA AO CONCEITO DE MASCULINIDADES TOXICAS

A ideia de masculinidades tóxicas não é algo novo, mas no Brasil, recentemente, tem sido largamente utilizado para se referir a quase todas as práticas que envolvem discussão sobre masculinidades em sua produção diversa. Não somente para fins acadêmicos ou de pesquisas, também em relatos e debates acalorados nas redes sociais, exemplos de Twitter, Facebook e Instagram. Tomo como referência o filme *Moonlight* de 2015, embora em algumas esferas já havia inquietações a respeito da temática, o filme impulsionou a criatividade nas áreas de afetividade do homem negro e conduta masculina tóxica pautada nas personagens principais do enredo. O que é de fato masculinidades tóxicas e por que falamos nesses termos atuais? São duas das perguntas que nos propomos a discutir e responder ao longo do capítulo. Para isso foi elencado série de referências adicionando parte do trabalho de campo realizado, mais especificamente grupos focais com jovens homens negros em São Félix-Ba, com uso do áudio visual e de imagens acerca das peças publicitárias citadas acima.

O capítulo foi dividido em três partes. Na primeira interrogamos as masculinidades tóxicas relacionando o contexto político atual do país a partir da emergência do que entende por “extrema direita”, políticos e partidos reacionários com pautas moralistas, os quais fomentam crimes e preconceitos contra grupos considerados minoritários, homofobia, misoginia LGBTfobia, racismo etc. Em seguida análise das peças de divulgação do Governo da Bahia, Gillette e Égard Watches, com suporte de Grupos Focais, o que proporcionou incrementar o debate atual. Fiz também observação de comentários que negam o anunciado na peça do Governo da Bahia a denominando com diversos adjetivos. O último subcapítulo surge a partir da participação em oficinas do *Projeto Parceiros de Escrita* na Casa de Cultura Américo Simas em São Félix, na mesma cidade referida. Reafirmando que o projeto consistiu em conjunto de oficinas para jovens homens negros do Recôncavo da Bahia, onde foi trabalhado processos de "escrita de si", tendo a leitura, escrita e discussão de obras consagradas do rap nacional e internacional, escritos e cantados por outros homens negros, como principal conteúdo para atacar questões e problemas ligados a raça/racismo, gênero, sexualidades, produção de masculinidades negras, genocídio, violências patriarcado. Dessa forma, qualificamos o projeto como modo de aspirar novas masculinidades que estejam em conexão mais justa às vidas dos participantes.

5.1 POR QUE FALAMOS EM MASCULINIDADES TÓXICAS?

Ao caminhar nas ruas de São Félix, BA, junto com uma amiga por volta das 12:00h de uma terça-feira, na direção a um dos restaurantes da cidade onde costumávamos almoçar. Na entrada do beco do fuxico que dá esquina com a Praça do Relógio e do outro lado onde funcionava o antigo Supermercado Asa Branca. Em momentos de instantes surgiram dois homens negros (assim os auto identifiquei) se xingando, cada um em uma das pontas rua. Creio que essa não teria sido a primeira vez que passei por tal situação na rua. Certamente também não foi a última e acredito que até eu mesmo já participei efetivamente de algo parecido. O conflito entre homens negros é algo comum nas nossas cidades, bairros, ruas, casas. Confesso que depois fiquei buscando entender o porquê de a discussão acalorada ter me chamado bastante a atenção, sendo que eu mesmo, como disse, já participei desse tipo de cena bélica, de disputa.

(São Félix, BA, maio de 2013)

Evento que pode aparentar apenas coincidência, a noção de masculinidades tóxicas ganha forte apelo, especialmente na grande mídia nacional, eventos espalhados pelo país (palestras, cursos, oficinas, rodas de conversa) e parte da academia, a partir da escalada da “extrema direita” como linha política, culminando na eleição de Jair Messias Bolsonaro ao Governo Federal do Brasil, sendo ele, exemplo principal de emulação do padrão masculino descrito. Digo parte da academia porque até entre pesquisadores (as) da área das masculinidades pouco se fala ou se referiu às práticas violentas dos homens dentro desses termos atuais. Enquanto pesquisador na área desde 2012, e estudante de graduação desde 2009, não me recordo de outra aplicação da noção e do debate acerca das masculinidades tóxicas em grande escala a exemplo do que passa a ocorrer em meados de 2017 e sobretudo a partir de 2018. Era quase que incomum ou de pouca importância a definição atual do padrão de masculinidade como fruto de uma sociedade patriarcal, machista, sexista e misógina. Fatores os quais sugeri pensar ligados a descrição contextualizada do “modo nacional” trazido na introdução geral da tese. Contexto que também é social e cultural com início em 2013, perdura até os dias atuais, e se propõe a reflexões moralistas e reacionárias da nossa sociedade.

O que é (são?) de fato, masculinidade tóxicas? Em artigo recente que tem por objetivo apontar reflexões da teoria *queer* como proposta de rompimento dos homens a masculinidade tóxica, “pela via da experiência amorosa como prática de resistência” (Mattia, 2020, p. 03), Bianca Rosina Mattia (2020), reitera que esse padrão de masculinidade é então, “compreendida como aquela que, na tentativa incessante de resgate do mito viril, produz violências de toda ordem contra os próprios

homens” (idem, p. 02). Na minha visão, algo intrinsecamente ligado a construção e perpetuação do patriarcado como modelo de sociedade. Ainda para Mattia (2020):

A heteronormatividade, como um dos focos da teoria queer, traz entre suas consequências a produção e manutenção de uma masculinidade tóxica, pautada em práticas simbólicas e concretas de violência que afetam, mais diretamente e de forma letal, uma quantidade assustadora de mulheres, de homossexuais, de lésbicas, de transexuais, mas também de homens que não se adequam a essa norma, aliando-se a uma política de proliferação de ódio. (ibidem, p. 09).

O padrão de masculinidade é atrelado por alguns estudos ao surgimento do movimento mitopoético dos homens nos anos 1980, nos EUA. A mitopoética dos homens procurava através de terapias reconectar os indivíduos com uma “nova masculinidade”, muito embora o movimento e o criador da ideia falem mais em comportamentos não adequados dos homens sem uso da palavra “tóxica” (o). Como apontado na dissertação de mestrado de Cristiane Souza de Menezes (2008).

O movimento mitopoético, fundado pelo poeta americano Robert Bly, nos Estados Unidos, baseia-se na psicanálise e, desse modo, a masculinidade é concebida como fundamentada em profundos padrões inconscientes e arquétipos que são revelados mediante mitos, rituais de iniciação masculina e histórias com as quais se busca reencontrar a “energia masculina”. (MENEZES, 2008, p. 48).

Em pesquisas acadêmicas atuais com temáticas equivalentes a masculinidades tóxicas, usa-se comumente o conjunto teórico desenvolvido no bojo do conceito das masculinidades hegemônicas. Tão largamente abordada em diversos estudos sobre homens e produção da identidade de gênero masculina⁵¹. Enfatizamos que a finalidade aqui não é fazer uma revisão teórica, pois se tornaria esforço repetitivo para algo já produzido por outros (as) autores (as). Porém sinalizar introdutoriamente quais aspectos tratados exclusivamente por três autores (as) dessa corrente cooperam para conexão do padrão de masculinidades tóxicas e modelo de masculinidades hegemônicas. Os trabalhos de R. W. Connell e James. W. Messerschmidt (2001) e Leonardo Fabián García (2015) são capitais para introdução do que é o modelo hegemônico presente na masculinidade. Os primeiros autores, muito explorados nessa perspectiva, interpelada de modo plural e diverso, pensam padrões de masculinidades de modo hierárquico, no qual o hegemônico estaria no topo dentre os status “A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas”. “(...) Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige

⁵¹ Ver Bilate (2022), **O Homem Sensível**: discussão sobre os tipos de masculinidade na cultura brasileira. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/30968>.

que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”⁵² (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 245). Já para García (2015), o conceito permitiria entender:

Las diversas perspectivas sobre la construcción de la masculinidad (hegemónica) contribuyen a entender la construcción de la identidad masculina como un proceso que se complejiza con la intersección, superposición y/o simultaneidad con otras categorías identitarias como raza, etnia, clase, edad y sexualidad. A partir de estas categorías, y en permanente tensión con elementos individuales, culturales e históricos, los sujetos definen, negocian y disputan el contenido de su hombría, de la virilidad, de los roles y de la identidad masculina. Se define así su compromiso con una posición – normativa o de resistencia – de género que los coloque en una situación de hegemonía, subordinación, complicidad, marginación o alternativa. Simultáneamente se precisa el carácter mismo de la masculinidad como construcción social. (García, 2015, p. 23).

Aparece também em investigações sobre homens, juventudes, masculinidades e comunidades periféricas a ideia do denominado *etos guerreiro*, dentro do que seria uma disposição maior de determinado grupo para realização de atos violentos. São trabalhos que surgem a partir da descrição dada pelas antropólogas brasileira Alba Zaluar (1985) e Fátima Cecchetto, (2004) em algumas das suas etnografias. Como, um tipo de formação de identidade e identificação direta com a violência, em suas diversas dimensões, que parte dos homens analisados nos estudos dessas autoras parecem sinalizar de maneira comportamental. “Nessas arenas de conflito, desenvolve-se, então, um estilo de masculinidade denominado *etos guerreiro*” (Barcellos; Zaluar, 2013, p. 21). Levando em consideração que os trabalhos das duas autoras se apoiam basicamente na violência entre homens (grupos organizados, gangues, galeras rivais etc.) e com foco na produção de tipologia das masculinidades voltadas para reprodução de ocorrências do conflito de território e violência física.

Diante das descrições dada para o *etos guerreiro* poderíamos tomar como modelo expresso da idealização das autoras os enfrentamentos armados atual na Bahia, e em outros estados, que diariamente causa mortes e medo às comunidades, substancialmente denominado pelos meio de comunicação e população em geral de “guerras de facções”.

O documentário *The Mask You Live In* (2015)⁵³ de 1h 37 min. destaca a produção da masculinidade nos Estados Unidos evidenciando diferentes organizações e instituições da sociedade

⁵² Citação semelhante a que usei na dissertação de mestrado “Pegada de Patrão” (2016) para discorrer um pouco mais sobre o conceito, ao passo que enxerguei na performatividade do *patrão* modos frequentes apontados pela autora e pelo autor.

⁵³ O documentário conta com a Direção de Jennifer Siebel Newsom e foi lançado no Brasil em 2016, primeiramente no serviço de streaming Netflix e encontra-se para acesso no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=d2B0ikOh714>.

que se baseiam no padrão masculino da violência. São debatidos entre especialistas das áreas de psicanálise, pesquisadores (as) e *coachs* ligado ao esporte, casos de Michael Kimmel sociólogo e pesquisador de estudos de gênero e da Ph.D. em Ciências Política Caroline Heldman ambos norte-americanos, quais seriam as principais explicações para a permanência e propagação da violência de gênero, outras dimensões da violência ocasionada pelos homens e de manutenção dos privilégios masculinos junto ao patriarcado. O filme narra, em partes, o encorajamento e treinamento durante fases menores de sua vida, desde a infância e adolescência, ensinados aos homens estadunidense para que produzam uma masculinidade que tem como regras a virilidade, a força, sentimentos de ódio ou raiva, a misoginia, o machismo e o sexismo. Seja o encorajamento entre familiares (pai, mãe etc.), em modalidades esportivas, mediante atividades culturais e produção de audiovisual (filmes, séries, dentre outros). Aspectos sociais, culturais e esportivo transmitidos para boa parte do mundo de forma globalizada particularidade dos filmes e séries, da NFL (*National Football League*) e demais práticas do país.

Frisa ainda, que em regra quando alguns homens rompem com essas normas impostas na sociedade ocasiona conflitos, em especial na família e sofrem penalizações. Por fim, *The Mask You Live In* (2015) traz tipos de enfrentamento ao padrão de masculinidade tóxica ou violenta por viés de rodas de conversas, grupos, oficinas de sensibilização do tema, tanto entre homens jovens e entre homens mais velhos e em situação de cárcere. O trabalho de conclusão de curso de Renan Müller Sander (2021), em Ciências Sociais pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), explora de maneira mais detalhada o documentário fazendo comparação com a película nacional “O Silêncio dos Homens”. Do ponto de vista de Sander (2021), “[...] a violência é vista como uma característica natural do homem, além de muitas vezes serem educados através da violência e da agressividade, de maneira que, quando chegam na vida adulta a violência é a língua comum das suas experiências” (Sander, 2021, p. 39).

Nessa e em outras definições da noção encontradas em sites, blogs e páginas de Instagram, Youtube ou Facebook,⁵⁴ apontam para dimensão da violência que não somente vítimas são afetadas, mas os homens agentes das agressões são atingidos psicologicamente pelas próprias ações praticadas. Há diante disso, preocupação com a saúde mental dos homens ao assumirem comportamentos de riscos, como por exemplo dirigir em via pública embriagado e causar acidente sendo vítima fatal, ou do alto número de suicídio acometendo em sua maioria jovens homens com idades entre 15 e 19 anos,

⁵⁴ Para mais a respeito da definição do padrão de masculinidades: [Masculinidade tóxica: o que é? Significado e como lidar - Psicanálise Clínica \(psicanaliseclinica.com\)](#) e ainda [\(95\) MASCULINIDADE TÓXICA - YouTube](#) ambos acessados em 15 de abril de 2021.

conforme dados preliminares estimados entre 2016 e 2021, pelo Ministério da Saúde, apesar de o mesmo período o número de meninas foi maior do que a série histórica. O IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) por meio do Atlas da Violência (2019) registrou 10.559 suicídios de homens.

Ou também pelo alto índice da violência letal nos assassinatos por arma de fogo em todo o país, que afeta predominantemente homens negros. Números do próprio Atlas da Violência (2021), com dados coletados dois anos antes, constata que 77,00% das vítimas de homicídios no país são negras. Revelou ainda, que a chance de os negros serem assassinados é 2,6 vezes maior do que a dos não negro. Desigualdades e genocídio dos homens negros narrados com mais ênfase no subcapítulo “Genocídio do Jovem Homem Negro” acima. Para a autora norte americana bell hooks (2022), a priori em um dos seus escritos “[...] Ser agressivo é a maneira mais simples de afirmar a masculinidade patriarcal. Homens de todas as classes sabem disso. Como consequência, todos os homens que vivem em uma cultura de violência devem demonstrar, em algum momento da vida, que são capazes de ser violentos” (hooks, 2022, pp.111-12).

Do mesmo modo, notadamente, o movimento feminista e de mulheres da considerada segunda onda desde seu início na década de 1960, já apontavam os homens mediante o lugar do opressor e as várias violações sofridas pelas mulheres, tendo em vista que são os principais autores de crimes como a violência doméstica, LGBTfobias e feminicídios, e que, se beneficiam direta e indiretamente das implicações do patriarcado secular. As masculinidades, como objeto de análise, começaram a ser contempladas a partir de discussões produzidas pelo feminismo nos Estados Unidos, desde a década de oitenta do século passado. Nesse primeiro momento de surgimento do campo de estudo, o esforço era também de traçar a figura do homem como principal opressor e causador das investidas ofensivas de gênero que acometiam as mulheres e a toda sociedade.

A denúncia do patriarcado branco heteronormativo e dos privilégios dos homens avança dentro do movimento com a inserção do feminismo negro e outras correntes que dialogam mais com as experiências das classes consideradas inferiores, dentre elas a interseccionalidade⁵⁵. Teorias as quais visam compreender as subjetividades e vivências coletivas de modo mais contextualizado, pensado não mais em princípios universais de gênero e sexualidade/sexo. Novamente a autora bell hooks (2019), em livro publicado no Brasil. E em seguida trecho retirado de artigo de Patricia Hill Collins traduzido em 2015. hooks (2019) ratificando o que tem sido o papel masculino diante das opressões e em Collins (2015), percepções naquilo que pretendemos afirmar a respeito da

⁵⁵ Para mais sobre a interseccionalidade enquanto proposta de conceito para estudos de gênero e sobre as mulheres ver Kimberlé Creenshaw (2002).

interseccionalidade como arcabouço teórico e analítico importante para compreensão das opressões de gênero⁵⁶: “Uma vez que os homens são os principais responsáveis pela preservação do sexismo e da opressão sexista, sua erradicação só será possível se os homens assumirem a tarefa de transformar a consciência masculina e a consciência da sociedade como um todo”. (hooks, 2019, p. 130).

Para alcançarmos aquele “pedaço do opressor que está plantado profundamente em cada um de nós”, necessitamos de, ao menos, duas coisas. Primeiramente, precisamos de novas visões sobre o que é a opressão. Precisamos de novas categorias de análise que incluam raça, classe e gênero como estruturas de opressão distintas, mas imbricadas. (COLLINS, 2015, p. 14).

Reafirmando o compromisso com o objeto de pesquisa, que são as masculinidades negras, acreditamos na necessidade de discorrer de que forma o “desejo de branquitude da nação” (Miskolci, 2012), da nomeada elite brasileira forjou a imagem do homem negro e da mulher negra em território nacional no pós-abolição. Em suas observações Richard Miskolci toma como recorte temporal décadas finais do século XIX, por meio de documentos e romances reinterpreta personagens e retoma o discurso apresentado em parte da literatura da época. Assim, estrutura como a ideia de uma “contaminação moral” dos negros era conduzida pela sociedade. O que se deve acentuar com associação aos dias atuais, século XXI, entre passado e presente, e enxergar pouco avanço para a temporalidade considerada.

No Brasil do final do século XIX, com a abolição da escravatura e, portanto, de rígidas hierarquias, emergia um medo de “contaminação moral” devido ao esperado e temido aumento do contato entre negros e brancos, contato compreendido como entre raças, classe, mas também em termos sexuais. (MISKOLCI, 2012, p. 47).

Com isso, diversos estereótipos e estigmas foram reforçados como Política de Estado que visava o embranquecimento da população, no discurso e em questões biológicas, com apoio científico, e culturais. Ambas pautadas na moralidade ou tendo como “pano de fundo” fundamentações religiosas, “os medos sobre rompimento de padrões morais tocavam diretamente as elites em seu papel almejado, mas também atribuído pelas outras classes ou grupos sociais, de representantes oficiais da ordem, da moral e dos bons costumes” (idem, p. 166). A Hipersexualização, a virilidade/raça (aqui denotam força), degeneração, malandragem, vil, violência, foram/são atributos

⁵⁶ Discussão que desenvolvi com mais amplitude na dissertação de mestrado (2016) outrora citada. Link para acesso: [Gimerson-Roque-Prado-Oliveira.pdf \(uesb.br\)](http://Gimerson-Roque-Prado-Oliveira.pdf(uesb.br))

destinados a população negra que auxiliaram na reprodução da negação da cidadania e de manutenção de hierarquias raciais.

5.2 CONCLUSÃO

A memória transcorrida na epígrafe de abertura do capítulo é antiga, todavia ela é atual. Homens que deram a entender não se conhecerem, ou se se conheciam combinaram muito bem o acontecimento, porém simularam tal empreendimento habitual, o da rivalidade entre homens numa rotina cotidiana. A narrativa apresentada se soma a um conjunto de justificativas recorrentes para proposta do desenvolvimento de pesquisa referente a produção de masculinidades e as masculinidades negras. Disputa de identidades ou territórios definido por quem é mais violento, e até mais letal, consagra-se como vencedor aquele (es) que alcançam a glória da hipermasculinidade, hipervirilidade exaltando ao máximo o padrão de identidade de gênero violenta.

A maioria dos homens negros permanece num estado de negação, recusando-se a reconhecer que a dor em suas vidas é causada por um pensamento machista e uma violência patriarcal falocêntrica que não é expressa apenas pela dominação masculina das mulheres, mas também pelo conflito paralelo entre os homens negros (hooks, p. 2019,195).

Para alguns homens está em competição um tipo de honra e de respeitabilidade aprendida durante trajetória de vida. Mesmo se passando pouco mais de uma década essa cena *bélica* me traz recordações talvez pelo momento que eu iniciava como pesquisador na área de masculinidades e de gênero, e aquilo ficou como símbolo importante.

O termo “masculinidades tóxicas”, que como vimos se tornou usualmente trivial às violências dos homens na contemporaneidade, começa a ser discutido mediante direcionamento para ações de homens jovens brancos com atitudes violentas, desleixo de si, cuidar da saúde, consumo de drogas ilícitas etc. Apesar de ser padrão adotado independente de cor/raça ou classe social as quais nós homens pertencemos, e de como aparece no enunciado por bell hooks (2022), “O patriarcado branco é tão misógino quanto o patriarcado negro e oferece a morte como preço que todas as mulheres devem pagar caso saiam do “seu lugar”” (hooks, 2022, p. 127).

O uso indeterminado da palavra é feito ainda para se referir a coisas do tipo, “casamento tóxico” “relacionamento tóxico” “relações tóxicas” ou em definir tal pessoa “como tóxica”. Porém se tornou pedagógico e educativo como caso do recém fundado em Salvador, NEF (Núcleo de Enfrentamento e Prevenção ao Femicídio), coordenado pela Secretaria Municipal de Política para

as Mulheres Infância e Juventude em parceria com o Tribunal de Justiça da Bahia, segundo a reportagem⁵⁷. O Programa começou em novembro de 2020, e conta com aulas sobre a masculinidade tóxica e a Lei Maria da Penha, sendo o próprio NEF desdobramento da Lei direcionada a homens que cometeram violência contra a mulher. Até a data da reportagem (maio de 2023) já teriam sido atendidos cerca de 156 homens nos ciclos de formação e até então nenhuma ocorrência de reincidência. Mais sobre os grupos reflexivos para homens é colocado por Maria Auxiliadora Alves coordenadora do NEF⁵⁸:

Os temas abordados nas sessões incluem a Lei Maria da Penha, violência de gênero, alienação parental, masculinidade tóxica e machismo. Os participantes também podem solicitar que outros tópicos sejam trabalhados no grupo. “Um dos mais pedidos é a saúde mental do homem, especialmente a relação do consumo de álcool e outras drogas, com a agressividade”.

No Brasil, os grupos reflexivos, também chamados de grupos reflexivos de gênero, são propostas de intervenção direcionadas a homens autores de violência contra mulheres, destinados à problematização de modelos de masculinidade (e feminilidade) e à construção de alternativas para homens que instrumentalizam a violência em suas relações. Os grupos reflexivos têm, em geral, papel educativo, reflexivo e preventivo. **(Descrição de Grupos Reflexivos presente na página do NEF).**

Como vimos, o padrão masculino produzido por partes dos homens através da violência é analisado em diferentes conceitos e correntes teóricas, desde as próprias masculinidades tóxicas, masculinidades hegemônicas, o *etos guerreiro*, a interseccionalidade e do feminismo negro. Independente de escolha do caminho de análise para fundamentação sustentadas por essas teorias e conceitos, a amostragem tende como importante contribuição chamar a atenção na contribuição da derrocada das opressões de gênero: machismo; sexismo; misoginia; desigualdade no mercado de trabalho, enfim, do patriarcado.

A seção subsequente tem, por intermédio de aplicação de grupos focais e análises de peças publicitárias, do Governo do Estado da Bahia (2019), com titulações de Masculinidade Nova e Masculinidades Tóxicas e as peças da marca de barbear e produtos de beleza Gillette (2019) e da marca de relógios Égard Watches (2019), essas últimas envolvidas em discórdia do que seria/é *ser homem* a partir da produção das masculinidades que como já assumimos é uma identidade de gênero múltipla, que portanto pode ser desempenhada em inúmeros modos.

⁵⁷ Matéria sobre o NEF. Acessado em 21/05/2023. Link para acesso: [BATV – Salvador | Programa tem aulas sobre a Lei Maria da Penha e masculinidade tóxica | Globoplay.](#)

⁵⁸ Matéria sobre a “formação de novos grupos para reeducação de homens para prevenir o feminicídio” Site da SPMJ. Acessado em 05/05/2023. Link para acesso: [https://spmj.salvador.ba.gov.br/nef-forma-novos-grupos-de-reeducacao-de-homens-para-prevenir-femicidios/.](https://spmj.salvador.ba.gov.br/nef-forma-novos-grupos-de-reeducacao-de-homens-para-prevenir-femicidios/)

5.3 WHAT IS A MAN?: OS CASOS DAS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DO GOVERNO DA BAHIA, GILLETTE E ÉGARD WATCHES

Yo planteo la hipótesis de que los discursos y prácticas de los colectivos que trabajan con hombres y masculinidades revelan que el ser hombre, la masculinidad y el patriarcado no son categorías tautológicas. Por el contrario, a partir del ejercicio crítico del poder, el ser hombre y la masculinidad se configuran progresivamente en una categoría política de resistencia que desafía el cerco patriarcal (Leonardo Fabián García, 2015, p. 02).

Incorporamos a discussão de peças publicitárias postada no Youtube pela marca de aparelhos para barbear e produtos de higiene pessoal Gillette (2019)⁵⁹, e a campanha do Governo do Estado da Bahia (2019)⁶⁰, como exemplos de narrativas que possam contribuir para debate atual de masculinidades tóxicas, ao passo que complementa a noção do que é *ser homem* e sua multiplicidade. Uma terceira película publicada também na plataforma de vídeos Youtube da marca de relógios Égard Watches (2019)⁶¹, e que busca interrogar através do título *What is a man? - A response to Gillette* o tipo de homem e de masculinidade apresentada sobretudo em resposta direta ao anúncio da Gillette, porém é proposição que pela perspectiva negaria também a propaganda do Governo estadual da Bahia.

A peça publicitária do Governo da Bahia se justifica por ser um modo local de enfrentamento a violência de gênero e de combate a masculinidade patriarcal, enquanto os anúncios das marcas se configuram numa contenda mais internacionalizada sendo que são corporações de grandes relevâncias em suas áreas e de alcance global envolvidas, nesse caso, em ocasião que não estão em interesse único a venda de produtos de suas marcas, mas discussão generalizada sobre os homens.

Os anos de circulação das películas com narrativas acerca das masculinidades tóxicas corrobora com a afirmação de que o padrão de masculinidades passa a ser posto em discussões mais recentes aqui no Brasil. Ainda, aproveitamos discursos de negação da masculinidade tóxica, em alguns comentários feitos na postagem original da campanha do governo baiano, no perfil oficial da

⁵⁹ Peça publicitária da Gillette disponível em: [comercial da Gillette sobre “masculinidade tóxica”\[LEGENDADO - PTBR\] - YouTube](#). Acessado em 08/05/2020.

⁶⁰ Link de postagem da peça disponível em: [Campanha Masculinidade Nova - Governo da Bahia - Versão para TV - YouTube](#). Acessado em: 08/05/2020.

⁶¹ Peça Publicitária da Égard Watches disponível em: [What is a man? A response to Gillette – YouTube](#). Acessado em: 08/05/2020.

Secretaria de Políticas para as Mulheres da Bahia - SPM/BA, dentro da plataforma Twitter e a concretização nos períodos de dezembro de 2021, a março de 2022, de quatro Grupos Focais (total treze participantes) todos homens negros com idades entre dezesseis e vinte anos para fazer conexão com o campo empírico de pesquisa na cidade de São Félix, Ba. Os Grupos Focais já faziam parte da metodologia elencada no anteprojeto de pesquisa quando ainda no início do processo de doutoramento. Na visão de Maria Cecília Minayo, “Do ponto de vista operacional, a discussão de grupo (“grupos focais”) se faz em reuniões com um pequeno número de informantes (seis a doze). Geralmente tem a presença de um animador que intervém tentando focalizar e aprofundar a discussão” (Minayo, p. 129, 1998). A ideia aqui foi de amostragem e comparação entre campanhas de divulgação para com isso, tentar interrogar o que pensam os jovens homens negros participantes da pesquisa a respeito das masculinidades tóxica e de homens que negam a existência dela. Perguntas norteadoras foram: O que vocês acham do homem que nega a existência da masculinidade tóxica e violência de gênero? e qual tipo de homem representado nesses vídeos mais se assemelha com suas trajetórias?

Após tecer toda a amostragem de dados quantitativos e qualitativos evidenciados através de problematização das peças, comentários, discursos e de trechos importantes retirados dos grupos focais, foram dissecados mais adiante. Concluímos com a prerrogativa de que políticas de enfrentamento constante ao patriarcado são imprescindíveis para sociedade, dessa forma, foi relatado dados do feminicídio na Bahia nos anos de 2021 - 2022, e casos recentes no território da pesquisa. Reiterando que os homens precisam urgentemente mudar esse tipo de lógica comportamental violenta e que possam estar envoltos de consciência anti-heteropatriarcal e anti-heteronormativa.

A seguir trago três imagens feitas pela campanha da SPM – BA, divulgadas no site Masculinidade Nova⁶² e demais redes sociais do governo do estado, também as descrições em formato de texto e frames (capturas de tela) das três peças ou campanhas publicitárias como forma de gerar compreensão mais perceptível do leitor e de densidade do que os vídeos narram.

Campanha Masculinidade Nova - Governo da Bahia - Versão para TV

⁶² O site ficou disponível durante a campanha em 2019.

Figura 69: "antes do tapa, o grito"



Figura 70: "antes do grito, o controle"



Figura 71: "antes do machismo, a masculinidade tóxica"



Imagem em preto e branco, um homem branco dispara arma de fogo, o narrador diz: "Antes do tiro, um tapa". A bala faz um movimento de volta para dentro da arma. Roupas balançam no varal, um tecido vermelho em destaque, a câmera se afasta revelando uma laje cercada de prédios populares.

Homem negro bate no rosto de uma mulher negra. O narrador diz: "Antes do tapa, o grito". A mão do homem volta para trás.

Janela de vidro, a chuva volta. Em uma mesa, uma taça de água caída volta a ficar de pé e uma taça em destaque com vinho vermelho.

Homem branco grita olhando para mulher de vestido vermelho e sacode a mesa. O narrador diz: "Antes do grito, o controle".

Trem voltando nos trilhos. Em frente ao trem que volta, um homem negro aponta o dedo para mulher negra vestida de vermelho, ela está de cabeça baixa. O narrador diz: "Antes do controle, o machismo".

Ventilador gira.

Homem branco toca o braço de menino branco que veste camisa vermelha, uma mulher branca observa os dois. Narrador diz: "Antes do Machismo, a masculinidade tóxica. O homem branco diz ao menino "Seja Homem".

Tela preta. Projeção de notícias sobre violências contra a mulher são assistidas por mulheres diversas, uma de cada vez, algumas tem o batom vermelho destacado. O narrador diz: "A masculinidade tóxica faz mal ao homem e pode ser o começo da violência contra a mulher. E até do feminicídio. A gente precisa falar sobre isso".

Figura 72: Peça Publicitária Gov – BA



Figura 73: Peça Publicitária Gov – BA



Figura 74: Peça Publicitária Gov – BA



Comercial da Gillette sobre “Masculinidade Tóxica”.

Homem negro observa seu reflexo no espelho. Close Up de reflexos no espelho de homens diversos.

Letreiro com logotipo da marca Gillette com slogan abaixo da marca "Isso é o melhor que um homem pode ter?", narração do Slogan.

Imagem de projeção de um casal, a mulher beija o rosto do homem. Mãos rasgam a tela e vários homens saem de dentro da tela que ainda projeta o casal.

Os homens correm e gritam, o narrador diz: "É isso?" A tela é tomada por uma mensagem de texto que diz: "Freak!!!", "Maluco!!!" em tradução livre.

O som dos homens gritando continua, em uma sala, mulher branca abraça menino branco. Os homens invadem a sala e correm por ela. Várias mensagens de texto (You're such a loser.", "Everyone hates you" e "Sissy!") rodeiam a mulher e o menino, que continuam abraçados. O narrador diz: "Não podemos nos esconder disso".

Em uma sala, televisão exibe a imagem de desenho animado, onde grupo de homens assobiam para uma mulher que está sentada de pernas cruzadas.

Em seguida, o canal de televisão muda e na imagem um homem branco assediando uma mulher negra vestida com uniforme de doméstica. O narrador diz: "Está acontecendo há tempo demais".

A imagem da televisão para, homem dança em uma festa, garota loira dança. Três jovens brancos sentados em frente a televisão manuseiam controle remoto.

Em um estúdio onde ocorre a gravação de uma sitcom, o teleprompter virado para a plateia indica "applause" (aplausos em tradução livre) enquanto o ator branco assedia a mulher negra vestida com uniforme de empregada. O narrador diz: "Nós não podemos rir disso". A plateia formada majoritariamente por homens sorri.

Em uma sala de reunião, homem branco toca o ombro de mulher branca e diz "O que eu realmente acho que ela está tentando dizer". Close Up do rosto da mulher, ela abaixa a cabeça. O narrador diz: "Fazendo as mesmas velhas desculpas".

Duas crianças brigam no gramado sobre os olhos de três homens adultos que dizem: "Rapazes serão rapazes". fila de diversos homens em frente a churrasqueiras repete: "Rapazes serão rapazes". O narrador diz "Mas algo finalmente mudou".

Em uma bancada de jornal, uma jornalista branca diz: "Alegações sobre agressão sexual e assédio sexual". Várias telas com telejornais apresentados por homens e mulheres.

Uma plateia silenciosa observa algo atentamente. Narrador diz: "E não haverá como voltar atrás."

Homens diversos observam seu reflexo no espelho. Narrador diz: "Porque nós acreditamos no melhor dos homens".

Trecho do discurso do ator Terry Crews onde ele diz: "Os homens precisam responsabilizar outros homens".

Em um quintal, durante festa, duas mulheres conversam quando são interrompidas por uma voz masculina que diz: "Sorria, querida!". Um homem interfere e chama a atenção do outro homem e diz: "vamos!". O grupo se dissipa. O narrador diz: "para dizer a coisa certa".

Uma mulher caminha na rua, homem branco diz algo desconfortável quando é chamado a atenção por homem negro que sai de um estabelecimento, ele diz "brô, não é legal, não é legal". O narrador diz "para agir do jeito certo".

Homem branco de camisa xadrez caminha de mãos dadas com uma criança, ele observa uma certa confusão. O narrador diz: "Alguns já são".

Um grupo de rapazes corre atrás de um garoto. Narrador diz: "De formas grandes e pequenas".

Dois jovens negros são orientados por um homem negro a darem as mãos.

Um homem negro e uma menina negra estão em frente a um espelho, ele diz: "Diga: Eu sou forte" e a garota repete " Eu sou forte".

O homem branco em frente a churrasqueira corre em direção aos meninos que brigam na grama.

Homem de camisa xadrez e um menino correm em meio a transeuntes em uma avenida. O narrador diz: "Mas alguns não são suficientes". O Homem ajuda o garoto que estava sendo perseguido pelos rapazes.

Homem branco separa os meninos que estavam brigando na grama e diz: "Não é assim que nos tratamos, ok?".

Homem de camisa xadrez pergunta ao garoto: "Você está bem?"

O menino que estava com o homem de camisa xadrez observa e sorri. Em três planos distintos, três meninos diversos observam. O Narrador diz "Porque os garotos que estão assistindo hoje serão os homens de amanhã".

Letreiro: "The best a man can get" em tradução livre: "O Melhor que um homem pode ter". Tela azul, um letreiro diz: "It's only by challenging ourselves to do more that we can get closer to our best." em tradução livre: "É apenas nos desafiando a fazer mais que podemos nos aproximar do nosso melhor".

Figura 75: "nós não podemos nos esconder disso"



Figura 76: "O que eu realmente acho que ela está tentando dizer"



Figura 77: "rapazes serão sempre rapazes"



What is a man? - A Response to Gillette - Égard Watches - Youtube

Grupo de bombeiros, em meio às chamas, tenta conter incêndio. O narrador diz: "O que é um homem?".

Bombeiro carrega menina branca nos braços em meio a chamas. O narrador diz: "Será que o homem é corajoso?". Na tela, um dado da U.S Bureau Of Labor Statistic diz: "Os homens representam 93% das mortes no local de trabalho".

Menino negro com a bandeira dos Estados Unidos da América está no colo de um homem negro vestido com roupas camufladas. Close Up de um homem negro com roupas camufladas. O narrador diz: "Será que o homem é um herói?" Na tela, dado do Departamento de Defesa dos Estados Unidos: "Os homens representam mais de 97% das fatalidades em guerras".

Em frente a escada de uma casa, homem branco brinca com menina branca, a menina está em uma cadeira de rodas. Homem negro está deitado com duas crianças negras em uma cama. Ele abraça e beija a cabeça de um menino. Narrador diz: "Será o homem um protetor?". Close-up do rosto de um homem negro com uma toalha branca nos ombros. Na tela dado da United Nations Office on Drugs and Crime: "79% de todas as vítimas de homicídio são do sexo masculino".

Um homem branco abraça uma menina branca. Na tela, um dado da Census Bureau: "Quase metade dos pais sem direito a visitas ainda sustentam financeiramente seus filhos." O narrador diz: "Será que o homem é vulnerável?".

Em ambiente rochoso, homem branco com um capacete com lanterna perfura rochas com equipamento. Em imagens de uma antiga guerra, soldado branco trabalha em navio, uma ferramenta redonda gira em close up rosto do soldado branco. O narrador diz: "será que o homem é descartável?". Na tela, surge dado da World Health Organization: "Os homens representam 80% de todas as vítimas de suicídio". Close Up do rosto de um homem idoso branco.

Close up de homem idoso branco com capuz e casaco. Na tela, dado da National Coalition for the Homeless: "75% dos indivíduos desabrigados solteiros são homens". O narrador diz: "Será que o homem está arruinado?"

Homem idoso negro de paletó. O narrador diz: "Será que o homem está tentando?". Tela preta com letreiro em Caps Lock. Narrador diz a frase do letreiro: "Nós vemos o lado bom do homem".

Sequência de três planos com homens diversos sorrindo. Tela preta com letreiro "ÉGARD WATCH COMPANY"

Figura 78: "O que é um homem?"



O que é um homem?

Figura 79: "será que o homem é um protetor?"



79% of all homicide victims
Será que o homem é um protetor? are male

Figura 80: "será que o homem ...é descartável?"



... é descartável?

Levando em consideração que a ideia é questionar de modo crítico as abordagens atuais direcionadas para as masculinidades tóxicas e patriarcal pensamos em tratá-las no campo de pesquisa como produção de dados através dos grupos focais⁶³, o material posto como impulso do debate e conscientização para com as dimensões das violências contra às mulheres e de gênero dos participantes foram os mesmos descritos nos parágrafos anteriores. Nos primeiros momentos da atividade, logo após projetar as imagens do site Masculinidade Nova da SPM - BA e em sequência os três vídeos das campanhas publicitárias pedi aos participantes que definissem pelo menos três palavras-chaves dentro da temática de tudo aquilo que havia sido exposto e elenquei em quadro abaixo recorte das mais repetidas nas anotações deles. Recapitulando ao todo foram treze participantes diferentes e enumerados mediante interesse nas suas falas o que facilitou no desenvolvimento posterior do texto quando no caso de citá-los. A palavra-chave mais citada teve cinco aparições. Finalizamos essa parte com tópicos de síntese das respostas dadas por parte dos homens nos quatro grupos focais.

Tabela 4: Defina pelo menos três palavras chaves do que entendeu sobre a temática Masculinidade Tóxica

2 vez	3 vezes	5 vezes
Patriarcado	Violência de Gênero	Feminicídio
Misoginia	Feminismo	Masculinidades
LGBTfobia	Sexismo	Machismo

O que vocês acham do homem que nega a existência da Masculinidade Tóxica e Violência de Gênero?

- **Participante 1:** “Eu acho um absurdo a pessoa negar isso. Até porque é uma coisa que existe na realidade. Basta botar em um jornal que a gente vai ver as notícias de algum cara que matou ou agrediu alguma mulher. Aqui mesmo em São Félix já vi vários casos de feminicídio e tudo com as meninas jovens que não queriam mais ficar com o cara. Isso é muita covardia”. (dezembro, 2021).
- **Participante 2:** “Me lembro de já ter passado por essa violência dentro de casa quando eu tinha uns 8 anos de idade (Hoje com 17 anos). Tanto com minha irmã mais velha como com minha mãe e um cara lá que vivia com ela. Só mais tarde fui ver como aquilo era ruim pra quem

⁶³ Foi utilizado gravador de voz para registro e posteriormente transcrição dos trechos que considerei mais importantes.

casa porque as brigas e violência envolvia todo mundo. Era praticamente todos os dias. Mas hoje em dia tenho na mente que tudo aquilo é errado”. (**janeiro, 2022**).

- **Participante 3:** “Tem mais ou menos 15 dias, teve um feminicídio aqui em São Félix, lá perto do 135 (bairro da cidade). O cara matou a menina e depois dormiram na mesma cama. Ele alegou que eram acostumados a brigar e não tinha visto que ela tinha morrido só foi ver no outro dia de manhã. Os dois jovens acho que entre 21 e 22 anos. Fora outros casos que a gente conhece que os caras espancam as mulheres”. (**janeiro, 2022**).
- **Participante 4:** “Como é que o cara quer negar o que existe né? Que todo mundo tá ali vendo. Esse da marca da Gillette que você mostrou aí é muito comum a gente como homem fazer o que aparece ali de ficar mexendo com as meninas que passa na rua. É o que a gente vê muito na internet também, no youtube e clipes de música a maioria que eu curto tem clipes com mulheres de biquini na beira da piscina igual as que aqueles caras estão no sofá assistindo”. Como você mesmo falou pode ser que isso incentive os caras também”. (**fevereiro, 2022**).

Qual tipo de homem representado nesses vídeos mais se assemelha com suas trajetórias?

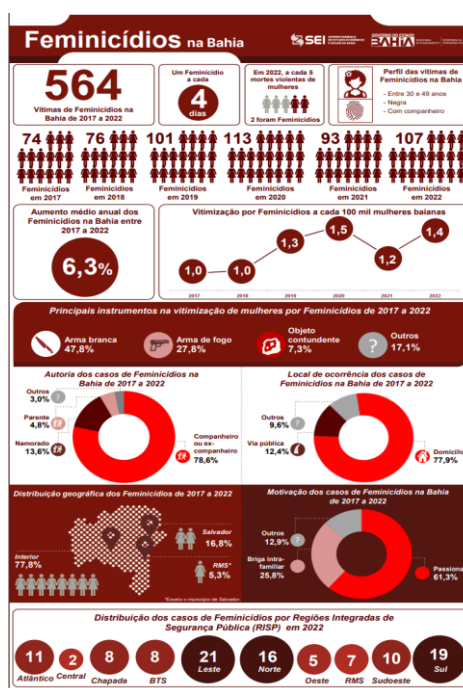
- **Participante 5:** “Já fui muito aquelas crianças que aparece brigando nesse segundo vídeo (se refere ao vídeo da Gillette), era eu e meus primos brigando por causa de bola ou de vídeo game. Éramos pelo menos uns 6 primos quase da mesma idade”. Só muito depois aparecia alguém pra separar. Igualzinho esse vídeo” (**dezembro, 2021**).
- **Participante 6:** “Esse tipo de homem do vídeo da marca de relógio (se referiu ao vídeo da Égard Watches) tem muito a ver com a gente também porque somos criados pra ser o protetor, o herói. Só é ver os filmes que a gente assiste e as novelas também. Até nossos pais são vistos dessa forma. E algumas profissões tão mais ligadas aos homens também talvez seja por isso”. (**dezembro, 2021**).
- **Participante 7:** “Infelizmente eu me vejo nos dois vídeos (se refere aos vídeos da Gillette e da Égard Watches) porque várias vezes meu pai já me disse pra ser homem, tanto na rua como em casa em questão de ser sempre durão e não levar desaforo pra casa e em casa desde cedo me ensinou a buscar um trabalho pra ajudar dentro de casa também. Ele sempre me dizia que isso aí, que a gente tinha que proteger minha mãe e minhas irmãs. Isso era as coisas de homem e que ele se sustentou assim. Então eu me criei desde cedo assim”. (**fevereiro, 2022**).

- **Participante 8:** “Já eu me vejo muito nesse vídeo da marca de relógio, porque como ele falou (se referiu ao participante 2) desde guri a gente aprende essa coisa do herói né? Até na rua mesmo hoje em dia você tem que se virar e saber onde andar em qualquer hora do dia. Até aqui em São Félix mesmo a gente ver isso de perto essa coisa que você (se referindo a mim) mostrou aí dos dados das vítimas de homicídios aqui a gente conhece vários homens, jovens que já foram mortos. Eu mesmo tenho uns três ou quatro ex-colegas do colégio ou que morava na mesma rua que eu e que foram mortos.”⁶⁴ (fevereiro, 2022).
- **Participante 9:** “Rapa eu achei aquelas imagens bem forte (imagens da campanha do Gov. – BA), aquela mesmo que aparece a mulher e a arma no desenho da cabeça de uma mulher, mas também acho que a visão passada é essa mesmo. As notícias hoje são só de morte mesmo qualquer jornal que a gente ver aparece essas notícias do cara chegar e matar à mulher porque ela não quis mais nada com ele. Ou então perseguir a pessoa por causa disso.” (março, 2022).

Interpretando o que disse alguns dos participantes nos tópicos retirados dos grupos focais acima, creio que seria de suma significância desenvolver algumas falas que foram recortadas ou as respostas foram mais direcionadas as duas perguntas norteadoras, embora logo em seguida fiz perguntas em cima das respostas deles, provocações comuns do tipo de técnica sugerida. Chamam atenção para seus próprios territórios ao citar situações particulares ou coisas corriqueiras de São Félix, BA, e de cidades próximas as quais fazem parte de roteiro da sociabilidade de cada um deles. Exemplo da afirmação, ‘*tem mais ou menos 15 dias, teve um feminicídio aqui em São Félix, lá perto do 135*’, do **participante de número 3**. Fato que ocorreu em janeiro de 2022, em um bairro da cidade. O jovem que cometeu o feminicídio teve prisão decretada no dia posterior do acontecimento. Já na cidade vizinha Cachoeira, BA, aconteceu o feminicídio da estudante universitária e líder quilombola Elitânia de Souza, no final de 2019, morta pelo ex-companheiro quando se dirigia para casa após sair da faculdade onde estudava. Abaixo arte com dados de feminicídio na Bahia entre os anos de 2021 e 2022. Uma característica que os dados trazem é o alto índice de feminicídios no interior do estado, onde ocorreu a maioria dos casos 77,87%, durante o período e que o companheiro ou ex-companheiros são os principais autores desse tipo de crime somando 78,6% com recorte temporal entre 2017 e 2022.

⁶⁴ Os dados que mostrei na atividade são os mesmo que aparecem na publicidade da Égard Watches (2019) e o participante se refere especificamente ao dado da United Nations Office on Drugs and Crime de que 79% de todas as vítimas de homicídio são do sexo masculino.

Figura 81: dados de feminicídio na Bahia - 2022



Ou ainda eles citaram para o famigerado genocídio de jovens homens negros que é recorrente nas falas de boa parte dos moradores locais, pois é uma condição real na vida deles, de estar em meio a conflito que atinge quase a cidade em sua totalidade, “*até aqui em São Félix mesmo a gente ver isso de perto essa coisa que você (se referindo a mim) mostrou aí dos dados das vítimas de homicídios aqui a gente conhece vários homens, jovens que já foram mortos*” (**participante 8**).

Me chamou a atenção também, no que se refere a situações particulares, como se sentiram à vontade em determinados momentos para falar sobre lances de sua família ou de comportamentos que eles mesmos interpretaram através do material discutido como algo compatível com a vida deles e até fazendo auto crítica, “*Esse tipo de homem do vídeo da marca de relógio (se referiu ao vídeo da Égard Watches) tem muito a ver com a gente também porque somos criados pra ser o protetor, o herói*”, (**participante 6**), além disso, “*Me lembro de já ter passado por essa violência dentro de casa quando eu tinha uns 8 anos de idade (Hoje com 17 anos). Tanto com minha irmã mais velha como com minha mãe e um cara lá que vivia com ela*”, (**participante 2**).

5.4 CONCLUSÃO

No começo achei a pergunta: *Qual tipo de homem representado nesses vídeos mais se assemelha com suas trajetórias?* um pouco evasiva e me questionei sobre sua aplicação nos grupos

focais. Na minha concepção, mesmo que usemos as falas colocando os participantes com denominação genérica, na hora da pergunta muitos se sentem ou se sentiam tímidos nas respostas, acredito ainda que por estar em grupo. Como ganhar confiança dos participantes a ponto de falarem coisas que podem ser problemas em suas vidas ou ações que eles possam ter praticado? Essas foram algumas das interrogações que me vieram no pensamento durante preparo do material para a atividade. Primeiro usei a pergunta como forma de testar na atividade inicial e a experiência me pareceu aceitável entre os participantes. Penso que a amostragem no diálogo inicial com os vídeos e as imagens descrevendo alguns pontos possa ter sido um procedimento positivo para fazer com que eles se sintam mais à vontade para falar.

Por si só, todo material usado nos grupos focais já poderia ser suficiente para levantamento das problemáticas aventadas. São coisas que no senso comum podem parecer que de fato há um aumento no caso de violência contra às mulheres e de gênero, e nesse caso são comprovados com dados anuais levantados por várias instituições (secretárias, grupos de mulheres, órgãos federais, dentre outros). A película da Gillette, mostrada para jovens homens que até então não tinham acesso a mesma levou coisas que consideram “novas” exemplo da cena de *Mansplaining* e *Maninterrupting* na cena descrita, *em uma sala de reunião, homem branco toca o ombro de mulher branca e diz "O que eu realmente acho que ela está tentando dizer". Close Up do rosto da mulher, ela abaixa a cabeça (descrição da publicidade da Gillette)*. Tipos de opressões que muitos deles afirmaram “não conhecer”, muito embora conheçam perfeitamente a prática de interrupção.

Esses fatores estão em semelhante comparação com o já citado ambiente político partidário pautados na moral e numa sociedade heteropatriarcal e heteronormativa. Voltamos a afirmar igualmente aos três níveis desenvolvidos por Leonardo Fabian García (2015), são fundamentais para o campo de estudos das masculinidades e de gênero na conscientização dos homens e de resistência direta ao patriarcado e seus privilégios. É preciso, portanto, que atentem para não negação de seus atos ou atos de outros homens próximos.

Tradicionalmente, este campo se ha desarrollado en tres niveles: la eliminación de la violencia contra las mujeres; el cuestionamiento del proceso de ser y hacerse hombre, y la deconstrucción del modelo hegemónico de masculinidad en cada varón. Recientemente se ha trabajado en la construcción de escenarios de equidad entre los géneros. (GARCÍA, 2015, p. 03).

Com efeito, concluindo a seção trago alguns comentários retirados da postagem oficial da campanha do Gov. – BA, que tentam negar a existência do padrão de masculinidade tóxica e patriarcal

anunciados nos vídeos e imagens. A escolha política na visão de quem se diz sobretudo de “direita” afeta o discurso e mostra tendência a negar qualquer forma educativa para com ações machistas e misóginas através de reduções ao feminismo ou até o marxismo cultural.

 **Cinthia** @Cinthia_fs · 17 de mai de 2019 ...
 Não cabe ao governo esse tipo de campanha. Gasto de dinheiro público em algo sem retorno. Mais educação, saúde, prevenção, saneamento básico, segurança. Menos lacração .
 16 6 74

 **João Francisco** @jea_nunes · 17 de mai de 2019 ...
 Usando dinheiro do contribuinte pra promover o marxismo Cultural e a luta de classes ,Gramsci ficaria orgulhoso. " Corroer o estado por dentro " .
 7 4 51

 **Silvio Cesar** @imperadorscesar · 2 de jun de 2019 ...
 Queria entender melhor a expressão: "masculinidade tóxica". Não vejo a necessidade de incluir a palavra masculinidade, deu a impressão que a masculinidade é coisa ruim. Poderia ser denominado como: comportamento tóxico, pois o problema não está na masculinidade, sim nas atitudes
 1

 · 17 de mai de 2019 ...
 Em resposta a @spmbahia e @governodabahia
 Chamar assassinato, agressão, assédio moral, estupro etc de "masculinidade tóxica" é a maior das piruetas retóricas do feminismo. Misandria destilada ao máximo como tentativa de sumir com as referências masculinas da nossa sociedade.
 1 10

 27936566 · 21 de mai de 2019 ...
 Em resposta a @spmbahia e @governodabahia
 Com uma sociedade de maioria composta por mulheres não é de se supriender com governo petista fazendo este tipo de propogando. Dividir pra conquistar e usar as classes sociais como trampolim é a tática.
 1 2

 **Leopoldina** 🇧🇷 @PunkyBolsonaro · 21 de mai de 2019 ...
 Em resposta a @spmbahia e @governodabahia
 Meu Deus q besteira é essa? Como se todos os homens fossem assim! Q absurdo!
 1

No próximo subcapítulo tomaremos como modelo objetivo, e próprio do território da pesquisa, dados etnográficos coletados durante as oficinas do Projeto Parceiros de Escrita: A voz de jovens homens negros no Recôncavo da Bahia em 2019, na cidade de São Félix, BA⁶⁵. A luz de estudos de bell hooks:

Coletivamente os homens negros ainda precisam intervir nas representações culturais negativas do corpo masculino, porque não podem mudar a maneira como são vistos (brutos, bestas, bastardos) sem desafiar noções patriarcais de masculinidade e noções supremacistas brancas de identidade masculina negra” (hooks, 2022, p. 236).

Interpretar de que forma o rompimento com o patriarcado heteronormativo branco capitalista (como nos diz a autora), e da orientação da masculinidade negra para uma representação mais crítica da sociedade e mais consciente dos papéis de gênero ocupados pelo homem racializado, pode contribuir na redução de dimensões violentas na nossa sociedade. De qual modo homens negros podem se tornar parceiros da luta antimachista e antipatriarcal a partir da produção da masculinidade negra.

5.5 A VOZ DE JOVENS HOMENS NEGROS NO RECÔNCAVO: “PARCEIROS DE ESCRITA” E A MASCULINIDADE ANTIPATRIARCAL

O sistema social patriarcal é/foi construído dentro de um arcabouço pensado pelo homem branco para seus próprios benefícios, genuinamente não temos como isentá-los dessa prática, mas sim, como no nosso caso tecer trajetórias de homens racializados dentro do sistema e chamar a atenção para possíveis saídas que possam repensar ações machistas, racistas e misóginas na promoção de uma agenda antimachista de ruptura com a produção da masculinidade patriarcal. Em uma palavra: tornar menos intenso os efeitos das masculinidades a partir do enfrentamento mais direto ao patriarcado. O desafio dessa parte é comparar alguns escritos ou referências para complementar os sítios e recortes de pesquisa em São Félix, BA, a exemplo da própria bell hooks (2022), já largamente utilizada na produção do texto de tese de doutoramento, sem ocorrer em erros de redução pura e simples pela semelhança do objeto de análise, às masculinidades ou os homens negros. E sim pela proposição no que se remete ao papel social ocupado por essas pessoas, obviamente com seus contextos culturais e econômicos diferentes.

⁶⁵ Atualmente participo como coordenador responsável pelo projeto que está na segunda etapa de aplicação e é financiado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos aprovado em 2018, no edital Enfrentando o racismo a partir da base: mobilização para defesa de direitos, conta ainda com parceria da Fundação Hansen Bahia. Mais sobre o “parceiros de escrita” ver em: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/coletivo-brincadeira-de-negao/>.

Se os homens negros são socializados desde o nascimento para abraçar a noção de que sua masculinidade será determinada pela possibilidade ou não de dominar e controlar os outros, e, apesar disso, o sistema político patriarcal supremacista branco capitalista impede a maioria deles de ter acesso a posições socialmente aceitáveis de poder e dominância, então eles reivindicarão sua masculinidade por meio de canais socialmente inaceitáveis (hooks, 2022, p.123).

No decorrer da observação participante, a realização do “Projeto Parceiros de escrita: a Voz de Jovens Homens Negros no Recôncavo”, em São Félix, BA (2019), se mostrou pertinente para registro, sobretudo pelo fato de permitir estar em contato direto com jovens homens negros moradores da cidade e que assim poderiam contribuir com meu olhar sobre a situação contemporânea local. A etnografia multissituada ou multifacetada permitiu no trabalho de campo a averiguação de uma ou mais unidade de análise ao mesmo tempo. No modelo etnográfico, o investigador pesquisa em mais de um lugar em período mais curto e de semelhança em relação ao objeto com os outros sítios, como os exemplos de averiguação do próprio Projeto, das atividades dos estudantes do Colégio Estadual Rômulo Galvão (CERG) e ainda da pesquisa na *Barbershoper Black Power* e do mototáxi em São Félix e que são exploradas como unidades de estudo nos capítulos anteriores.

No “Parceiros de Escrita” pude participar tanto no processo de montagem das oficinas e escrita do projeto a ser enviado para o edital Enfrentando o Racismo a partir da Base do Fundo Brasil de Direitos Humanos, quanto na efetivação e realização durante os blocos de oficinas realizados nas cidades de São Félix (Casa de Cultura Américo Simas) e Cachoeira (Colégio Estadual da Cachoeira), respectivamente e que servem de material etnográfico utilizado como dados. Mais especificamente nessa seção trarei de modo mais concreto as que ocorreram na Casa de Cultura. Portanto, minha participação se dá imbricada com esses interesses na montagem e organização do projeto, e em segundo momento do pesquisador no empenho de extrair dados para escrita de tese.

O projeto surge do esforço do Coletivo Brincadeira de Negão (2018), do qual sou membro desde sua fundação em 2013, em criar intervenções para além de pesquisas acadêmicas, porém já anteriormente com pensamento mais voltado para problemáticas recorrentes junto a juventude negra e periférica moradores das duas cidades, exemplo das masculinidades e masculinidades negras, pensadas como tema “guarda-chuva”, porém abrange tantas outras temáticas supracitadas e discutidas. E, como igualmente concluem bell hooks (2022), e Mara Viveros (2018), sobre comportamento do homem negro, os estudos das masculinidades e diferentes enfoques masculinistas, algo que, tanto o Projeto, quanto a tese procurou apropriar-se.

O que é diferente para homens negros, o que dificulta sua sobrevivência em relação às suas correspondentes femininas, é a escassez de teoria e prática de cura que abordem a dor e o potencial de homens negros (incluindo aí redes de apoio e intervenções terapêuticas), bem como a recusa coletiva, da parte deles de usar construtivamente os recursos disponíveis para o seu empoderamento (hooks, 2022, p. 231-32).

(...) devem assumir uma perspectiva que acolha as premissas teórico-políticas e éticas do feminismo contemporâneo: sua abordagem do gênero como sistema heteronormativo e binário que descreve as dominações; sua concepção de gênero como uma categoria relacional que dá conta de uma ampla dinâmica social na qual formas de dominação interagem em diferentes escalas (macro e micro) (...). (Viveros, 2018, p. 59).

O “Parceiros de Escrita” consistiu num conjunto de oficinas para jovens homens negros do Recôncavo da Bahia, nas quais trabalhamos processos de "escrita de si", tendo a leitura, escrita e discussão de obras consagradas do rap nacional e internacional. Cantados e escritos por outros homens negros, como principal conteúdo para atacar questões e problemáticas ligadas a raça, gênero e dimensões da violência são o principal foco do Projeto. Na consideração de Angela Maria de Souza (2015) o *rap* tem o poder de abordar:

Aspectos como a violência, a desigualdade e os problemas sociais e até individuais, passam a ser “musicados”. E vão além da música, a qual faz parte de um conjunto estético que estabelece uma comunicação e que não é especificidade de músicos profissionais, mas jovens que através de suas narrativas musicais transmitem e dão forma musical a seus “valores e seu *ethos*”. (SOUZA, 2015, p. 38).

Consequentemente o intuito do projeto foi de trazer para debate temas relacionados a leituras e escrita do *rap* nacional e internacional e promover com os homens técnicas de escritas, levando em consideração que as letras, discursos e performances apresentados em parte iconografia do *rap* formam a visão de mundo de homens que versam sobre: racismo/raça, periferia, violências, genocídio, sonho de consumo, sexualidade, dentre outros. O estilo musical *rap* tem sido um dos mais escutados por jovens em localidades periféricas e um brilhante elemento pedagógico de educação não formal conforme assinalado na dissertação/livro *hip hop, educação e poder* de Ivan Messias sobre o estilo em Salvador, BA.

[...] o Hip Hop soteropolitano tornou-se exercício de educação não-formal. A coalizão entre política, break, palestra, oficinas fazem do Hip Hop soteropolitano um instrumento de “revanche do lugar”, mediante a prática da solidariedade e postura crítico-política através da arte (MESSIAS, 2008, pp. 36-37).

A nossa proposta é de considerar assim como a tese de Ana Lucia Silva Souza (2009) enfatiza, o *hip hop* como meio de letramento dentro das comunidades e os ativistas/divulgadores para ela assume o papel de agentes de letramento. O rap, um dos elementos do Movimento Hip Hop, serve também como marcador de identidades através das narrativas/performances encenadas e de estímulo a conscientização das adversidades reais nas sociedades. Souza adverte que.

A minha intenção foi evidenciar que o movimento cultural *hip hop* emerge como uma agência de letramento que apresenta pontos em comum com diversas experiências educativas de grupos do movimento social negro que o antecederam. É dessa perspectiva que procuro descrever o processo no qual os ativistas do movimento *hip hop* desempenham papel histórico ao incorporar, criar, ressignificar e reinventar os usos sociais da linguagem, os valores e intenções do que aqui na tese chamo de letramentos de reexistência [...] (SOUZA, 2009, pp. 31-32).

Os participantes do “Parceiros de Escrita” (2019) foram todos homens negros, estudantes secundaristas, dois universitários com idades entre 15 e 27, todos residentes da cidade, embora três deles não fossem nascidos em São Félix, BA, e estavam lá por necessidades variadas. Todos já iniciados na música como um instrumentista, outros praticantes de elementos do *hip hop*, como o próprio *rap* e audiovisuais gravados publicados. Angela Maria Oliveira (2015) observa que, “A arte/cultura ocupa um lugar importante na vida social, na qual a criatividade se torna um valor cultural constantemente presente e em que ser-se imaginativo é a condição para o reconhecimento enquanto indivíduo”. (Oliveira, 2015, p. 232). Na segunda fase de andamento do projeto a ideia era de produzir um livro/cd com todas as letras criadas durante os encontros⁶⁶. Em tabela a seguir relaciono parte da biografia dos participantes, tais como nome, idade e escolaridade ou função/atividade que exercia durante o Projeto.

Tabela 5: identificação dos participantes do “Parceiros de Escrita”

Nome	Local de Residência	Escolaridade ou função/atividade	Idade em 2019
Felipe de Deus Souza Gomes	São Félix	Estudante universitário	27 anos
Junior	São Félix	Estudante ensino médio	15 anos

⁶⁶ O Projeto não foi finalizado conforme produto final planejado por conta da pandemia do corona vírus e da Covid-19, embora esboçemos modelo do livro junto a uma editora.

Lucas Sena	São Félix	Estudante ensino médio	21 anos
Simeone	São Felix	Estudante ensino médio	17 anos
Angola	Cruz das Almas	Artesão	24 anos
Rodrigo	São Félix	Estudante universitário	25 anos

Compareci as quatro atividades que compuseram o bloco de oficinas programadas, além de contato quase que permanente com os participantes após finalização dessa atividade em grupos e mensagens de WhatsApp, sobretudo na pretensão de gravarmos as músicas para o livro/cd. Inicialmente tínhamos pensado o dia de sábado como ideal para cumprimento das tarefas, após andança em repartições públicas no centro da cidade em busca de um local para tal, descobrimos a impossibilidade da realização e a possível mudança para as sextas-feiras a fim de aproveitar ambientes parceiros que pudessem abrigar o *parceiros de escritas*. Assim tivemos contato com o diretor da Casa de Cultura Américo Simas⁶⁷, prédio antigo localizado em uma das ruas transversais, em frente ao prédio da Previdência Social. O imóvel ocupou antiga fábrica de charutos Dannemann no século XIX e meados do XX (1873 a 1950) e é tombado pelo IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia) atualmente funciona com estrutura física interna precária já há alguns anos, mesmo assim é mantido com sacrifício por pessoas que acreditam no fomento à cultura. A Casa de Cultura é frequentada por jovens que aproveitam a estrutura para ensaiarem espetáculos como os da Paixão de Cristo, Quadrilhas Juninas e apresentações diversas, além de abrigar o carro da Cabocla, símbolo da luta de Independência da Bahia e dos festejos do dia 2 de julho.

A primeira oficina do projeto foi no dia 29 de março de 2019. Marcamos a abertura para o turno da tarde a partir das 15h00min horas. Conveniente citar que quando cheguei ao local, embora tivesse ido outras vezes lá à tentativa de agendar dia e horário e deixado tudo acertado quando chegamos para execução os funcionários pediram que esperasse o diretor chegar. Como havíamos chegado pouco antes para pré-produção resolvemos aguardar sentado em uma das mesas da Casa da Cultura logo em seguida o diretor chegou e conversei com ele sobre um espaço, ou sala para ajeitamos nossos equipamentos (projektor, caixa de som e um notebook) e colocamos algumas cadeiras. Posteriormente voltei a me sentar à mesa que estava à expectativa da vinda de possíveis participantes.

⁶⁷ Ver mais sobre Casa de Cultura Américo Simas em <https://www3.ufrb.edu.br/turismo/casa-da-cultura-americosimas/index.html>.

Foram alguns minutos de ansiedade e medo de que não pudesse aparecer ninguém, mesmo com toda divulgação feita, mas cerca de 30 a 40 minutos depois hora indicada para dar início apareceu a primeira dupla de participantes. Conversei com eles sobre o que iria acontecer ali e um pouco do objetivo e finalidade do Projeto e informei que iríamos só aguardar aparecer mais integrantes. Um deles ainda falou que tinha um amigo *que também iria colar*. Ao todo compareceram nove jovens, dois não ficaram até o final, os outros sete participaram praticamente de todo bloco de oficinas. Percebi que eles vieram juntos formados em duplas ou trios, um incentivou o outro.

Na ocasião da primeira atividade do Projeto, o facilitador da oficina trabalhou com o documentário Elementos em Movimento: “Artivismo e Resistência”⁶⁸ (2017) e uma entrevista do rapper brasileiro Mano Brown⁶⁹ concedida ao jornal Le Monde Diplomatique Brasil em 2018⁷⁰. O primeiro faz amostra da organização de eventos do *rap* e elementos do hip hop na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA e região do Recôncavo, financiados de modo colaborativo. Na entrevista, Mano Brown relata um pouco da sua história de vida, semelhantes às dos jovens participantes e momento político da época atual. O material propiciou a introdução dos trabalhos a serem desenvolvidos nas oficinas seguintes pelos outros convidados. Por fim, aconteceu diálogo entre eles acerca do cenário atual com mediação do facilitador e assuntos que comumente o *rap* tem tratado e suas consequências. O resultado desse contato inicial com os jovens homens negros *parceiros* foi assertivo já que eles se mostraram interessados em seguir colaborando ao longo das oficinas futuras e tivemos a percepção neles de identificação com o Movimento Hip Hop e o *rap*. Novamente Oliveira (2015) é marcante ao afirmar o “estilo de vida” constituído nas experiências pessoais e profissionais diante de uma estético-musicalidade:

O Movimento Hip Hop e o próprio *rap* passam a ter sentido além de uma produção estético-musical e se constituem num “estilo de vida” quando estes processos passam a nortear e direcionar as práticas, inclusive pessoais e profissionais destes jovens. Dentro desta perspectiva, muda a percepção sobre a violência dos espaços urbanos das grandes cidades e da forma de se relacionar com ele, o *rap*. (OLIVEIRA, 2015, p. 109).

A segunda oficina do projeto aconteceu no dia 05 de abril de 2019. Nessa etapa buscou-se avançar a partir das ideias listadas no encontro anterior (apresentação do projeto e introdução das atividades). Diversas imagens foram projetadas e em seguida o facilitador pediu que os participantes

⁶⁸ Link para acesso do documentário no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Mr5L-2YXNrM>.

⁶⁹ Mano Brown é nascido em São Paulo e faz parte do grupo Racionais Mc's, para muitos o maior grupo de rap brasileiro.

⁷⁰A entrevista está disponível para acesso no canal do Jornal Le Monde Diplomatique Brasil https://www.youtube.com/watch?v=U_OsF4y4zuY.

as interpretassem ao seu modo. As imagens e o conteúdo ponderado pelo oficinairo tratavam de encarceramento do homem negro, racismo, genocídio do homem negro e violência policial, mas também de paternidade e ausência e afetividade do homem negro. *Imagem* do homem negro correspondente às discutidas por bell hooks (2022) na perspectiva de produção de uma masculinidade negra e do homem negro mais preocupado com a iconografia produzida pela sociedade e o que permeia no imaginário social sobre eles.

A iconografia racista e machista na cultura ocidental durante os séculos XVIII e XIX representou os homens negros como incapazes de sentir emoções complexas e desprovido de habilidade de experimentar medo ou remorso. De acordo com a ideologia racista, a submissão supremacista branca do homem negro foi necessária para conter a imagem de besta desumanizada”. (hooks, p.110, 2022).

Após essa etapa foi pedido aos jovens que escrevessem trechos de poesia e letras apoiado nas cenas amostradas e de suas experiências diante daqueles temas. Munidos de papel, caneta e lápis, começaram a escrever, apesar da maioria deles preferirem usar o próprio celular para escrita através de aplicativos apropriados. Cerca de 30min. posterior ao início da escrita o facilitador pediu para que pudessem ler os trechos, alguns inclusive aproveitaram para apresentar poesias feitas em casa anteriormente ao “Parceiros de Escrita”.

Na sexta-feira consecutiva, 12 de abril, aplicamos a terceira oficina, com o objetivo de dar o primeiro passo na transformação das letras e poesias em música. No momento inicial a facilitadora trabalhou com a letra da música “A Vida é Desafio”⁷¹ do grupo de rap Racionais Mc’s, com a cópia da letra distribuída e amostra do videoclipe, ela pediu para que os participantes acompanhassem. Em outro período propôs correção ortográfica e de interpretação de texto com os jovens participantes. Foram repassadas para eles as letras construídas na reunião anterior e pedido se possível e necessário fizessem uma revisão e/ou acrescentassem algo. Dando prosseguimento os rapazes implementaram o uso do *beat box* feito por um deles e improvisaram em cima. A improvisação ali no ato, sem a presença do que seria um som mais adequado gerou vários trechos diferentes dos que já tinham sido escrito e desdobramento de rimas. A nota etnográfica abaixo foi elaborada pela facilitadora e teve intenção de compor relatório parcial de atividades, ao passo que ilustra fragmentos sólidos do acontecido no dia: *Depois disso, fizemos a leitura da música sem a melodia, somente observando o ritmo das palavras. Com isso, tínhamos condições agora de debater a estrutura propriamente dita da música. Chegou-se então à conclusão de que este RAP contém refrão, recitativo e parte cantada.*

⁷¹ Link para acesso da letra: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/66802/>.

Sugeri que reproduzíssemos a música sem o acompanhamento, quer dizer, à capela, observando a articulação das palavras mesmo que para isso tivéssemos que diminuir o andamento. Eles demonstraram estar bem concentrados e gostando do que foi proposto. Repetimos essa atividade mais duas vezes. Pedi que se levantassem da cadeira para experimentar o diafragma se movimentando uma vez que sentados fica difícil. Levantamos e o resultado apareceu: começaram a soltar a voz de maneira que as palavras puderam se articular mais facilmente. Propus então uma divisão: um deles fez a batida do RAP, o outro, a recitação e os dois participantes ficaram com a parte cantada. Agora propus que assinalassem na cópia as partes da letra que mais lhes tocava em termos de significação da letra. Depois disso, interrompemos para o lanche. Após o intervalo, voltamos e perguntei-lhes quais as partes que tinham sublinhados. Alguns tinham assinalado partes iguais da letra. Expuseram os critérios que os haviam levado a evidenciar aquelas partes. Discutimos o significado delas uma a uma. Passamos mais uma vez toda a música para concluir nossa atividade. Um dos participantes, porém, citou outro rapper (Djonga) realizando uma correspondência com a letra que tínhamos trabalhado. Felipe (meu apoiador), em seguida, buscou na internet o clipe de Djonga para assistirmos. Comentamos brevemente o trabalho desse rapper mais contemporâneo do que os compositores dos Racionais MC's. Por fim, lhes perguntei suas opiniões sobre a atividade. Gostaram, curtiram, “foi massa”, disse outro participante.

Já na quarta e última oficina, tratamos basicamente de possibilitar a produção da música para gravação em estúdio, e em seguida confecção do produto que chamamos de livro/cd, espécie de coletânea sem intenção de comercialização e fins lucrativos. O facilitador fez uso de notebook, projetor e caixa de som para tocar o *beat* e através disso os jovens foram cantando em cima. Todos estavam munidos de suas próprias letras que havíamos digitado e imprimimos para passar a eles. As letras tratam de temas múltiplos, desde racismo, genocídio, violência policial, ausência paterna, relação afetiva entre negros, dentre outros temas como apresentados nas duas letras em sequência⁷² a seguir. A ilustração por meios de fotografias tiradas nos dias das oficinas e uma das artes produzida para divulgação das atividades, também ajudam o leitor a compreender o modelo proposto pelo Projeto “Parceiros de Escrita”.

Música 1

Amarrado pelo sistema,

⁷² Procurou-se manter a escrita na forma original escrita pelos participantes. As letras até o momento não continham nomes, por isso, denominadas de música 1 e música 2.

*mas não sou um delinquente.
Amarraram o meu corpo,
mas nunca minha mente.
Sangro por dentro,
e sangro por fora
Preciso ser liberto
acho que já está mais do que na hora.*

*Posso ser negro,
amo e considero a minha raça.
Os policiais me amam tanto,
que de presente me dão uma gravata.
Pra dizer que mesmo estando certo,
Pra eles eu estarei sempre errado.
Não vou generalizar,
Mas a maioria é tudo rato.*

*Temos pouco dinheiro,
e não queremos que tenha só [...]
Vários irmãos estão perdidos,
vários se ilude.
Nessa vida ando firme,
mesmo assim ouço vários pipocos...
Nossa família deveria ser sempre o principal
Trazer o maior conforto
Lgrimas de dor eu carrego na minha mente.
Por esse motivo cresci esperto,
e muito pra frente.
Meu pai não me honrou,
só minha mãe me criou.
Acredito se não fosse isso,
minha vida seria um filme de terror
Viajo muito, dá uma grande emoção
Acho muito bonito,
um casal de negros se dando (sic) mão.
Imagem muito linda sara até o coração
Um negro, namorando outro negro dobra o empoderamento.*

Música 2

*Aprisionaram um homem preto, mas não seu pensamento
Deveriam fazer isso com quem tá no governo
Pessoas julgam, criticam sem saber
O que foi que rolou, o que vai acontecer
Será que vai morrer? O bagui é embaçado
Deve ser barril tomar um pau por ter roubado
E quando nem roubou é muita onda meu irmão
Se tem a pele preta ta ligado então
O Estado sufoca, aplica gravata*

*Cuidado meu mano se não eles te mata
 Eu fico viajando em várias fita
 Tem pai que faz filho e abandona sua cria
 Mas também tem coroa que faz sua parte
 Ta junto da família e é de verdade
 Um mano chora la na quebrada
 Infelizmente mataram seu camarada
 Lagrima cai e dói na alma
 Já ta cansado de tanta desgraça
 Queremos ta suave com uma mina na moral
 Só de quebrada, longe de todo mal
 1 preta incomoda, 1 preto incomoda
 1 casal de preto nem te falo (pq) é muito F...!!*

Figura 82: participante parceiros de escrita



Figura 83: participante parceiros de escrita





Figura 84: Foto parceiros de escrita



Figura 85: divulgação parceiros de escrita



Figura 86: divulgação parceiros de escrita

Faz-se evidente, nos conteúdos trazidos pelos convidados que ministraram as oficinas e exclusivamente em estrofes das duas letras acima e de recorte de outras produzidas no material das atividades que pude ter acesso, o incômodo pela existência de resquícios coloniais e de escravização dos seus ancestrais, “*Pra falar a verdade a escravidão não acabou e é real*”, ou ainda “*Preciso ser liberto acho que já está mais do que na hora*” (**música 1**). Propondo indicar uma escravização

moderna que é apresentada através do encarceramento, do aprisionamento, da gravata, da amarração, de acorrentar, metáforas que fazem alusão as algemas usadas pelos policiais aos modos como agem nas abordagens truculentas e letais, “*Amarrado pelo sistema, mas não sou um delinquente. Amarraram o meu corpo, mas nunca minha mente*” (**música 1**). “*Hoje ainda se pode ver negros no poste é normal. De forma que todos os dias pode ser morto um negro por branco policial*”. Onde o corpo negro se torna elemento chave de demarcação da relação entre homens negros e estado. Entendendo o corpo e o corpo negro com base no pensamento de Oyèrónké Oyěwùmí (2021), “Ao corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, podem-se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas.” (Oyèrónké, 2021, p. 30).

O genocídio do homem negro, com mais desenvolvimento e interpretação teórica mais robusta de dados no terceiro capítulo, é/foi também assunto recorrente nas letras e conversas entre participantes e equipe de realizadores das atividades, tendo em vista que São Félix e Cachoeira no Recôncavo da Bahia, são duas cidades de aspectos intensos de assassinatos por armas de fogo, “*Lutamos pra vencer, mas minha vida de preto eu luto pra não morrer*”, [...] *mais um mano morto quem dera fosse mais um sonho, mais uma vida que se foi suponho*”. Ainda, “*Um mano chora lá na quebrada. Infelizmente mataram seu camarada*” (**música 2**). Tudo isso, conta como uma forte crítica e conscientização daquilo que os acometem diretamente como no caso a violência institucional praticado pela polícia ou outros órgãos instaurados pelo governo. Conforme Ana Lucia Silva Souza (2009).

Para os *rappers*, a educação e a posse da palavra é marcada pelo esforço de reconhecimento de si, desafiando, de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações. (SOUZA, 2009, p. 33).

Momentos que abarcam assunto atual e corriqueiro que não deve ser desprezado nos estudos de masculinidades negras e homens negros já que são as principais vítimas desses tipos de violências fundadas através do racismo institucional. Para Michel Wieviorka (2007).

A utilidade do conceito de racismo institucional é talvez, antes de tudo, a de pleitear para que se ouça aqueles que sofrem a discriminação e a segregação e que pedem as mudanças políticas e institucionais para retificar as desigualdades e as injustiças de que são vítimas. (WIEVORKA, 2007, pp. 32-33).

Esses episódios incidem de maneira negativa na trajetória dos jovens homens negros que temem perder sua vida ou ser abordado e preso pela polícia, com isso não realizarem sonhos ou desejos futuros. Seguindo o pensamento de Nilma Lino Gomes em *O Movimento Negro Educador*

(2017)⁷³ podemos pensar na formulação de *corpo regulado*, no caso trazido anteriormente num corpo que é visivelmente estereotipado pelas instituições de policiamento do estado e por toda uma sociedade.

A ausência paterna e abandono da família pelos homens é um dado real na sociedade patriarcal brasileira e apresentado nas duas letras, por outro lado, procuraram em específico reforçar a noção de uma masculinidade pautada na relevância de condutas respeitável do homem, de retidão e de honra.

(...) a dor que os homens experimentam pode servir como um catalisador, chamando a atenção para a necessidade de mudança. O reconhecimento das consequências dolorosas do sexismo levou alguns homens a criar grupos voltados à conscientização dessa questão (hooks, 2019, p. 118).

“*Meu pai não me honrou, só minha mãe me criou. Acredito se não fosse isso, minha vida seria um filme de terror*”. (**música 1**). E, “*Tem pai que faz filho e abandona sua cria. Mas também tem coroa que faz sua parte. Ta junto da família e é de verdade*”. (**música 2**). Motivos pelos quais levantar discussão crítica do patriarcado branco heteronormativo, com uso da produção de masculinidades negras tem sido relevante junto a jovens homens negros com interesse em se conscientizarem de forma como tem nos ensinado bell hooks.

Tornamos a afirmar que historicamente o rap e os outros elementos do *hip hop* (grafite, break e o Dj), utilizado como metodologia pedagógica dentro de comunidades e movimentos sociais, tem se mostrado instrumento potente de luta no combate aos diversos tipos de racismos e violências perpetradas contra comunidades periféricas e majoritariamente negras, basta atentarmos para os discursos e letras apresentados em sua iconografia que comumente traz esses tipos de narrativas. É, a partir disso, e do fomento da leitura e escrita crítica entre jovens homens negros de contarem suas próprias histórias de vida e visão de mundo que acreditamos na contribuição das atividades do “Parceiros de Escrita”. E tomamos o Projeto como importante fonte de reflexão e discussão dos homens negros participantes por meio da representação de uma masculinidade negra mais condizente ao tratamento dado pela sociedade patriarcal para eles e que pode repensar crimes e práticas machistas, sexistas, misóginas, e o próprio patriarcado. Para que de fato, possamos gerar masculinidades antimachista e antipatriarcal.

Precisamos vislumbrar uma sexualidade libertadora que se recuse a fundamentar atos sexuais em narrativas de dominação e submissão e reivindique uma agência erótica desinibida que

⁷³ A autora parte das seguintes perguntas: “Qual é a especificidade do corpo negro nos processos de regulação-emancipação social? Que tipo de corpo esses processos podem produzir?” A outra formulação proposta por ela é de *corpo emancipado* (p. 97).

priorize a conexão e a mutualidade. Homens antipatriarcais esclarecidos estão criando novos mapas sexuais. (hooks, 2002, p.159).

No que diz respeito à contribuição enquanto campo empírico e de possibilidade de levantamento de dados para escrita desse capítulo e da tese em fase de qualificação, o espaço e rede construída pelos “parceiros de escrita” junto a jovens homens negros moradores de São Félix, BA, serviu como experiência de observação de parte do discurso e da visão mundo, já que são parte do objeto de pesquisa. Serviu também como unidade etnográfica que possa compor cenas e dinâmicas desses homens negros na cidade. Os resultados esperados nas atividades realizadas até aqui podem ser dimensionados por terem permitido um incentivo na leitura e elaboração de narrativas através de letras de *rap* escrita pelos jovens participantes propondo ampliar suas noções críticas. No livro *Racionais Mc's Sobrevivendo no Inferno* (2018), em texto introdutório que antecede a exposição das letras do disco (homônimo do livro) do grupo, Acauam Silvério de Oliveira considera a respeito das letras de *rap* e a respeito do surgimento dos *Racionais* e do próprio disco *que*:

Dessa maneira, podemos dizer que o rap desloca a canção brasileira de um dos seus principais pilares de organização de sentido até então: a identidade nacional pensada em termos de conciliação racial, via mestiçagem, e de classe, via nacional-desenvolvimentismo. É como se o gênero tomasse forma a partir dos destroços desse projeto de formação do país, comprometendo-se de modo radical com aqueles que ficaram socialmente relegado às margens de um projeto de integração que nunca chegou a se completar. (Oliveira, 2018, p. 25).

Ao passo que a inserção deles no mundo da música e da arte também contribui para que possam visualizar uma realidade social diferente da que fazem parte na atualidade. Ainda de modo secundário, diversos jovens homens e mulheres têm procurado o projeto como referência no trato do *rap* e outros elementos do hip hop, como instrumento pedagógico e de educação não formal. Outra edição do “Parceiros de Escrita” foi realizado no ano de 2021, com financiamento da Ong A Fase e do Fundo Saap. As atividades foram novamente nas cidades de São Félix e Cachoeira e teve mesmo objetivo de trazer discussões e tópicos sobre as masculinidades negras e as masculinidades como todo.

6.6 CONCLUSÃO GERAL

As masculinidades negras têm sido essa espécie de tema/objeto “guarda-chuva”, no qual podemos abrigar diversas reflexões que emergem a partir de sua discussão sobre *ser homem negro* numa sociedade racializada. Os resultados encontrados da nossa condição demonstram necessidade

de aprofundamento e continuação de trabalhos dentro de mesma perspectiva. Como parâmetro trago afirmação de Osmundo Pinho (2018), em *Orfeu Negro* sobre as masculinidades negras

(...) busco apontar as conexões na ordem social para a articulação entre raça e gênero, no caso masculinidades, como eixos dinâmicos da produção da própria sociedade, tal como ela é, e dos sujeitos sociais, tal como eles são. O campo das representações de identidade não poderia dessa forma ser interpelado fora do escopo da reprodução material da vida social (ou de uma análise de classe), e com relação a isso é bom que haja clareza. (PINHO, 2018, pp. 151-52).

É nesse bojo que inserimos a tese de doutoramento com pesquisa dentro do recorte temporal 2017 – 2021, mas temos analisado a temática desde 2013, a partir de Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais (UFRB), e grupo de pesquisa Brincadeira de Negão, fundado no segundo semestre do mesmo ano. O que almejamos no trabalho *Perspectivas Multissituadas de Masculinidades Negras* foi mostrar a identidade de gênero masculina de forma múltiplas através da etnografia multissituada como metodologia que se destaca pela possibilidade de análise em várias unidades ao mesmo tempo, a fim de não somente compará-la, mas de agrupar mais elementos. Acredito que o desafio da proposta de metodológica da etnografia multissituada e da Antropologia Urbana em cidade de pequeno porte, sendo os sítios etnográficos todos no mesmo território, é não partir de comparação global, buscar equiparar com suas próprias lógicas.

La etnografía multissituada consiste en una práctica etnográfica deslocalizada, que se basa en la utilización de una multiplicidad de unidades de observación y participación. Buscar, pues, un acercamiento a la complejidad de la realidad contemporánea por vías diferentes de las del “trabajo de campo” clásico, considerando una multiplicidad de dimensiones diferentes, tanto en lo referente al comportamiento de diferentes tipos de actores sociales, como a la producción escrita o audiovisual de algunos de estos agentes Sociales. (PUJADAS, 2010, p. 99).

O conjunto de descrições, notas e imagens postas tiveram intenção de construir cenas etnográficas, fiadas pelos participantes da pesquisa no Centro de São Félix e mediações, mais barbershoper e mototáxi. A cidade e o centro funcionam como tipo de cenário e “pano de fundo” “tela”, onde se passam as narrativas e dinâmicas descritas na etnografia multissituada de masculinidades negras, exemplo das atividades extramuros da escola realizada pelos estudantes do CERG e do resultado do projeto “Parceiros de Escrita”, de como parte dos moradores vivenciam a cidade, “Cena é um modo de falar da teatralidade da cidade - da capacidade da cidade para gerar imagens de pessoas que ocupam o espaço público (e privado)⁷⁴ de forma atraente” (Straw, 2004, p.

⁷⁴ Grifo nosso.

412). Creio ser possível apontar cinco cenas centrais observadas pelo antropólogo em campo, a saber: as atividades do CERG no centro da cidade; a *barbershoper*; o mototáxi; o projeto parceiros de escrita e o próprio centro da cidade.

Optamos por distribuir a metodologia e os dados levantados durante todo texto, não ficando somente restrita em único capítulo. Os interlocutores da pesquisa com quem dialoguei foram todos auto identificados como homens negros e outros que identifiquei como tal, segundo classificação do IBGE para raça/cor. Entre eles, não houve participação em mais de uma cena ou etnografia multissituada retratadas acima apesar de saber que se conheciam pela proximidade dos bairros, trabalharem no centro e desfrutarem de mesmos lugares de lazer.

Quanto aos homens e a produção das masculinidades, não apresentam o mesmo *status* masculino quando, por exemplo, estão entre os amigos ou companheiros de trabalho e fazem diversos tipos de brincadeiras com conotações sexistas e machistas como no já citado das ligadas a suas companheiras, algo que dificilmente fazem na frente delas ou de outras pessoas que não sejam homens de sua convivência. Na presença em campo, ou quando frequentando como cliente na *barbershoper* era perceptível como o diálogo e as brincadeiras mudavam ou são feitas de modo mais velado, falando baixo e/ou mais próximo um do outro. A presença feminina, ou talvez de pessoa estranha a seu convívio, parece inibi-los de qualquer noção dos tipos citados acima e que cabe perfeitamente na reprodução da homosocialidade. Algo próprio do grupo masculino, “falar sobre coisas de homens”.

O patriarcado e vantagens obtidas pelos homens nesse sistema social e de gênero, pode ser revisto a partir de criação e mais fomento de política públicas que possam atuar para dialogar e conscientizar os homens a se voltarem a produção de masculinidade livres dos padrões violentos, masculinidades tóxicas, hegemônicas e *etos guerreiro*, e demais denominações dadas, haja visto o grande número de feminicídios e outros crimes cometidos por homens no Brasil. Em 2020, os pesquisadores Adriano Beiras, Daniel Fauth Martins e Michelle de Souza Gomes Hugill, mapearam trezentos e doze programas ou grupos apropriados para homens autores de violência contra mulheres em todo o país. Entidades, instituições públicas (CREAS, CAPS, Poder Judiciário etc.) e ONG’S são alguns dos criadores.

Falar de corpo negro é, portanto, acenar para toda essa ideia de que mesmo quando não o citamos, ainda assim, ele está presente, casos da sexualidade, genocídio, raça racismo e da estética semelhante a Oyèrónké Oyèwùmí (2021). Uso a palavra “corpo” de duas maneiras: primeiro, como uma metonímia para a biologia e, segundo, para chamar a atenção para a fisicalidade pura que parece

estar presente na cultura ocidental. Refiro-me tanto ao corpo físico como às metáforas do corpo. (Oyèrónké, 2021, p. 30).

Atribuir novo significado e sentido para o corpo negro no imaginário tem sido demanda há décadas dos Movimentos Sociais Negro e de lutas individuais, a estética negra ou afro é recurso constante por meio das artes, cabelos, e indumentárias, pensando tanto de modo a resgatar a ancestralidade e tradição, quanto de modo a se pautar em elementos mais modernos e recentes, tipo os cabelos. Concluo que se faz urgente um novo olhar para a condição do homem negro perante o grande número de morte de jovens homens negros que têm sua vida cessada em assassinatos e emboscadas brutais praticadas pelas forças policiais e no que se entende supostamente por “guerras de facções”.

6 REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011 [2009], 213 pp.
- ALENCASTRO, Mathias. **A Odebrecht e a formação do Estado angolano (1984-2015)**. *Novos estud. CEBRAP*. SÃO PAULO, V39n01. 125-141, JAN.–abr. 2020.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Nova edição [online]. Lisboa: Etnográfica Press, 1995 (@CONSULTE_LE23Março2018). Disponível em Internet: <<http://books.openedition.org/etnograficapress/459>>. ISBN: 9791036511288. DOI:10.4000/books.etnograficapress.459.
- AMORIM, Camila R., Araújo, Edna M. de., Araújo, Tânia M. de., Oliveira, Nelson F. de. **Acidentes de trabalho com mototaxistas**. *Rev Bras Epidemiol* 2012; 15(1): 25-37.
- AMPARO, Jaime Alves. **À sombra da morte: juventude negra e violência letal em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador Bahia** *Análise & Dados*, v. 1 (1991) Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2010.
- BOURDIEU, P. **L'illusion biographique**. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (62/63):69-72, juin 1986.
- BAIROS, Luiza; BARRETO, Vanda Sá & CASTRO, Nadya Araujo. **Vivendo em Sobressalto: Composição étnica e dinâmica conjuntural do mercado de trabalho**.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. 1ed./ Salvador, BA: Editora Devires, 2017.
- BARICKMAN B. J. **Até a Véspera: O trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do Recôncavo baiano (1850-1881)**. *Áfro-asia* 21-22 (1998-1999), 177-238).
- CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidades**. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2004. 248 p.
- CLIFFORD, James. **Introdução: Verdades parciais**. In: *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. (Orgs.) James Clifford & George Marcus; tradução Maria Claudia Coelho. – Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens Edições, 2016. 388 p.
- COLLINS, Patricia. H. **Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão**. Reflexões e práticas de transformação feminista/ Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Economia e Feminismo, 4).
- CONCEIÇÃO, Joanice. **Irmandade da Boa Morte e Culto de Babá Egum: Masculinidades, Feminilidades e Performances Negras** – Jundiá: Paco Editorial, 2017. 296 p.

CONNELL R.W. *Masculinidades*. editado por el Programa Universitario de Estudios de Género de la UNAM, 2003. Traducción: Irene Ma. Artigas.

CORDEIRO, Graça Índias. **As Cidades Fazem-se por Dentro**, Desafios de etnografia urbana. *Cidades • Comunidades e Territórios*, n.0 20/21, 2010, pp. 111- 121.

COSTA, Ana de L. R. da. **Ekabó!** Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século, XIX. Dissertação submetida ao corpo docente do mestrado em arquitetura e urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. 1989.

CRUZ, Denise F. da C. **Seguindo as tramas da beleza: cabelos na centralidade estético-corporal de Maputo**. *cadernos pagu* (45), julho-dezembro de 2015:135-156. ISSN 1809-4449 dossiê: corpos, trajetórias e valores: perspectivas de gênero, famílias e reprodução social em contextos africanos <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201500450135>.

DANTAS, Rodrigo. A. **Barbeiros-sangradores: as transformações no ofício de sangrar no Rio de Janeiro (1844-1889)**. In: *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil / Tânia Salgado Pimenta e Flávio Gomes (organização)*. – Rio de Janeiro : Outras Letras, 2016. 312 p. ; 21 cm.

DOS SANTOS, Luciane. **Carga Pesada: um estudo das relações de trabalho e de gênero entre os caminhoneiros**. Aset –III congresso latinoamericano de sociología del Trabajo.

FERREIRA, Fred Aganju Santiago. **MAAFA: Políticas de morte no contexto da guerra racial de alta intensidade na Bahia contemporânea** 352f. il. 2020. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

FERRO, Lúgia. **Da rua para o mundo**. Etnografia Urbana comparada do *graffiti* e do *parkour*. ICS, Portugal, 2016.

FIGUEIREDO, Ângela. **Global African Hair: representação e recepção da exposição fotográfica sobre o cabelo crespo**. Disponível em: <<http://www.29rba.abant.org.br>>. Acesso em: 20. Dez. 2016.

_____. **“Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada”**: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros. XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais Caxambu, outubro de 2002 GT 17-Relações Raciais e Etnicidade.

FLAUZINA, Ana Luiza P. **Corpo Negro caído no chão: O sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro**. Dissertação submetida à Universidade de Brasília, 2006.

GARCÍA, Leonardo Fabián. **Nuevas masculinidades** : discursos y prácticas de resistencia al patriarcado / Leonardo Fabián García. Quito : FLACSO Ecuador, 2015.

GONZAGA, Marluce Neri. **Entre Trânsitos e Construções: trajetórias sociais de trabalhadores braçais da construção civil que migram do interior para a capital baiana**. / Marluce Neri Gonzaga. Cachoeira, BA, 2020. 203f., il.

GIUGLIANI, Beatriz. **O abandono dos jovens homens negros no ensino médio:** um estudo interdisciplinar na escola pública no Município de São Félix (Bahia). Tese inédita. 2019.

HIRATA, Daniel Veloso. **No meio de campo:** o que está em jogo no futebol de várzea? In: Nas Tramas da Cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. (Orgs.) Vera da Silva Telles & Robert Cabanes.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras/tradução Bhuvi Libanio. – 14ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 176 p.

_____. **Olhares negros:** raça e representação /tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356p.

_____. **A gente é da hora:** Homens negros e masculinidade/tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022. 272 p.

_____. **Teoria feminista:** da margem ao centro/tradução Rainer Patriota. – São Paulo : Perspectiva, 2019. – (Palavras negras).

LEITE, Rogério Proença. **Localizando o espaço público:** *Gentrification* e cultura urbana. Editora: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra Edição impressa Data de publicação: 1 Dezembro 2008.

LOPES. Carlos M. **Refugiados, reintegração e mobilidade interna:** um olhar sobre o caso angolano, 2002-2018. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 54, dez. 2018, p. 61-76.

MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o campo é a cidade:** fazendo antropologia na metrópole. (Orgs.) José Guilherme C. Magnani & Lilian de Lucca Torres. Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

_____. **Etnografia como prática e experiência.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. – 2 ed. – São Paulo : Abril Cultural, 1978.

MARCUS, George. **Entrevista.** Realizada por João Pacheco de Oliveira e Priscila Faulhaber. MANA 21(2): 407- 423, 2015.

MATTEDI, Marcos Antonio & PEREIRA, Ana Paula. **Vivendo com a morte:** o processamento do morrer na sociedade moderna CADERNO CRH, Salvador, v. 20, n. 50, p. 319-330, Maio/Ago. 2007.

MATTIA. Bianca Rosina. **Amor, masculinidades e resistência:** uma leitura queer. estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 61, e615, 2020.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução: Paulo Neves. 1ª edição. São Paulo: Ebu Editora, 2017. 576pp.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania e estado de exceção. São Paulo, 2018. n-1 edições.

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip-Hop**: educação e poder: o rap como instrumento de educação – Salvador : EDUFBA, 2015. 204 p.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio negro brasileiro** : processo de um racismo mascarado. 3.ed. – São Paulo : Perspectivas, 2016. 232 p.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. **O evangelho marginal dos Racionais MC'S**. In: Racionais MC'S Sobrevivendo no Inferno – 1 ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Cláudia Marisa. **O espaço como exercício de representação**. In: Expressões artísticas: etnografia e criatividade em espaços atlânticos. (Orgs.) Lígia Ferro, Otávio Raposo, Renata de Sá Gonçalves. 1 ed. – Rio de Janeiro : Mauad X: FAPERJ, 2015. 248 p.

OLIVEIRA, Luciana de. Etnografia, **pesquisa multissituada e produção de conhecimento no campo da comunicação**: Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação. Vol. 5, nº 10, julho-dezembro/2017.

OLIVEIRA, Gimerson Roque P. **“Pegada de patrão”**: cartografia subjetiva e representações de masculinidades. Inédito. 2016.

OYÈRÓNKÉ, Oyèwùmí. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero / Oyèrónké Oyèwùmí; tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 324 p.; 23 cm.

PIMENTA, Tânia S. **Sangrar, sarjar e aplicar sanguessugas**: sangradores no Rio de Janeiro da primeira metade do Oitocentos. In: Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil / Tânia Salgado Pimenta e Flávio Gomes (organização). – Rio de Janeiro : Outras Letras, 2016. 312 p. ; 21 cm.

PINHO, Osmundo. **Etnografia e Emancipação**: Desafios Antropológicos na Escola Pública. Artigo inédito. Apresentado no Seminário Interno 1.2 – Cachoeira – 9 de junho de 2016.

_____ **“Tiroteio”**: Subjetificação de Gênero e Violência de Estado no Brasil. Escuela de Estudios de Género. Universidad Nacional de Colombia. 2014.

_____ **A “Fiel”, a “Amante” e o “Jovem Macho Sedutor”**: sujeitos de gênero na periferia racializada. Saúde Soc. São Paulo, v.16, n.2, p.133-145, 2007.

_____ **O sacrifício de Orfeu**: masculinidades negras no contexto da antinegitude em Salvador. In: De guri a cabra-macho: Masculinidades no Brasil. Marcio Caetano e Paulo Melgaço da Silva Junior. (orgs). (2018).

PONTES, Ismênia A. M. F., Pinheiro, Francisco. P. H. A., Silva, Nayana R. N. da., Júlio, Natacha O., Aquino, Cássio A. B. de., Carvalho, Renata. G. de. **Correr Atrás do Vento: O Trabalho dos Mototaxistas de Sobral, Ceará.** *Psicologia: Ciência e Profissão* 2023 v. 43, e246686, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003246686>.

REIS, Filipe. **Criatividade, Produção Etnográfica e Práticas Artísticas:** Em jeito de prefácio. In: *Expressões artísticas: etnografia e criatividade em espaços atlânticos.* (Orgs.) Lúcia Ferro, Otávio Raposo, Renata de Sá Gonçalves. 1 ed. – Rio de Janeiro : Mauad X: FAPERJ, 2015. 248 p.

SANDER, Renan M. **Masculinidades em Movimento:** gênero e cinema a partir de dois documentários contemporâneos Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA. Zoraide Portela. **Guerra Colonial e Independência de Angola:** o fim da guerra não é o fim da guerra - *Transversos: Revista de História.* Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.

SOUZA, Angela Maria. **A caminhada é longa... e o chão ta liso:** o movimento Hip Hop em Florianópolis e Lisboa – São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2016. 199 p.

SOUZA, Rolf Malungo de. **A Confraria da Esquina:** *O que os Homens de Verdade falam entre si em torno de uma carne queimando. Uma etnografia de um churrasco numa esquina do subúrbio carioca.* Edições Malungo, 2019.

STRAW, Will. **Cenas Culturais.** *Loisiret société / Society and Leisure.* Volume 27, número 2, automne 2004, p. 411-422 • © Presses de l'Université du Québec

VARJÃO, Suzana. **Micropoderes, macroviolências**– Salvador : EDUFBA, 2008. 214 p.

VIVEROS Vigoya, Mara. **De quebradores y cumplidores:** *sobre hombres, masculinidades y relaciones de género em Colombia.* Universidad Nacional de Colombia, Bogotá. 2002. ISBN 9581216128.

_____. **As cores da masculinidade:** experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Tradutor: Allyson de Andrade Perez. – Rio de Janeiro (RJ): Papéis Selvagens, 2018. 224 p.

WIEVIORKA, Michel. **O Racismo, uma introdução.** [tradução Fany Kon]. – São Paulo : Perspectiva, 2007. 164 p.

ZALUAR, Alba. (1985), **A máquina e a revolta.** São Paulo, Brasiliense.

WACQUANT, Loïc J. D. **Corpo e alma notas :** etnográficas de um aprendiz de boxe/tradução Angela Ramalho - Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002.

Atlas da violência 2019./Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.